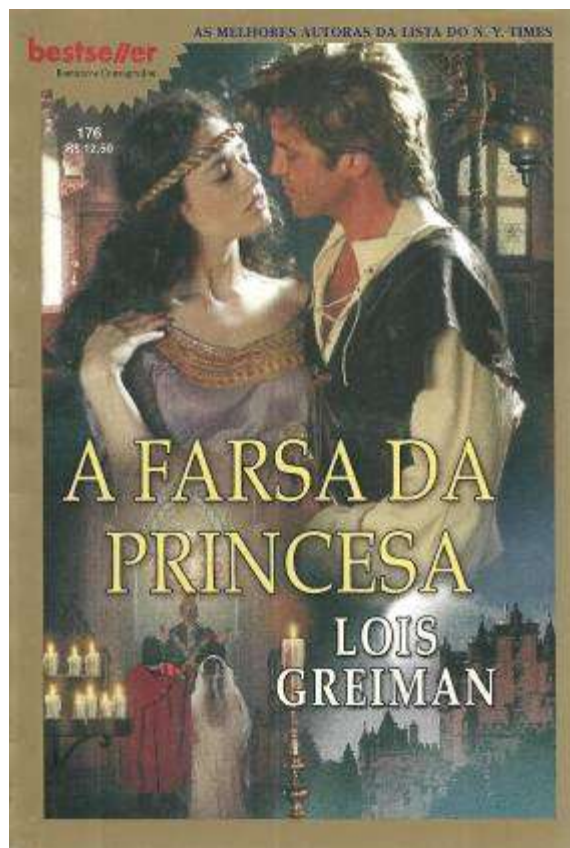


A Farsa da Princesa

The Princess Masquerade

Lois Greiman



Teleere, 1817.

Adorável impostora.

Megan O'Shay é muitas coisas: uma atendente de bar, uma mulher linda e esperta, e uma notória ladra. Ela obtém, no entanto, muito mais do que esperava no dia em que surrupia de um certo cavalheiro o seu relógio de bolso, e o atraente lorde sai em sua perseguição! Mas não é na jóia roubada que Nicol está interessado... é em Megan. Nicol Argyle, o visconde de Newburn, finalmente encontrou o que estava procurando: uma mulher tão parecida com sua suserana, a princesa Tatiana, que Sua Alteza poderá se ausentar por algum tempo numa missão secreta, enquanto a falsa princesa ocupa seu lugar. Antes, porém, ele terá de transformar uma astuta ladra em uma perfeita monarca, ministrando-lhe aulas de etiqueta, protocolo e dança, ao mesmo tempo que tenta resistir ao brilho apaixonado nos olhos dela e à tentação de seus lábios sensuais. Porque Megan é uma mestra em sua arte... e Nicol suspeita fortemente que ela pretende roubar seu coração...

Digitalização: Projeto Revisoras

Revisão: Simone Chagas





Querida leitora,

Os Romances Nova Cultural são dedicados a você e a todas as leitoras que continuam a acreditar no romantismo. Obrigada por compartilhar o seu tempo comigo e com as inúmeras personagens criadas pela imaginação vivida e talentosa de nossas autoras, que nos encantam com suas histórias de amor. Toda mulher tem dentro de si um pouquinho de Cinderela, toda mulher merece ser tratada como uma princesa, e eu fico feliz por poder proporcionar a você momentos de sonho e fantasia, para que você viva as emoções do amor e da paixão.

Leonice Pompônio Editora

Copyright ©2004 by Lois Greiman

Originalmente publicado em 2004 pela HarperCollins Publishers Inc.

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARPERCOLLINS PUBLISHERS INC.

NY, NY-USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: THE PRINCESS MASQUERADE

EDITORA

Leonice Pomponio

ASSISTENTE EDITORIAL

Patrícia Chaves

EDIÇÃO/TEXTOS

Tradução: Roberto Carvalho de Magalhães

ARTE

Mônica Maldonado

PAGINAÇÃO

Ana Beatriz Pádua

© 2011 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Texas, 111 - sala 20ª - Jd. Rancho Alegre - Santana do Parnaíba —

CEP 06515-200 — São Paulo — SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: Prol Editora Gráfica

Prólogo

Ilha de Teleere

Ano de Nosso Senhor 1817

Um punhado de risadas femininas viajavam no ar da brisa primaveril. Nicol Argyle, quinto visconde de Newburn, se voltou, atraído pelo som.

— Com certeza você conhece uma estalagem decente, Cole — disse lorde Bentor, mais conhecido como Cask pelos que tomavam vinho em sua companhia. — Até mesmo os teleerianos precisam brindar e praticar esporte de vez em quando.

Nicol examinou a multidão. Os feirantes já estavam encerrando o expediente em Portshaven, mas o movimento no calçamento irregular das ruas ainda era intenso. Seu olhar passou por um camponês, por um moleiro e por uma carroça vacilante puxada por um cavalo desanimado. E ali, exatamente depois da banca de um vendedor de couro, ele a avistou.

Estava curvada sobre o balcão de um comerciante de tecidos. Tinha costas estreitas, cintura fina, mãos delicadas e, embora ele não pudesse ver seu rosto, parecia... quase familiar. Talvez a risada? Talvez a gesticulação? A curva dos seios, quando se virou?

— Cole? — disse Cask, desviando o olhar do frasco de prata, que, aliás, estava quase vazio.

— Hum — observou William Enton, barão de Landow. — Não parece ser o tipo habitual dele.

— Quem? — perguntou Cask, procurando vagamente com o olhar.

— Acho que quem está despertando o interesse do visconde é a moça com chapéu de palha — disse o barão.

— Onde? Ah... — Cask suspirou quando localizou a jovem. Agora, estava de perfil, com o rosto suavemente sombreado pela borda gasta do chapéu. — Não é o tipo dele?! — Bebeu a última gota e, com olhos lacrimosos, voltou-se para o amigo. — Provavelmente, você não notou os seios dela, rapaz.

— Para seu conhecimento, notei. — William Enton, terceiro barão de Landow, estava entediado e bêbado, mas talvez não tão entediado, nem tão bêbado quanto Cask. — Se você conseguir tirar os olhos dos seios dela por um instante, vai ver que não se parece nem um pouco com uma prostituta.

— Humm — disse Cask, franzindo as sobrancelhas. — De certa forma, a baronesa Delafont era parecida com um galgo persa.

— Suspirando de desejo na sua cara e dizendo o diabo a quatro nas suas costas.

— E a loira...

— Ah, aquela não presta...

— E a lady não sei o quê... Aquela com olhar triste?

— Uma bajuladora.

— Carente — acrescentou Cask. — E gananciosa. Acha que ele as escolhe por causa do dinheiro?

— Cole? — perguntou Will, ainda sem olhar para o companheiro deles, que parecia extasiado. Apesar da garrafa de vinho vazia em suas mãos, Nicol estava menos embriagado, o que lhe dava certo controle sobre os dois bilhardeiros a seu lado. — Não. Ele as escolhe em função da capacidade delas de aceitar a rejeição quando ele as deixa.

Talvez Nicol devesse ter feito alguma objeção nesse momento, pois ouvia cada palavra que era dita. Mas a jovem era de fato encantadora... fascinante.

— Então, o que acha dessa moça?

William viu a jovem pechinchar com o comerciante de tecidos. Usava um vestido verde simples, amarrado muito acima da cintura e curto alguns centímetros, mesmo para a sua baixa estatura. Seu chapéu de palha desgastado lhe dava um ar juvenil, e ela não usava nenhuma jóia, nem uma corrente no pescoço, nem pulseira, nem anel.

— Eu diria que não é nem rica nem gananciosa.

— Mas Cole teve um período sem aventuras desde... Como era mesmo o nome dela?

— Amelia.

— Isso mesmo. Houve um período de escassez depois que ela encontrou um marido rico.

— Pelo menos seis meses.

— Talvez ele esteja perdendo o charme — sugeriu Cask, e no mesmo instante o visconde começou a caminhar na direção da jovem, no meio da multidão.

Will assistiu à cena e perguntou-se distraidamente se ele próprio ainda iria ter o trabalho de cortejar uma mulher. Com ar sinistro, tomando um gole de sua caneca, virou-se para Cask.

— E então?

— Bem, velho amigo, nós também poderíamos procurar uma companhia feminina.

— Você está bêbado demais para companhias femininas.

— E você está rabugento demais. Mas o que acha de nós tentarmos só...

Nicol nem percebeu as duas vozes desaparecer em meio ao burburinho no mercado. Entretanto, a confusão não lhe tirou a concentração, pois agora a moça estava muito perto. Estava em pé, acariciando um retalho de veludo cor-de-rosa e falando alguma coisa com o vendedor, que discordava energicamente.

Ela estava com a cabeça inclinada, e a maior parte de seu rosto estava escondida, mas seus lábios carnudos estavam visíveis. Eram brilhantes e suculentos como morangos frescos. Porém, não eram eles que o atraíam mais. Havia algo nela muito familiar. Algo que o arrastava na sua direção. Então, a moça sorriu. Ele tinha visto aquela expressão centenas de vezes, embora não soubesse dizer onde.

Nicol continuou abrindo caminho até poder ouvir sua voz. Era rouca e suave, enquanto se dirigia ao vendedor corpulento do outro lado do balcão.

— Tenho certeza de que é uma peça cara — ela dizia.

— Mas é tão pequena... Nem é suficiente para aplicar no chapéu.

O comerciante escarneceu dela. Era um homem moreno e calvo, com uma postura

empreada.

— É a originalidade que lhe confere valor, senhorita. Não encontrará nada tão precioso... — Mas não completou a frase, porque notou a presença de Nicol. — Milorde — disse com um tom financeiramente esperançoso. — Em que posso servi-lo?

Foi difícil desviar o olhar da jovem. Tão difícil que, de fato, ele não conseguiu.

— É uma boa escolha — opinou Nicol, dirigindo-se a ela. A jovem olhou para cima, mas seu rosto continuou escondido pela aba do chapéu.

— A cor combinaria — acrescentou ele.

Os lábios dela se contraíram ligeiramente. Com a proximidade, o visconde pôde ver que sua saia estava desbotada e que suas mãos eram ásperas. Will tinha razão, não era do tipo que ele normalmente procuraria, mas... e aquela vaga familiaridade? Ou era, talvez, porque ele tinha bebido sua boa dose de vinho durante a viagem de Sedonia para Teleere? Com certeza, o que o fascinava mais nela era o relevo suave dos seios sob o vestido.

— Está flertando comigo? — perguntou ela, com um tom brusco e frio.

— Eu? — Nicol tentou parecer indignado. — Não. Estava simplesmente enunciando uma verdade. O veludo iria combinar com seus cabelos. — Ele olhou para os cachos sedosos que caíam sob o chapéu, brevemente sobre os ombros.

— Humm — murmurou ela.

Nicol admirou o modo como os lábios carnudos se curvavam nos cantos, de forma provocante.

— Quatro anglos — anunciou o vendedor, ainda entusiasmado. — Seria um bom negócio mesmo se custasse o dobro e, com certeza, a moça ficaria agradecida se o senhor o comprasse para ela.

— Ficaria? — perguntou Nicol, sem se voltar para o homem, mas mantendo a atenção fixa na jovem.

Ela negou com um movimento de cabeça, mas seu sorriso se alargou um pouco.

— Nunca fico agradecida por menos de um metro inteiro.

— Mesmo? — Nicol estava achando aquela garota encantadora. Ela tinha algo honesto, uma naturalidade que contradizia agradavelmente sua fria segurança. — Então, imagino que não há razão alguma para eu comprar...

— Ah, veja o que eu achei! — gritou o comerciante, endireitando-se depois de remexer embaixo do balcão. — Encontrei um rolo inteiro.

Ela se voltou.

— Mas você disse que não tinha mais...

— Era o que eu pensava. — O vendedor sorriu como uma ovelha e bateu na cabeça calva com a palma da mão. — Mas sua beleza deve ter feito com que eu me lembrasse dele. Ela não ficaria um encanto, toda vestida de veludo cor-de-rosa? — perguntou, voltando-se como um cão pastor para Nicol.

— Ficaria sim, mas eu detestaria vê-la vestida exatamente como a moça que acabou de passar ao lado.

— Ah, ah! — O homem riu, balançando a cabeça. — Isso nunca vai acontecer. Só uma dama astuta pode ter tal qualidade.

— Talvez — concordou Nicol. — Mas acho que vi um tecido cor de lavanda por menos, e agora tenho a impressão de que combinaria melhor com ela.

— Cor de lavanda? Não! — O vendedor sacudiu a cabeça com veemência, as sobranceiras arqueadas. — Uma senhorita tão delicada deveria usar cor-de-rosa.

Nicol também balançou a cabeça, embora de maneira mais discreta.

— Receio ter de discordar.

O vendedor mergulhou novamente para baixo do balcão, onde o tecido tinha ressuscitado.

— Dois anglos — propôs, levantando o pequeno pedaço de veludo. — É um roubo, mas fica bem em você, moça. — O tom de voz dele denunciava uma ponta de indignação.

— Negócio fechado — disse ela, abrindo a bolsa, mas Nicol foi mais rápido. Deixando cair duas moedas no balcão, pegou o veludo e o ofereceu à jovem, fazendo uma leve reverência.

Ela o aceitou sem uma palavra e saiu de baixo do toldo da barraca de madeira para a luz fraca do sol.

Andaram um ao lado do outro em silêncio por alguns instantes, antes que ela o olhasse de soslaio.

— Devo achar que o senhor é generoso além da conta, ou está esperando alguma recompensa?

Nicol sorriu. Ao contrário do que Cask pensava, ele não tivera um longo período de abstinência, pois tinha o poder de atrair as mulheres. Elas se sentiam atraídas por seu título de nobreza, por sua aparência de cigano; eram seduzidas pelo seu jeito ao mesmo tempo cínico e simpático. Talvez, algumas até gostassem dele um pouquinho. Mas tinha sempre o cuidado de fazer com que soubessem a verdade. Não estavam nos seus planos para o futuro, pois não era um homem dado a romantismos, nem precisava de um casamento vantajoso para incrementar sua conta bancária. Por outro lado, precisava, isso sim, de alguém com quem compartilhar a cama.

Aquela moça poderia satisfazer a sua necessidade de forma agradável, pois era graciosa, interessante, e tinha aquele jeito misterioso, levemente familiar.

— Já fui chamado de tudo, menos de generoso... — Nicol levantou a garrafa de vinho. — Aceita um gole?

Ela pegou a garrafa, mas não bebeu.

— Provavelmente, deveria lhe dizer que os boatos sobre mim não são verdadeiros.

— Boatos. — Nicol arqueou as sobranceiras. Era um belo fim de tarde de primavera. O tempo em Sedonia tinha estado sombrio e deprimente, mas na ilha de Teleere, o sol brilhava com otimismo. — Gosto do som dessa palavra. A quais boatos está se referindo, moça?

O topo do chapéu da jovem quase não chegava à altura do nariz de Nicol, mas ele podia ouvir o som dos seus saltos mesmo no chão de terra batida e notou que isso a fazia parecer mais alta. Na verdade, ela era uma coisinha pequena.

— Não ouviu os boatos?

A moça tinha um sotaque interiorano, com os erres carregados, e falava cantarolando, mas naquele momento, para Nicol, isso só a tornava mais charmosa.

Ele negou com a cabeça.

— Esta cidade é novidade para mim.

— Ah, bom... — Ela deu de ombros. — Nesse caso, não há fofocas.

Nicol olhou para ela, encantado com o modo como ela sorria.

— Enfrentei uma viagem difícil, em companhia de dois amigos bêbados. Com certeza, você não vai me negar o prazer de algumas histórias picantes.

Ele a viu fazer um beicinho e perguntou-se como seria beijar aqueles lábios, senti-los curvar-se e abrir-se sob os seus. E não conseguiu evitar outras imagens mais ousadas.

— Com certeza, sabe o que se diz sobre os boatos — continuou ela. — Na maior parte das vezes, são mais interessantes do que verdadeiros.

— Ah, que pena!

— Mas você nem sabe do que se trata...

— Porque você não quer me contar, porque sou um forasteiro em Portshaven. — Nicol balançou a cabeça, como se estivesse desconsolado. — Por isso tenho de dizer que não estou exatamente impressionado com a hospitalidade de sua cidade.

Ela riu, e o som rouco e ondulante penetrou nele como o calor de uma lareira acesa numa noite fria.

— Então devo pedir desculpas pela nossa falta de cortesia.

— Ou pelo menos me contar os boatos.

Ela olhou para o lado, onde dois cachorros disputavam uma fêmea.

— Trabalho no Café com Pão.

Parecia um raciocínio completo, mas Nicol levou alguns segundos para entender o significado.

— Ah, você é uma camareira.

A moça meneou a cabeça afirmativamente.

— Por isso os boatos.

— Parece que não se pode ser camareira e virtuosa ao mesmo tempo.

O visconde ficou calado um instante.

— Não tem nada a dizer sobre isso? — perguntou ela.

— Se soubesse se você está brincando ou não, poderia concordar ou discordar, conforme fosse mais conveniente. — Ele deu de ombros. — Mas visto que...

— Essa é a opinião dos *outros* sobre camareiras — disse ela. — A opinião dos homens.

— Oh! — exclamou ele, fingindo desprezo. — Com certeza. E estão completamente errados.

A jovem riu e o silêncio voltou.

— Não estão? — perguntou ele.

Ela o olhou com uma sobrancelha levantada.

— Agora entendo por que seus companheiros acharam melhor se embriagar.

— Eu estava brincando — afirmou ele.

Ela deu um passo para baixo da cobertura de uma barraca de esquina. Uma lona recobria o lado do estande, permitindo-lhes ver somente uma parte das famosas colinas de Teleere.

— Estava? — perguntou ela, rindo; mas, talvez, provasse uma emoção mais profunda.

Em seu íntimo, Nicol não queria ver essa possibilidade. Sua estada em Teleere estava destinada a ser tediosa. Iria dar-se ao prazer onde quer que fosse, e aquela parecia ser uma ótima oportunidade.

— Claro — disse, enquanto fazia uma reverência truncada. — Aceite minhas desculpas. Me dizem com frequência que nunca levo nada a sério.

— Ah, sim? — disse ela, e, com o mesmo movimento com que tirava o chapéu, enxugou uma gota de suor com o nó dos dedos. — Quem lhe diz?

— Quem... Meu Deus!

Ela pulou para trás, arregalando os olhos.

— O que foi?

— Você... — Ele sacudiu a cabeça, mas o movimento não o ajudou a pôr as idéias em ordem. Em frente dele, estava a perfeita imagem de Anna. — Nada — murmurou. — Nada. É que você... me lembra alguém.

— Quem?

Seus olhos eram grandes e verdes como as colinas de Teleere. O visconde se perguntou momentaneamente se sentiam medo, mas logo afastou esse pensamento. Nem ela, nem a sua equivalente pareciam ser do tipo medroso, mas era impressionante como se pareciam, embora os cabelos de Anna fossem um pouco mais escuros e sua pele não fosse tão clara. Mas essas eram as únicas diferenças. No mais, poderiam ser irmãs gêmeas.

— Quem eu lhe lembro? — insistiu ela.

Sem fôlego, Nicol a fitou ainda mais um instante e, então, sorriu e deu de ombros.

— Uma princesa.

A moça franziu os olhos levemente, mas isso não desviou a atenção dele da sua impressionante beleza e da sua semelhança com a soberana de Sedonia, a princesa Tatiana Octavia Linnet Rocheneau. Era realmente estranho. Chocante.

Ela clareou a garganta e se afastou, mas Nicol a segurou pelo braço, e a jovem se contraiu, com uma expressão séria.

— Peço desculpas novamente — disse ele, soltando-a. — É que é... surpreendente.

— Minha semelhança com uma princesa?

Ele sorriu, esperando dar a impressão de estar arrependido e de ser inofensivo. Sua semelhança com Tatiana não a tornava menos desejável. Nada disso. Pois havia quem acreditasse que ele estava apaixonado por Anna.

— Jante comigo — insistiu, embora quisesse ficar calado. Ela levantou as sobrancelhas.

— No Café com Pão — sugeriu ele.

— Você pretende morrer jovem?

O visconde fez um sinal negativo com a cabeça, ainda um pouco aturdido com a beleza da jovem.

— Então, sugiro que jante em outro lugar — continuou ela, enquanto ele olhava fixamente para seus lábios. Não podia deixar de imaginar como seria abraçá-la, sentir a pele nua contra a sua.

— Como são as acomodações lá?

— Não tão boas quanto a comida.

Nicol sorriu. Era, sem dúvida, a mulher mais interessante que tinha conhecido nos últimos tempos, pois seu rosto e silhueta lhe lembravam Anna, enquanto seu comportamento ousado e sua naturalidade encantadora eram exclusivos dela. Como uma imagem espelhada da princesa, era tangível, sedutora e atraente. Ele deu um passo em sua direção.

— E você, moça? Estará lá?

Ela teve de recuar para encontrar o olhar dele, mas dessa vez não havia mais medo na expressão do seu rosto.

— Tenho um quartinho no Café com Pão.

Ela o estava atraindo para dentro dos seus olhos, para entre os seus seios, para o seu mundo.

— Há quartos para duas pessoas? — perguntou ele, e, inclinando-se de leve, beijou-a nos lábios.

Eram cheios, suaves e desesperançosamente atraentes, mas ela deu um passo abrupto para trás.

— Eu disse que os boatos eram falsos — murmurou, agora sem fôlego.

Aproximando-se outra vez, o visconde passou o nó dos dedos sobre o contorno perfeito do queixo da moça. Ela era surpreendente, inacreditável. Era igual a Anna, e ao mesmo tempo diferente.

— Você sabia que é muito bonita?

Agora, suas costas estavam apertadas contra a parede de lona.

— Como uma princesa? — perguntou com ceticismo no tom de voz.

— Sim. — Talvez fosse melhor não dizer mais nada, porque o efeito que aquela garota exercia sobre ele estava impedindo que raciocinasse com clareza. — Bonita, porém acessível.

— Ao contrário de uma princesa.

— Sim. — Ele se inclinou outra vez para beijá-la, mas ela o impediu, colocando uma mão sobre seu peito.

— Eu preciso ir.

— Não, por favor. — Agarrou o braço dela. O interior da barraca estava frio e escuro. — Passe a noite comigo.

Nicol se surpreendeu com as próprias palavras. Afinal, não era um rapazinho inexperiente e desajeitado, nervoso diante da perspectiva da primeira conquista feminina. Mas ela o tinha enfeitiçado e seduzido. A expressão da jovem tinha se tornado tensa e ela o fitava com severidade.

— Porque ela não passa, não é?

— Como?

— Sua princesa — explicou ela. — Não dorme com você. Mas claro que eu sim, já que não sou de classe alta, não nasci nobre.

Nicol escorregou os dedos sobre o fino pescoço dela.

— Acredite em mim, moça, minha posição não me permite olhar uma pessoa da sua posição de cima para baixo.

— Jura? Quanta generosidade...

Nicol não sabia dizer se o tom dela era sarcástico. Por um momento, desejou não ter bebido tanto, para ter mais discernimento.

— E você é um... o quê?

Sua pele era suave como um sonho.

— Como?

— Seu título de nobreza — disse ela. — Qual é?

— Visconde. — Talvez houvesse orgulho na sua declaração, mas, às vezes, ele próprio, segundo filho de um barão sem um tostão, que tinha adquirido riqueza e poder, se surpreendia. — Venha comigo — insistiu.

Ela fez um sinal negativo com a cabeça e tentou se desvencilhar e escapar, mas Nicol passou os dedos atrás de seu pescoço, interrompendo a fuga. Então, sentiu o contato dos cabelos macios e sedosos.

— Não vai se arrepender — murmurou.

— Porque você é visconde ou porque é rico?

Nicol sorriu. Em seguida beijou-a novamente e sentiu que ela estava cedendo.

— Pode ser que haja outras razões.

Mais uma vez, pondo a palma da mão contra seu peito, ela o empurrou. Nicol sentiu que aquele era o lugar ideal para a mão dela.

— Então não está me oferecendo nenhum tostão?

— É dinheiro que você quer?

Ela enrijeceu.

— Ser uma moça pobre não significa ser meretriz.

— Eu não quis dizer isso. É que... — Os seios dela pareciam crescer e se aproximar de seu rosto, distraíndo-o. — Diga-me o que quer e eu lhe darei. Ambos podemos ganhar.

— É mesmo?

Ela suspirou. Nicol deslizou a mão pelo braço dela até chegar à cintura e, com delicadeza, beijou a parte superior de seu peito.

— Mesmo.

Ela se desvencilhou e, nesse mesmo instante, ele viu a garrafa de vinho pairar sobre sua cabeça. Quase conseguiu evitá-la, mas foi atingido logo acima da orelha. Cambaleou para o lado e, em volta, o mundo começou a girar. Viu o rosto dela inclinar-se e então caiu, produzindo um baque surdo, antes de tudo ficar escuro.

— Sinto muito — disse ela. — Parece que, hoje, eu sou a única vencedora.

Capítulo I

Somershire, nas colinas do sul de Teleere, seis meses depois.

Megan estava cansada. Seus dedos doeram quando os enfiou nas mangas do capote esfarrapado, e seu olho roxo ainda estava ardendo.

Costurar nunca a tinha entusiasmado. Era tedioso e, ainda por cima, ela tinha de atravessar um bairro perigoso para entregar as roupas. Porém, aceitava todo e qualquer emprego honesto que conseguisse encontrar. Também fazia trabalhos desonestos. Não era algo de que se orgulhasse, mas podia conviver com a falta de orgulho. Já com o estômago vazio, não conseguiria sobreviver.

E Megan queria viver. Era isso o que fazia: sobrevivia. Era forte. Era assim que sua mãe costumava descrevê-la. “Vai dar tudo certo”, dizia ela com voz fraca, na escuridão do casebre em ruínas. “Vai dar tudo certo, meu amor, porque você é uma menina forte... forte e esperta, como seu pai.”

Ela acariciara o rosto de Meg com os olhos afogados em lágrimas. Até na hora da morte, Megan pudera vê-los reluzir. “Vai dar tudo certo”, ela dissera mais uma vez antes de expirar, silenciosamente, sem lamentos, do jeito como tinha vivido.

Megan engoliu em seco. Era melhor se apressar, ou chegaria atrasada na estalagem. Trabalho pesado. O tempo todo em pé, e seus pés já estavam doendo por causa da corrida através da cidade.

O calçamento ressoava sob seus passos. Seu hálito se transformava em arabescos de fumaça no ar frio do inverno, e seu estômago roncava alto, mas ela ignorava, fosse a agressividade do frio, fosse o tormento da fome, para se concentrar nas moedas que ganharia.

Talvez não devesse deixar de jantar. Tinha emagrecido desde que haviam lhe quebrado as costelas, mas se não comesse, economizaria cada uma de suas novas e encantadoras moedas.

Ela as tinha embrulhado num pano e escondido no sapato, depois de ter aprendido a não conservá-las na bolsinha. Bolsinhas podiam ser perdidas. Ou roubadas. Algumas escoriações e o salário de um dia perdido haviam lhe ensinado isso, alguns anos antes. Mas, naquela época, ainda não tinha superado os doze anos e tinha sarado rapidamente. O último incidente, porém, não tinha sido tão agradável; mas, pelo menos, seus atormentadores estavam bem-vestidos.

Megan olhou para os lados, nervosa, e estremeceu. Ah, sim, tinha aprendido que uma mulher sozinha não podia confiar nos homens, fossem príncipes ou homens do povo. Raramente o valor da alma de um homem correspondia ao preço de suas roupas. Mas ela tinha quase chegado ao Lion’s Share, onde trabalhava e tinha um quarto. Tinha quase escapado dos estranhos mais uma vez.

A porta dos fundos da estalagem abriu-se com um rangido e Megan entrou apressada, levando consigo uma lufada de vento frio que se chocou com o calor úmido da cozinha.

— Já não era sem tempo. — Enquanto derramava carne ensopada em uma tigela,

Cate olhou para a face ferida de Megan. — Você está horrível. Desse jeito vai espantar os fregueses — disse com dureza.

— Eles estarão bêbados demais para se assustar e a sala é escura. Tem muita gente? — Megan tirou o casaco e, com os dedos ainda congelados, vestiu um avental manchado.

— Chegou aí um nobre de Portshaven.

Megan lançou um olhar apreensivo para ela.

— Sozinho?

Cate riu. Seu rosto era redondo como uma tigela, e seus braços, carnudos como dois presuntos.

— Você já viu esses nobres vir sozinhos? Não. Precisam de um exército para ajudar a levantar a caneca. Fig está quase explodindo de satisfação.

Megan se descontraiu um pouco. Fazia seis meses que deixara Portshaven, e ninguém a tinha procurado... ainda.

— Isso é carne de vaca?

— Carneiro com limão — corrigiu Cate, cheirando a mistura e fazendo uma careta. — Espero que não esteja estragado.

Ouviu-se uma voz no salão. Franzindo as sobrancelhas, Cate acrescentou:

— Mas tenho alguns pratos que estão bons.

Alguém gritou novamente e Cate correu para a sala. Megan estava atravessando a cozinha com passos rápidos quando Fig Duevel apareceu.

— Onde diabos você se meteu, menina?

Era apenas um centímetro mais alto que ela, mas tinha uma língua venenosa e punhos violentos. Pelo menos, era o que lhe tinham dito, por isso ela procurava ficar longe deles. Espiou através da porta entreaberta.

— A sala está cheia como uma ostra — disse, enquanto segurava os cordões do avental já amarrado. — A cerveja do ano passado foi um sucesso, não?

Ele a fitou com intensidade e resmungou algo que parecia positivo. Tinha orgulho de sua cerveja, que fazia com as próprias mãos. Fig era venenoso como uma víbora e avaro até os ossos, mas sua cerveja fazia com que os fregueses voltassem sempre. Fora um dos motivos pelos quais Megan aceitara o emprego, pois, embora Fig não revelasse sua fórmula, ela tinha certeza de que acabaria descobrindo.

Mas segredos podiam demorar a ser revelados. Ela sabia disso. Uma verdade que a tornava volátil. *Nunca fique em um lugar por muito tempo. Nunca seja o que pensam que você é.*

— Ocupe-se dos fregueses — ordenou Fig. E Megan correu para a sala.

O lugar não estava cheio como ela tinha insinuado, mas bastante movimentado. Esgueirou-se entre dois camponeses, que estavam discutindo acirradamente sobre o peso de um javali gigantesco, e encontrou a mesa onde os lordes de Pontshaven estavam rindo. Era fácil distingui-los no meio da freguesia rude. Eram como amores-perfeitos em um campo de dardos.

— Algo especial para o jantar de hoje, *cavaleiros*?

Eram cinco. Vestidos elegantemente com fraque e pantalonas, voltaram-se para

ela um por um, mas viram somente o que ela queria que vissem. E naquela noite, Megan queria que vissem apenas uma camareira maltratada, num vestido de lã marrom grande demais para ela e abotoado até o queixo. A roupa tinha saído de moda já na era de Átila, rei dos hunos, e até onde sabia, o gorro de linho caído também não era o máximo. Mas a indumentária geralmente cumpria bem sua finalidade. Porém, naquele momento, os cavalheiros estavam olhando para seus seios como cães famintos, apesar de o vestido cair sobre seus ombros como um saco de estopa. Perguntou-se como podiam até mesmo imaginar que ela tivesse seios.

— Cavaleiros? — disse novamente.

Um deles, desajeitado e de orelhas grandes, sussurrou algo para o vizinho e os dois deram uma risadinha. Apesar da tentação, ela evitou ir até o outro lado da mesa e bater a cabeça de um contra a do outro, mas não pôde deixar de perceber que o bolso do colete de um dos dois estava cheio. E também não deixou de armazenar essa informação para ser usada mais tarde.

— O que é saboroso aqui, além de você? — perguntou o homem mais próximo, agitando uma mão elegante em sua direção.

As risadinhas ficaram mais altas. Aparentemente, já tinham bebido algumas cervejas antes de vir ao Lion's. Ou então, eram irresistivelmente espirituosos e interessados em mulheres abatidas e com um olho roxo.

— A cerveja é boa — disse ela. Então sorriu e acrescentou: — O carneiro também.

Os cavalheiros fizeram o pedido, sem querer mais detalhes, e retomaram a ridícula zombaria, deixando Megan voltar às pressas para a cozinha. Ela serviu os pratos logo em seguida e correu para a mesa mais próxima da porta.

O homem estava sozinho. Vestia uma áspera camisa de lã e o típico avental de couro dos ferreiros. Um ombro estava apoiado à parede, e a sombra de um chapéu molhado não permitia ver os detalhes de seu rosto. Mas tinha mãos de trabalhador, grandes e queimadas pelo sol.

Megan lhe ofereceu um sorriso, não tão largo quanto para os cavalheiros, mas ainda assim, sincero.

— O que vai hoje, querido?

Ele abriu os olhos como se acordasse de um sonho.

— Como é o uísque?

Sua voz era profunda e áspera. Megan apreciou o som. A voz de um homem honesto.

— Aguado — respondeu. — E caro.

Mesmo sem ver bem seu rosto, Megan percebeu que o homem estava surpreso. Além disso, pelo breve movimento que fez, ela achou que talvez fosse mais jovem do que parecia.

— O que recomenda então, moça?

— A cerveja. Está bem fria e é gostosa.

— Ouvi dizer que o carneiro é bom — disse ele, indicando com a cabeça a mesa dos cinco cavalheiros.

— Está estragado.

Agora tinha certeza de que ele estava surpreso, e alargou o sorriso. Sim, precisava

do salário miserável que Fig pagava, mas não fazia mal divertir-se um pouquinho de vez em quando.

— De todo jeito, eles vão beber até vomitar — justificou-se, dando de ombros. — Mas o cozido está bom.

Talvez ele não soubesse bem como se comportar, mas, por fim, pediu o ensopado de carne, e Megan atendeu imediatamente.

Apesar do trabalho, o tempo voou. Os cavalheiros a atormentaram como melhor podiam, mas estavam embriagados e com a mente e as mãos lentas. Foi fácil evitá-los. Ainda que contrariados, os criadores de porcos chegaram a um acordo sobre o javali de “tamanho médio”, e o ferreiro ficou ali, tomando conta da sua segunda cerveja. Parecia quase cochilar.

Finalmente, a noite chegou ao fim e os fregueses foram embora cambaleando. Cate já tinha deixado a cozinha. Megan trancou a porta e recolheu os pratos. Lavaria a louça de manhã. Em seguida, entregaria o novo casaquinho à senhora Bea. A roupa lhe renderia mais alguns tostões para as suas economias.

A escada rangeu sob seus pés. Quando chegara em Someshire, Fig quisera introduzir-se em seu quarto. Estava bêbado e insistira muito, porém ela fora firme e o expulsara. No dia seguinte, sóbrio e mortificado, oferecera a Megan um quatinho na água-furtada em troca de metade do salário, mas ela optara por um cômodo no porão. Era do tamanho de um caixote, e tinha somente uma janela pequena, mas o chão era de madeira boa e, sobretudo, não lhe custaria um tostão, o que a aproximava muito de seu objetivo.

Ao entrar em seu aposento minúsculo, Megan apoiou a vela sobre um baú e endireitou-se.

Sentiu a presença do intruso imediatamente. Tentou correr para a porta, mas uma mão tapou-lhe a boca, puxando-a para trás. Debatendo-se com força, quis gritar, mas o grito saiu abafado. Revirou os olhos, tentando ver atrás de si, mas estava comprimida contra o corpo de um homem.

O seu dinheiro! Teria achado o seu dinheiro, escondido em um buraco sob o assoalho? Ele a apertou ainda mais, quase sufocando-a e limitando seus pensamentos à própria sobrevivência.

— Não grite. — Sua voz era grave e baixa. — Se eu soltá-la, promete não gritar?

Ela aquiesceu, pensando com raiva que só mesmo um idiota diria a verdade numa situação dessas. E quem seria o idiota que esperava que ela dissesse a verdade? O homem tirou a mão de sua boca, mas, em um segundo, ela já estava em volta de seu pescoço. Mãos grandes. Quem era ele? Um dos cavalheiros? Não, não, as mãos deles eram estreitas e macias.

— Qual é o seu nome, moça?

— Meu nome? — Não sabia se estava ganhando tempo, mas poderia ser uma boa ideia. Queria pensar com clareza, planejar.

— Quem é você? — ele perguntou novamente.

Quem era *ele*? A maioria dos violentadores que ela tinha encontrado não se preocupavam com as apresentações. Significaria que estava atrás do seu dinheiro? Isso seria melhor ou pior?

— O pessoal me *chamam* de Pardal. — Sua voz quase não tremia.

Houve um breve silêncio.

— O quê?

— É... — Megan estava sem fôlego e sem idéias e nenhuma das duas coisas iria prolongar sua vida — ...porque eu sou pequenina — explicou, tentando respirar.

— Qual é o seu nome de batismo?

Quem era aquele sujeito?

— Eu... não sei — balbuciou, com a cabeça ainda torta sob a pressão da mão do homem. — Minha mãe morreu quando eu ainda era pequena, e meu pai... — ela tentou sacudir a cabeça e ele afrouxou um pouco a pressão sobre seu pescoço — ...tinha ido embora.

Ele soltou seu pescoço e ela não gritou, não sabendo nem se conseguiria. De qualquer forma, o homem ficou entre ela e a porta. Megan sabia que o homem poderia matá-la antes que conseguisse dar um grito.

— Sente-se.

No pequeno cômodo, havia somente um baú e uma cama, e a cama estava mais distante do homem. Foi para lá que ela vacilou, com as pernas enrijecidas, os pés colados ao chão. Voltou-se com dificuldade, olhou para ele e suspirou.

— Você é o ferreiro — murmurou. Megan pôde perceber seu sorriso irônico sob a aba do chapéu de couro. — O que você quer?

— Não precisa ter medo. Tenho só algumas perguntas.

Ele tinha perdido o sotaque irlandês. Realmente, agora, falava como um lorde vindo de Londres. Diabos!

— Perguntas? — Parecia uma brincadeira. A maioria dos homens que forçavam sua porta não o fazia para conversar. Porém, a vida reservava muitas surpresas e ela ainda estava viva. — O que quer saber?

— Tire a touca.

— Isso é... — Ela inspirou com hesitação. Não gostava de mostrar seu rosto sem acessórios, mas o quarto escuro contava somente com a vela tremulante. — Isso não é uma pergunta.

— Tire-a!

Megan a tirou devagar, sem desarranjar um fio de cabelo. Seus cabelos estavam cuidadosamente presos. Puxou a touca para a frente, cobrindo o rosto por um momento, antes de apoiá-la sobre as pernas.

Ele tremeu quando viu pela primeira vez o olho roxo de Megan.

— As ruas de Somershire não são mais um lugar bom para donzelas — disse ela, rangendo os dentes.

Pareceu-lhe que ele havia praguejado, mas não tinha certeza.

— Quem lhe fez isso? — o homem quis saber.

Megan quase sorriu. Teve até a impressão de que seu olho estava menos roxo, e suas costelas menos doloridas. Quando pudesse ter a sua própria estalagem, contrataria um guarda-costas para si. Ele a acompanharia como um pastor alemão e rosnaria para quem quer que resvalasse nela.

— Uns sujeitos apareceram de repente — contou. — Enquanto eu estava

atravessando o rio.

Dessa vez, tinha certeza de que o homem havia praguejado. Estava com um punho comprimido sobre o avental de couro, mas sua voz era firme.

— O que a leva para o outro lado do rio?

— Um pouco de costura. Remendos. Nada muito chique. Mas o pessoal do outro lado paga bem.

— Você mora aqui?

A pergunta parecia óbvia e inofensiva.

— Moro. *Fazem* alguns meses.

— Já estive em Larkscote?

— Larkscote?

Megan acreditava ser muito esperta, mas não conseguia entender aonde ele queria chegar. Talvez fosse louco. Como o velho Willy lá da esquina. Faria qualquer estranho entrar em casa e lhe daria uma refeição se estivesse faminto. Mas era melhor ter cuidado, pois, às vezes, confundia os outros com um lobo ou alguma outra fera e tentava matá-los.

A vida era imprevisível.

— E em Inglewood? Já estive lá?

Megan negou com a cabeça.

— Já saiu do país alguma vez?

— Por que está me perguntando isso?

— É simplesmente uma pergunta, moça.

Ele era um tipo estranho... e dava medo. Por que estava ali? Como tinha entrado?

O homem deu um passo à frente.

— Não — disse Megan, esperando que uma resposta rápida o mantivesse a distância. — Nunca saí da ilha.

Ele ficou calado um instante, olhando para ela por sob a aba do chapéu molhado. A luz da vela oscilou sobre seu rosto, revelando um brilho intenso em seus olhos. Megan ficou arrepiada. O homem parecia endemoniado. Estava ali para fazê-la pagar pelos seus pecados. E ela tinha cometido um bom número deles.

Sua mãe sempre dizia que era errado pegar o que não se ganhava honestamente, mas suicidar-se também era pecado. Tentar viver sem complementar o salário seria o equivalente de um suicídio. Estava apenas tentando cuidar de si própria, uma filha de Deus como todas as pessoas.

Seus olhos pousaram no pesado ferro triangular que jazia perto da porta. Ela o usava para passar roupa, e também como peso para a porta. Se o usasse para golpear o homem, teria uma chance de escapar?

— Você nasceu aqui?

Megan estremeceu quando a voz do homem interrompeu seus pensamentos.

— Se eu nasci aqui? — Ela carregou no sotaque. Por enquanto, era o Pardal, uma camareira deselegante mas de bom coração, que não tinha planos ambiciosos para o futuro. Deu de ombros e continuou a representar seu papel. — Não sei direito onde nasci. Parece que sempre estive aqui.

— Nunca saiu da cidade?

Megan pensou em mentir. Não era contrária a inventar histórias de vez em quando. Aliás, sabia que um pouco de invenção a ajudara a salvar a própria vida em mais de uma ocasião, pois embora não fosse uma maga, realizara algumas façanhas que a tinham preservado, até agora, em algum lugar entre as portas do paraíso e as profundezas do inferno. Mas tinha como princípio dizer a verdade, sempre que possível. Era difícil mentir. A verdade era fácil. Além disso, ele poderia perguntar para a vizinhança, e todo mundo lhe diria, Fig inclusive, que fazia somente dois meses que ela chegara a Somershire. Sorriu, acanhada.

— Lógico que saí da cidade — respondeu. — Quem não sai, de vez em quando?

— Onde esteve?

Ela deu de ombros novamente.

— Aqui e ali.

— Já esteve em Portshaven?

A curiosidade deu lugar ao medo. Seis meses atrás, tivera um episódio com um visconde em Portshaven. O homem era arrogante e estava bêbado, mas ela nunca tivera a intenção de feri-lo. Pelo menos, até ele começar a se tornar inconveniente. Ainda assim, não tinha planejado roubá-lo. Mas o Livro Sagrado dizia que Nosso Senhor proveria e, quando provia, era um pecado não aceitar Sua generosidade. Além disso, ficara surpresa com a quantidade de dinheiro que o cavalheiro carregava consigo. E o relógio de bolso fora um verdadeiro achado. Todo de ouro e liso ao contato. Rendera um bom dinheiro. Algumas vezes, Nosso Senhor era mais generoso que outras. Naquele momento, Ele não estava sendo muito generoso.

— Responda! — ordenou o homem.

Megan engoliu o medo, tentando espreitar por baixo do chapéu.

— Quem é você?

Um pálido sorriso curvou os lábios dele.

— Sou um ferreiro — disse e deu um longo passo na direção dela, com os braços abertos. — Não dá para perceber?

Megan se levantou, mas o espaço era mínimo, bem como era mínima a possibilidade de fugir.

— Assim como você é uma camareira.

Estavam separados somente por alguns centímetros.

— Escuta só, eu não tenho dinheiro, se é isso que está procurando.

— Não é.

A voz dele soava inexpressiva na penumbra do quarto, e Megan sentiu o sangue gelar nas veias. Não havia nada que gostasse mais do que o som das moedas, mas, no final das contas, talvez houvesse coisas mais importantes. E ela estava encurralada. E não só isso. Estava sozinha com um homem que não parecia fácil de enganar ou ferir. Não se tratava de um tolo ocioso sem nada melhor para fazer do que procurar uma possível companheira para uma noite, mas um trabalhador prático com mãos grossas e uma atitude de quem já a tinha encontrado antes. Tinha um comportamento de quem estava procurando vingança.

Ele deu outro passo na direção dela, e Megan se esquivou. Uma faca estava

escondida atrás do baú, um facão afiado de açougueiro do tamanho do seu antebraço. Se tivesse escolha, usaria sempre a inteligência, mas as opções pareciam estar em falta naquele momento. Por isso, a idéia de ter de usar a faca lhe despertou uma sensação entre a náusea e a esperança. Dentro do baú, havia uma bengala e, embora fosse mais difícil de alcançar, usá-la não lhe parecia tão horrível.

— O que é que quer, então? — perguntou.

Ele a examinou cuidadosamente, ofegante, como se ela estivesse nua, como se pudesse ler sua alma.

— Acho que quero você — declarou.

Ela fez, lentamente, um sinal negativo com a cabeça. Sentiu uma pressão no peito, ao mesmo tempo que seus membros enrijeciam.

— Não sou o que você está pensando.

Houve um silêncio tão profundo que ela podia ouvir os batimentos do próprio coração.

— Acho que você é uma mentirosa — disse ele por fim. — E uma ladra.

— Deus me ajude... — As palavras saíram por si só. Ela negou com mais veemência e continuou a se encolher contra a parede. Suas mãos tremiam. — Só porque... só porque sou uma camareira, não quer dizer... — Tinha quase chegado ao baú, tinha somente que se abaixar, pegar a faca e, então, golpeá-lo. Sentiu um nó no estômago. — Isso não quer dizer que eu seja uma mulher fácil. Eu... Os boatos não são verdadeiros. Eu...

— Boatos — ele repetiu e começou a rir. Seus dentes brilharam na luz fraca, brancos e demoníacos. — Você é uma moça esperta.

Ela o fitou. Parecia a risada de um louco. Mas, droga, ele era bem maior que Willy, e estava perto demais...

— Não se lembra de mim, garota?

Megan engoliu em seco.

— Olha, eu não quero problemas. Eu sou uma trabalhadora de verdade e...

Naquele instante, o homem tirou o chapéu, e foi como se o mundo parasse de girar. Megan não imaginava que se lembraria dele com tanta clareza, mas lembrou-se, como se tivesse acontecido no dia anterior, como se tivesse sido um sonho.

Era o visconde que ela roubara. Era o visconde, que viera para se vingar.

Capítulo II

Nicol viu a compreensão da verdade no rosto dela, viu seus olhos se arregalar. Eram os mesmos olhos com os quais tinha sonhado nos últimos seis meses, os mesmos olhos que tinham se tornado uma obsessão para ele. Alargou os braços ligeiramente.

— Parece que fui *eu* quem venceu — disse.

— Venceu? — Megan estava a ponto de desmaiar. — Venceu o quê?

— Você é uma mulher difícil de achar — disse ele.

Megan engoliu em seco. Até Nicol notou, olhando para o movimento do pescoço delgado. Deus, aquele vestido era a roupa mais feia que ele já tinha visto, pensou, lembrando-se de como estava bonita naquela ensolarada tarde de primavera... Era a imagem perfeita de Anna.

Mas ela voltaria a ser como ele a vira. Não, seria muito mais.

Naquele momento, estava pálida como um fantasma.

— Achar? — Ela arregalou ainda mais os olhos. — Não sei do que está falando. Por que deveria me achar?

Nicol sorriu, aceitando entrar no jogo dela, para vê-la se debater como uma presa, para vê-la contorcer-se.

— Porque você me nocauteou — disse. — E roubou meu relógio de bolso.

Ela negou com um movimento veemente da cabeça.

— Não sei do que está falando. Deve estar me confundindo com outra pessoa. Já disse, cheguei aqui faz pouco tempo.

Ele aplaudiu a representação. Ela era rápida como um chicote, afiada como uma adaga. Mas ele também.

— Não foi aqui em Somershire, e você sabe muito bem.

— Não... — Ela fingiu estar chocada e aturdida. Suas mãos estavam abertas contra a parede às suas costas. Como as garras de um pardal, agarravam a massa corrida esfolada. Estava magra demais. Para isso, havia remédio. — Não fui eu, eu não tenho nada *que* ver com isso! — exclamou.

Nicol ignorou a mentira, ainda que fosse descarada. Se olhasse de perto, talvez visse até mesmo lágrimas nos olhos dela.

— O que fez com meu relógio?

— Não sei de nenhuma droga de relógio.

— Vendeu?

Ela não respondeu. Em silêncio, Nicol olhou ao redor. Aquela moça vivia num buraco grande o suficiente para um camundongo.

— Você foi trapaceada, moça.

— Não sei do que está falando.

— O relógio tinha muito valor, o suficiente para você ter um quarto melhor.

— Sou uma moça honesta, senhor. Não roubei relógio nenhum. Juro por...

Ele ergueu a mão.

— Não jure, moça. Não sabe, que mentir é pecado?

— Sei, sim. Conheço todos os mandamentos. Tenho até uma Bíblia.

— Você sabe ler?

Algo atravessou o olhar dela. Uma emoção que ele não conseguiu definir.

— Uma moça como eu não precisa saber ler.

— Por isso não se preocupa em aprender?

Ela apertou os olhos por uma fração de segundo.

— Eu já disse, não preciso saber.

Ele a olhou por um instante, tentando, sem sucesso, decifrar seus pensamentos. Então, disse precipitadamente, e talvez com uma pitada de irresponsabilidade:

— Tenho uma proposta a lhe fazer.

— Uma o quê?

— Uma troca. Um negócio.

Ela inclinou levemente a cabeça. Seus lábios estavam contraídos, mas, se havia algo nela que continuava igual, eram os lábios. Eram a verdadeira razão pela qual Nicol havia esperado horas a fio no Lion's Share. A única razão pela qual tinha aturado as conversas frívolas dos irritantes cavalheiros atrás dele. Tinha reconhecido aqueles lábios.

— Estou lhe dizendo, senhor, eu não sou o tipo de mulher que está pensando.

— Então, não está interessada em receber três boas refeições por dia, assim como novas roupas e instrução?

Megan franziu a testa.

— Três refeições por dia? — repetiu, e Nicol sorriu.

— Sim.

— Tenho de matar alguém que eu gosto?

Ele balançou a cabeça.

— Nem alguém que deteste.

— O que tenho de fazer, então?

Ele a fitou novamente.

— Venha comigo.

Megan abriu a boca para falar, mas ele a interrompeu com um sinal.

— Sei que será difícil para você deixar este lugar encantador, mas receio que terá de fazê-lo.

— Por quê?

— Ainda não posso dizer. — Nicol não ousou contar a verdade. Não tinha perdido a cabeça completamente, embora seu comportamento pudesse indicar o contrário.

— Você irá comigo para a minha casa.

— Para a sua casa?

Ela parecia incrédula.

— Lá, serei seu preceptor. Se as coisas funcionarem bem, eu a empregarei por um período indeterminado.

— Funcionar bem?

— Se ela gostar de você.

Megan enrijeceu e cerrou os lábios.

— Não me meto com essas coisas estranhas.

Ele a fitou.

— Não vou tomar parte em nenhuma... — Ela agitou as mãos com ímpeto, arregalando os olhos. — Nada de joguinho com você e a sua queridinha. Passo a noite servindo bebidas, mas tenho os meus princípios, assim como...

— Minha nossa, menina! Você tem uma cabeça parecida com um caleche endiabrado. Nunca sei quando e onde vai sacudir.

Ela inclinou a cabeça.

— Não vai me levar para a sua casa para eu e sua mulher...

Ele conteve uma risada.

— Não sou casado.

— Então, o que quer de mim?

— Quero lhe ensinar algumas coisas.

Ela quis objetar, mas ele fez um sinal com a palma da mão.

— Boas maneiras — explicou. — Etiqueta.

— Não preciso aprender maneira nenhuma — retrucou Megan, enquanto limpava o nariz na manga do vestido.

— Não há dúvidas — concordou ele. — Ela se encantará com você exatamente assim como é.

— Quem se encantará?

Nicol fez uma pausa, pensando na princesa Tatiana Rocheneau, tão só, tão superior, tão vulnerável.

— Ela é uma verdadeira dama. Isso é tudo que você precisa saber.

— O que ela tem de ver comigo?

— Decidirá se você aprendeu bem as lições.

Megan fez uma careta.

— E se eu não aprender?

Por um instante, Nicol se lembrou das dores de cabeça que seu primeiro encontro com aquela moça haviam causado. Tinham durado três dias e lhe dado a sensação de que seu cérebro ia estourar a qualquer instante. Depois disso, não se preocupara muito em saber se ela levava ou não uma vida dura.

— Escuta uma coisa — disse ela, exibindo um sorriso trêmulo. — Eu não fiz nada de errado. Eu não sou o que o senhor está pensando. Por favor, me deixe em paz...

— Você irá comigo para Newburn.

— Eu... — Megan balançou a cabeça. — É muito gentil, senhor. Mas não posso...

— Você pode ficar com as roupas.

— Como?

— As roupas que eu lhe comprar. Roupas caras... muitas. Pode fazer o que quiser com elas.

— Eu posso vender?

— Se quiser.

Megan franziu a testa.

— O senhor não está pensando que eu vou...

Ela se calou, e Nicol esperou que ela continuasse.

— ...que eu vou badalar o seu sino, não é? Porque eu não vou.

Nicol soltou uma gargalhada. A idéia daquela criatura substituindo a princesa Tatiana pareceu, repentinamente, um absurdo extremo. Mas ele sempre apreciara o absurdo. Por exemplo, sua própria vida. Recobrando, enfim, a sobriedade, percebeu que ela não tinha se unido a ele nas risadas. Ao contrário, estava tensa e rígida como um guarda da Coroa.

— Não gosto que riam de mim.

— Então, não deveria ser tão divertida — retrucou Nigel, sorrindo. — Vamos, moça. Vamos embora.

Nicol achou que ela ainda iria recusar, pois seus lábios estavam comprimidos e seus olhos apertados. Mas por fim, ela falou:

— O senhor vai dar roupas *pra* mim?

— Sim.

Ela deu de ombros. Então, voltando-se para o baú, alcançou o ferrolho. A arca se abriu ruidosamente.

— O que está fazendo?

— Pegando minhas coisas.

— Não precisará delas. Como disse, comprarei roupas novas para você quando chegarmos em Sedonia. — Um barulho no andar de cima lembrou-o da missão. — Vamos — ordenou, dando um passo para a frente.

Ela fez um movimento com o braço e virou-se. Nicol ouviu o zumbido da bengala ainda antes de vê-la e abaixou-se. Passou a um centímetro da sua cabeça, resvalando seus cabelos. Sem tempo para refletir, tentou segurar a moça, mas ela era ágil como uma raposa. Teria fugido se o quarto não fosse tão pequeno. Porém, não tinha para onde ir. Ele a agarrou pela cintura, envolvendo-a nos seus braços e pressionando o ar para fora de seus pulmões. A garota tentou gritar, mas ele cobriu sua boca com a mão.

— Ouça! — gritou, mas ela lutava desesperadamente. Ele a sacudiu. — Ouça o que vou lhe dizer! Você tem uma dívida comigo, e vai pagá-la, com a força ou no meu feudo!

A resistência diminuiu.

— Ouvi dizer que MacTavish, o Senhor de Teleere, não é nada gentil com ladrões.

A resistência cessou completamente.

— Vejo que você também ouviu falar sobre isso. Estou lhe dando uma oportunidade, moça, a oportunidade de deixar esta ilha, viva e inteira. Aceita?

Por alguns segundos, Nicol pensou que ela não responderia, mas finalmente assentiu com um movimento de cabeça.

— Muito bem. Vou soltá-la agora, mas, se tentar me atacar mais uma vez, a justiça será feita.

Ela não disse nada, mas o fitou com expressão feroz. Ele tirou a mão de sua boca e afrouxou o braço em volta de seu corpo. Mas antes que ela se virasse, agarrou-lhe o braço.

— Venha.

— Espere. — Megan tentou voltar atrás, com um olhar selvagem. — Minhas roupas.

— Não. Eu não me incomodo com seus maus hábitos de comportamento — disse ele, puxando-a. — Mas não a quero mal-vestida.

Capítulo III

Megan estava imóvel na cabine, com os joelhos comprimidos um contra o outro e as costas retas. A cabine era tão pequena quanto sua alcova na estalagem e balançava sobre as ondas do mar.

— Não vou dividir um quarto com você.

Da porta, o visconde lançou-lhe um olhar sem expressão.

— Navegaremos só daqui a algumas horas — avisou. — Você deveria dormir um pouco enquanto puder. A não ser que esteja acostumada com o mar bravio.

— Escutou o que eu disse? — Ela se levantou, mas Nicol a pressionou sobre os ombros para fazê-la sentar-se.

— Ouça! — vociferou ele, e então respirou fundo e se endireitou. — Estou cansado, não me faça perder a paciência!

Megan sentiu o coração acelerar. Quem era aquele louco? E até que ponto era perigoso? Demorara mais de uma hora de carruagem para chegar ao porto e cerca de meia hora para convencer o capitão a deixá-los embarcar em uma hora tão estranha. Megan rezara para que o velho marinheiro os recusasse, acalentara a idéia de pedir-lhe ajuda, mas o visconde a segurara pelo braço o tempo todo, ameaçando-a com punho de ferro e com seu mau humor.

Porém, agora, parecia abatido sob a luz da vela fumacenta. De fato, ela tinha a impressão de que ele adormeceria em poucos minutos. A possibilidade a deixou agitada, mas era melhor não se mostrar impaciente. Ao contrário, levantou o queixo.

— Você disse que não ia me comprometer. Disse que eu era só...

— Meu Deus — murmurou ele, esfregando os olhos. — Acha que eu quero dividir um quarto com você?

Ela enrijeceu, como se estivesse ofendida, o que, de fato, não era verdade. Se quisesse atraí-lo, sabia que conseguiria. Mas naquele momento só queria matá-lo, o que não seria muito sensato. Então, a saída era escapar.

— Pensa que é bom demais para uma como eu? — perguntou, fazendo de tudo

para parecer ofendida.

— Penso que estou cansado e que você está cheirando mal — respondeu Nicol.

— Como é?! — ela perguntou, embora tivesse ouvido perfeitamente. Seu olfato também não era nada mau, e ela sabia que exalava cheiro de cebola, de cerveja rançosa e de suor. Ela quase sorriu.

— Deite-se.

— Assim, sem mais nem menos? — ela retrucou, irritada. — E só alguns minutos depois que prometeu não tirar minha virtude?

— Virtude... — disse ele com sarcasmo.

— Tenho virtude, sim — afirmou Megan, estreitando os olhos.

— Tenho certeza disso — concordou ele, desinteressado. — Você é, provavelmente, um poço de virtudes.

— Só porque não tenho título de nobre como você, não significa que não tenho moral.

Nicol olhou para ela e riu. Por um instante, o cansaço desapareceu.

— Durma, moça.

Ela fez um gesto negativo com a cabeça.

— Não vou deitar na mesma cama com você.

— Não, não vai.

Embora surpresa, ela se sentiu aliviada. Se ele fosse para outra cabine, fugir seria tão fácil como roubar limões de um cego. Mas continuou com as sobancelhas franzidas, não esquecendo de representar seu personagem.

— Onde é que vai dormir, então?

— Eu não durmo.

Por um instante, ficou desarmada.

— Nunca?

Com um suspiro, ele abriu o baú revestido de couro que estava perto da porta e pegou uma roupa, jogando-a no colo dela.

— Vista isso. Ficarà mais à vontade. — Lançou-lhe um olhar ameaçador. Seus olhos estavam escuros na luz oscilante. — Assim como eu.

Megan sentiu a maciez da camisola sob os dedos. Era completamente branca, exceto nos bordados que decoravam os punhos e o decote antigo. Fitas azuis faziam curvas na altura do pescoço. Queria muito vesti-la, mas era melhor não demonstrar.

— Como assim, mais à vontade?

— Você está cheirando mal — lembrou ele. — Espero que seja só a roupa. É melhor nos livrarmos desse vestido o quanto antes.

— Livrar... jogar fora?

Nicol deu de ombros e olhou pela escotilha.

— Queimar — sugeriu. — Jogar no mar.

— Você não vai queimar minha roupa. Eu gosto dela.

— Já disse que lhe comprarei roupas novas.

E ela era boba para acreditar nele?

— Bom — disse, querendo ganhar tempo. — Até você comprar roupas novas, vou usar as que tenho. Mesmo assim, muito obrigada.

Voltando-se novamente, ele tirou outro vestido do baú. Quando o desdobrou na luz trêmula da vela, o vestido pairou no ar de forma espetacular, produzindo um suspiro enquanto esbarrava no chão.

Megan ficou boquiaberta. O vestido era da cor dos narcisos amarelos. Franzido nas mangas e no pescoço, era adornado com pequenos ramalhetes de lavanda e elegantes arco-íris na bainha.

— De quem é? — perguntou.

— Depois que você se lavar, será seu.

As idéias rodopiavam em sua cabeça. Detestava ser cínica, mas quando um homem invadia seu quarto e a obrigava a subir num barco, tinha a propensão a achar que não era no bem dela que ele estava pensando. Com certeza, tinha algum plano que ia além de um simples estupro. Tudo indicava que deixara aquele baú ali para ela, o que significava que não só fora muito hábil em trazê-la até ali, mas que também conhecia muito bem suas medidas, a julgar pelo vestido amarelo-narciso. Este tinha um corpete generoso, era estreito no quadril e não excessivamente longo, até mesmo para a sua altura. Megan ergueu os olhos para ele.

— Quem é você? — indagou.

— Eu é que pergunto: quem é você?

— Já disse. Me chamam de...

— Pardal. Eu me lembro. Por causa do seu tamanho. E o seu nome de batismo?

Ela deu de ombros.

— Megan — disse ela por fim.

— Como sua mãe se chamava?

— Não me lembro de minha mãe — mentiu, de maneira convincente. Uma coisa que tivera de aprender fora a mentir.

— Com certeza, você sabe o nome dela.

Megan o olhou de soslaio, como se estivesse pensando, mas preferia ir para o inferno a compartilhar a memória de sua mãe com aquele homem. Lowenna O'Shay fora uma santa. Um anjo de cabelos rebeldes. Mas ele não entenderia. Não seria capaz de ver a beleza de uma simples lavadeira, que trabalhara como uma escrava para conseguir comprar pão.

— Eu já disse, ela morreu quando eu ainda era muito pequena.

— E seu sobrenome?

Ela deu de ombros novamente.

— Não tenho.

Ele a fitou.

— Resumindo, não sabe onde nasceu, não sabe seu sobrenome e não se lembra de seus pais.

— Isso mesmo — confirmou. — Deve ser esquisito para alguém como você.

Apesar de parecer impossível, os olhos dele escureceram ainda mais. Ela percebeu, mas evitou retrair-se.

— Sim — disse Nicol, por fim, e sorriu, ainda que quase sem mover os lábios. — É difícil.

— Então, qual é o seu nome?

— Nicol.

Ele se sentou sobre o baú, cruzou as pernas e reclinou-se para trás enquanto soltava um suspiro imperceptível. A tampa do baú era achatada e dura, e Megan esperou que não fosse desconfortável a ponto de impedi-lo de dormir.

— Nicol Argyle. — Ele fez uma pequena reverência com a cabeça, como se fosse um encontro para o chá das cinco no castelo de Westheath. — Quinto visconde de Newburn.

Megan arqueou as sobrancelhas.

— Que nome chique...

Ele deu de ombros. Droga. Os olhos dele eram inescrutáveis como os de um boi e não davam sinal de que iriam se fechar. Quem sabe, se ela fingisse ter adormecido, ele se descontrairia e acabasse dormindo.

Fingindo um bocejo, Megan puxou as cobertas e cobriu as pernas, como se esperasse ficar mais confortável.

— Seu pai deve ser um nobre, não?

Nicol a fitou por um instante e disse:

— Mude de roupa.

O coração de Megan disparou mais uma vez, mas ela limitou-se a sorrir, envergonhada.

— Eu sei que é isso o que está querendo, mas não é o que vai acontecer.

— Já disse que não tenho a intenção de maltratá-la.

— Intenção não serve de nada...

— Vista a camisola!

Agora, alguma coisa no seu tom de voz recomendava prudência. Megan olhou para a porta.

— Palavra de cavaleiro que não vai espiar?

A risada dele a surpreendeu.

— Não é "cavaleiro", é "cavalheiro". Cavaleiro é quem anda a cavalo. E vejo que não sabe bem como são os cavalheiros, ou estou errado?

Ela sentiu a coragem voltar. Não temia trabalhos pesados e não se incomodava que a subestimassem. De fato, contava com isso. Mas não gostava que zombassem dela.

— Não — respondeu, sarcástica. — Não tive o prazer de andar com gente do seu tipo.

Nicol não disse nada. Os dois ficaram se olhando por pelo menos vinte segundos. Finalmente, nervosa sob o olhar penetrante daquele homem, Megan fez um gesto

negativo com a cabeça.

— Vai ter que sair para o corredor.

— Se está com medo que eu não possa resistir aos seus encantos, não precisa se preocupar.

— Se me acha tão insignificante, o que estou fazendo aqui?

— É uma ótima pergunta — murmurou Nicol, inclinando a cabeça para trás e desviando o olhar para o teto. — Meu Deus! Terei muita sorte se ela não me decapitar.

— Como? — perguntou ela com tom ofendido, ainda que não se importasse nem um pouco.

Nicol suspirou e fechou os olhos por um momento, como se estivesse exausto, e Megan se perguntou esperançosamente se era possível que alguém morresse de cansaço.

— Troque logo essa roupa, criatura!

— Essas roupas são dela?

— Como?

Nicol inclinou a cabeça o suficiente para fitá-la. Seus cabelos escuros estavam recém-cortados, e a sombra da barba de apenas um dia cobria seu rosto. Ela devia ter notado esse tipo de cuidado quando o vira pela primeira vez na estalagem. Afinal, ferreiros não eram conhecidos pelo asseio rigoroso.

— A grande dama de quem você falou. As roupas são dela?

Ele emitiu um som de incredulidade.

— Não, não são dela.

Irritada novamente, Megan decidiu que não havia razão para disfarçar seu estado de espírito.

— O nível dela é alto demais para mim, então?

Ele a fitou por alguns longos segundos antes de responder:

— Sim. É isso.

Levantando-se, Megan jogou o vestido em cima do visconde.

— Ah, é assim? — retrucou, zangada. — Pode levar para a sua dama de nariz empinado, então!

Em uma fração de segundo, o homem estava em pé. Sua mão era forte e inflexível em volta do pulso dela.

Dessa vez, Megan arfava de verdade. O silêncio tomou conta da cabine. Ouvia-se somente o sibilar da vela.

— Já aturei demais seu comportamento! — disse ele, por fim. — Roubo, agressões físicas, mentiras.

Megan podia ouvir a própria respiração no silêncio sepulcral, e sentir os batimentos de seu coração.

— Mas não permitirei que a insulte!

Ela engoliu em seco, anuindo com um leve movimento da cabeça.

— Muito bem. Então, troque de roupa já, ou eu o farei para você! — ameaçou,

entregando-lhe a camisola.

Megan pegou-a em silêncio e virou-se. Ouviu que ele se afastava, ouviu o baú estalar sob seu peso e suspirou enquanto olhava para a parede. Não queria admitir que suas mãos estavam tremendo quando as levou aos botões. Afinal, já estivera em situações piores. Pelo que sabia, ele nem estava armado, não era um escudeiro, não tinha um laço ou qualquer outra coisa consigo. E estava sozinho. "Mágica Meg" poderia fazer picadinho dele.

Desabotoando o vestido nas costas, fechou os olhos e deslizou os braços para fora das mangas, que ficaram penduradas na sua frente. Imediatamente, enfiou a camisola na cabeça, que deslizou pelos seus ombros, mas não notou sua maciez enquanto a amarrava apressadamente à altura do queixo. Puxando-a para baixo, com outro movimento rápido, soltou o vestido de lã, que caiu em volta de seu corpo. Então deu um passo para fora do círculo fedorento e voltou-se.

— Pronto. Satisfeito? — perguntou, mas pareceu-lhe que ele estava dormindo.

Então, bastava ela tirar a roupa e os homens adormeciam? Quem imaginaria uma coisa dessas?

Megan recolheu a saia do chão e olhou para a porta. Se o sujeito não estivesse em cima do baú, ela até poderia pegar alguma coisa como ressarcimento pelos transtornos que ele lhe tinha causado, mas teria de se contentar em deslizar silenciosamente no escuro. Quando deu o primeiro passo, ele disse:

— Aonde você vai, Megan?

Ela parou, rangeu os dentes e virou-se. Com dificuldade, conteve uma blasfêmia, façanha que deveria lhe reservar um cantinho no paraíso.

— Estava indo me livrar do vestido, como combinado.

O visconde se levantou com um movimento felino e um leve sorriso apareceu no seu rosto. Estendeu a mão para pegar o vestido, que lhe foi entregue com relutância. Abrindo a porta, ele jogou o vestido no corredor estreito e voltou-se para ela.

— Então, não estava planejando fugir?

Ela arregalou os olhos de leve. Tinha praticado isso diante de um fragmento de espelho que achara na rua e levava para seu pequeno quarto na estalagem, mas aprendera a fingir muito antes, e o talento para isso não a tinha abandonado. Ficou parada, olhando para ele, antes de franzir a testa.

— Está mentindo *pra* mim?

— Mentindo para você? — Nicol franziu a testa.

— Disse que ia me dar de comer.

Ele confirmou com um movimento de cabeça. Megan reparou nos cabelos pretos, que reluziam à luz de vela. Seus olhos eram castanhos, contornados por cílios espessos. A barba por fazer estendia uma sombra azulada sobre seu rosto, dando-lhe um ar incrivelmente másculo. Até as roupas de lã velha e couro gasto pareciam elegantes. Quem era aquele homem que falava como um lorde e se vestia como um operário?

— Só mesmo se eu fosse louca, *pra* fugir agora.

Nicol sorriu, mas Megan não disse nada. Então, ele levou as mãos aos cordões de couro que amarravam o avental de ferreiro.

Ela clareou a garganta.

— O que está fazendo?

— Ficando à vontade — disse ele, e deixou o avental cair no chão antes de puxar para cima a túnica presa embaixo da faixa que lhe envolvia a cintura.

Por um instante, Megan teve um vislumbre da pele morena do abdômen dele, recoberta por pelos escuros sob os quais se revelava uma sucessão de músculos firmes e vigorosos.

— Quanto de "à vontade" está pensando em ficar?

Os dentes brancos dele reluziram na penumbra, em contraste com o rosto moreno.

— O máximo possível — respondeu ele, com naturalidade. Megan deu um passo para trás. O homem estava seminu, e para um cavalheiro de vida mansa, possuía um físico de atleta. Seu peito era maciço e liso e não se via um milímetro de gordura em volta da faixa da calça de cintura baixa.

— Deite-se — disse o visconde.

Megan o fitou.

— Como?

A fileira de dentes imaculadamente brancos surgiu outra vez.

— Deite-se na cama — ele repetiu.

— Oh!

Megan assentiu com a cabeça e subiu engatinhando no colchão. Mas que diabo tinha de fazer agora? Havia somente meio metro entre eles. Deitou-se, rígida como uma colher de pau, e cobriu-se até o queixo.

O homem tirou as botas, e em um segundo suas mãos foram parar nos laços da calça. Os cordões se afrouxaram. Então, o movimento dos dedos se interrompeu e ela se deu conta de que tinha prendido a respiração. Ele esticou os pés, estalando os dedos.

Megan arrastou o olhar para ele.

— A boa notícia — ele comentou — é que você não precisa olhar.

— Oh! — exclamou ela novamente, dando-se conta de que ainda o estava observando, e voltou-se para a parede.

Ouviu-o abrir o baú, reconheceu o som do tecido arrastando-se sobre a pele e imaginou a roupa descendo sobre aquele corpo vigoroso. Por que um visconde seria tão atlético? Se aquilo era um rapto, não poderia ter sido por alguém que ela podia vencer numa corrida? Aquele homem tinha força para imobilizá-la com uma só mão. Se tivessem de lutar, ela não teria chance alguma. Portanto, era melhor pensar em outro jeito de escapar. Mas, naquele exato momento, ouviu o baú ser empurrado para a frente da porta.

Droga.

Pensou, então, que acabaria tendo de lutar com ele para reconquistar a liberdade, e adormeceu com essa imagem inquietante no pensamento.

Nicol apoiou a bandeja e fechou a porta com o ombro. Megan abriu os olhos, mas demorou para se sentar.

— O que é isso? — indagou com voz sonolenta, olhando para a bandeja.

— Eu trouxe o café da manhã — anunciou ele.

— Jura? — Megan se endireitou, encostando-se na parede. Tinha tirado os

grampos dos cabelos durante a noite, e seus cachos estavam espalhados sobre os ombros. Embora precisassem ser lavados, assim soltos tornavam o rosto dela mais gracioso.

Talvez seu instinto estivesse certo. Talvez fosse mesmo a mulher que ele conhecera naquela tarde ensolarada em Teleere. Ou talvez não. De qualquer forma, era tarde demais para voltar atrás, pois tinha feito uma promessa a uma princesa.

— Sim — ele respondeu.

Megan esticou o braço ansiosamente na direção da bandeja. A pele em volta do olho esquerdo tinha se tornado esverdeada. A camareira de Teleere era rude, espontânea, mas parecia ser inteligente e espirituosa. Estava certo, desde o primeiro instante, de que ela poderia desempenhar a tarefa que tinham pela frente. Isso se seu sotaque não fosse tão carregado, seus cabelos não fossem tão oleosos e seu olho não estivesse parecendo o caroço de um abacate. Talvez ele estivesse cometendo um grande erro, mas algo lhe dizia que conseguiria resolver todos aqueles problemas.

Nicol estendeu a bandeja para ela e sentou-se sobre o baú. Tinha-o colocado de volta contra a parede depois que levantaram a âncora e ali tinha ficado por um bom tempo. Já odiava aquele maldito objeto.

O desjejum consistia em aveia cozida e cidra rançosa, mas a moça se deliciou, como se estivesse diante de um banquete. Ele a observou com incredulidade, e ela o fitou de volta.

— Eu dormi que nem um anjo — falou, com a boca cheia de aveia.

— Você dorme como um carregador de porto, isso sim. Que ronca, ainda por cima.

— Eu não ronco! — Parecia ofendida, mesmo quando limpou a boca com a manga da camisola.

— E fala durante o sono. Terá de aprender algumas regras, como não falar de boca cheia, usar guardanapo e falar com um sotaque mais culto. Em poucas semanas, aprenderá a ser elegante e refinada.

Megan deu de ombros.

— Jura?

Nicol tirou a caneca das mãos dela e fez com que olhasse para ele, surpresa.

— *Acha mesmo, milorde?* — instruiu ele.

Ela repetiu a frase, pausadamente.

— Não carregue tanto nos erros. E nunca, em hipótese alguma, limpe a boca com a manga. Entendeu?

— *Entendeu.* — Megan assentiu com a cabeça, fitou-o por um segundo e então inclinou a cabeça para trás, antes de soltar um espirro ruidoso.

— E o nariz, posso limpar com a manga? — perguntou, já limpando.

Nicol pensou em bater a cabeça contra a parede, várias vezes. Mas só conseguiria outra tremenda dor de cabeça, se fizesse isso.

Capítulo IV

A carruagem seguia aos solavancos, levando-os para o Norte. Megan procurava memorizar o caminho. Visto que não conseguira escapar durante a viagem marítima e que o visconde nunca a deixara sozinha no cais barulhento, convinha-lhe fazer bom uso de seu tempo agora. Reprimiu uma careta.

— Quanto tempo demora para chegar na sua casa?

Ele a fitou com uma expressão sinistra, como se estivesse pensando em fatos que não o ajudavam a sentir-se alegre. Ou talvez estivesse a ponto de estrangulá-la. Irritava-se muito quando ela falava com aquele sotaque carregado.

— Muitas horas — disse ele. — Durma.

Megan fez uma careta.

— Já dormi até demais. Posso ficar acordada um mês.

Na verdade, ela não tinha dormido tão bem assim. Durante os dias de navegação, o visconde tinha-lhe ensinado, o tempo todo, como falar corretamente, como se comportar, como se dirigir às pessoas. Pelo visto, uma dama não devia praguejar, deixar os cabelos cair no prato de sopa, cuspir, subir escadas pulando degraus e uma centena de outras coisas normais.

A lista de regras a mantivera muito ocupada durante o dia e ela passara as noites planejando. Assim que zarparam, Nicol não se preocupara mais com a possibilidade de uma fuga. Talvez soubesse que ela não sabia nadar. Talvez soubesse muito mais do que ela podia imaginar. Com certeza, devia achar que ela era uma cabeça-dura, pois, apesar de tê-la corrigido repetidamente, ela continuava a fazer os mesmos erros. Quase sorriu quando isso lhe veio à mente e notou as olheiras dele.

— Sua casa deve ser bem grandona, não? — comentou.

Ele a fitou. Estava de braços cruzados. Vestia a mesma camisa de lã marrom e as mesmas calças desbotadas. Embora não estivesse com o avental de couro, escondera o rosto com a aba do chapéu quando atravessaram o cais. Por quê? Talvez não fosse verdade que era nobre. Talvez fosse algum criminoso, ou marginal. O que a fazia voltar à pergunta inicial: o que ele queria dela?

— De certo ponto de vista, é grande, sim — respondeu Nicol, olhando pela janela.

— Cheia de criadagem e tudo mais, imagino.

Ele se voltou lentamente para ela.

— Estou-lhe oferecendo uma oportunidade de se tornar uma pessoa melhor.

Nicol fez uma pausa. Do lado de fora da carruagem, as rodas derrapavam ruidosamente na terra batida, ocultando o som das ferraduras, do galope ritmado. O cocheiro os tinha esperado no cais com a carruagem. Ela esperara, por um instante, pedir ajuda ao homem, mas ele abrira a porta com um movimento rápido e desaparecera em um segundo. Ela não pudera nem ver seu rosto.

— Por que continua a recusar essa oportunidade?

Megan piscou como uma coruja. Estava aperfeiçoando, também, essa técnica e esperava que parecesse tão tola quanto ela própria se sentia quando a usava. Ele lhe subtraía o vestido de lã e lhe dera um de musselina cor-de-rosa. Era uma vestimenta simples, de linhas elementares e com corpete alto, mas muito diferente da feiúra total do outro. Isso a tinha colocado numa posição de desvantagem. Por sorte, ainda não tinha tido oportunidade de lavar os cabelos.

— Quem disse que estou recusando?

— Prefere que eu a entregue para as autoridades de Teleere, contando-lhes que me roubou?

Ela arregalou os olhos.

— Eu não roubei o senhor, eu juro! Nunca tinha lhe visto antes daquela noite...

— Nunca o tinha visto, não *lhe*...

— Quê?

Nicol suspirou.

— Maldição! — exclamou Nicol, levando a mão à testa.

— Está com dor de cabeça?

Ele não respondeu.

— Acho que é porque você não dorme. Ou então, está com a *consciência* culpada...

— Eu pago.

Megan parou para pensar.

— Como?

— Pago-lhe um sentrão se você conseguir falar direitinho até o final desta semana.

— Um sentrão? Só *pra* falar direito?

A cabeça de Megan começou a zumbir. Se concordasse, ele confiaria mais nela, e nada a impediria de desaparecer se as coisas tomassem um rumo errado. E se queria pagá-la para falar, aceitaria o dinheiro até quando fosse oferecido.

— Fez um bom negócio, visconde — disse. — Não vai se arrepender.

Ele franziu as sobrancelhas, mas manteve os braços cruzados e o olhar fixo.

— Não vai tentar fugir?

Megan pensou em se fingir chocada, mas talvez já tivessem passado muito tempo juntos para que ele acreditasse. Então, soltou um longo suspiro e fez um gesto negativo com a cabeça.

— Olha, eu não quero ferir os sentimentos do senhor, acho até que sua intenção é boa, mas não quero prometer uma coisa que não sei se vou conseguir cumprir.

— E por que não conseguiria cumprir?

Ela levantou uma sobrancelha e apontou para o olho ferido. Tinha-o examinado num pequeno espelho sobre a entrada da cabine quando embarcaram. A cor esverdeada tinha se alastrado muito além da maçã do rosto. Até que gostava do seu aspecto.

— Isto aqui não aconteceu comigo por causa de uma catástrofe natural — explicou. — Foi um sujeito que eu nem tinha nunca encontrado. Agora, era bom acreditar

que você é diferente, só que eu não sou boba, e...

— Eu nunca levantarei a mão para você. E lhe darei uma boa alimentação. Não precisará mais esconder biscoitos no bolso.

Então ele tinha visto? A bordo da embarcação, tinham sido servidas umas rosquinhas de canela, e depois de se empanurrar com sopa de cevada e pão preto, ela guardara as rosquinhas no bolso, junto com seus dados e um pedaço de vidro colorido que achara no cais do porto.

— Bom. — Não esperava que ele percebesse sua propensão para acumular provisões. Pensou que a estivesse vigiando até mais do que parecia. — Sabe como é, a gente nunca sabe quando vai ficar com fome...

— Promete? — perguntou ele.

— Está bem, negócio fechado — prometeu ela, exatamente no momento em que a carruagem começou a diminuir a velocidade. Ela olhou pela janela. — O que está acontecendo? — perguntou.

Sem responder, Nicol se levantou, inclinando-se sob o teto baixo.

A porta se abriu como por encanto e ele desceu, oferecendo uma mão a Megan. Ela deu um passo à frente com uma careta, percebendo que o cocheiro já tinha desaparecido.

— Você não tinha dito que ia demorar *pra* chegar? Não faz nem uma hora que nós estamos viajando...

— Não estamos indo para Newburn.

— Por que não? — Ele a puxou levemente enquanto ela descia da carruagem e olhava para todos os lados. — Cadê a cidade?

— Não há cidade.

— Uma aldeia?

— Nem aldeia.

Ela tinha detectado um tom de riso na voz dele? Ele estava rindo dela?

Franziu os olhos ao reflexo da luz do sol sobre a neve, sem ver a criatura que se aproximou lentamente, até encostar o nariz na sua perna. Deu um pulo para trás, batendo na carruagem.

— O que é isso?! — gritou.

— Parece ser um porco — disse Nicol.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Megan. Sabia muito bem o que estava fazendo: estava vasculhando embaixo do seu vestido, lambendo suas pernas. — Maldição! — praguejou, e subiu no estribo da carruagem com um pulo. Naquele momento, teve certeza de que ele estava rindo dela.

— Você não vai achar tão divertido quando ele estragar o vestido chique que você deu *pra* mim.

— Posso lhe dar outro, moça — disse ele, rindo abafado, e olhou para um lado.

Ela seguiu seu olhar.

Um menino de seus dez ou doze anos estava correndo sobre a neve na direção deles. Seu casaco desgastado esvoaçava com a velocidade, mas ele parou a pouco mais de um metro de distância, ofegante, e olhando para eles como se tivessem chegado da

Lua.

— Esse porco é seu? — perguntou Nicol.

O menino fez que sim com a cabeça, abaixando-se e arrastando-o. O animal guinchou como se o estivessem espancando e esquartejando. Mesmo assim, o menino o puxou para o próprio peito enquanto o porco tentava se desvencilhar como uma enguia.

— Qual é o seu nome, menino?

— Brady Barnes. — Ele desviou o olhar para Megan, que sorriu. Os cabelos rebeldes e as bochechas encardidas lhe davam um ar de inocência.

— Bom, Brady, acho que você deveria informar sua mãe que nós chegamos — disse Nicol.

O menino deu alguns passos para trás e correu para a casa. Megan o acompanhou com o olhar, esticando o pescoço para ver, por cima da carruagem e para além do curral, uma casa. Era um velho chalé de madeira, com telhado de palha e janelas quadriculadas. Então, deslizou o olhar pelas colinas cobertas de neve e pelas árvores nuas até a linha do horizonte. Lambeu os lábios e manteve-se calma.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntou.

— Penso que as distrações do Feudo de Newburn são a última coisa de que precisamos agora. Começaremos suas aulas aqui, onde teremos mais privacidade.

Que história era aquela de privacidade? Privacidade para ele cometer as atrocidades que tinha em mente? Tinha de ficar de olho nas possibilidades de escapar. Mas Megan pôs os pensamentos de lado e deu de ombros.

— E a primeira vez na minha vida que vou numa fazenda...

Pensou que ele corrigiria seu modo de falar, mas ele não o fez. Em vez disso, trocou algumas palavras com o quase invisível cocheiro e a conduziu até a casa. A porta se abriu muito antes que eles a alcançassem e uma mulher apareceu. Era roliça, de meia-idade e muito simpática.

— Milorde! — exclamou sorrindo, enquanto enxugava as mãos no avental. — Bem-vindos a Woodlea!

Caminharam sobre o grande degrau de pedra e pararam diante da porta em forma de arco. O aroma vindo da cozinha acariciou as narinas de Megan. Ganso assado e batata doce. Não... Havia um cheiro penetrante no ar. Fechou os olhos para descobrir de onde vinha, mas havia muitos cheiros evocativos para poder separá-los. Sua boca encheu-se de água.

— A senhora deve ser a sra. Barnes — disse o visconde, e a atenção de Megan voltou para a mulher. Suas bochechas redondas eram quase tão vermelhas quanto suas mãos.

— Sou eu, milorde, e esta... — Ela se virou e uma jovem deslizou timidamente para o seu lado. — Esta é Deirdre, minha filha.

A menina não devia ter mais que dezesseis anos, tinha cabelos escuros, olhos claros e era muito bonita. Megan quase sorriu. Se aquela menina não podia distrair o visconde, ninguém mais poderia.

— Deirdre ajudará a senhora com seus cabelos e tudo mais.

Megan demorou um pouco para entender que a mulher estava se referindo a ela, e um pouco mais ainda para entender que estava recitando uma lista de nomes e tarefas.

— E o meu menino está por aí em algum lugar — acrescentou, olhando por sobre os ombros dos dois. — Vai pegar a lenha e ajudar no que é possível. Mas entrem — convidou, mostrando o caminho com a mão rechonchuda.

Megan olhou em volta. Tinha visto casas maiores em Portshaven. Aliás, tinha estado em algumas delas, sobretudo de madrugada e, geralmente, sem ser convidada. Mas o tamanho modesto da casa era abundantemente compensado pelos aromas tentadores. Uma pequena porta deixava entrever um fogo que estalava em um forno de pedra, e, do outro lado, podiam-se ouvir risadas de crianças.

— Devo chamar Brady para pegar seus baús, milorde?

— Não será necessário — disse Nicol, conduzindo Megan pela escada de madeira. — O cocheiro as trará depois de cuidar dos cavalos.

— Ele precisa de um lugar para dormir?

— Não. Não será necessário.

— Muito bem, milorde — concordou ela sem entender bem.

— Não queremos dar trabalho, senhora.

— Ora, imagine só! — A sra. Barnes balançou a cabeça e, olhando para Nicol, ficou levemente ruborizada e riu como uma adolescente.

Megan observava a cena, curiosa. Pelo jeito, era *ela* quem trataria de... entreter o visconde. Ou, pelo menos, quem tinha a esperança de fazer isso. Megan quase riu também. Um sentrão inteiro, algumas refeições substanciosas e o visconde sendo entretido em outro lugar!

— Lorde Landow não esteve aqui desde que sua mulher e o bebê faleceram. Coitadinhos. — Ela balançou a cabeça e soluçou. — Será bom ter alguém para atender. Ajuda a nos manter vivos, por assim dizer — acrescentou e abriu uma porta pesada de madeira.

O quarto estava arrumado, mas não era só isso. Era acolhedor e aconchegante, mobiliado com bom gosto.

— Este será o seu quarto, milorde, se achar bom.

Ele nem sequer olhou para o cômodo.

— Está ótimo — garantiu.

A sra. Barnes ficou ainda mais vermelha e precipitou-se para fora, como se estivesse afobada demais para ficar muito tempo em um só lugar.

— E a senhora... — começou e parou diante da porta seguinte. — Me desculpe — disse, olhando para Megan. — Lord Landow não me disse o seu nome.

— Megan — Nicol se antecipou, antes que Megan abrisse a boca.

— Lady Megan — repetiu a sra. Barnes e abriu a porta.

Megan examinou o quarto. Duas janelas longas e estreitas embelezavam o cômodo, mas nenhuma das duas podia ser aberta.

— Se precisar de alguma coisa, é só tocar o sino perto da sua cama. Nós ouviremos lá embaixo e subiremos imediata mente. Milorde pode fazer o mesmo, claro.

— Obrigado, senhora.

— Alguma pergunta ou pedido antes que eu volte para meus afazeres?

— Tem algum banheiro por aqui? — ele quis saber.

— Oh, mas que tola eu sou! Claro — disse e correu ao longo do hall, apontando para os cômodos à medida que avançava. — Aqui é a sala de estar de milorde... a sala das crianças... o escritório de milady... Ela era uma grande cientista.

— Sim — disse Nicol. — Eu sei.

— Que tristeza. — A sra. Barnes balançou a cabeça, desconsolada. — O mundo ficou mais pobre sem ela. Mas aqui está o banheiro — anunciou por fim, abrindo uma porta.

Era um cômodo gracioso, pequeno mas acolhedor, embelezado por um piso de mármore e paredes forradas de linho. Uma banheira de bronze se sobressaía à direita, mas o que mais interessava Megan eram as janelas com pesados painéis de madeira trancados com ferrolhos. Os ferrolhos, naturalmente, abriam as janelas. Não seria um salto difícil para chão.

— Está ligado aos aposentos de milady por ali. Devo chamar Deirdre para preparar um banho antes do jantar? — perguntou a sra. Barnes.

— Sim — respondeu Nicol, pondo um braço em volta de Megan. Ela virou-se para ele e encontrou seus olhos ardentes. — Acredito que minha esposa gostaria muito.

Capítulo V

Nicol escoltou Megan de volta para seu quarto, empurrando-a para dentro e fechando rapidamente a porta. Ela se voltou com uma sobrancelha levantada.

— Esposa? — disse em voz baixa o suficiente para não ser ouvida acima do barulho da água que já corria no banheiro adjacente.

Ele a fitou. Agora que o vestido marrom de lã tinha desaparecido e que estava vestida decentemente, tinha quase certeza de que era a mesma mulher que encontrara meses atrás. Tinha quase certeza de que era ela quem lhe tinha despertado a imaginação... enquanto não abria a boca.

— Passaremos muito tempo juntos — avisou ele. — É melhor que a viúva pense que somos casados.

Ela se desvencilhou.

— Discordo.

Nicol deu de ombros, curioso, mas fingindo-se distraído.

— Não pensei que mais uma mentira a deixaria nervosa.

— Não serei sua meretriz — respondeu ela e, de repente, Nicol se deu conta de que um milagre tinha acontecido...

Ela falara corretamente, usando o tempo verbal certo em sua conjugação, e sem

aquele sotaque carregado. Deu uma gargalhada. Porém, a expressão dela era fria e ele se recompôs rapidamente.

— O que aconteceu com a sua pronúncia horrorosa?

Ela bateu os cílios.

— Como?

— Sua fala — repetiu ele. — Fica muito melhor quando você está com raiva.

Ela o fitou por um instante e deu de ombros.

— Que bom. Me dá dinheiro que eu vou embora.

— Qual é o seu jogo, Megan?

Ela o olhou com cuidado, como uma lebre olharia para uma raposa.

— Não estou jogando. Só estou tentando ganhar uns níqueis. Mas não vou ser sua rameira, por preço nenhum.

— Por que não?

Uma expressão curiosa apareceu no semblante dela, mas ela não respondeu.

— Você não passa de uma ladrazinha — lembrou ele. — E com certeza, não hesitaria em me agredir fisicamente. Por que não dedicar-se também à prostituição?

Ela ficara vermelha? Nicol não tinha certeza, mas ficou curioso com essa possibilidade.

— Eu já disse, sou uma moça de princípios.

Ele esticou o braço e resvalou a face dela com o nó dos dedos.

— E eu tenho os *meus* princípios. Quer que a ajude a tirar o vestido?

Ela arregalou os olhos e entreabriu os lábios, perplexa.

— Para você tomar banho — explicou Nicol, embora lhe agradasse o olhar de surpresa dela e a visão daquela boca carnuda.

— Não, obrigada. Não precisa — disse ela, virando-se em direção ao banheiro.

Nicol meneou a cabeça, sorrindo, e ajustou os travesseiros na cama. Havia alguns momentos, como aquele, em que se sentia esperançoso.

Ralph chegou rumorosamente com os baús e os colocou contra a parede, retirando-se em seguida. Nicol removeu alguns artigos do baú e os colocou distraidamente na cômoda ao lado. Depois de alguns instantes, ouviu alguém bater à porta.

— Milorde. — A voz no corredor era tão suave quanto a batida. — Minha mãe pediu para avisar que o jantar está pronto.

Jantar. Refeições. Vira Megan comer a bordo. Não era uma cena das mais bonitas. Com um suspiro, Nicol atravessou o quarto e abriu a porta. A menina pulou para trás como se tivesse levado um tapa.

— Não tinha a intenção de assustá-la — disse ele.

— Não. Oh, não, de jeito nenhum, milorde — retrucou a menina, balançando a cabeça. Era uma adolescente bonita, pensou ele. — A culpa é minha. Eu... Minha mãe sempre diz que sou medrosa como um tordo.

Era possível ouvir o som da água no banheiro. Voltando-se novamente para a

menina, Nicol perguntou:

— Como é mesmo o seu nome?

— Deirdre, milorde.

— Ah, sim, claro. Lady Megan ainda não terminou seu banho, Deirdre. Poderia nos trazer o jantar em bandejas?

— Com certeza, milorde.

Ela meneou novamente a cabeça e se afastou, apressada. Nicol fechou a porta e dirigiu-se para o banheiro. Lá estava ela, em pé na banheira, com uma toalha amarrada sobre o busto e os cabelos bem recolhidos sobre a cabeça.

— O que está fazendo? — perguntou ele.

— Estou saindo — disse ela. — Como pode ver, nua como vim ao mundo.

— Volte para a água.

Megan agarrou-se à toalha. Era surpreendente como podia cobrir-se bem com aquele humilde pedaço de tecido. Não que ele quisesse ver mais. A pobrezinha estava magra como um ramo de chorão. Os graciosos seios da jovem vestida de verde tinham sido fruto de sua imaginação? Ou ela era mesmo outra mulher?

— Eu me lavei — protestou ela. — Como você mandou.

— Mandeí que se livrasse do mau cheiro.

Megan levantou o queixo.

— Não estou cheirando mal.

Nicol deu um passo para a frente.

— Sente-se — ordenou, mas ela não se mexeu e o fitou quase de igual para igual, agora que estava em pé na banheira.

— Se me obedecer, dou-lhe um *cantet*.

Ela franziu a testa, mas sentou-se, arrastando a toalha consigo. A toalha se ensopou, mas a moça, levantando os joelhos, conseguiu esconder quase tudo. Era surpreendente.

Nicol se aproximou com cuidado e, vendo-o chegar perto de si, ela inclinou a cabeça para trás, mas ele ficou logo fora do seu alcance. Nicol levou os dedos ao primeiro grampo e Megan rebelou-se.

— O que está fazendo?

— Vou lavar seu cabelo.

— Não precisa... — começou ela, mas ele fez com que um dos grampos a espetasse antes de tirá-lo dos cabelos.

— Ai!

— Fique calada e obedeça! O jantar chegará dentro de instantes e não ousarei deixá-la sem comer nem mais um segundo, com medo que você devore os móveis.

— Jantar? O que nós *vai* comer?

Deixou um grampo puxar-lhe os cabelos.

Ela o fitou.

— Vamos — disse Megan, corrigindo-se.

— Não faça caretas.

— Então para de puxar meu cabelo.

Nicol parou, segurando ameaçadoramente alguns fios embolados em volta de um grampo.

— Não puxe meu cabelo, por favor, milorde — ela se corrigiu.

O sabonete que Deirdre tinha usado tinha perfume de lavanda, mas o cheiro oleoso dos cabelos encobria qualquer outro. Cheiravam a gordura rançosa e fumaça. Nicol tirou o último grampo e espalhou as trancas sobre os ombros dela.

— Enfie a cabeça na água.

— Não com você aqui.

— Molhe — ordenou e a submergiu, dando-lhe um caldo.

Ela voltou à tona, cuspiendo e piscando rapidamente.

— Ei! Que diabo...

Sem piedade alguma, ele enfiou sua cabeça na água novamente. Os braços dela começaram a se debater e a toalha, desprendendo-se, boiou e aderiu molemente aos seus seios. Então, ele soltou a cabeça. Uma cascata correu sobre o rosto de Megan.

— Maldito...

— Uma dama de verdade não pragueja! — advertiu ele.

— Você... — retomou ela, mas, quando Nicol apoiou a palma da mão sobre sua cabeça novamente, calou-se.

— Muito bem — disse ele e virou-se para a bandeja com artigos de toucador ao lado da banheira. — Qual você prefere? Lavanda ou... — cheirou um sabonete sem nome — ...rosas?

Megan o estava fitando, mas ele continuava impassível. Então, agarrou a toalha e cerrou os lábios. Com o rosto limpo e os cabelos molhados puxados para trás, suas feições se revelaram claramente. Naquele momento, ele notou que a jovem tinha a aparência de uma deusa... ou de uma princesa. Não era apenas surpreendente, mas também desconcertante.

— Escolha — ordenou.

Megan levantou de leve o queixo.

— Tenho certeza de que fará a melhor escolha, milorde.

A enunciação era perfeita, assim como a atitude. Lembrou-se de não olhar. Em vez disso, esfregou o sabonete dentro da água antes de passá-lo sobre os cabelos de Megan. Lavando-a em volta das orelhas, encontrava dificuldades em fazer espuma. A cabeça molhada tinha se inclinado levemente para a frente quando ele admitiu a derrota.

— Molhe os cabelos — intimou.

Ela demorou um pouco para obedecer, mas, finalmente, deslizou para dentro da água. Nicol esfregou os cabelos dela energeticamente nas ondas da banheira, e Megan emergiu mais uma vez. Nicol passou-lhe o sabonete sobre os cabelos novamente, concentrando-se nas pontas, que tentavam escapar. Dessa vez, a espuma apareceu.

Não pôde deixar de notar que ela fechara os olhos. A pálpebra esquerda tinha, agora, a cor do nascer do sol, mas a maçã do rosto ainda estava esverdeada. Abriu as duas torneiras de cobre e encheu uma vasilha com água morna. Sob sua ordem, Megan

inclinou a cabeça para trás, e ele a enxaguou. Um longo cacho escuro estendeu-se sobre seu ombro alvo e sobre a toalha. Ele o colocou de volta com os outros e voltou para as torneiras, mas uma batida à porta o interrompeu.

— Tome. Termine — ordenou, entregando-lhe a vasilha. Megan a aceitou com certa hesitação, permitindo-lhe enxugar as mãos e deixar o banheiro apressadamente.

Deirdre fez uma reverência. A bandeja que trazia estava transbordando. Uma sopeira fumegante estava rodeada por dois pratos fundos e um pão redondo de aveia. Geléia de groselha recheava uma crocante torta de carne de porco.

— Minha mãe disse para trazer isto primeiro, e depois as canecas e todo o resto.

Nicol colocou a bandeja sobre a cômoda e começou a servir a sopa. Quando terminou, Deirdre já tinha voltado com as taças, uma garrafa de vinho e duas tigelas de pudim. Ele colocou a bandeja de lado, agradeceu e a dispensou.

— O jantar está servido — chamou. Não obteve resposta. — O jantar... — disse novamente.

Mas, nesse instante, o pânico tomou conta de Nicol. Correu para o banheiro e entrou com um movimento brusco, agarrando-se à moldura da porta. Megan estava lá, cobrindo o peito com o vestido e fitando-o como se ele tivesse enlouquecido.

— Preciso de um minuto para me vestir — disse ela.

Como uma chuva de primavera, o alívio percorreu o corpo de Nicol. Soltou, então, a moldura da porta e falou com tom equilibrado.

— Não é necessário vestir-se.

Ela arqueou as sobrancelhas e prendeu o fôlego.

— Está quase na hora de ir para a cama — lembrou Nicol, e dirigiu-se ao baú, de onde tirou um vestido de cetim azul-marinho. — Coloque isto — ordenou, enquanto lhe entregava a peça, e voltou para o quarto.

Esvaziando uma bandeja, colocou nela os pratos com a sopa e as duas taças com vinho, e a levou para a cama.

— Depressa... — começou ele, quando Megan entrou no cômodo.

Úmidos e despenteados, seus cabelos caíam sobre os ombros em ondas brilhantes.

Ela clareou a garganta, fechou bem a camisola na altura do pescoço e olhou para a bandeja.

— Vamos comer?

Nicol a fitava, emudecido, e ela levantou uma sobrancelha.

— Oh, claro. — Ele se endireitou. — Vamos comer, e espero que você o faça como uma dama.

— Evidentemente — respondeu ela, cerrando os lábios cor de framboesa e inclinando a cabeça. — O que comeremos esta noite, milorde?

— Deve me chamar de Nicol.

Ela lhe dirigiu um olhar nobre, levantando imperceptivelmente a sobrancelha.

— Não acho que seja apropriado, milorde.

— Insisto — disse ele, mostrando-lhe a cadeira ao lado. Enquanto Megan pegava

um pedaço de pão, Nicol reparou que as unhas dela estavam quebradas e encardidas.

— Quando eu a estava procurando, ouvi falar em uma ladra de Teleere chamada "Mágica Meg".

— É mesmo? — murmurou ela, sem desviar os olhos da cumbuca de sopa, enquanto a segurava com as duas mãos.

Ele confirmou com um sinal da cabeça.

— Estou certo em supor que se trata de sua pessoa?

O olhar dela não se desviou da cumbuca fumegante, e ela limitou-se a encolher os ombros.

Nicol queria interrogá-la, queria saber a verdade. O que era estranho, pois não havia motivo algum para se preocupar com o seu passado. No final das contas, sua única preocupação era o resultado final. Não faria a menor diferença se ela fosse "Mágica Meg", o papa ou quem quer que fosse.

— Isso é sopa — avisou ele, deixando os pensamentos de lado e apontando para a tigela.

Ela o fitou sem dizer uma palavra.

— Não é para engolir como se fosse cerveja, nem para chupar como um porco.

Megan contraiu os lábios com desaprovação.

— E isto... — acrescentou ele, levantando o utensílio apropriado — ...é uma colher. Um talher usado para tomar sopa, ou qualquer outro alimento pastoso.

Agora ela parecia verdadeiramente irritada e, por um breve momento Nicol ficou aturdido com a semelhança dela com Anna, apesar do olho machucado e dos cabelos molhados.

— Sabe como usar uma colher?

Seus olhos estavam quase cuspidos fogo, mas, quando Megan falou, suas palavras eram suaves e pausadas.

— De fato, sei... milorde.

Nicol quase sorriu quando lhe entregou a colher.

— Comece — disse, mas, ainda antes que ele pudesse terminar a palavra, ela empunhou a colher como um escavador de fossas furioso.

— Meu Deus! — exclamou Nicol, dando um rápido passo à frente. Não foi fácil desgrudar os dedos dela do talher e realinhá-los corretamente.

— Segure os talheres assim — ensinou. Megan fez uma careta, mas seguiu as instruções.

— Deus misericordioso! — exclamou ela, por fim. — E agora?

— Agora, pode começar — respondeu Nicol.

Megan fez um movimento para pegar uma colherada, mas, antes que atingisse a sopa, ele disse:

— Se falhar no teste, esse será o seu único prato até amanhã de manhã.

Ela olhou para a comida que estava esperando sobre a cômoda. Então, concordando com um movimento da cabeça, mergulhou suavemente a colher e sorveu apenas uma gota da sopa. Quarenta e cinco minutos mais tarde, acariciou os lábios com

o guardanapo de linho e reclinou-se na poltrona. Nicol a observava, divertido.

— Está satisfeita? — perguntou.

Ela tinha comido todas as suas porções e parte das dele, mas o tinha feito devagar e com modos, usando o guardanapo aberto sobre o colo, conforme ele a ensinara a fazer.

— A sra. Barnes cozinha que nem... é uma ótima cozinheira.

— Sim. — Nicol se levantou.

Em algum momento, enquanto a ensinava a comer, tinha conseguido terminar o que restava de sua refeição.

— Will me garantiu que ela cozinhasse muito bem.

— Will?

Nicol foi até a lareira e acrescentou alguns gravetos ao fogo.

— William Enton — explicou. — O barão de Landow. Talvez o tenha visto naquela primeira vez em que nos conhecemos.

— Você estava sozinho na estalagem.

— Refiro-me ao momento que passamos juntos em Teleere.

Empurrando a mesa para o lado, Megan se levantou.

— Temo que me tenha confundido com outra pessoa... novamente.

— Diga a verdade, moça. Tinha planejado tudo ou foi apenas uma feliz coincidência?

— Não sei do que está falando.

Nicol a examinou com atenção. Era de estatura pequena, mas sua postura era naturalmente elegante, e sua expressão era serena, apesar do olho roxo. Ela sabia falar corretamente, quando queria. Por um momento, ele imaginou se ela estaria zombando dele.

— Só não entendo por que você me escolheu — disse, após um breve silêncio. — Não lhe fiz mal algum. Nem farei.

Megan andou na direção do baú, olhando por cima dos ombros. De perfil, com o olho machucado escondido, parecia espantosamente nobre.

— E essa ladra? Já a tinha encontrado? — ela ousou perguntar.

Por um instante, ele pensou que ela cairia na sua armadilha, que tentaria se defender. Afinal, os motivos dele estavam acima de qualquer reprovação. Mas ela manteve o ar de inocência. Nicol foi tomado por uma leve dúvida, mas a afugentou.

— Não, nunca a encontrei antes — respondeu. — Tenho certeza de que me lembraria.

— Deveria me sentir lisonjeada, milorde?

— Sim, deveria. Raras vezes vi uma atriz tão talentosa. Não imaginei nem por um instante que você me roubaria.

Megan deu de ombros e curvou-se diante do baú.

— É bom saber. Se é para ser confundida com uma ladra, pelo menos seria bom saber como se faz.

— Competente — disse ele.

Ela o fitou, com uma expressão interrogativa e com as mãos na camisola que tinha usado no barco.

— Anna tem um vocabulário amplo — explicou.

— Anna, a grande dama.

— Sim.

— E por que eu deveria querer ser como ela?

— Com certeza, você não é contrária a ficar melhor,

— Acha que um título de nobreza qualquer faz dela uma pessoa melhor que eu? A riqueza não a torna superior.

Nicol mal podia acreditar nos próprios ouvidos.

— E o fato de que ela não rouba passantes inofensivos?

Megan empinou o queixo.

— É o que você era? Um passante inofensivo? — Tinha-se virado para ele e comprimia a camisola contra o peito. — De onde estou agora, você não me parece nem um pouco inofensivo.

Ele a fitou por um instante e então sorriu.

— Não. Não sou inofensivo — disse e deu um passo na direção dela. — E você, Megan? É inofensiva?

Nicol achou que ela recuaria, mas ela continuou parada, imóvel e altiva.

— Sou inocente de roubo, se é isso que quer dizer.

— Mas não inocente em geral?

— Não somos todos pecadores diante de Deus?

Ele balançou a cabeça, perplexo.

— Quando tomou conhecimento da Sagrada Escritura?

Megan deu de ombros.

— Todo mundo sabe que ninguém é perfeito, não?

— Alguns mais do que outros.

— Claro — concordou ela. — Mas quem é mais imperfeito? Quem tem muito mas não compartilha, ou quem pega o que precisa para sobreviver?

— É o que você faz na vida, Megan? Pega só o necessário para sobreviver?

— É o que você tem, Nicol? — Pela primeira vez, ela usou o nome dele. — Nada para compartilhar?

Ele abriu a boca para responder, mas nenhum argumento lhe ocorreu.

— Eu estava perguntando acerca de sua inocência — explicou.

Megan deu de ombros, mas seu olhar era firme.

— Não me lembro de você ter me falado sobre a sua própria moral.

E nem iria falar, e tampouco ela era a pessoa indicada para lhe perguntar. Mas a questão o incomodou.

— Não dê de ombros — repreendeu, sabendo que seu tom de voz demonstrava a

irritação que sentia. — Uma dama não se sacode desse jeito.

— Está brincando comigo?

— Vista a camisola. Amanhã será um longo dia.

Ela levantou levemente o queixo.

— Esperarei até você sair do quarto.

Ele fez um sinal negativo com a cabeça.

— Não. Eu também vou dormir aqui.

Megan apertou os lábios, contrafeita, e Nicol teve de se conter para não rir. Merecia uma medalha... ganhara outro *round*.

Capítulo VI

Megan evitou olhar para a via de escape que a esperava.

— Me ajude a entender — disse, procurando manter uma atitude fria enquanto andava pelo aposento.

Ela combatia as aulas de gramática com tenacidade para dificultar as coisas para Nicol, mas gostava das expressões altivas e do comportamento frio, típicos da nobreza. Eram uma espécie de escudo; e uma moça precisava de muitos.

— Você quer que eu me comporte como uma dama... que seja nobre, culta, pura.

Nicol anuiu.

— Mas quer passar a noite no meu quarto.

Nicol cruzou os braços e sorriu enquanto apoiava o ombro contra a parede.

— Muitas vezes, as circunstâncias não são o que parecem ser — disse. — Mas estou certo de que você já percebeu.

Megan não respondeu. Passou pelo baú e pela cômoda onde ele tinha arrumado seus artigos pessoais: um pequeno espelho, uma escova de cabelos e uma navalha.

— Há outros quartos nesta casa onde poderia dormir.

— Peço que me perdoe se não confio cegamente em você.

— A próxima aldeia fica a léguas de distância. O que você pensa que eu posso fazer?

Outro sorriso. Ele era o retrato da elegância altiva. Não fazia a menor diferença se ainda vestia uma roupa velha de ferreiro. Era um nobre em todos os sentidos, e ela o odiava por isso.

— Will me emprestou a casa em boa-fé — disse ele — para que eu descansasse neste ambiente pacífico. Não quero vê-lo arruinado.

— Arruinado?

Nicol deu de ombros.

— Ou roubado.

— Eu não sou quem você está pensando — repetiu ela.

— Com certeza — concordou ele —, já que não tenho a mínima idéia de quem é. Agora, vá para a cama. Estou cansado.

— E a minha inocência?

Fitou-a em silêncio demoradamente, antes de falar:

— Qualquer que seja a inocência que lhe resta, você não corre risco algum comigo.

— Duvido — protestou Megan. Mas logo em seguida, procurou suavizar o tom de voz e descontrair-se, adotando o mesmo estilo indiferente dele. — No final das contas, você me ameaçou e me raptou.

— E você não fez nada de errado comigo.

— Não! — ela gritou.

— Abaixei a voz.

— Não roubei nada de você.

Nicol sorriu e, afastando-se da parede, perguntou:

— Em quem você acha que acreditariam, Meg? Em uma pobretona de cara suja sem modos que não sabe falar, ou no visconde de Newburn?

A raiva tomou conta dela, incendiando-a por dentro e endireitando sua espinha. Pois sabia, claro, que ele tinha razão.

— Eu dei a minha palavra que não vou fugir.

— E sua palavra... combinada com a minha vigilância deveria garantir que não fará nada de errado. Devo avisá-la que tranquei a porta do banheiro pelo lado de fora.

Apesar da tentação, Megan não atirou nada contra o visconde. Tampouco praguejou. Em vez disso, consolou-se com pensamentos vingativos. Pensamentos agradáveis e reconfortantes que guardou para si.

— E ainda se acha um nobre...

— Sim.

— Com grandes ideais e aspirações sublimes.

— Agora, acho que está falando do papa.

Megan sorriu.

— Não confundirei os dois novamente. Você sairá, pelo menos para eu vestir a camisola?

— Não.

— Por outro lado... — ela recomeçou a perambular, olhando por cima do ombro assim que passou pela cômoda — ...confundirei você com Satanás.

Nicol soltou uma gargalhada e, naquele instante, com os dentes cintilantes, rodeados pela pele morena, parecia realmente diabólico. Astuto e manipulador, mas com um ar enigmático.

— Acredite, garota, sua virtude não corre risco comigo — afirmou, tirando alguns livros do baú. — Não tenho interesse em você.

— De verdade? Nesse caso, eu agradeceria ser levada de volta para Portshaven.

— Acho que não me expressei bem... Estou interessado na sua *educação*.

— Já levou em consideração a possibilidade de estar louco?

Nicol deu outra gargalhada e sentou-se em uma das poltronas estofadas, com os livros nas mãos.

— Durma. A verdadeira lição começa amanhã.

Não havia nada que Megan pudesse fazer, senão obedecer. Rodopiou sobre os saltos do sapato, recolheu a camisola e, embora seu olhar se dirigisse prolongadamente para o banheiro, ficou onde estava, deixando o vestido escorregar para baixo dos ombros, antes de enfiar a camisola pela cabeça. Então, dando um passo para fora do círculo de tecido caído no chão, atravessou o quarto e enfiou-se debaixo das cobertas.

O colchão e os cobertores eram macios, e ela bocejou.

A vingança teria de esperar. Com exceção da navalha que ela pegara da cômoda, é claro.

Uma mão sacudiu Megan rudemente. Ela gemeu e tentou ignorá-la.

— Está na hora de levantar.

Quando se sentou, viu-se refletida, piscando como uma coruja, nos olhos do visconde.

— Dormiu bem?

Ela fez cara feia.

— Para dizer a verdade, não muito bem. Estou com dor de...

— *Muito bem. Obrigada por ter perguntado.*

Ela franziu a testa.

— É a resposta apropriada — explicou ele, levantando-se com calma. — Você dorme como uma morta.

— Ótimo — resmungou ela, irritada. — Isso deve significar, pelo menos, que eu não ronquei.

Nicol disfarçou um sorriso.

Megan o observou disfarçadamente. Estava vestido de forma impecável, com calças estreitas, colete cinza e um fraque azul-marinho. O laço da gravata era perfeito, mas ela notou, afastando para trás os cabelos que lhe cobriam os olhos, o fio solto de um botão no colete e a barba por fazer no seu rosto.

— Ficou acordado a noite toda?

Ele ignorou a pergunta e a fitou nos olhos.

— Por acaso, viu a minha navalha?

Ela bocejou.

— Como posso ter visto alguma coisa se ainda nem acordei direito?

— Eu poderia jurar que a tinha colocado sobre a cômoda.

— Que cômoda?

Nicol fez uma careta e virou-se para ela.

— Deirdre trouxe o café da manhã. Está com fome?

Megan se ergueu sobre a cama, a sonolência dando lugar ao prazer da perspectiva de uma refeição.

— Estou morrendo de fome!

— Hoje, você vai aprender a ler — anunciou Nicol.

Megan bateu os cílios, certa de que não tinha ouvido bem.

— Está brincando...

— E a cada tentativa bem-sucedida, receberá... — ele fez uma pausa e apontou para a bandeja do desjejum — ...um pouquinho.

A refeição matinal tinha aparência e aromas tentadores. Aliás, parecia até mesmo um sonho. Ovos cozidos, pão branco tostado, um pequeno pote de geléia, lingüiças douradas no ponto certo e sidra gelada em copos de cristal. Mas foi o pote de amêndoas recobertas de açúcar nas mãos de Nicol que lhe provocaram água na boca. Estendeu a mão na direção das amêndoas, mas ele as afastou lentamente, fazendo com que Megan franzisse a testa e, inclinando-se para trás, apoiasse as costas na cabeceira da cama.

— Onde estão os livros?

— Vista-se primeiro — ordenou ele. — Uma verdadeira dama, antes de mais nada, cuida da própria aparência — explicou Nicol, puxando as cobertas.

Sobressaltada, Megan cobriu rapidamente as pernas com a camisola emaranhada e, com má vontade, pôs os pés no chão.

— Damas de verdade — resmungou ela, notando com surpresa que a lareira acesa tinha aquecido o piso — provavelmente não têm nada para fazer o dia inteiro. Nem precisam levantar da cama, se não estiverem a fim.

— Damas de verdade como Anna — retrucou Nicol, pegando uma amêndoa — divertem-se com jogos que requerem habilidade e inteligência, como o xadrez. — Dito isso, deixou cair a amêndoa na boca.

Vê-lo mastigar a guloseima a incomodou.

— Eu prefiro um jogo de azar animado. Os meus dados estão aqui. Se você...

— Vou ensinar você a jogar xadrez — disse ele, interrompendo-a e comendo outra amêndoa.

Ela cerrou os punhos.

— Pensei que fossem *pra* mim.

Nicol comeu mais uma e fechou os olhos, como se estivesse extasiado.

— Se continuar falando assim, moça, acabarei ficando satisfeito antes mesmo de começar o café da manhã.

Megan abriu a boca para revidar, mas Nicol pegou outra amêndoa e a suspendeu no ar como uma ameaça. Megan pensou em pular para cima dele e arrancar-lhe a amêndoa da mão, mas, apesar do seu desejo ardente, deu-se conta de que ele poderia achá-la indigna. Então dirigiu-se para o banheiro como um soldado, para pôr o vestido de musselina que usara no dia anterior. Em alguns segundos, estava marchando de volta para o quarto e deixando-se cair pesadamente na poltrona.

— Sapatos — disse Nicol, comendo outra amêndoa. — Anna nunca se sentaria

para comer sem estar adequadamente calçada.

— Essa Anna já está me irritando...

Ele mastigou uma amêndoa ruidosamente, e Megan calçou os sapatos em uma questão de segundos.

— E os cabelos? — disse ele, sem olhar.

— Qual é o problema com o meu cabelo? — perguntou Megan, enquanto observava o botão de prata meio solto no colete de Nicol. Ele deveria ter mais cuidado. O botão poderia cair a qualquer momento... se houvesse um ladrão na casa.

— Penteie-os para cima.

— Como desejar — disse ela, quase sorrindo para o botão ao ir procurar os grampos.

Nicol fez uma careta e a segurou pelo braço enquanto passava. As pontas dos cabelos tocaram seus dedos. Então, Nicol tocou os cachos longos e macios com a mão.

— Será uma pena cortá-los, mas temo que teremos de fazê-lo.

Ela deu de ombros.

— Mas, por enquanto, podemos esperar. Pode deixá-los soltos. Veremos mais tarde se Deirdre pode cuidar disso.

Seus dedos se enrascaram nos cachos rebeldes, e os olhares de ambos se encontraram. Megan sentiu um arrepio.

Ódio, pensou. Devia ser ódio. Porém, quando Nicol a soltou, estava transtornada. Continuaram a se olhar por um momento até que ele desviou os olhos e clareou a garganta.

— Sente-se — ordenou.

Megan obedeceu, agitada com a proximidade dele.

— Isto aqui é o alfabeto — explicou Nicol, indicando duas fileiras de letras grandes e escuras sobre o fundo branco da página. — É o primeiro passo.

— Muito bem. — O coração de Megan ainda estava alvoroçado, e suas mãos, trêmulas. Teve de fazer um grande esforço para manter um tom frio e indiferente. — O que está escrito?

Capítulo VII

Megan leu a cartilha lentamente, com um cuidado infantil. Mas leu.

Nicol perambulou pelo quarto mais uma vez. Tinham-se passado oito dias desde sua chegada à fazenda de Woodlea. Durante esse tempo, Megan vinha massacrando menos a gramática, tinha aprendido a caminhar com graça e quase o tinha vencido no

xadrez. Em suma, raras vezes os dois haviam saído daquele quarto-escola.

Nicol se sentia confuso como um cão perdido, e ainda por cima, estava perdendo a razão e metade dos seus pertences. Acabou tendo de pedir uma navalha emprestada para a sra. Barnes e tinha pedido a ela também para substituir o botão misteriosamente desaparecido de seu colete, o que ela logo tratou de fazer, solícita como sempre, embora o novo botão destoasse completamente dos demais. A disparidade fez com que ele se sentisse estranhamente assimétrico... e velho. E cansado também, dolorosamente cansado.

Havia uma cama bem ali, macia, complacente, convidativa, e ele tinha dormido não mais de uma hora por vez. Enquanto Megan...

Olhou para a sua aluna. Estava curvada sobre um livro, com a testa franzida de concentração. Naquele momento, parecia uma criança. Mas dormia como uma pedra. Por que não deveria parecer jovem e descansada? Talvez estivesse certa. Talvez fosse o sono dos inocentes. E a sua insônia seria a dos culpados.

Desviando o olhar, Nicol quase riu dessas considerações ridículas. Culpa. Não fazia parte de sua natureza sentir-se culpado. Afinal, era um visconde. Talvez alguns anos atrás, antes da morte de seu tio, antes da morte de seu pai, pudesse ter sentido vergonha. Mas não mais. Afinal, não era para isso que servia o dinheiro? Para comprar a absolvição? Tinha montanhas de dinheiro. Sono, por outro lado, era algo escasso. Assim como botões. Maldição! Faltava outro no paletó!

Nicol fez uma careta e percebeu de repente que a leitura tinha se interrompido. Megan esperava, observando-o. Sentiu-se tolo examinando o próprio paletó, mas juntou as mãos atrás das costas e caminhou, fazendo de tudo para não parecer embaraçado.

— Continue — ordenou ele.

— Já terminei.

Céus! Estava com a cabeça nas nuvens? Então, parou e a fitou.

— Entendeu o significado?

Megan devolveu o olhar examinador.

— Acredito que o significado é: "o cachorro sentou, o gato sentou, então o cachorro correu e o gato correu".

Que mulherzinha maldita! Estava caçoando dele, e ele merecia isso. Havia perdido os botões, a navalha, a concentração, e sua cabeça enfraquecera de repente, mas isso não significava que gostasse que zombassem dele.

— Acha, então, que está pronta para algo mais difícil?

— Fica inteiramente por sua conta, milorde — respondeu ela. Estava estranhamente dócil nos últimos dias. Também tinha ganhado alguns quilinhos, que lhe caíam muito bem. — O que deseja que eu faça?

Seus lábios eram surpreendentes. Maravilhosamente carnudos e brilhantes como vinho tinto.

— Milorde?

— Nicol. Me chame de Nicol — corrigiu finalmente, voltando a si.

Ele a tinha corrigido milhares de vezes na última semana, mas, por algum motivo, esse erro o incomodava mais do que todos os outros juntos.

Com um ligeiro movimento de cabeça, Megan concordou. Alguma coisa naquele

movimento simples e elegante o comoveu, fez com que desejasse tocar em seu rosto, sentir sua pele, para ter certeza de que ela ainda era real e tangível, e...

— Xadrez! — exclamou.

— Como disse, milorde?

— Deixemos os livros de lado por um momento e joguemos uma partida de xadrez.

— Como quiser, milorde.

Ignorou o fato de ela se recusar a chamá-lo pelo nome, enquanto colocava as peças de madeira no tabuleiro. As pretas seriam as suas, as dela seriam as cor de marfim. Megan acompanhou com certo interesse.

— Foi você quem as talhou? — perguntou, pegando um cavalo grosseiramente esculpido.

— Não — respondeu Nicol, enquanto dispunha os peões em fila.

— Mas são suas?

— Sim. São algumas das poucas coisas que eu ainda não perdi desde que chegamos a Woodlea... — disse, olhando-a de soslaio.

Ela o ignorou.

— Viaja com elas?

Nicol sentou-se e convidou-a a fazer o mesmo.

— Lembra-se de como é o início?

Sentada na beirada da poltrona, ela se recusou a responder à pergunta.

— Foi seu pai quem as talhou?

— São peças simples, Megan — disse ele, e fez um sinal para que começasse. — Não são interessantes.

— Pois é exatamente isso que me interessa — retrucou ela, levantando uma sobrancelha. — São simples. Esperava que um homem do seu nível tivesse um jogo mais caro.

Nicol não sabia ao certo se estava surpreso com a expressão elegante do rosto dela, ou com sua intuição.

— Pertenciam à minha mãe — respondeu.

— Foi ela quem as fez?

— Vamos começar ou voltar para os livros?

Com certeza, estava cansada de ler sobre gatos e cachorros, assim como ele, pois se concentrou no jogo durante os quarenta e cinco minutos seguintes. Nicol saiu vitorioso e, com certa satisfação, tirou o rei dela do tabuleiro. Megan não era uma mulher fácil de se vencer.

Ao segurar a peça, lembrou-se repentinamente do rosto de sua mãe. Estava sorrindo para ele, com expressão amorosa.

— Entalhava muito bem — disse Megan.

— É verdade. — Talvez ele conservasse as peças porque lhe traziam recordações. — Uma mulher simples com um bom... — Ele fez uma careta. — Se você se concentrasse mais no jogo, obteria melhores resultados.

— Mas você não teria ficado tão feliz — disse ela com um ligeiro sorriso nos lábios.
— Por que pegou o meu rei?

— Porque venci.

— A rainha me parece ter mais valor.

— Como assim?

— Ela detém todo o poder. O rei só se esconde atrás dos seus súditos.

— É um ponto de vista interessante — disse ele e pôs a peça no bolso.

Megan o fitou, entre zangada e arrogante.

— Quando eu vencer, pegarei sua rainha.

— Megan, ninguém ganha de mim no xadrez.

O sorriso dela agora tinha desabrochado completamente. Era brilhante, bonito e insolente.

— Muito bem — murmurou ela. — Isso tornará a minha vitória mais divertida.

— Céus! — Nicol rangeu os dentes e levantou-se com um movimento brusco. — Será que é tão difícil assim dizer "para" em vez de "pra"? E pronunciar simplesmente "para", sem arrastar o erre até os confins da Terra?

Megan continuou sentada, mas franziu os lábios e o fitou com os olhos muito abertos.

— Sinto muito, milorde. — As palavras eram de desculpa, mas o tom era sarcástico.

— Não sou seu lorde! — Nicol explodiu, e ela estremeceu.

— Estou lendo desde a alvorada, milorde. — Seus olhos faiscavam como esmeraldas. — Não consigo nem enxergar mais a porcaria do livro.

Ele deu um passo na direção dela e inclinou-se para a frente.

— Da-mas-não-pra-gue-jam!

— E ca-va-le-i-ros-não-rap-tam-mo-ças-nem-as-es-con-dem-co-mo-peixe-po-dre!
— revidou Megan, inclinando-se para a frente também.

Nicol teve vontade de discutir, de gritar, mas não adiantaria. Somente uma noite de bom sono e, talvez... Desviou o olhar dos lábios dela e massageou a testa.

— Peixe podre?

Megan não respondeu e, quando ele ousou fitá-la novamente, viu que seus lábios estavam cerrados e a testa franzida, apesar de lhe ter dito centenas de vezes para manter a testa descontraída e lisa.

— Você me esconde como se tivesse vergonha de mim — acusou ela.

Nicol ficou calado, pois o tom dela era de orgulho ferido. Ele a tinha magoado e não sabia o que fazer para consertar a situação.

— Tenho feito tudo o que me pediu — disse ela. — Estou lendo. — Apontou para a pilha de livros com um gesto. Suas unhas não estavam mais encardidas, mas ainda não estavam como ele gostaria. Teria de pedir um limão à sra. Barnes, para clareá-las. — Como com elegância e corrija minha pronúncia.

— Suponho, então, que você queira fazer uma pausa? — rosnou ele. O cativo

prolongado nunca fizera bem ao seu humor. A falta de sono minava sua energia. E a abstinência sexual era um inferno.

— Acho que mereço um punhado de amêndoas recobertas de açúcar e uma semana na cama.

— As amêndoas acabaram e você já dormiu mais do que qualquer alma vivente, mas... — Ele abriu a porta e fez uma reverência.

— Primeiro você, milady.

Ela parecia surpresa, assustada como um canarinho quase acostumado ao cativeiro.

— Aonde vamos?

— Tomar ar e esticar as pernas. Tenho negligenciado seu bem-estar físico. Vamos!

Megan passou resvalando nele, e Nicol sentiu seu perfume: lavanda e feminilidade. Naquele momento, deu-se conta de que eram suas próprias necessidades que ansiavam por satisfação. Levou um segundo para vestir a capa, e um pouco mais para ajudá-la com o manto. Seus dedos resvalaram nos ombros dela, e por um motivo inexplicável, ele se atrapalhou para amarrar as fitas. E mesmo depois que o laço estava feito, teve dificuldade para afastar as mãos.

— Já está escurecendo — disse ela.

A voz de Megan o fez voltar a si. Ele se afastou e, finalmente, abriu a porta.

O ar estava frio, mas não ventava. Flocos de neve gigantescos caíam como sonhos angélicos do céu plúmbeo. A certa distância, o velho cavalo da carruagem da viúva agitava as orelhas e relinchava esperançoso por cima da cerca de madeira. Uma coruja piou melancolicamente no bosque. Megan olhou para a floresta.

— Que lugar é este, na verdade?

— Woodlea, o feudo de lorde Landow.

— E onde fica?

Nicol voltou-se para ela, tentando entender por que queria tanto saber e quais eram os seus planos. Seus olhos brilhavam como pedras preciosas na noite anterior. Agora, flocos de neve derretiam-se devagar sobre seus cabelos, presos atrás por uma única fita azul, mas algumas mechas desobedientes tinham escapado, sugerindo que, embora ela pudesse ser domesticada, nunca seria derrotada.

— Um momento — disse ele e, levando as mãos na direção de Megan, colocou-lhe o capuz sobre a cabeça. Seus olhares se encontraram. — Não quero que se resfrie — explicou, afastando as mãos com relutância.

Ela piscou de um modo encantador e, então, olhou na direção do estábulo. Ouviam-se somente os passos dos dois sobre a neve endurecida.

— Aqueles são seus cavalos?

— Os baios e o negro são meus. — Do outro lado da cerca, os três corcéis os seguiam com os olhos.

— Você se refere aos castanhos?

A pronúncia dela era perfeita, mas Nicol manteve uma expressão indiferente. Não seria produtivo elogiá-la cada vez que dizia algo corretamente. O tempo estava voando. O momento da prova estava quase chegando.

— São chamados de baios quando a crina e a cauda são cor de palha.

— Oh! — exclamou ela, olhando para os cavalos. — Eu não tinha notado.

— Gosta de cavalos, Megan?

Ela deu de ombros.

— Nunca tive oportunidade de conhecê-los.

— Vamos ter de mudar isso.

Tinham alcançado a cerca e caminhado ao longo dela até o celeiro. Foi com um pouco de apreensão que ela entrou. O lugar estava escuro e cheirava a cravo doce e madeira cortada. Em um canto, o filho da sra. Barnes olhou para eles, surpreso, enquanto a forquilha jazia incerta na montanha de feno. Seu olhar intenso, depois de passar por Nicol, deteve-se em Megan.

Nicol teve a impressão de que o garoto tinha parado de respirar. Até mesmo os meninos ficavam fascinados por ela... Mas quem não ficaria? Ela tinha mudado muito desde sua chegada ali.

— Minha mulher precisa de um pouco de ar fresco — explicou, talvez para ver se o menino desgrudava os olhos de Megan. — Estava pensando em mostrar-lhe os cavalos.

— Eu posso fazer isso, se quiser, milorde — prontificou-se o menino, ofegante. — Assim, não precisará sujar seus sapatos.

O garoto se empertigou, e naquele instante Nicol percebeu que ele era mais velho do que ele pensara quando chegaram. Um rapazinho, na idade da curiosidade de aprender certas coisas.

— Agradeço muito — disse, sufocando o estranho nó de ressentimento que lhe obstruía a garganta. — Mas minha esposa não está acostumada com cavalos. Eu mesmo os mostrarei a ela.

— Está bem, então — disse o rapazinho, enfiando a forquilha com habilidade na forragem e correndo para fora com sua carga.

Apoiando uma mão nas costas de Megan, Nicol a conduziu para a outra extremidade do celeiro. Pegou uma espiga de milho de uma pilha e levantou o ferrolho para entrar no curral. Megan permaneceu onde estava, olhando para o cercado com receio.

— Venha — encorajou ele.

— Sou uma moça da cidade, milorde.

Nicol inclinou a cabeça, entre divertido e surpreso. Aquela garota era capaz de golpeá-lo na cabeça, roubar seu relógio numa fração de segundo e enfrentar uma sala repleta de beberrões sem pestanejar; mas, num curral, parecia assustada como um passarinho.

— Não acredito que esteja com medo.

Ela levantou o queixo, mas ficou onde estava.

— Não tenho intenção de arruinar minha roupa.

Ele riu do stratagema óbvio. Viu que, atrás dela, o menino, voltando para dentro do celeiro, os tinha observado por um instante, antes de voltar para a forragem.

— Venha — insistiu, pondo o braço em volta da cintura de Megan e fazendo-a entrar no cercado dos cavalos.

Ela opôs certa resistência e seu receio fez com que ele tivesse vontade de abraçá-la e prometer-lhe proteção. Mas isso seria tolice. Ela precisava de proteção tanto quanto um javali africano precisava de cerveja.

Os cavalos se aproximaram, esperando receber algo para comer. Megan deu um passo para trás, mas Nicol apertou o braço em volta de sua cintura e ofereceu o milho ao cavalo. O castrado negro farejou a espiga, mas a égua baia recuou e esticou o pescoço por cima do lombo de seu companheiro para ver o que estava acontecendo.

— São irmãos? — perguntou Megan.

— Não. Croft era o meu cavalo de montaria antes que me dessem a égua — explicou, acariciando a crina do animal.

— Égua?

Nicol ficou sinceramente surpreso, o que não acontecia com frequência, pelo menos até quando encontrara uma moça safada nas ruas de Portshaven.

— A fêmea — disse ele, surpreendendo-se ao ver o rosto de Megan avermelhar.

Para uma ladra, ela parecia chocada demais quando se falava de simples diferenças de gênero. Talvez fosse somente um estratagema. Era melhor que ele não se esquecesse da dor de cabeça provocada pela perda de seu relógio. Mas às vezes era difícil, especialmente quando ela estava com a aparência de agora. Pequena, refinada e estranhamente necessitada de proteção. Felizmente, ele estava cansado e aborrecido. Portanto, pouco impressionado com o tamanho ou com o requinte.

Quebrando a espiga, ofereceu um pedaço a Croft.

— Os machos são castrados — explicou. — De certa forma. Mas não podem...

Era a vez dele de procurar a palavra correta, pois, surpreendentemente, não queria ofendê-la. Os olhos da moça pareciam grandes e inocentes; seu semblante, jovem e delicado. A marca no seu rosto tinha clareado, mas ainda era visível, o que o fez sentir-se estranhamente... inadequado.

— Os castrados não podem reproduzir — disse, por fim.

— Ah! — exclamou Megan, clareando a garganta. — Entendo.

Nicol queria rir, mas ela parecia encantadoramente embaraçada. Então, apenas sorriu.

— Isso os torna menos agressivos e mais dependentes.

Ela olhava os dois animais com visível interesse. Partindo o restante da espiga, Nicol colocou um pedaço sobre a palma de sua mão.

— Ofereça a eles — incitou.

Megan levantou a mão com hesitação e Nicol abriu os dedos dela, que estavam ocultando o milho.

— Ele vai evitar mordê-la — assegurou —, mas você tem de fazer a sua parte.

Croft pegou o milho com o lábio superior e recuou para mastigá-lo. Então, a égua espichou o pescoço para além do quadril ereto do castrado, pedindo a sua parte.

— Baronesa é um pouco mais irrequieta — disse Nicol, enquanto esticava a mão para a égua.

— Qual é a idade dela?

— Seis anos.

— Ainda é nova?

— Nova o suficiente para ser desconfiada — respondeu ele, quebrando mais milho e pondo-o na mão de Megan. Sorrindo, acrescentou: — E mulher o bastante para ser perigosa.

Croft abandonou o sabugo no chão para lambar o que Megan lhe oferecia.

— Isso é um insulto, milorde?

Eles estavam muito perto um do outro. Nicol podia sentir o perfume de lavanda nos cabelos dela.

— Por que continua a me chamar assim?

Os olhares de ambos se encontraram, mas Megan desviou o seu imediatamente.

— Eles querem mais.

Nicol também queria. De repente, sentiu a necessidade de tocá-la, de sentir sua pele sob a ponta dos dedos. Levantou a mão, mas o bom-senso prevaleceu e ele se afastou.

— Vou pegar outra espiga.

Endireitando-se, entrou no celeiro. O que estava acontecendo com ele? Aquela mulher era uma ladra, e muito provavelmente algo pior do que isso. A cicatriz no couro cabeludo não era uma prova? Além disso, fizera uma promessa, um juramento que não podia ser quebrado facilmente. Mesmo que desejasse, coisa que ele...

Nicol a ouviu suspirar e virou-se no momento em que um barulho de ferraduras agitadas se elevou no curral. Praguejando, pulou a cerca. Empurrado por trás, Croft tinha se precipitado para a frente. Seu quadril atingira Megan, que caíra de costas. No mesmo instante, o cavalo cinza bateu novamente em Baronesa e ela se empinou.

Nicol jogou-se sobre a égua, e o cavalo negro, por sua vez, assustado com o que acontecia em volta, virou-se com violência, pulando sobre Megan antes de desaparecer atrás do celeiro.

Nicol ajoelhou-se.

— Megan? — Tocou seu rosto. Estava pálido e frio. — Megan, abra os olhos!— insistiu, mas ela permaneceu imóvel sobre a neve pisoteada.

Capítulo VIII

— Ela morreu? — A voz de Brady estava trêmula.

— Pegue uma lanterna — ordenou Nicol, o coração batendo descompassado.

O menino correu e, naquele exato momento, Megan gritou de dor e ergueu o corpo com dificuldade. Nicol sustentou suas costas com um braço e inclinou-se sobre ela.

— Você está bem?

Megan não falou, mas olhou desorientada para os lados, como se não soubesse onde estava.

— Consegue falar? — ele perguntou. Cuidadosamente, ela levantou um braço e tocou a cabeça.

— Ai! — gemeu. — Acho que não gosto muito de cavalos...

Um grande alívio tomou conta de Nicol, que a pegou nos braços, tirando-a da neve fria.

Brady voltou correndo de dentro do celeiro. A lamparina que tinha nas mãos balançava desvairadamente e relampejava sobre a neve. Nicol o instruiu para fechar a porteira e carregou Megan rapidamente para a casa no alto da colina. A cabeça dela estava apoiada contra seu peito, onde o coração martelava feito louco, e os braços rodeavam seu pescoço. Aparentemente, não estava sangrando.

Meu Deus, por favor, permita que ela não esteja machucada!

— Eu posso andar. — As palavras o surpreenderam, mas o visconde continuou sua corrida, sem nem mesmo olhar para o rosto da moça. — Se me puser no chão...

— Não se mexa — ordenou ele e, abrindo a porta com um pouco de dificuldade, atravessou o hall e subiu a escada de dois em dois degraus.

As tábuas de madeira do piso rangeram sob seus pés, e o colchão de plumas suspirou sob o peso do corpo da moça. Com cuidado, evitando sacudi-la, tirou os braços que tinham ficado entre ela e a cama. Alguém tinha acendido três velas, que agora tremulavam sobre o criado-mudo, iluminando fracamente seu rosto. Parecia pálido, exceto no lugar do machucado, onde a pele ainda se apresentava com uma cor entre o verde desbotado e o amarelo.

— Você sujou sua camisa — disse ela, como se nada a pudesse chocar mais do que isso.

Olhando para baixo, Nicol notou somente um ínfimo borrão de terra na manga direita.

— Onde sente dor?

Megan fez um movimento para se sentar.

— Fique deitada — ordenou ele. — Você bateu a cabeça?

— Acho que... — Ela parecia desorientada e recusava-se a ficar deitada.

Nicol tirou uma vela do candelabro e a aproximou de seu rosto. Os olhos estavam exageradamente abertos, mas permaneciam claros e brilhantes. O coração dele se acalmou.

— Minha cabeça não tem nada.

— Ela a atingiu?

— Talvez... — mas, de repente, tentando mexer as pernas, estremeceu. — Talvez tenha pisado em mim.

Nicol praguejou em silêncio.

— Não se mexa. — Indo para o pé da cama, sentou-se e começou a levantar-lhe o vestido. Recolhendo as pernas imediatamente, Megan rangeu os dentes de dor.

— Ela está bem?

Nicol olhou para a porta e viu Brady com o chapéu nas mãos e o rosto tão pálido quanto o da moça.

— Diga para sua mãe preparar um banho e trazer um conhaque quente — ordenou e voltou-se para Megan. — Quero que você relaxe — disse. — Vou examinar suas pernas.

— Não precisa.

Megan desviou o olhar para a porta e Nicol se deu conta de que Brady ainda estava lá, com os lábios cerrados e o chapéu retorcido nas mãos sujas.

— Está tudo bem, milady? — perguntou o menino.

— Estou inteira. Obrigada por perguntar — respondeu ela.

Um ar de alívio tomou conta do rosto do menino e, naquele instante, Nicol percebeu que aquele rapazinho acabaria se tornando o tipo de homem com quem a pequena Megan se casaria. Um moço honesto, com costas largas e devoção total. Não um indivíduo frio e grosseiro, que a usaria para os próprios fins e a reprovava se fosse ferida por um cavalo.

— Se tem certeza, milady...

— Tenho certeza — disse ela.

O menino fez um sinal de reverência com a cabeça e correu para baixo.

— Você impressiona todos os homens dessa forma? — perguntou Nicol, atormentado por sentimentos crus e inesperados.

Por um instante, uma expressão de surpresa emergiu nos olhos arregalados de Megan, o que não o ajudou a dissipar o fel que tinha na garganta. Um segundo mais tarde, a surpresa se transformou em raiva, visível nos olhos dela, agora estreitados. Isso contribuiu para melhorar o humor de Nicol; ele não sabia o que fazer com a inocência.

— Está me acusando de alguma coisa, milorde?

— Claro que não, milady — disse ele, e pôs os dedos no cordão do sapato direito da moça. — Simplesmente, fico admirado em ver como aprendeu tão rápido os modos da classe alta. — Pegando o sapato por trás do salto, ele a fitou.

— Por que lhe agradecer, mi... — sua frase foi interrompida por um sibilo de dor quando ele puxou o sapato.

— Onde é que dói?

— Não dói — ela disse por entre os dentes. — Não fique tão esperançoso.

— Ora, mas que...

— Minha pobre querida! — A sra. Barnes entrou correndo no quarto, com as faces vermelhas e a testa franzida. — O que aconteceu?

— Não foi nada — disse Megan, rindo, mas o som era forçado.

Maldição. A dor devia ser mesmo grande se a tornava incapaz de pôr em prática sua habilidade de fingir.

— Os cavalos dispararam e me assustaram. Eu caí. Só isso.

— Oh, graças aos céus! — A viúva suspirou. — Pela reação de Brady, pensei que a senhora estivesse nas últimas. Mas parece que está bem vivinha — acrescentou, sorrindo. — Mesmo assim, é uma pena.

Com as mãos nos quadris, estalou a língua num gesto de desaprovação.

— Mas não há nada que um bom banho e uma bebida quente não possam consertar, não é mesmo? — Correndo precipitadamente para a porta do banheiro, pôs a mão na maçaneta. — Que estranho... A porta está trancada — concluiu a viúva.

Sufocando a irritação, Nicol voltou-se.

— Minha esposa é uma mulher recatada — disse ele. — Temo que a tenha trancado pelo outro lado.

— Com certeza — disse então a sra. Barnes, com um riso abafado, e deixou o quarto às pressas. Alguns segundos depois, ouviu-se o barulho de água.

— Você mente bem — comentou Megan.

Nicol inclinou a cabeça, concordando.

— Não tão bem quanto você, mas tenho uma certa prática.

Desamarrou o outro sapato. Se pudesse confiar nela, não teria de trancar a maldita porta.

Megan não teve reação alguma quando ele tirou o outro sapato e o deixou cair no chão. Em seguida, foi a vez das meias.

— Minha mãe disse para eu trazer uma bebida quente. — Deirdre estava na soleira da porta, fazendo uma reverência e tomando cuidado para não derrubar o conteúdo das canecas.

— Pode colocar sobre a mesa — disse Nicol. A menina obedeceu e fez outra reverência.

— Está tudo bem, milady?

— Estou bem. Não precisa se preocupar.

— Posso lhe trazer alguma outra coisa? Minha mãe cozinhou peras para a sobremesa.

Os olhos de Megan brilharam.

— Traga uma tigela quando tiver tempo, por favor — pediu Nicol.

— Certamente, milorde. Tocaré o sino se precisar de algo mais?

Ele garantiu que o faria, e Deirdre desapareceu tão depressa quanto tinha aparecido.

O silêncio tomou conta do quarto.

— Você tem o dom de fazer aliados — disse ele, começando a levantar o vestido dela.

Megan franziu as sobrancelhas enquanto a ação dele progredia; e ele fez o mesmo, embora, na verdade, não encontrasse problema algum. Os tornozelos dela eram delicados, as panturrilhas lisas e bem-feitas. Seu mau humor se dissipou.

— Do que você está falando? — perguntou ela.

— Dos criados — disse ele, desviando o olhar das panturrilhas para o olho ainda verde dela. — Você os conquistou depressa.

— Talvez porque não os olhe de cima para baixo.

— Eu não faço isso — protestou Nicol, sem fazer nada para suavizar o olhar

quando descobriu os joelhos dela.

Suas mãos deslizaram para cima, e ele tentou se livrar do embaraço crescente e concentrar-se nas feridas. A patada na parte interna da coxa não estava bem definida, mas estava ali. Já se podia ver um inchaço com a forma aproximada de uma ferradura, onde a pele começava a ficar da cor de uma berinjela amadurecendo. Ele encostou na extremidade do machucado e Megan se encolheu, induzindo-o a praguejar em voz alta.

— Então, aos cavalheiros é permitido praguejar, mas às damas não? — perguntou ela com afetação na voz.

Nicol a fitou.

— Aos cavalheiros é permitido tudo — declarou. — Desde que tenham dinheiro suficiente.

— Que sorte a sua.

Megan pronunciou as palavras suavemente, como uma dama.

— Dói muito? — perguntou Nicol.

— Mais do que uma unhada; menos do que a decapitação.

— Um amplo espectro de experiência para quem ainda possui uma cabeça — observou ele, olhando novamente para a ferida. — Vou ter de ver se está quebrada.

— Está... — começou ela, e então arfou quando ele fez uma leve pressão sobre a perna. Mas quando apertou a coxa, ela berrou de dor.

— Milady! — O filho da sra. Barnes estava de volta, como uma praga, segurando uma tigela com as peras cozidas. Nicol puxou rapidamente o vestido de Megan para baixo, cobrindo-a até os dedos do pé. — Está com dor?

Ela deu um sorriso trêmulo.

— Não está doendo muito, Brady. Mesmo. Estou só me comportando como uma tola.

— Não, milady — murmurou o rapazinho, olhando para ela com verdadeira adoração. — Não é verdade. — Faltavam-lhe as palavras, mas levou a tigela até a cama. — Eu trouxe sua sobremesa.

Megan inspirou o aroma com alegria.

— Isso me fará ficar muito melhor, obrigada.

— Eu faria qualquer coisa para ajudá-la, milady — disse ele com solenidade.

— Isso é tudo — interrompeu Nicol.

— Mas...

— Eu avisarei se precisar de algo mais.

— Está bem — respondeu Brady, e se retirou, embora seus passos parecessem lentos demais para o visconde.

Megan fez uma careta.

— Você foi rude com ele — acusou.

Nicol a olhou de soslaio, suspendendo o vestido novamente.

— Não sabia que você queria que ele olhasse para as suas pernas.

Megan arrancou, então, o pano das mãos dele e o estendeu sobre as pernas.

— Não quero! — exclamou. — Assim como não quero que você também as olhe.

Ah, então era isso. Apesar do seu título de nobreza e indiscutível fortuna, ela não estava interessada nele mais do que em um maltrapilho rapazinho do campo! Teria dado risada se não estivesse com vontade de ranger os dentes, mas reclinou-se e fitou o rosto dela. Era, afinal, nada mais que um instrumento político. Que se sentisse atraída por ele era a última coisa que precisava. Ou, vice-versa, pensou com perversidade.

— Talvez seja melhor chamar um doutor — disse ele. Megan se descontraiu um pouco.

— Não precisa — assegurou ela, pegando um pouco da sobremesa com uma colher. Nicol observou sua língua aparecer por entre os lábios. — Tenho certeza de que posso andar.

— Vi homens andar com as pernas feridas — considerou ele, desviando o olhar da boca de Megan. — Isso não quer dizer que não estivessem quebradas.

Pensou em examinar a outra perna, mas a visão dos pés descalços o dissuadiu, pois até mesmo aquele pedaço inocente de pele nua fez com que se sentisse estranhamente inquieto.

— Quando?

Com relutância, Nicol ergueu os olhos para o rosto de Megan. Ela estava lambendo os lábios carnudos, recolhendo com a língua um pouco de calda.

— Quando, o quê?

— Que homens andavam com as pernas feridas?

— Soldados — respondeu ele, a contragosto. Não a tinha procurado por seis meses para compartilhar com ela a história de sua vida. — Até correm, se a motivação for suficientemente grande, com ou sem pernas quebradas.

— Quando estive com soldados? — insistiu Megan, fechando os olhos de êxtase enquanto terminava a sobremesa com uma delicada lambida na colher.

— Quando prestava o serviço militar — respondeu Nicol, e percebeu que tinha cerrado os punhos.

— Mas você é um visconde.

Ela franziu a testa novamente, mas ele não a recriminou. Engraçado como alguns ossos quebrados podiam fazer um indivíduo se derreter diante de uma mulher. Ou era o modo como os cílios longos e espessos resvalavam nas maçãs de seu rosto que tinha produzido esse efeito? Ou, ainda, a imaginação de como seria a língua dela na sua...

Nicol apertou-lhe a coxa.

— Dói? — perguntou, ignorando o comentário dela.

As feições de Megan se contorceram, sem, no entanto, afetar sua beleza.

— Um pouco. Não é insuportável.

A mão de Nicol subiu pela perna esquerda de Megan, passou pelo joelho e parou sobre a coxa. Dessa vez, ela não se encolheu. O movimento foi mais lento quando ele passou para a outra perna. Ela estremeceu, mas não se retraiu.

— Talvez seja só uma abrasão — conjecturou ele, descansando a mão sobre a parte externa da coxa.

Visto que havia várias camadas de tecido separando-as, achou que não seria

inconveniente. Mesmo assim, teve a sensação de poder sentir o calor de seu corpo sob os dedos.

— Não precisa se preocupar — tranquilizou ela. — Estarei bem muito antes que chegue a hora da prova.

— Tudo isso é culpa minha.

— Sim — concordou ela. — Você deveria ter previsto que o estúpido corcel morderia o companheiro, fazendo com que ele se empinasse diante de mim naquele exato momento.

— Sim — disse ele. — Eu deveria.

— E que eu não conseguiria evitá-lo — acrescentou Megan.

Nicol a fitou.

— Está me absolvendo, Megan?

— Dificilmente — disse ela, levantando o corpo e apoiando-se sobre os cotovelos.

Nicol não resistiu. Levantou-se, arrumou os travesseiros atrás dela e a ajeitou, para que ficasse confortavelmente encostada na cabeceira da cama.

— A culpa de eu estar aqui é toda sua. Embora eu duvide... — Megan baixou o olhar para as próprias mãos. — É possível que eu nunca experimentasse amêndoas recobertas de açúcar se não fosse por você.

Ainda estava com as luvas que lhe tinham sido dadas e brincava com elas enquanto falava. Nicol pegou na mão dela e tirou-lhe a luva de couro macio, um dedo de cada vez.

— E aprendesse a ler... — Ela levantou os olhos para Nicol enquanto a outra luva era retirada. — Eu sempre tive curiosidade pelos livros.

— Mesmo? — Esticando um braço para trás, ele pegou uma caneca com conhaque aquecido e a ofereceu para ela.

Megan encolheu os ombros ao recebê-la e, sem levá-la aos lábios, segurou-a com as duas mãos. Parecia que o calor do recipiente, enquanto ela olhava nas profundezas de seu conteúdo, lhe dava conforto.

— E uma espécie de milagre. Eles parecem misteriosos, sabe? Quando você não sabe ler.

Nicol sorriu.

— Você progrediu muito bem, Megan. Ninguém poderia aprender tão rápido.

— É a primeira vez que diz isso.

Ela o fitou com firmeza por um instante e depois baixou os olhos. Arabescos do vapor produzido pelo conhaque quente envolveram suas feições de menina e, naquele momento, Nicol se perguntou se a tinha visto com clareza alguma vez ou se a percepção que tinha dela havia sido sempre nebulosa. Quem era ela realmente?

— Mesmo?

— Sim.

Ele anuiu com um gesto de cabeça.

— Tome seu conhaque.

— Eu não... — ela consultou sua prodigiosa memória para usar a palavra

apropriada — ...consumo álcool.

O visconde se surpreendeu, mas não era a primeira vez.

— Nunca?

— Bebidas alcoólicas — disse Megan, levantando a caneca — são caras.

— Mas você deve ganhar uma quantia razoável de dinheiro, não? Com o trabalho na estalagem e a costura. O que faz com o dinheiro?

— Posso não ter nascido em berço de ouro, mas isso não significa que eu me contente em não ser nada.

Nicol refletiu um instante sobre aquela afirmação.

— Ah, então guarda o dinheiro — deduziu ele, sem obter uma confirmação.

A tentação de querer saber era grande, mas se lembrou de que não havia um porquê. O que ela fazia com o dinheiro não tinha importância alguma, só importava que realizasse bem a tarefa que tinha diante de si.

— Beba. Hoje, o conhaque é de graça.

Megan não obedeceu.

— E devagar, por favor — acrescentou ele.

Megan o fitou por um momento e, por fim, curvou-se para provar o líquido quente.

— É a primeira vez — disse, sem levantar os olhos.

— Seu primeiro conhaque?

Ela o experimentou. Não parecia desgostar da bebida, pois engoliu uma boa quantia.

— É a primeira vez que você diz "por favor".

Nicol respirou fundo.

— Devo confessar uma coisa — disse ele. Então, sentou-se mais à vontade na cama e a observou cuidadosamente. — Sou descendente de uma longa linhagem de bastardos.

Megan riu. Ele deveria lhe dizer que rir era proibido, que Anna raramente ria. Mas o rosto de Megan estava iluminado pela alegria e essa visão lhe tirava o fôlego e o impedia de corrigi-la.

— Verdade? — perguntou ela, tomando um gole.

— É um fato documentado.

— Assim, por sua vez, você não pode evitar ser um bastardo?

— Exatamente — admitiu ele, vendo-a beber mais um gole. — Está pronta para o banho?

De súbito, ela ficou nervosa.

— Vai ser difícil.

— Eu a ajudarei — disse ele, arrependendo-se imediatamente de ter proferido aquela frase, não só porque era tola, mas também por causa da incerteza que surgiu nos olhos de Megan.

— Não deve se preocupar — garantiu. — Raramente molestos jovens que meus cavalos atacam.

— Muito nobre da sua parte. Mas talvez seja melhor eu renunciar ao banho de hoje.

— Não confia em mim?

— Se me lembro bem, você quase me afogou da última vez.

— Mas como você disse, eu me sinto cavalheiresco hoje.

— Me perdoe, milorde. — Megan assumiu uma expressão superior e o tom de voz que ele lhe tinha ensinado. — Você deve ter ouvido falar que os lobos perdem o pêlo, mas não os hábitos.

Megan riu. Ele estava certo desde o início: ela tinha uma inteligência cortante e a língua-afiada. As duas coisas excitavam infinitamente a sua curiosidade.

— Sim, ouvi dizer.

— O mesmo acontece com viscondes.

— Você aprendeu bem rápido a ser cética.

— Quase como se tivesse me tornado cética antes de me tornar uma dama.

— Quase — concordou ele. — Sente-se. Vou ajudá-la a tirar o vestido — disse então, embora soubesse, sem dúvida alguma, que não deveria.

Capítulo IX

Megan permaneceu exatamente onde estava, fitando-o. Sentia-se mais segura sabendo que ele era um bastardo. Mais segura e mais firme. Mas ele parecia outra pessoa naquela noite. Nicol foi um pouco para trás, como se soubesse que ela precisava de mais espaço.

— Não lhe farei mal algum, moça.

— Não é exatamente com isso que me preocupo...

Ele sorria como um demônio. Ela nunca tinha se sentido atraída por nobres. Nunca tinha confiado neles o suficiente para se aproximar deles, mas havia algo perturbadoramente honesto no seu comportamento agora.

— Também não farei o que está pensando — disse Nicol, como se tivesse lido seus pensamentos.

Megan não se mexeu, nem respondeu. Talvez parecesse desconfiada.

— Eu já lhe disse... — Nicol suspirou. — Fiz uma promessa para uma amiga. Uma promessa que manterei. Meu voto não me permite flertar com você. Nem se quiséssemos.

E, claro, eles não queriam. Ele era um visconde. Ela era uma mulher que iria trapaceá-lo.

— Que tipo de promessa, exatamente? — quis saber Megan.

Nicol a olhou por alguns segundos, sem abrir a boca.

— Não tenho más intenções. Pense em mim como se fosse um tio — sugeriu.

— Não tenho nenhum tio — retrucou ela. — E se tivesse, não acho que me ajudaria no banho.

— Então, pense em mim como... uma tia, boazinha e gentil.

— Talvez a sra. Barnes seja mais indicada para esse papel.

— Você está ferida — lembrou ele. — Uma mulher não seria capaz de carregá-la até a banheira.

A imagem dele carregando-a nua para a banheira quase a aniquilou, mas forçou-se a se manter lúcida e silenciosa.

— Não a deixarei andar com a perna assim. Pelo menos, até sarar.

— Tem razão. — Megan terminou a bebida e refletiu seriamente sobre os motivos, a posição e as ações do visconde. — Você precisa que eu sobreviva até a realização dos seus planos.

— Eu mencionei os meus antepassados, não? — perguntou Nicol, entregando a ela a outra caneca.

— Os bastardos?

— Como disse... — Ele levantou a caneca vazia, simulando um brinde. — Você tem uma ótima memória quando se esforça.

— Talvez, você deva combater essa tendência...

Nicol a estava fitando, mas parecia não entender o que ela dizia. A conversa estava ficando um pouco vaga.

— ...e evitar ser um bastardo — completou Megan.

— Ah! Duvido que funcionaria. Sangue grosso e tudo mais. Como está a perna?

— Melhor.

— Continue bebendo — sugeriu ele. — Isso a ajudará a dormir.

E também o ajudaria a seduzi-la?

— Vou lhe dizer... — Ele apoiou a caneca vazia sobre o baú e se levantou. — Irei para o hall. Assim, poderá se despir até onde desejar. Quando estiver pronta, a levarei para o banheiro e a colocarei na água. Se eu fizer algo errado, poderá gritar, pedindo ajuda à viúva.

O visconde era alto, mas estava longe de ser um gigante. Era forte musculoso, mas esbelto. De fato, se ela o visse na rua, poderia achá-lo elegante demais para ser uma ameaça. Porém, durante mais de uma década de roubos e subterfúgios, poucos a tinham pegado e nenhum homem a tinha prendido. Por que ele? Por que agora?

— Você está sugerindo que a viúva poderia me salvar das suas tentativas de me seduzir?

— Você viu os seus braços? Acho que seria capaz de lutar comigo.

A imagem de uma luta entre os dois a fez rir, e Nicol sorriu, sem saber ao certo se por causa da própria brincadeira ou por causa da expressão de Megan.

— Ficarei no hall — repetiu ele. — Não se esqueça de mim.

Tomara que pudesse esquecê-lo, mas ele era imprevisível demais, esperto demais e estava perto demais. Então, distraidamente, Megan fez um gesto afirmativo com a cabeça e ele saiu do quarto. O olhar dela correu para as janelas do banheiro. A porta agora estava aberta, mas, com certeza, ele a ouviria se tentasse escapar de imediato. Seria melhor, primeiro, ganhar sua confiança, fazê-lo crer que confiava nele.

Ao tirar o vestido, suas mãos tremeram. Os músculos atingidos protestaram com o esforço de se livrar do vestido. A combinação de algodão branco que ele tinha dado a ela, contudo, ficaria. Era a primeira vez que usava uma. Macia como um suspiro e surpreendentemente quente, ficava suspensa nos ombros com finas alças, envolvendo-a desde o peito até as coxas. Detestava ter de molhá-la, mas não iria ficar nua, nem para convencê-lo de sua confiança.

Recolhendo os grampos do criado-mudo, tentou prender os cabelos acima da cabeça. Porém, ainda macios da recente lavagem, escorregavam sobre suas orelhas. Finalmente, acabaram obedecendo. Em seguida, enrolando uma coberta na parte central do corpo, prendeu a respiração, fechou os olhos por um segundo e o chamou.

— Pensei que tivesse desmaiado novamente — disse Nicol, enquanto entrava no quarto com toda a calma.

— Não.

Megan desviou o olhar. Por que a fazia sentir-se tão nervosa? Uma vez, quando roubara um broche do senhor de Teleere em pessoa, não sentira nem mesmo cócegas no estômago. Mas isso acontecera quando ela era "Mágica Meg". Quem era ela agora?

— Eu estou bem — acrescentou.

— Não doeu muito? — perguntou o visconde e, com um ar indiferente, arrancou-lhe a coberta.

Megan continuou a evitar o olhar dele, mas sabia que a longa combinação impedia que ele visse a maior parte do seu corpo. Então Nicol a levantou nos braços e a segurou contra o peito.

— Não, nem um pouco — garantiu ela. Seus rostos estavam quase se tocando.

— Pensei que você soubesse mentir melhor.

— Pensou errado. Você é quem tem o dom da mentira.

— É verdade — concordou ele, entrando no banheiro. Megan sentiu que estava tonta e que a camisola de algodão parecia escandalosamente apertada na altura dos seios, como se seus pulmões não tivessem espaço para respirar. Alguns fios de cabelo tinham escapado e acariciavam o rosto dele. Contra seus seios, o peito dele se fazia sentir duro e enérgico. Ele parou diante da banheira.

— Quer tirar a combinação?

Megan o fitou, mas não conseguiu entender se ele estava brincando.

— Não.

Então, ele sorriu.

— É só uma pergunta — ele apressou-se a dizer e, curvando-se com cuidado, apoiou-a sobre a beirada da banheira. — Experimente a água — ordenou, então, e após alguns instantes de afobação, ela mergulhou os dedos, hesitante.

— Está boa?

— Está. — Megan clareou a garganta e cobriu-se com um braço. O seio esquerdo tinha quase saído da combinação e, de repente, ela se sentia como nua.

Desviando o olhar do seio para o rosto dela, Nicol a colocou na água.

— Obrigado, milorde — disse, engasgando um pouco.

— *Obrigada* — ele a corrigiu. — "Obrigado" é masculino. E não há de quê — acrescentou, fitando-a, mas, aparentemente, com perfeito autocontrole.

Megan, ao contrário, sentia-se agitada e sem fôlego. Não tinha aprendido ainda como reagir ao olhar fixo dele.

— Suas mangas estão molhadas — observou, surpresa com o fato de que nem mesmo a água podia prejudicar sua elegância.

Passaram-se alguns instantes antes que Nicol desviasse o olhar do rosto dela. Vendo as mangas ensopadas, disse:

— Suponho que seja melhor eu me trocar, antes que molhe o chão todo. Posso deixá-la um instante sozinha?

Megan piscou. Os cílios dele eram tão luxuriantes quanto tenebrosos e escondiam suas emoções. Mesmo assim, alguma coisa nele, naquela noite, falava de prazeres, algo que era melhor não levar em consideração. Ela engoliu em seco e afastou os pensamentos.

— Claro.

Enquanto se dirigia para o quarto, o visconde parou e disse:

— Não faça bobagens.

— Bobagens?

— Não adianta se fingir surpresa. Já fez muita bobagem ultimamente.

— Teme que eu pule para fora da banheira e fuja?

Uma expressão bem-humorada iluminou o rosto dele.

— Temo que você se afogue — disse. — Está se sentindo tonta?

— Não, milorde — ela mentiu.

Na verdade, estava com uma sensação estranha na cabeça e receava que fosse por causa dele.

Centenas de pensamentos acotovelavam-se na mente de Megan. Nenhum deles a ajudava. Lá do quarto, ouvia o movimento dele avivando o fogo na lareira. Reclinando-se na banheira, fechou os olhos e viu a imagem dele tirando a camisa, enquanto as chamas projetavam uma luz trêmula sobre seu peito.

— Está tudo bem? — Ele já estava de volta e a acordou do seu devaneio.

A camisa impecavelmente engomada estava aberta, deixando visíveis algumas polegadas de pele do abdômen. Uma penugem escura recobria a superfície firme de seu ventre, mas ele parecia não perceber isso, pois estava enxugando as mangas molhadas da outra camisa com uma toalha. Em seguida, quando pendurou a peça molhada em um cabide, a camisa se abriu e revelou um mamilo liso e escuro.

— Megan? — disse ele, voltando-se para ela.

Ela arrastou o olhar do peito dele para o rosto, tentando adivinhar o que tinha dito.

— Você está bem? — repetiu ele.

— Oh, sim, claro.

Puxando um banco para perto da banheira, o visconde se sentou.

— Você parece um pouco corada — disse Nicol, e, curvando-se sobre ela, colocou uma palma sobre sua testa.

Desesperada, ela desejou se afogar. Ele a olhou de esguelha, como se quisesse ler seus pensamentos, e se endireitou sobre o banco.

— Quer que eu leia para você?

Os olhos de Megan o dardejaram. Estava falando a sério? Tinha a intenção de se sentar seminu e olhar para ela enquanto sua roupa de baixo grudava na pele como uma casca de uva? Que Deus a ajudasse!

— Eu não... não acho que seja apropriado para uma dama de classe — disse ela.

— Quero estar aqui se você desmaiar novamente.

— Não estou planejando desmaiar tão já.

— Então, tinha planejado desmaiar antes?

— Eu achava que as grandes damas desfaleciam com frequência. Que isso mostrava a qualidade e fineza delas.

Curvando-se para a frente, Nicol afastou um cacho da face dela.

— Há uma certa diferença entre desmaiar e tomar um coice de cavalo na cabeça.

— Oh. — Megan engoliu em seco e se recusou a olhar para ele, mas, assim mesmo, podia vê-lo com clareza em sua mente. Bonito, esbelto e elegante. — Tentarei me lembrar disso.

— Sim, faça isso, embora, às vezes, seja difícil quando se está bêbado — disse ele.

— Não estou... — começou ela, mas parou de repente e o fitou. — Estou?

Nicol não respondeu e levantou-se devagar.

— Vou buscar um livro.

O volume escolhido era, no mínimo, tedioso, pois falava da linhagem da casa real de Sedonia. Continha a lista de uma centena de nomes esquisitos e outra centena de fatos também estranhos, na maioria ligados a uma princesa chamada Tatiana. A princesa era jovem, e pequena como seu tio, o falecido rei. Era fria e elegante. Tinha paixão por cavalos e era alérgica a todos os tipos de nozes. A voz de Nicol era fluente como a correnteza calma de um rio, mesmo quando falava de traições e decepções.

— Então o velho homem foi assassinado — disse ela suavemente.

Ele a fitou.

— O rei? Por que você acha isso?

— O tal lorde Paqual. Foi ele quem pôs a princesa no trono depois da morte do rei.

— Isso não é uma prova de traição.

— Não, mas foi ele quem disse que a princesa teria que se casar antes de ser coroada rainha e quem esperava escolher o marido para ela. — Megan estava descontraída agora, apesar da nudez parcial e de todo o resto. — Tenho a impressão que o velho Paqual espera governar Sedonia através da princesa...

Ela fez uma pausa. Não havia razão para mostrar que lembrava o nome da princesa. Nenhuma razão para deixá-lo perceber que sabia da morte do velho homem havia já alguns meses.

— Tatiana — disse ele.

— Sim, Tatiana Octavia...

— Linnet Rocheneau — completou o visconde.

— Isso. Ela mesma.

— Era a única descendente da família real depois da morte do tio.

— Mesmo?

— Sim. — Nicol a fitou com uma expressão estranha, mas ela deu de ombros e desviou o olhar para a água.

— Imagino que fosse mais fácil manipulá-la do que manipular o tio.

— Lorde Paqual era o conselheiro de confiança de Sua Majestade.

— Confiança — disse ela, deixando a cabeça pender para trás, sobre a borda de bronze da banheira, para observá-lo. Notou que sua camisa ainda estava aberta, mas sentiu-se esquisitamente lânguida. Quente, fluida e relaxada. — A confiança é uma armadilha.

— Você confia em alguém, Megan? — perguntou Nicol.

Mas, antes que ela pudesse responder, alguém bateu à porta. Pondo o livro de lado, Nicol levantou-se e desapareceu. Ouviu-se um burburinho baixo de vozes e ele reapareceu com uma bandeja sobrecarregada. Aromas tentadores flutuaram na direção de Megan. Ela lambeu os lábios e se ergueu um pouco. O olhar dele se precipitou para os seus seios. Aflita, Megan esforçou-se para pensar, para se comportar com esperteza.

— Vire-se para que eu possa sair — pediu, mas ele se negou.

— Sossegue — disse ele. — Eu lhe darei o jantar aí.

Estava quase, recusando quando Deirdre trouxe mais peras cozidas e ele mergulhou uma colher nelas. O vapor perfumado de cravo e vinho do Porto se despreendeu, tomando conta do banheiro. Megan se sentiu enfraquecer.

— Achava que damas de verdade comiam a sobremesa no final.

— É verdade, exceto nos casos de experiências quase fatais.

Sentando-se com a bandeja no colo, Nicol lhe ofereceu o quitute. Na névoa de seus pensamentos, estava certa de que deveria recusar. Afinal, o que tinha dito sobre confiança era verdade. Mas ele estava sentado ali, esperando com a colher na mão, e aceitar alguns pedaços não lhe parecia perigoso.

Megan fechou a boca em volta da colher e extraiu a fruta açucarada. Ele observou os lábios dela mover-se, viu a ponta de sua língua aparecer. Embora ela procurasse se manter lúcida, na verdade não estava. Ao contrário, sentia-se estranhamente excitada.

Soltando o ar devagar, Nicol inclinou-se para trás e franziu a testa enquanto abria uma garrafa de vinho. Serviu, então, apenas um dedo em uma taça e a encostou nos lábios de Megan. Ela bebeu. Uma gota escorreu para baixo de seu lábio inferior, mas ela a recolheu com a língua. As narinas do visconde alargaram-se enquanto ele a olhava, e essa expressão fez com que ela sentisse um nó no estômago.

— Posso me servir sozinha.

— Calma — disse ele, oferecendo-lhe mais vinho.

Mas ela não ousava mais se descontraír. Pelo menos, não enquanto o peito nu dele continuasse visível e assim tão perto dela. Tão perto que daria para beijá-lo. Megan clareou a garganta e fez um grande esforço para recuperar o controle de seus pensamentos.

— Não estou agitada como se estivesse cortando lenha.

— Normalmente, damas de verdade não cortam lenha — observou Nicol, oferecendo-lhe mais pêra. Depois da fruta, foi a vez do pudim de batata e de um crocante pão de centeio. Finalmente, Nicol reclinou-se na cadeira.

— Está satisfeita?

— Sim, obrigada — respondeu ela, embora estivesse concentrada no peito dele.

— A água não está esfriando?

— Um pouco.

Pondo a bandeja de lado, Nicol se levantou, pegou um par de toalhas e foi para o quarto

— Venha — disse, aparecendo na soleira da porta. — É melhor sair daí.

Aquela faixa de peito nu piscou para ela novamente. Seu coração estava descontrolado.

— A água fez um milagre — disse Megan, esperando não parecer sem fôlego. — Me sinto ágil como um gatinho. Você pode ir. Vou sair e me enxugar sozinha.

— Eu a ajudarei — disse ele, indo na sua direção.

A camisa se abriu ainda mais, mostrando os músculos esculpidos do peito de Nicol. O pânico tomou conta de Megan.

— Vai molhar sua camisa novamente.

Então, ele se afastou e tirou a camisa. Músculos lustrosos como os de um garanhão contraíam-se e descontraíam-se ao longo do peito e do abdômen. Megan desviou o olhar, mas parecia não poder fazer nada para resistir quando ele a pegou nos braços. A água correu dela como uma cascata, assim que ele a levantou e a segurou sobre a banheira, mas a cascata logo se transformou num fio de água para, enfim, limitar-se a algumas gotas.

— Pronta?

Ela anuiu. Nicol a carregou, então, para o quarto, onde as peças de xadrez pareciam assistir à cena e o banco recoberto de toalhas a esperava perto da lareira. Deixou-a ali e voltou ao banheiro para apanhar mais toalhas.

— Como se sente?

Agitada, esquisita... pesada.

— Bem — respondeu.

— A cabeça dói? — perguntou ele, enxugando-lhe a testa.

— Não.

— Não se sente um pouco tonta?

Sim, estava, tonta.

— Não. Estou bem.

— Formigamento nas extremidades? Nos dedos das mãos, dos pés...

— Não — disse ela, sem mencionar a sensação estranha no ventre e entre as pernas.

— Enxugue seu torso — ordenou Nicol, dando-lhe uma toalha. Megan o fitou.

— Os seios — explicou ele, sorrindo levemente.

Ela fez de tudo para não corar e, com inventividade, alisou os seios com a toalha, enquanto ele se ajoelhava na sua frente. Pegando outra toalha, estendeu-a sobre as coxas de Megan e as esfregou suavemente até ficarem secas.

— Você está bem?

Sentia-se entorpecida, mas fez um sinal afirmativo com a cabeça. Então, as mãos dele desceram. As panturrilhas pareciam suspirar sob seu toque, como cãezinhos amorosos e macios.

— Dói? — perguntou ele.

— Não. Não precisa se preocupar muito comigo. Tenho certeza que posso terminar sozinha.

— Terá de aprender a não ficar envergonhada quando outras pessoas cuidam de você.

— Não estou envergonhada.

— Está vermelha.

Era verdade. Ela podia até sentir o calor nas faces.

— É o calor da lareira.

— Muito bem — murmurou Nicol, e em seguida. — Uma dama nunca admite a verdade.

— Então... — começou ela, mas, naquele instante, ele pôs o pé esquerdo dela sobre o joelho e começou a lhe massagear os dedos com a toalha. Megan sentiu um prazer indescritível. Sua boca até se entreabriu.

— Está gostoso? — perguntou Nicol.

Num instante de loucura, ela quase admitiu que sim. Quase lhe disse que em toda a sua vida nunca tinha sido tão cuidada e mimada. Mas, se tinha sobrevivido até agora, era porque não era tola.

— Receio estar pingando no chão.

— Alguém limpará. Você não precisa mais se preocupar com esse tipo de coisa.

Nicol passou a toalha para a perna direita dela, onde demorou-se ainda mais, massageando-a cuidadosa... e deliciosamente... até chegar aos dedos do pé. Mais uma vez, apoiou o pé dela sobre os músculos rijos de sua perna e, de novo, ela sentiu o calor penetrar-lhe a planta do pé e irradiar-se perna acima. Os dedos foram secos um por um, como se cada um deles fosse uma preciosidade, como se ela fosse, realmente, alguém que merecia ser mimada e nutrida. Como se ele a adorasse.

— Chegou a hora de tirar essa roupa — anunciou Nicol. Seus cabelos escuros brilharam na luz trêmula da lareira e seus dentes faiscaram novamente, cercados pela pele morena.

— Megan?

Voltando ao momento presente, ela quase deu um pulo.

— Como?

— É melhor você colocar a camisola agora, antes que se esfrie.

Resfrie... Megan estava se sentindo perigosamente quente, isso sim, como se o fogo da lareira agora estivesse dentro dela, mas concordou com um movimento de cabeça. Levantando-se, Nicol levou as mãos às fitas de sua combinação. Com rapidez, Megan agarrou seu punho.

— Não! — A palavra saiu mais aguda do que queria. Então, clareou a garganta e fez o possível para se acalmar. — Deixe que eu faço isso.

Nicol estava com um olhar sombrio, mas afastou as mãos.

— Não vou me aproveitar de você, se é disso que tem medo.

Ela observou o movimento dos lábios dele e procurou imaginar, com um desejo aterrorizador, como seria encostar sua boca na dele.

— Megan?

Ela apertou a toalha contra o peito.

— Damas, com certeza, não devem permitir que as... manipulem — falou, com dificuldade para respirar.

— Ao contrário — disse Nicol, e massageou-lhe a palma da mão com o polegar. — Damas são mimadas e escovadas como corcéis de estimação.

Pegando um frasco em forma de gota sobre uma mesinha ao lado, derramou algumas gotas de óleo nas palma de Megan e as espalhou sobre os dedos. Um grande prazer se infiltrou nela quando a massageou, desenhando círculos na sua pele.

Ficou mole como uma boneca de pano, mas ele logo abandonou sua mão. Megan tentou endireitar-se, recuperar a razão, e, nesse momento, Nicol capturou-lhe a outra mão. Ela se arrepiou.

— Agora — disse o visconde —, temos de livrá-la dessa combinação, antes de você morrer.

Suas mãos estavam nos laços novamente, e dessa vez Megan não podia fazer nada para detê-lo. Mesmo quando puxou o tecido abaixo de seus seios, ela não fez nada. Simplesmente fitou-o nos olhos. Por um longo momento, pareceu que tudo estava perdido, mas, de repente, ele se endireitou.

— Você pode ficar de pé?

Megan se levantou sem pensar e Nicol puxou a combinação molhada para baixo. Agora estavam tão perto um do outro que ela podia sentir o calor emanar do peito dele, podia quase ouvir seus pensamentos. Os dedos de Nicol detiveram-se sobre os lábios dela e seus olhos se dilataram. Megan fechou os olhos enquanto ele se inclinava sobre ela.

De repente, ele se afastou. O prazer se desvaneceu como o vapor. Ouviram-se passos no quarto. Megan abriu os olhos, batendo os cílios como uma coruja, e o viu enquanto ele lhe estendia a camisola. Triturando-a nas mãos, ele a enfiou por sua cabeça sem cerimônia. Ela ficou imóvel, olhando-o.

— Levante os braços.

Ela só piscava.

— Megan — disse ele, com um tom de voz estranho. — Pelo amor de Deus, levante os braços!

Ela levantou os braços como se estivesse em transe, e Nicol cobriu seu corpo com a camisola.

— Agora, vá para a cama — disse ele, virando-se para o banheiro. — Já volto.

Nicol fechou a porta atrás de si. Ouviu-se o barulho da fechadura e, nesse momento, ela entendeu. Tinha caído na sua armadilha, no seu feitiço. Sim, desejava-o ardentemente, suspirava pelo seu toque, e ele sabia disso. De fato, tinha certamente planejado tudo. Afinal, ela era somente uma simples camareira, desacostumada com as atenções dos bem-nascidos.

Por isso, cairia nos charmes dele. Por isso, obedeceria às suas ordens.

Mas estava errado. Apesar do dinheiro prometido, ela não podia ficar ali. O preço era alto demais, pois, quando se perdia o coração, perdia-se tudo.

Tirando uma mecha de cauda de cavalo do bolso do vestido, Megan olhou para os cachos escuros. Não era tarde demais. Ao contrário, era o momento certo.

Capítulo X

Nicol voltou ao quarto. O fogo tinha se reduzido a brasas, deixando a escuridão tomar conta do cômodo quase totalmente. O seu humor, porém, estava ainda mais sombrio. Gostaria de selar Croft e cavalgar, para sentir o vento na pele e para afastar de si os desejos tolos. Mas não podia, pois tinha trabalho pela frente. Tinha ficado no corredor, então, andando em silêncio, esperando que o desejo diminuísse enquanto esperava que Megan adormecesse e que seu autocontrole voltasse. Contudo, quando olhou para a cama, tremeu como um rapazinho inexperiente.

Ela estava deitada de lado, voltada para a parede, e a saliência de seu corpo sob as cobertas era mínima. Rapidamente, Nicol verificou se o banheiro estava trancado e colocou a cadeira na sua posição noturna, em frente da porta. Então sentou-se, fechou os olhos e recusou-se a vê-la na sua imaginação. Recusou-se a ver o seu sorriso bem-disposto. Evitou reconhecer a hesitação charmosa de quando lia em voz alta. Afastou a imagem de sua pele macia como a luz da lua sob seus dedos.

Maldição!, pensou. Desde que a conhecera, passara todas as noites no purgatório, mas, dessa vez estava vivendo no inferno.

Quando, depois de uma noite interminável, amanheceu, Nicol se levantou. Sentia-se endurecido, fatigado e irritadiço. Porém, tudo estava mais claro. O tempo estava voando. Apesar do acidente de Megan, teriam de acelerar o ritmo das aulas. Ela tinha uma mente esperta e uma língua rápida, mas sua fala ainda estava longe de ser ideal. Após ter tomado apenas alguns drinques leves, tinha começado a falar como uma

peixeira. Anna podia beber um tonel de uísque sem tropeçar numa só sílaba. Nunca lhe faltariam as palavras, como acontecia com Megan. E jamais deixaria que um homem a tocasse e sentisse o calor de sua pele sob os dedos, nem olharia para ele com aqueles luxuriantes olhos verdes, dando-lhe a entender que desejava beijá-lo mais do que qualquer outra coisa no mundo.

Nicol aproximou-se da cama, sem se preocupar em não fazer barulho para não acordá-la. Mas, quando tocou nas cobertas, teve uma grande surpresa: a cama estava vazia. Puxou violentamente as cobertas, mas achou somente as mechas escuras de uma cauda de cavalo espalhadas sobre o travesseiro. Com afobação, examinou o quarto. Nada tinha desaparecido, exceto as peças de xadrez. Ela tinha levado a rainha e, com certeza, vencido a partida.

Megan deslizou da garupa na escuridão da noite. O castrado cinza manteve-se calmo enquanto ela puxava a sacola de guloseimas para baixo. Queria pegar um dos cavalos de montaria do visconde. Porém, depois do episódio com a cauda cortada apressadamente e da perna machucada, decidiu usar um animal mais calmo. De qualquer forma, cavalgar tinha-se revelado uma coisa fácil. Podia não ter um grande estilo, mas assim que subira na garupa, descobrira o modo de conduzir o animal pela estrada coberta de neve, na direção da aldeia mais próxima.

Esquecera as luvas dentro da casa. O nervosismo não lhe permitira voltar por causa delas. Em compensação, se agora estava em falta de luvas, tinha levado consigo uma grande quantidade de roupas. De fato, tinha vestido tantas, uma sobre a outra, que até duvidara ser capaz de montar no cavalo. Mas assim que chegasse ao seu destino, estava claro o que iria fazer: vender as roupas que sobravam, fazer com que o castrado retornasse para os gentis habitantes de Woodlea e voltar para Somershire. Sabia que não poderia mais ficar lá. Porém, tinha de recuperar o dinheiro escondido antes de assumir outra identidade e esquecer o visconde de Newburn para sempre.

O vento tinha sido favorável, e o capitão, gentil. Megan lhe dissera que recebera notícias preocupantes de sua irmã em Portshaven. Vendo o elegante modo de falar e o manto caro, pensara que se tratasse de uma mulher de respeito em apuros. A viagem para Teleere custara pouco e fora rápida. Megan conseguira até esconder um pouco de pão preto na sacola de rede, mas quando deixara o cais, o sol já estava se pondo. Tinha dinheiro para pagar uma carruagem que a levasse até o Lion's Share, mas não quis. Também não quis fazer o caminho mais longo em volta da cidade. Em vez disso, foi reto, pelo caminho mais perigoso. Sabia como andar silenciosamente, onde tomar mais cuidado e onde ser mais corajosa. Aquela noite recomendava cautela, pois ela não sabia qual era o paradeiro do visconde.

Algo lhe dizia que a estava procurando. Um arrepio lhe percorreu a espinha. Acelerou o passo enquanto olhava para os lados. A rua estava tranqüila e a estalagem onde tinha trabalhado estava ali em frente. Com certeza, o velho Fig já a tinha substituído. Talvez tivesse, também, emprestado o cubículo que ela chamava de quarto. Não tinha importância. Encontraria um modo de entrar e recuperar o dinheiro. Era possível até que Fig tivesse vendido suas roupas, mas valiam pouco. A única coisa importante eram suas moedas.

A estalagem estava às escuras e isso era bom. Sem dificuldade, ela encontrou a pequena janela. Encostando-se na parede áspera da estalagem, esperou, perscrutando a noite. Um cachorro latiu, mas quando o uivo terminou, não se podia ouvir nada mais. Então ajoelhou-se e espreitou pela janela. A noite estava clara, e a luz da lua penetrava no quarto. Assim, pôde ver que a cama estava vazia. Deu um suspiro e pôs mãos à obra. Não foi difícil abrir a janela por fora, nem escorregar silenciosamente como um fantasma para dentro do cômodo. Seus pés nem sequer estalaram quando os apoiou no chão.

Foi fácil, também, enfiar-se embaixo da cama à procura da tábua solta. Levantando-a e tateou ansiosamente dentro do buraco. Seus dedos encontraram somente terra fria, madeira, ar. Megan vasculhou com mais rapidez, enquanto seu coração disparava. Não! Não podia ser! Não podia ter desaparecido!

Pulando para trás, ergueu-se e preparou-se para empurrar a cama, mas, naquele momento, uma sombra cresceu na escuridão.

— Mágica Meg — disse o visconde.

O aperto na garganta era tal que ela só conseguiu resmungar algo e distinguir o sorriso dele.

— Senti sua falta — disse ele.

— Que diabo está fazendo aqui? — reagiu ela, com voz estridente.

O sorriso dele se intensificou.

— Vim recuperar minha rainha.

Embora estivessem num barco diferente, a viagem se parecia muito com a primeira que tinham feito juntos. Megan fitava o visconde do outro lado da cabine estreita. Até aquele momento, tinha aberto a boca raramente e ela não estava sentindo falta de diálogo. A julgar pelo silêncio, o humor dele não era dos melhores.

— Nós fizemos um acordo, Megan.

Ela ficou calada. Não gostava do jeito como a estava olhando. Seus modos ainda eram refinados, sua roupa elegante, mas sua expressão parecia perigosa. Megan deu de ombros, lembrando-se de que Nicol tinha lhe pedido para não o fazer, para falar exatamente como lhe tinha ensinado. Entretanto, fazer o contrário lhe dava uma satisfação incandescente.

— Pode ser que eu não *gostei* dos termos.

— Os termos! Não gosta de ser tratada como uma princesa? Não gosta...

— Não gosto de ser... — procurou a palavra correta freneticamente. As mãos dele sobre sua pele a tinham feito sonhar, como uma magia sedutora e desconcertante, e Megan sabia que não devia confiar em prestidigitação — ...molestada! — concluiu.

Nicol riu, sarcástico.

— Eu é que fui molestado.

— Você?

— Com mentiras, roubo, agressão física — disse ele, com expressão ameaçadora.

Megan umedeceu os lábios. Nicol a fitou. Então reclinou-se e procurou sufocar as próprias emoções.

— A lareira.

— Como?

— Você saiu pela chaminé da lareira, não é? — Estendendo o braço, agarrou-lhe o pulso e virou a palma da mão dela para cima. — Você queimou as mãos.

— Só um pouco.

Soltando a mão dela, ele se virou e praguejou. Megan olhou para as costas do visconde, tomada por um turbilhão de sentimentos.

— E os cabelos sobre o travesseiro... eram da cauda de Croft. Você *roubou* a

cauda de Croft!

Mais uma vez, ela não disse nada e pôde ouvi-lo respirar profundamente.

— Eu magoei você, Megan?

Uma mecha de cabelo caiu sobre sua testa, fazendo com que ele parecesse estranhamente vulnerável. Por um segundo, ela teve vontade de ajeitá-lo, para se desculpar, pegá-lo nos braços, mas não foi imprudente como algumas noites atrás. Nem estava tão bêbada.

— Eu a magoei?

Ela fez um gesto negativo com a cabeça.

— Fiz você passar fome?

— Não.

— Não — repetiu ele e virou-se para ela. — Eu cuidei de você e a alimentei bem. Eu a treinei... — Nicol fez uma pausa, como se não fosse capaz de continuar. — Eu a ensinei a ler e...

— Por quê? — A voz dela era baixa e suas emoções, violentas, fazendo-a esquecer sua pronúncia áspera. — Por que fez todas essas coisas? Para que eu me parecesse com sua preciosa Anna? Para olhar para mim e imaginar que eu sou ela? Para que eu me tornasse sua substituta pobre?

O visconde fez um movimento, como se estivesse para dizer algo, mas nenhuma palavra saiu de sua boca. Megan tinha raramente visto uma expressão de surpresa no rosto dele, como agora.

— É isso que você acha? — perguntou ele, finalmente.

— Como diabos posso saber o que acho? Você não me põe a par de nada. Primeiro me rapta, depois me ameaça e...

— Preciso de você para representar o papel da princesa de Sedonia.

O mundo pareceu parar. Megan piscou, tentou formular uma pergunta e, então, piscou de novo.

— O quê?

— A princesa Tatiana Octavia Linnet Rocheneau.

Ela esperou, enquanto sua mente rodopiava a uma velocidade perigosa.

— A princesa — disse, respirando fundo.

Apesar de tudo, Megan se dava conta da ironia da situação. A princesa de Sedonia precisava da ajuda de uma ladra anônima. A herdeira legítima do rei... Ela quase deu uma gargalhada.

— É ela a sua Anna?

— É. Precisa deixar o país, mas não pode abandonar o trono.

— Por causa de Paqual.

Nicol ergueu uma sobrancelha, deixando entender que ela tinha adivinhado.

— Aonde ela vai?

— Isso não é da sua conta.

— Você espera que eu deixe a minha pátria, agüente as suas lições, arrisque a

minha vida e diz que não é da minha conta?

— Embarcará para Teleere.

— Para onde? Por quê?

— Quer encontrar o lorde da ilha.

— O senhor MacTavish? — perguntou ela.

— Já lhe contei até dema...

— Um marido. Ela o quer como marido!

— Por que você acha isso? — perguntou o visconde.

— Porque ele é o homem com o qual *eu* me casaria — respondeu ela, sorrindo.

Nicol franziu a testa.

— Mesmo?

— Não é um lorde mimado com medo de sujar as mãos. — Nicol a olhou como se estivesse se referindo a ele. — Dizem que era um pirata antes de se tornar senhor feudal.

Megan não sabia disso quando lhe roubara o broche. De fato, pensara que era somente outro nobre mimado. A verdade lhe causara certa consternação. Por isso, escondera o broche até decidir o que fazer com ele. Normalmente, não roubava de plebeus.

— Dizem que é um bastardo. — Talvez, exatamente essa ligação entre ela e o senhor de Teleere a tivesse impedido de vender o broche a um receptador. Talvez houvesse outras razões, afinal ela tinha visto o rosto dele.

— Você acha que o fato de ser um bastardo torna plausível que a princesa o queira como marido?

— Isso — disse ela — e o fato de que é o homem mais bonito na face da Terra.

O visconde se calou por alguns segundos e apoiou o ombro contra a parede da cabine.

— Então, você conheceu todos eles?

O tom de voz dele era estranho. Megan arqueou uma sobrancelha.

— Vi o suficiente na vida para distinguir o bom do ruim.

— Detesto ter de desapontá-la — disse ele —, mas a princesa Tatiana dá pouca importância para a aparência física.

— Então, está interessada nele porque é quem pode enfrentar Paqual e os amigos dele. Embora haja quem não goste que ele governe Teleere — afirmou.

— Por exemplo?

— Ouvi dizer que tinha um sobrinho que o detestava.

Nicol respirou fundo, e nesse momento Megan teve a certeza de que nada disso era novidade para o visconde.

— Não pensei que você se interessasse por política.

Talvez tivesse falado demais, se exposto excessivamente, mas deu de ombros, esperando parecer despreocupada.

— Só porque não tenho um título pomposo não significa que eu seja ignorante.

— É bom saber — disse ele, retomando uma expressão fria.

Megan fez uma careta, tentando adivinhar o que estava fermentando na cabeça dele.

— Tenho razão, não é? — perguntou — Ela quer se casar com MacTavish e criar um vínculo entre os dois países.

Os olhos de Nicol estavam semicerrados.

— Se eu disser que sim, você a ajudará?

Megan o fitou enquanto pensamentos tumultuosos passavam por sua mente. Lembranças dos anos passados na rua, da dura luta pela sobrevivência, do coração partido e das feições cansadas de sua mãe. E, durante todo esse tempo, Tatiana Octavia Linnet Rocheneau tinha vivido como uma princesa.

— Claro — disse ela, dando de ombros com estudada descontração. — Por que não?

— Muito bem. Só mais uma pergunta.

Megan esperou, com o fôlego suspenso.

— Que motivo você tinha para roubar minhas meias?

Capítulo XI

A carruagem dava solavancos ao passar sobre os sulcos na neve, no atalho de pedras. Megan não tinha a menor idéia de como Ralph sabia onde encontrá-los e de como o veículo lustroso do visconde aparecera no porto de Sedonia, com o cocheiro silencioso e sóbrio, um verdadeiro homem de confiança atrás da parelha de cavalos baios.

— Por quê, então? — perguntou Nicol.

Mais uma vez, era impossível achar um cabelo fora do lugar, um pelo no seu queixo, como se tivesse passado a noite no teatro em vez de fazendo-a atravessar um trecho de mar agitado.

— Como? — perguntou ela, embora tivesse ouvido perfeitamente.

— Pensei que tivéssemos chegado a um acordo. Pensei que você estivesse começando a confiar em mim. — Ele a fitou no escuro, como se a estivesse examinando com interesse distante. — É por que eu não fui capaz de protegê-la?

Megan o olhou com as sobrancelhas franzidas e ele notou sua expressão de surpresa.

— Os cavalos — continuou ele. Nicol estava de braços cruzados e, embora a carruagem sacolejasse e pulasse, parecia perfeitamente indiferente à turbulência. — A sua ferida.

Megan não conseguiu evitar uma risada.

— Milorde — disse e se deleitou com a raiva nos olhos do visconde por causa da formalidade com que se dirigiu a ele — uma unha encravada me daria mais preocupação.

— Por quê, então?

Contra a própria vontade, vieram-lhe à lembrança o toque dos dedos dele sobre sua pele, o som profundo e embriagante de sua voz enquanto lia para ela. Uma mulher sozinha tinha de enfrentar muitos perigos, mas o perigo maior era a fraqueza nos abismos da enfatuação.

— Foi uma manobra? — perguntou ele.

Por mais que se esforçasse, Megan não conseguia esquecer como a luz da vela tinha brilhado nos cabelos dele, ou quão fortes, elegantes e recobertas de pelos escuros eram suas mãos enquanto seguravam o livro. Não podia esquecer sua gentileza, nem o calor de seu peito enquanto a tirava da banheira. Nem quanto tinha desejado, com os olhos fechados, sentir os lábios dele sobre os seus.

Maldito fosse! Maldito fosse ele e todos os lordes mimados que passavam o tempo roubando o coração mole de uma camareira!

— Era tudo uma artimanha? Para fazer com que eu baixasse a guarda?

Quem diria que ela se deixaria tentar por um nobre? Ainda mais de Sedonia. Achava que tinha aprendido com os erros de sua mãe e tinha jurado que não os repetiria. E ali estava ela, fascinada com um lorde de Sedonia que só pensava nos próprios interesses, excetuando-se, talvez, os interesses de outra mulher. Quase riu com a sinistra ironia da situação.

— Sim — disse ela, finalmente, e desviou o olhar para o campo coberto de neve ao entardecer. — Era somente uma armadilha.

— Como se chama sua dama de companhia mais velha? — perguntou Nicol.

— Lady Evelyn. — A voz dela era firme, mas feminina; e suas costas estavam perfeitamente retas enquanto contemplava a fazenda através da janela. — Filha única de um barão de certa idade. Seus olhos são azuis e seus cabelos, pretos. Uma combinação rara.

— E a prima dela?

— Lady Mary, que é muito loira para os padrões de Sedonia.

— Qual é o principal produto de exportação do seu país?

— Somos ricos de rubis e outras pedras preciosas e nossos artesãos são os melhores de toda a Europa.

— E seu primeiro-ministro? — perguntou Nicol.

— Lorde Paqual. — O rosto dela não mostrava nenhum tipo de emoção, alegria ou animação, exceto uma ligeira forma de desprezo.

Era impressionante o que se podia aprender em duas semanas. Ela estava usando sapatilhas, e seus pés estavam perfeitamente alinhados. Suas mãos estavam unidas com cuidado atrás das costas delicadas. Nicol pôs-se a caminhar, mas ela não se virou para seguir seus movimentos.

— Está idoso agora e, antigamente, era o homem de confiança de meu tio.

— Seus guarda-costas...?

— Roger é alto e moreno. Keeves tem uma cicatriz na sobrancelha esquerda. Combs é ruivo. Allard é sempre solene... e ama lady Mary secretamente.

O visconde a fitou e ela deu de ombros.

— Estou intuindo a partir do que você me contou.

Como é possível que fosse tão intuitiva?, perguntou-se Nicol. O que havia intuído sobre *ele* então? Mas, afugentando esses pensamentos, continuou a sabatina.

— E seu pai, como se chamava?

— Edward Rocheneau, duque de Northrum. Morto há alguns anos.

— Seu tio?

Antes de responder, ela fez uma pausa, como se estivesse absorta.

— Meu tio era o antigo rei, que morreu há alguns meses e de quem todos sentimos falta.

O tom, ou falta de tom, dela o intrigava. Mas Nicol se concentrou na aula. Afinal, ela era somente um instrumento. Nada mais. Um instrumento que o deixaria assim que tivesse uma oportunidade, lembrou-se. Não podia se importar com ela ou com os seus pensamentos vis. Mas como era difícil esquecer o pânico que sentira no momento em que tocara seu vestido... Maldita fosse, ela e seus meios desonestos!

— Fale sobre sua mãe — pediu, com um tom tão frio quanto o dela.

— Lady Margaritha.

Megan cerrou os lábios e virou a cabeça para trás, fitando-o por cima do ombro. Nesse momento, parecia-se tanto com a princesa que Nicol perdeu o fôlego. Isso deveria fazer com que ficasse contente. Olhou-a em silêncio, e, como se estranhasse sua reticência, ela levantou uma sobrancelha sem franzir a testa.

— Era a duquesa de Fellway. Acredito que era ela quem dizia que tentar é o que se faz quando se é fraco demais para ser bem-sucedido. — Dizendo isso, Megan quase sorriu. — De qualquer forma, era uma cadela fria e velha!

O contraste agudo entre os termos grosseiros naturais de sua linguagem na última frase e o modo de falar culto recém-adquirido tirou Nicol do devaneio. Deveria admoestá-la, mas uma chama se acendeu nos olhos sedutores de Megan. O mesmo brilho que o fascinara em Portshaven alguns meses atrás. Uma faísca da espirtualidade e do encanto que ele admirara. Megan era surpreendentemente inteligente. Tinha feito um progresso enorme. Sua pronúncia era impecável; sua memória, impressionante.

Ele aprovou com um leve movimento de cabeça.

— Sua Anna é fria assim?

A pergunta o abalou, mas ele manteve uma expressão estóica e caminhou até o baú mais próximo para pegar alguns livros.

— Você ainda tem muito a aprender.

— E, com certeza, eu deveria saber disso — refletiu ela.

Sua pronúncia ainda era perfeita, mas o tom, agora, estava animado.

— Como posso tomar o lugar dela se não sei como se comporta?

Megan era somente três centímetros mais alta que a princesa, mas o que a tornava

única era a sua vitalidade. Quando entrava em algum lugar, todo o resto parecia perder o brilho. Como iria esconder isso? Talvez ela tivesse razão. Talvez devesse conhecer o temperamento de Anna para poder imitá-la.

Nicol respirou fundo e a observou por alguns instantes enquanto escolhia cuidadosamente as palavras.

— A princesa Tatiana não gosta que toquem nela.

Megan levantou as sobrancelhas, dessa vez espontaneamente, e por isso pensou que estava saindo de sua personagem, mas quando falou, seu tom de voz era impecável.

— Nunca?

Como ensinaria o comportamento frio da princesa para aquela moça que era uma verdadeira explosão de vida? Talvez, um dia, ele tivesse pensado que a princesa Tatiana fosse a feminilidade em pessoa. Talvez, antigamente, pensasse que era tudo o que havia de bom, mas agora...

— A mãe dela era uma beldade — disse. Megan esperava pacientemente que continuasse. Nicol estudava a forma melhor de se expressar. — A duquesa não gostava que os outros lhe roubassem a cena.

— Incluindo a filha?

— A duquesa de Fellway raramente tocava em Anna. Aliás, falava com ela somente para repreendê-la e, acredito, encorajava os outros a fazer a mesmo.

— Então a moça cresceu sem que tocassem nela? Sem carinho e afeto?

Nicol não respondeu. O que sabia ele sobre carinho e afeto? Talvez, para uma mulher como Megan, não existisse sentimento sem contato físico, pensou ele, e lembrou-se com clareza de que ela nunca tinha colocado sua mão sobre a dele.

Megan andou ao longo de uma parede, passando os dedos sobre a moldura oval de uma pintura.

— O título da princesa não a ajudou muito então. Até mesmo os filhos bastardos dele... — Ela se calou abruptamente e parou. O visconde a olhou com ar interrogativo.

— Os bastardos de quem?

De repente, ela pareceu rígida e estranhamente frágil, mas sacudiu os ombros logo em seguida. Era um dos únicos defeitos de Megan que ele não conseguia corrigir.

— Do antigo rei — disse ela. — Com certeza, teve filhos ilegítimos.

— Por que você acha isso?

— Era um nobre, não era?

A pergunta o arrastou num turbilhão de pensamentos.

— Quem é você, "Mágica Meg"?

Megan riu como se achasse o visconde muito divertido.

— Está pensando que sou alguma princesa perdida? Você deve ser mesmo um excelente preceptor, se acaba acreditando nas próprias mentiras!

Nicol procurou se descontraír. Talvez estivesse ficando louco.

— Então, você não passa de uma ladra.

— Errado. Sou somente uma camareira cerceada, que você acredita ser uma ladra. Mas, no final das contas, parece que eu tive sorte, pois minha mãe não era fria,

nem egoísta.

— Você disse que não tinha mãe.

— Não disse que não tinha mãe, somente que não me lembrava muito bem dela.

— Você disse que não se lembrava *nada* dela — corrigiu Nicol, tentando decifrar um enigma que ele parecia estar quase entendendo.

— Não achei necessário compartilhar minhas recordações com você naquele momento.

— E agora? — Olhar para ela era fascinante, era como ver uma escultura ganhar vida.

— Eu disse que iria representar o papel da princesa até ela voltar para seu trono.

— Então, não há motivos para não falar sobre sua mãe.

— Não me parece necessário para a minha aprendizagem.

Nicol quase sorriu com a escolha de palavras.

— Nós trabalhamos muito esta manhã.

De fato, tinham trabalhado muito a semana toda. Haviam só trabalhado. Tinha voltado para a casa de campo de Will, praticamente sem esclarecer a fuga de Megan, e retomado o treinamento, iniciando muito antes do primeiro cantar do galo e terminando depois que as velas tinham se queimado completamente.

— Talvez você mereça uma recompensa.

— Isso é um elogio, milorde?

— Nicol — corrigiu ele, embora o tivesse feito várias vezes, sem obter o resultado esperado. — É assim que Anna me chama.

— A princesa é assim tão informal com seus conselheiros?

— Acho que você está evitando a questão — disse ele, apoiando-se na escrivaninha que o pequeno Barnes tinha trazido da biblioteca. — Você ia me falar sobre sua mãe.

— Ia?

— Estava morrendo de vontade.

Um sorriso diabólico se insinuou nos lábios de Megan, mas ela desviou o olhar para fora da janela outra vez. Por um instante, Nicol achou que ela recusaria, que guardaria suas recordações para si, mas finalmente ela falou:

— Eu realmente acredito que ela era um anjo.

Aquelas palavras soaram estranhas, não combinavam com a personagem fria de Tatiana, nem com o caráter forte de Megan. Isso lhe despertou uma curiosidade maior do que ousava admitir.

— Quando ela morreu?

— Muitos anos atrás.

— Quantos anos você tinha?

Megan deu de ombros, mas, mesmo estando de perfil, ele pôde notar um pequeno sorriso. Assim, a dor não tinha sufocado a felicidade que sua mãe lhe tinha dado? pensou Nicol, e se perguntou como era possível.

— A minha idade na época não tem importância — disse ela, enfim. — Mesmo que ela tivesse vivido cem anos, teria sido cedo demais para a sua morte. — Afastando-se da janela, o olhar dela encontrou o de Nicol. — E você? Teve a bênção do título e pais que o adoravam?

A pergunta o trouxe de volta para a realidade, mas ele se levantou com graciosidade.

— Está na hora de treinar seu francês.

— Responda à minha pergunta... *s'il vous plaît* — disse ela, e embora Nicol quisesse recusar, a expressão encantadora dela fez com que mudasse de idéia.

— Não tenho muitas lembranças de minha mãe — respondeu, colocando a lombada dos livros sobre a mesa e segurando-os dessa forma.

Megan inclinou a cabeça de leve.

— Mentiroso — murmurou, baixinho.

— Juro por Deus. Quase não consigo me lembrar de seu rosto. Ela caiu da escada alguns anos depois que eu nasci. — Disse isso e apertou os livros na mão.

— Sinto muito — disse Megan, num tom que ia além da compaixão.

Talvez suspeitasse que ele não estava dizendo toda a verdade. Nesse caso, não deveria se surpreender, pois ela podia ser uma mentirosa e uma ladra, mas não era tola.

— Sim — continuou Nicol; e, meu Deus, que ator ele era! Não havia um indício de emoção na sua voz. Os nobres eram realmente surpreendentes. — Foi uma perda terrível. Todos disseram. Acredito que até mesmo meu pai lamentou.

— Depois...

O visconde se deu conta, porém, de que tinha falado demais, mas Megan se manteve em silêncio por algum tempo, deixando-o acreditar que talvez não fosse tão astuta como de fato era.

— Depois...? — O tom dela era suave. — Ela... — Megan respirou fundo. — Como ela caiu?

Nicol olhou para os livros.

— Seus súditos esperarão de você que fale várias línguas. Não será capaz de falá-las fluentemente, claro, mas é melhor que aprenda algumas palavras — disse ele, e quando olhou para Megan, viu que não o tinha escutado.

— Nicol. — Seu nome de batismo soou perturbadoramente bem nos lábios dela. — Sinto muito, de verdade.

Ele anuiu com um movimento da cabeça, enquanto andava na direção dela com indiferença.

— Seu pai. Eu não tinha entendido que ele era... perigoso.

De repente seu passo vacilou, mas ele continuou, agindo como se nada estivesse errado. Acima de tudo, queria fingir que ela não tinha adivinhado a verdade, chegando à mesma conclusão a que ele tinha chegado anos atrás. De fato, pensou em negar até mesmo agora, mas não havia motivo. Ela era somente um instrumento. Um instrumento intuitivo, inteligente e encantador.

— Eu a avisei sobre minha ascendência — lembrou.

— E você viveu com ele a infância toda? Embora... — Megan deixou a idéia

suspensa no ar.

— Até entrar no Exército.

— Mas... — Ela franziu a testa de leve, coisa que Anna não costumava fazer, mas era algo que combinava tão bem com Megan... — Você tinha um título.

Nicol fez um gesto negativo com a cabeça, como para contradizer as palavras dela.

— Era o filho mais novo de um lorde menor.

— E como você se tornou visconde?

— Meu tio — explicou ele — não tinha uma saúde boa, mas era rico. O título era dele.

— Não tinha herdeiros?

— Não. Nem filhos ilegítimos. — Nicol tentou ser espirituoso, mas Megan ignorou o sarcasmo.

— Então, assim, seu pai não se tornava o herdeiro?

— Meu pai — concordou Nicol — e, depois dele, meu irmão mais velho.

— Ambos morreram?

Nicol se perguntou por um momento se ela estaria suspeitando que ele tinha algo a ver com a morte dos dois. Perguntou-se, aliás, se não estaria certa. Afinal, sabia da animosidade que havia entre eles. Eram muito parecidos: fortes, arrogantes e com sede de sangue.

— Foram encontrados mortos. Na casa de meu pai. — O visconde disse isso sem emoção, observando a reação dela o tempo todo.

— Assassinados?

Ele queria dizer "sim". Assassinados inexplicavelmente.

— Meu pai foi esfaqueado várias vezes. Meu irmão morreu com uma bala no peito. Depois da morte de meu tio, Ernest queria se tornar visconde e meu pai achava que ele próprio seria um bom lorde.

— Mataram-se um ao outro?

— Acho que sim — respondeu ele, mas, dentro de si, tinha certeza que sim.

De fato, Ernest tinha contado seus planos a Nicol, vangloriando-se num momento de embriaguez. Mas se vangloriava e se embriagava com frequência, e Nicol não acreditava que pudesse pô-los em prática. Ou sim?

O rosto de Megan estava pálido, e seus lábios curvados para baixo.

— Eu sinto muito.

— Você seria uma das poucas.

— Você não sentiu?

— Megan... — Nicol suspirou e fez um movimento de reprovação com a cabeça, como se estivesse decepcionado com a atitude dela. — Se espera se comportar como a realeza, deve demonstrar menos interesse na vida dos outros.

Megan o fitou com intensidade. A pele dela parecia suave como papel de seda e seus olhos, tão intensos quanto uma esmeralda de Sedonia.

— Fale sobre seu irmão.

— Era muito parecido com meu pai.

Houve um longo silêncio.

— Então, você se parece com sua mãe — disse ela. O modo como pronunciou aquelas palavras lhe provocou um nó na garganta. Ele, o lorde frio.

— Não — rebateu ele. — Eu também sou como meu pai.

Capítulo XII

Os pensamentos de Megan eram imperscrutáveis, apesar do nó no estômago. Ao bater numa pedra, a carruagem a fez pular para o lado. No assento em frente, Nicol a estudava em silêncio, descontraindo. Em silêncio, ela o amaldiçoou por parecer indiferente.

— Nervosa? — perguntou ele.

— Eu? — Duas semanas antes, quando pusera aquele vestido pela primeira vez, parecera que os seios apareciam menos. Mas talvez, com a alimentação de agora, era de se esperar que fossem... abundantes. — Por que deveria estar nervosa?

— Não consigo imaginar nenhum motivo, se você mesma não consegue.

Ela arqueou uma sobrancelha. Havia praticado, no espelho de Woodlea e sabia a aparência que dava. Soberana, mas tolerante. Gostava disso. Combinava com a personagem de princesa, mas não com o nó que sentia no estômago. Tinha até perdido o apetite. Porém, não confessaria isso para aquele imperturbável visconde. Até mesmo falar sobre a própria mãe não o havia perturbado.

— Quanto tempo levará para chegarmos ao palácio? — perguntou, tentando imitar a descontracção dele.

— Mais algumas horas.

Horas. Dali a poucas horas, estaria se agitando em Malkan Palace, fingindo ser o oposto do que era. De repente, sentiu náuseas.

— Está bem, Alteza?

Era a primeira vez que a chamava assim, e o choque de ouvir aquele tratamento fez com que seu sangue fosse parar nos pés. Mas se manteve ereta, com um olhar impassível.

— Claro.

Nicol sorriu, embora soubesse o que ela estava pensando.

— Deveria ter comido alguma coisa.

— Como já disse... — Megan falava pausadamente, querendo parecer despreocupada e confiante. — Estou bem.

— Você vai poder comer logo.

— Acha que é sensato?

O visconde a estava observando de perto e ela não podia deixar de pensar no que ele estava vendo.

— E se formos vistos?

— Não arriscaremos ir a uma taverna. A Sra. Barnes preparou uma refeição para a viagem.

Megan não disse nada por algum tempo, mas olhou pela janela. A primavera estava se fazendo sentir, deixando entrever uma luz de esperança e de calor. Ouviam-se somente os firmes passos dos cavalos, até quando, finalmente, a carruagem parou. Eles desceram e, entrando num pequeno bosque, caminharam até a vertente de uma colina, onde a neve tinha se dissipado dando lugar à relva primaveril.

Ralph carregou um cesto e o colocou sobre uma coberta que o visconde abriu sobre a relva. Perto deles, em um galho sem folhas, um tordo marrom cantava em homenagem à nova estação. O cocheiro desapareceu sem deixar rastro, e Nicol tirou a comida da cesta de vime, distribuindo-a em pratos de metal. Enchendo canecas de estanho até a metade, entregou uma a Megan e sentou-se com a sua.

Embora a comida estivesse fria, a Sra. Barnes tinha produzido o seu costumeiro esplendor. Havia uma torta de pomba, assada com perfeição; um pão branco de casca crocante, ainda fresco; e queijo amarelo picante. O estômago de Megan roncou.

Nicol comeu, encheu sua caneca de vinho novamente e olhou para o prato dela.

— Você nem encostou no seu prato, princesa.

Princesa. Seu estômago se agitou ainda mais. Até aquele momento, tudo tinha parecido uma brincadeira frívola. Agora, tudo parecia surreal e muito perigoso.

— Não está se sentindo bem?

— Estou bem, mas ainda é cedo para comer.

No céu, um falcão investigava o desfiladeiro. Com as amplas asas abertas, gritava para o vale abaixo de si. O tordo se calou imediatamente. Uma nuvem escondeu o sol e Megan estremeceu.

— Está com frio?

— Não. É só... — Não conseguia controlar a respiração e seu coração tinha disparado. — Talvez um pouco.

Nicol colocou o próprio fraque sobre os ombros dela. Megan pôde sentir o calor dele no tecido que agora a envolvia.

— Uma princesa não pode desmaiar de fome — disse ele. — Nem de ansiedade.

Pegando a caneca na qual Megan ainda não havia bebido, encheu-a até a borda. Ela a apanhou. Embora as manchas tivessem desaparecido das unhas e dos dedos, as palmas das suas mãos ainda estavam calosas, e suas cutículas, ásperas. Aliás, três semanas antes ele nem sabia que ela tinha cutículas. Tampouco ela possuía um par de luvas de cabra amarelas para esconder as marcas do trabalho manual... luvas tão macias que pareciam água sobre a pele.

— Não é preciso se preocupar comigo, mi... — Sua mão ficou suspensa no ar e ela fez um pequeno movimento com a cabeça. — Nicol — disse, então, corrigindo-se, e levou a caneca aos lábios. — O dia está bonito — acrescentou, sem olhar para ele.

— Vai dar tudo certo.

Megan queria poder concordar, levantar o queixo com soberana aceitação e tranquilizá-lo; mas, naquele momento, sentia-se fraca.

— Como se chamava minha tia?

O visconde estava sentado com uma perna dobrada para cima e um braço apoiado sobre o joelho. Tinha desfeito o nó da gravata. Através do colarinho aberto, era possível ver a pele morena de seu pescoço e do peito. Era a verdadeira imagem da elegância descontraída. Ela sentiu que ia vomitar.

— Não se preocupe com isso agora — sugeriu ele.

— Não consigo lembrar o nome dela.

— Em geral, os súditos fiéis de Anna não a interrogam sobre os nomes de seus parentes.

— E se o fizerem? E se eu não andar corretamente, rir ou comer como ela?

Megan sabia que estava sendo tola. Lembrou-se do broche roubado do Senhor de Teleere. Às vezes, o colocava sobre a pele, para se lembrar de sua própria habilidade. Mas isso ocorria quando ela era "Mágica Meg". Quem ela era agora?

— Megan... — Nicol encostou os nós dos dedos em seu queixo. — Você comeria até patas de porco.

Ela fechou os olhos e tentou entender se ia desmaiar.

— Não posso fazer isso. Não sou uma dama.

— A verdade é que — disse ele, em voz baixa e com sinceridade — você não é uma camareira. Realmente, às vezes, penso que você é mais dama do que... — Nicol fez uma pausa e, esperando, prendeu a respiração.

— Nicol!

Ambos tiveram um sobressalto. Dois homens caminhavam na direção deles. Um era magro e bonito, embora estivesse vestido com descuido; o outro era mais alto e tinha um ar abobalhado.

— Vire-se antes que eles a possam ver — sibilou o visconde e, levantando-se, encaminhou-se para a estrada.

— Cask — disse ele, com um tom seco, para o barrigudo. — E Will.

— Eu bem que achei que aqueles garanhões eram seus — disse Cask. — De quem é a carruagem?

O homem estava perto, a poucos passos da cobertura sobre a relva, mas Megan evitou olhar para eles. Não ousava, pois não tinha idéia de que papel deveria representar. Desvencilhando-se do casaco de Nicol, levantou-se do chão e manteve-se de costas para os homens.

— Estou voltando de Woodlea para Skilan — disse o visconde. — Por falar nisso, obrigado, Will, por ter me deixado usar a casa.

— Sem problema — disse William pausadamente e, nesse instante, o outro falou de novo.

Megan podia sentir o olhar do homem atrás de si.

— Diga, Cole, a dama também estava precisando de algumas semanas de descanso no campo?

— De fato, estava.

— Não achei que você abandonaria seus amigos por um fogo-fátuo.

— Como você bem sabe, Cask, eu o abandonaria por muito menos. — A voz de Nicol estava baixa, mas clara o bastante.

— Assim você me magoa, de verdade.

— Talvez, você deva ir ficar magoado em outro lugar.

O outro sorriu.

— Mas, com certeza, você quer me apresentar. Afinal, a dama vai precisar, sem dúvida, de um ombro para chorar quando você se cansar dela.

Dessa vez, Nicol falou baixo demais para que ela ouvisse.

— Bom, ao menos você poderia admirar minha última aquisição. Comprei um castrado novo, e Will, como sempre, não é capaz de apreciar. Venha, quero lhe mostrar.

Megan ouviu os homens se afastar, ouviu seus passos abrindo caminho entre as folhas secas deixadas pelo outono, enquanto se encaminhavam para a estrada. Pensou em aproveitar aquele instante de privacidade e decidiu ir para o bosque. Porém, ouviu passos atrás de si, se aproximando.

Uma vida de luta pela sobrevivência a chacoalhou. Andou para frente e para trás, pronta para gritar, golpear ou fugir. Mas antes que pudesse fazer alguma coisa, o homem chamado Cask deslizou diante dela. Por um momento, olharam-se em silêncio. Então ele se ajoelhou como um fidalgo embriagado, fazendo uma reverência.

— Vossa Alteza, perdoe a minha intromissão. Eu não tinha idéia... Eu não sabia...

Megan tentou pensar, recobrar as forças, mas o mundo estava de cabeça para baixo, e naquele momento, Nicol reapareceu.

— Peço-lhe desculpas, Alteza — disse, fazendo uma reverência. — Lembra-se de Cask, barão de Bentor?

Megan não tinha a menor idéia do que devia fazer. Então, manteve o corpo exageradamente ereto e cruzou as mãos à frente do corpo.

— Aparece sempre de repente por entre a folhagem, assustando os viajantes distraídos?

Os lábios do visconde ensaiaram um sorriso.

— Somente quando está embriagado. Então... sim... Alteza, eu acredito que... Não tinha a intenção de assustá-la, Vossa Alteza. Pensei somente...

O barão não conseguia terminar a frase e levantou o olhar. Talvez ela devesse fugir, cobrir o rosto ou desmaiar, mas não fez nada disso, embora se desse conta de que estava segurando a respiração. Atrás dele, o homem chamado Will permaneceu calado, fitando-a com um olhar cortante.

— O que estava pensando, milorde? — perguntou ela.

— Achei que Nicol... o visconde... estivesse se dedicando a um galanteio... — Cask engoliu as palavras. Estava pálido e com os olhos brilhantes. — Não que Vossa Alteza seja o tipo...

Megan quase riu. De fato, se não estivesse com vontade de agredir, riria.

— E o visconde, milorde? É do tipo que perde tempo a correr atrás de saias?

Nesse momento, ela intuiu que Nicol estava tendo uma relação com a princesa. Pelo menos, era o que o outro pensava.

— Claro que não, Alteza — mentiu Cask. — Nunca faria isso.

Megan fitou Nicol nos olhos.

— Vejo que tem aqui um verdadeiro amigo, milorde — disse ela, mas a expressão do visconde era de tedioso divertimento. — Levante-se, lorde Bentor.

O homem obedeceu, ainda que vacilante.

— Vossa Alteza é muito gentil.

— Talvez — disse ela com indiferença.

Os olhos arregalados de Cask ainda estavam fixos no rosto dela. Ela o fitou, mantendo a coluna ereta, enquanto seu coração martelava como o galope desenfreado de um cavalo.

— Cask, velho amigo — disse Nicol —, nós estamos voltando para Skilian.

O barão hesitou por um segundo e, então, fez uma reverência nervosa.

— Claro. Sinto muito. Foi uma grande honra encontrá-la, Vossa Alteza.

No papel de princesa, ela fez um sinal gracioso com a cabeça e virou-se, dirigindo-se para a estrada. Como Megan, parou sobre a vegetação rasteira, tentando ouvir para além dos batimentos de seu coração. Por um momento, os homens se mantiveram em silêncio.

— Meu Deus, Nicol! — exclamou, finalmente, o barão de Bentor. — Você sabe qual é a pena para quem tenta seduzir uma princesa? — Sua voz era pouco mais que um sussurro.

Capítulo XIII

A carruagem sacolejava na estrada novamente. Megan enrolou-se no manto. Parecia pequenina e pálida sobre o assento estofado.

— É só questão de alguns minutos e chegaremos — garantiu Nicol.

Megan respirou fundo. Tinham ficado em silêncio desde a refeição à beira da estrada. Mas naquele momento, ela voltou-se para ele, com os verdes olhos solenes na luz trêmula da lamparina.

— E se eles contarem?

— Se contarem que me viram com a princesa?

— Sim.

— Não contarão.

— Então, são tão confiáveis que guardarão segredo?

— Will também tem seus segredos.

— E o outro?

— Will fará com que Cask mantenha a boca fechada — garantiu o visconde, mas a preocupação perdurava nas feições reais dela. — Mesmo — confirmou ele. — Eu estive a sós com a princesa muitas vezes. Afinal, sou o seu...

— Num bosque? — perguntou ela, com emoção na voz. — Sem uma dama de companhia, sentados um perto do outro na penumbra?

Talvez tivesse sido bom que seus amigos aparecessem exatamente naquele momento, pois, de fato, *estavam* sentados um perto do outro, e ele se lembrava da maciez da pele de Megan sob seus dedos, e da expressão suave de seu olhar. Que louco seria caso se deixasse envolver por aquela jovem.

— Você poderia ver isso como um sucesso clamoroso — disse Nicol.

— Poderia? — De repente, a emoção desapareceu da voz dela e foi substituída por um tom de ligeira curiosidade, que só precisava de mais uma pitada de desprezo.

— Cask encontrou Tatiana muitas vezes e não duvidou nem por um segundo que você não fosse ela.

— Talvez. Mas ele nunca a encontrou em dois lugares diferentes de uma vez só.

— É verdade, mas, presumivelmente, eles não irão galopar agora até o palácio para procurá-la em seus aposentos. Pensam que você está comigo e não têm motivo algum para duvidar disso.

— E você se embrenha com frequência nos bosques com mulheres jovens sem escolta? — O tom dela era duro, mas ele não conseguia entender por quê. Tinha entrado completamente no papel de Tatiana ou estava mesmo zangada?

— Não nos bosques.

— Você é um... — ela começou, mas, naquele momento a carruagem parou.

— Aqui estamos — anunciou ele, e se levantou. A porta se abriu como por magia, mas ela permaneceu exatamente como estava, exceto pelos olhos, que se alargaram.

— É somente a minha casa, não o palácio.

— E a criadagem?

— Não sabiam que íamos chegar, devem estar dormindo. Mas mesmo que a vejam, não pensarão nada. Não a reconheceriam, mesmo que você fosse a princesa.

— Então, quem pensarão que sou?

Nicol deu de ombros.

— Uma amiga.

— Sua amante.

— Melhor do que ladra, concorda?

— Não — disse ela, fitando-o. — Não concordo.

Nicol sorriu, apreciando o tom de rígida condescendência na voz dela. Do lado de fora, estendeu-lhe a mão, para ajuda-la a descer. Depois de uma breve hesitação, Megan aceitou a ajuda.

— Se eu não fosse um homem sem coração, ficaria ofendido.

Ela olhou para ele com o canto dos olhos e desceu com realce na noite úmida.

— Se você não fosse um homem sem coração, eu ainda estaria sã e salva no Lion's Share — disse ela.

Estavam separados somente por alguns centímetros, e ele pôde sentir o perfume de lavanda em sua pele.

— Que sorte, então — disse, pondo-lhe o capuz — que eu seja tão insensível.

Os polegares dele resvalaram na face de Megan. Na fria noite primaveril, o rosto dela não passava de uma sombra pálida na escuridão. Como uma estatueta de marfim ou mármore gelado, tão intocável quanto a névoa. E, por um instante, sentiu falta da mulher que ela fora, a combatente imprevisível que descobrira em uma banca de um vendedor de tecidos.

Mas, claro, tudo isso era bobagem. Afastando as mãos, ele fez uma reverência e se encaminhou para a porta. Nenhuma outra palavra foi proferida enquanto a acompanhava para dentro da casa.

— Milorde. — A Sra. Melrose atravessou o hall na direção da porta. Sua face magra estava pálida como uma casca de bétula, e seus cabelos, alinhados sob a touca engomada. — Não sabia que ia voltar hoje à noite, senhor. Se tivesse me avisado, teria preparado um prato quente e trocado a roupa de cama.

— Nós já jantamos — disse Nicol. — Eu não sabia quando chegaríamos. Sinto tê-la acordado a esta hora. — O tom dele era indiferente, mas Melrose cerrou os lábios e o examinou com atenção.

— É tarde para estar acordado, milorde.

— Não se preocupe, Sra. Melrose. Pode voltar para a cama.

Levantando uma sobrancelha, ela lhe lembrou que dormia ainda menos do que ele. De fato, pelo que Nicol sabia, ficava num canto como uma sentinela até o amanhecer, mas cuidava da casa com firmeza. Era impossível encontrar ali um garfo fora do lugar ou um grão de poeira. Mesmo que ele nunca mais voltasse a Newburn, a Sra. Melrose cuidaria de tudo com grande eficiência até o dia de seu próprio enterro. Se esse dia chegasse.

— E quem seria ela? — perguntou, com o queixo exageradamente levantado.

— Não se preocupe, Sra. Melrose — disse o visconde, reprimindo de propósito as palavras "por favor".

— Não é preocupação — insistiu ela, virando-se como um boneco. — Qual é o seu nome, moça?

Talvez houvesse um pequeno afã dentro do capuz. Temendo isso, Nicol a socorreu.

— Esta é lady Joanna, baronesa de Kirksway e minha prima distante.

A viúva o fitou com os olhos estreitados, mas ele continuou com o mesmo ritmo:

— Acabou de chegar na nossa cidade e precisa de hospedagem durante sua estada. Pensei que seria melhor se não fosse obrigada a alugar um quarto.

— Alugar um quarto? — repetiu a Sra. Melrose, indignada, e Nicol quase deu um suspiro de alívio quando ela desviou seu olhar potente para a moça. — Claro que não! Me dê seu manto e a acompanharei ao seu quarto.

Megan deu um passo para trás.

— Ficarei com meu casaco, se não se incomodar, senhora.

— Venha, então, enquanto Margaret... — uma servente apareceu imediatamente — ...lhe prepara o chá.

Abrindo uma porta, ela fez um amplo e pragmático gesto com a mão para indicar as acomodações.

— Espero que seja do seu agrado.

Megan examinou o quarto, detendo o olhar na cama com baldaquino, na refinada escrivaninha, no tapete com motivos florais e no revestimento de linho das paredes.

— É perfeito.

A Sra. Melrose a fitou por um momento e, contrariamente a todas as previsões, quase sorriu antes de concordar com um movimento de cabeça.

— Mandarei Becky para ajudá-la com as roupas.

— Não é necessário — disse Nicol. — Tenho certeza de que Joanna...

— Não permitirei que digam que os hóspedes não são bem recebidos em Newburn — insistiu a Sra. Melrose, com o dedos entrelaçados diante do avental rigidamente engomado.

— A recepção é muito cordial — disse Megan. — Mas estou bastante cansada. Talvez Becky possa cuidar das roupas amanhã.

— Como desejar. Providenciarei para que a lareira seja acesa e para que sua cama seja preparada.

Por um instante, Nicol pensou que Megan recusaria. Temendo que isso causasse uma guerra total, intrometeu-se.

— Obrigado, Sra. Melrose. E por favor, mande Becky trazer uma bandeja com o café para Joanna, amanhã de manhã.

Assim que entrou no próprio quarto, Nicol serviu-se de uma dose de vinho do Porto e olhou para o fogo na lareira. As coisas estavam indo bem, tinham quase chegado lá. E teriam sucesso, pois até mesmo seus amigos tinham sido enganados. Verdade que estavam um pouco embriagados, mas metade da Europa estava. Se haviam conseguido enganar os barões, conseguiriam enganar qualquer um.

E no dia seguinte... Megan estaria no palácio. Assim, a peça mais difícil do quebra-cabeça estaria no lugar, pois, uma vez que entrasse, ninguém suspeitaria de sua verdadeira identidade. As pessoas viam o que queriam ver. Era um fato conhecido. Afinal, ele era aceito como visconde, em vez do segundo filho mal-vestido de um bastardo assassino. Ela, sem dúvida, seria aceita como princesa. Ele tinha somente de levá-la sã e salva para o Teatro Hewton na noite seguinte. Seria bastante simples, enquanto...

De repente, ouviu-se um som arranhado no hall. Nicol sentiu o sangue congelar nas veias. Ela ousaria tentar fugir novamente, agora que estavam tão perto do objetivo? Precipitou-se para o hall e abriu a porta do quarto que ela ocupava. Megan estava em pé, de frente para ele e de costas para a lareira. A luz do fogo tremulava na sua face; e seus gloriosos cabelos escuros refletiam a luz dourada das chamas. Seus olhos brilhavam como estrelas à meia-noite, e sua camisola tinha se tornado diáfana, contornando de ouro suas curvas angelicais. Ouviu-se outro barulho, vindo do andar de baixo, e Nicol voltou à realidade. Entrando no quarto, fechou a porta atrás de si.

— Está tudo bem? — perguntou.

Fitando-o, Megan levantou uma sobrancelha.

— Claro, milorde. O que poderia estar errado?

— Pensei que estivesse preocupada com o que acontecerá amanhã.

— Preocupada? — Um sorriso fugaz atravessou o rosto dela. Seus dentes brilharam por um instante e desapareceram atrás dos lábios arrebatadores. — Não estou preocupada com amanhã, pois o amanhã, com certeza, terá problemas por conta própria.

— Como, por exemplo, encontrar a princesa?

Suas narinas se alargaram e seus olhos se estreitaram. Naquele momento, parecia uma megera prestes a fugir. Meu Deus, como era bela! Para dizer a verdade, muito mais do que a princesa. Porém, sua beleza incomum era algo que outros não veriam. Era o que ele esperava.

— Nunca pensou que tudo isso pode ser uma loucura? — perguntou ela.

— Loucura? Claro que não.

Megan balançou a cabeça. Embora o movimento fosse calmo, Nicol pôde intuir sua preocupação e, de certa forma, isso o acalmou.

— Eu só vou tomar o lugar de uma princesa — disse ela, começando a caminhar no quarto.

Agora, as chamas estavam do outro lado dela, desenhando suas costas e a curva adorável de seus quadris. Mesmo através da camisola, ele podia ver o vão entre as nádegas.

— ...Enganar as pessoas que a conhecem bem.

O visconde se deu conta de que Megan estava falando quando ela se virou de novo para ele, colocando em relevo a curva de tirar o fôlego dos seus seios.

— Não tem nada a dizer? — perguntou ela.

Nicol procurou se controlar e firmar a mão, que ainda segurava o cálice de vinho do Porto.

— É para uma boa causa — disse ele, e se surpreendeu com a indiferença no tom da própria voz. Talvez fosse, realmente, um nobre.

— Você acha que um encontro galante é uma boa causa?

— É... — começou ele, mas engasgou, de verdade, e durante dois segundos, teve vontade de sumir embaixo da cama. Mas nos cinco segundos seguintes, pensou em abraçá-la e fazer a única coisa que teria um verdadeiro sentido. — É algo mais do que um encontro galante, Megan. O futuro de Sedonia depende desse encontro.

Megan se voltou completamente para ele. A luz da lareira brilhou em volta de seu corpo, produzindo um halo sobre sua cabeça, iluminando seus braços, brilhando como o nascer do sol entre suas pernas formosas.

— O futuro de Sedonia — repetiu ela.

— Sim.

— Então, você pretende sacrificá-la pelo seu país.

Ele a fitou resolutamente no rosto, mas não era capaz de esquecer a silhueta daquelas pernas perfeitas, não podia evitar a visão delas entrelaçadas com as suas. Começava a transpirar.

— Ao contrário, Megan, eu espero poder salvá-la.

Ela olhou para o visconde em silêncio.

— Então, serei a única a ser sacrificada.

Meu Deus, sim. O sacrifício virginal. Pois, naquele momento, parecia virgem como um anjo, mas acessível como uma concubina.

— Se descobrirem sua verdadeira identidade, eu também ficarei comprometido — lembrou ele, mas ela riu e atravessou o quarto para enfrentá-lo de perto.

— Você? O visconde de Newburn? Mesmo se descobrirem que você está envolvido nessa manobra, acha que puniriam um lorde como puniriam uma simples camareira?

Simples? Ela era tudo, menos simples. Era a personificação da magia, uma luz na escuridão. Mas estava silenciosa agora, esperando uma resposta. Nicol mudou de posição sobre a poltrona onde tinha se sentado, tentando se livrar do embaraço e lembrar as palavras dela.

— Não precisa se afligir. Tudo vai...

— Não me diga que tudo vai dar certo. — Ela estava tão perto que ele podia sentir seu perfume. Tão perto que sua camisola deslizou sobre os joelhos dele. Mais do que isso, ele não seria capaz de resistir. — Você não sabe se vai dar certo, se vai ser horrendo ou se eu vou morrer pendurada em uma corda por causa da sua atração cega pela sua estúpida princesa!

— Vai ser... — começou ele, mas, naquele momento, se deu conta do que ela tinha dito. — Eu não sinto atração por ela — corrigiu o visconde, mas Megan riu. — Eu não sinto — insistiu, surpreso por ela não acreditar. — Eu sinto atração por... — disse, mas se conteve e não concluiu a frase.

— Por quem? — perguntou ela, franzindo a testa.

Os seios dela estavam quase sobre o seu rosto, enquanto ela se inclinava sobre ele. Seus lábios suculentos estavam abertos e seus cabelos rebeldes resvalavam no seu corpo. Nicol cerrou os dentes e fechou os olhos por um momento.

— Por que está fazendo tudo isso? — perguntou ela.

Nicol deu de ombros, tentando recuperar o fôlego.

— Talvez porque estivesse simplesmente entediado. Afinal, sou um lorde. Rico e frívolo.

— Espera conquistar a gratidão dela?

— Por que deveria?

— Eu poderia fornecer alguns motivos. — Megan fez um sinal de reprovação com a cabeça.

— Estamos de volta para a teoria da atração?

Ela fez um gesto afirmativo.

— Você acha que, se eu a quisesse para mim, a mandaria para outro homem?

— Sim, se ela fosse inacessível, como você disse que era.

— O senhor de Teleere é um pirata. É audacioso, impetuoso, rude. O último homem que a princesa fria escolheria como companheiro.

— Talvez você não conheça as mulheres tão bem quanto eu.

Megan não fez nada para esconder a raiva que tinha tomado conta de si.

— E, provavelmente, você não se incomoda se eu for enforcada só porque você estava entediado.

— Se não quisesse ser enforcada, não deveria ter se tornado uma ladra, Majestade.

Megan se endireitou devagar, até ficar completamente ereta.

— Alteza — disse ela.

— Como?

— Vossa Alteza — enfatizou ela, corrigindo-o. — Agora saia do meu quarto. Quero ficar só.

Mas ele desejava coisas inomináveis, que o mantinham colado na poltrona.

— Fora! — repetiu ela. — Ou chamarei a Sra. Melrose.

Ela sabia como fazer uma ameaça. Ele obedeceria. A única coisa que podia fazer era levantar-se e voltar para seu quarto frio e vazio.

Capítulo XIV

Megan ouviu batidas na porta, mas não respondeu. Ficou parada diante da janela. A neblina tinha tomado conta do mundo lá fora. Tinham-se passado cerca de vinte e quatro horas e, durante esse tempo, havia caminhado para baixo e para cima, chamando a si própria de louca uma dúzia de vezes. Porém, agora, estava vestida e esperava.

Ouviram-se as batidas novamente e a porta se abriu com brusquidão. Ela não se voltou ao ouvir os passos do visconde.

— Há quem atenda quando ouve bater à porta — disse ele, indo na direção dela.

— Não a princesa de Sedonia — retrucou Megan, virando-se. O vestido cor de marfim farfalhou sobre seu pés calçados.

Então, Nicol parou e fez uma reverência.

— Alteza — disse ele e reergueu-se lentamente. Seu olhar era intenso e escuro, deixando-a nervosa. Quis desviar o olhar, clarear a garganta, estalar os pés, mas não fez nenhum desses gestos rústicos. Em vez disso, falou:

— Não sabia o que fazer com meu cabelo.

Becky os tinha puxado para cima, expondo seu pescoço e orelhas.

— Está... adorável.

— É um elogio, milorde?

— Nicol — corrigiu ele, e desviou o olhar, embora, por um momento, lhe parecesse

difícil. E por que não deveria ser? Ela se parecia exatamente com a sua amada princesa. — E você deveria se acostumar com os elogios, pois tem um público de adúladores.

— Com certeza, alguém notará se meus cabelos não estiverem exatamente como os dela.

— Ela estará com eles recolhidos acima da cabeça, sob uma touca. — Nicol tirou um manto com capuz de um baú. — Você vestirá isto.

Megan sentiu faltar-lhe as forças.

— E trocaremos as roupas no banheiro?

— Você pegará a sua touca e ela ficará com o seu manto. Seus vestidos são exatamente iguais.

Megan concordou com um movimento de cabeça, esforçando-se para parecer natural.

— Você não vai desmaiar, não é?

— Nunca desmaiei.

— Você nunca foi uma princesa antes.

— É normal que princesas desmaiem a torto e a direito?

— Apenas recomendado — disse ele, e colocou o manto sobre seus ombros. Era feito de cetim azul-royal, com fios de ouro nas bainhas e em volta das aberturas nas quais ela deslizou as mãos. — Está pronta?

— Ainda não desmaiei.

— Talvez, mais tarde — disse Nicol, e, cobrindo-a com o capuz, colocou um braço sobre suas costas.

Os calçados dela ressoaram nas escadas e sobre o mármore do vestíbulo. Do lado de fora, a neblina veio ao seu encontro e Megan desejou deslizar para dentro dela e desaparecer. Em vez disso, subiu na carruagem que os esperava. Era diferente da que os tinha trazido. Era mais decorada e mais lustrosa. Sentou-se sobre uma almofada carmesim e acomodou o manto à sua volta. Nicol se sentou diante dela, bateu com as mãos no lado da carruagem e tirou um relógio do bolso do casaco.

— Tive de comprar outro.

Megan caiu das nuvens.

— O relógio — explicou ele. — O outro foi roubado.

— Roubado?

— Sim, quando eu visitava Portshaven.

— Mesmo? Nunca estive em Portshaven.

— Deveria ir, um dia. A paisagem lá é encantadora, e os batedores de carteira, adoráveis.

Ela pensou que seria bom se pudesse continuar a charada, mas não conseguia.

— Quanto tempo me resta?

Nicol fechou o relógio e o recolocou no bolso.

— Você está falando como se, se tratasse de uma execução.

— Temo que a minha morte não será rápida nem indolor.

— Estaremos convenientemente atrasados para a peça. Pode ser que *MacBeth* já tenha terminado, mas vamos entrar antes que Aladim ache a lâmpada.

— Aladim?

— A segunda peça. Uma farsa.

— Claro.

— O público estará se divertindo, fazendo algazarra, mas Anna não é do tipo frívolo. Você não precisa se perder em minúcias.

— Bom.

— Eu a acompanharei dentro do teatro. Você vai entrar no toalete, onde Anna a estará esperando. Ela sempre insiste para ir sozinha. Ninguém a acompanhará. Vocês vão trocar as peças de vestuário. Ela sairá antes.

— Sim.

— Eu a acompanharei até minha carruagem e voltarei até você. Conte até cem e, então, saia do banheiro. Iremos para o seu camarote.

— Fácil —,disse ela.

— Em seguida, eu a levarei para casa.

— Para o Palácio Malkan.

— Você se lembra da planta do palácio?

— Sim.

— Muito bem. Tudo deve ocorrer sem problemas.

— Sim — disse ela. — Só uma coisa.

— O que é?

— Acho que estou ficando enjoada.

— Damas não...

— Nicol! — disse ela, muito agitada.

O visconde deu duas batidas no lado de fora da carruagem e, antes que o veículo parasse, ele escancarou a porta. Precipitou-se para a porta aberta, mas, sem ter tempo de descer, já estava curvada para a frente, vomitando o jantar na estrada.

Megan estava envergonhadíssima. Nicol lhe estendeu um lenço.

— Está se sentindo melhor? — perguntou em voz baixa. Ela fechou os olhos, limpou a boca e tremeu.

— Você se refere ao meu estômago ou ao meu orgulho?

Ele deu uma risada sonora, parecendo divertido.

— A dama deseja continuar — disse ele para o cocheiro. — Embora tenha, talvez, que deixar o teatro mais cedo. Espere em frente à entrada cerca de quinze minutos antes de estacionar a carruagem.

Quando, mais tarde, a porta se abriu e o ar fresco da noite entrou na carruagem, Megan respirou profundamente. Nicol não a apressou, não perguntou nada, apenas ficou sentado, olhando para ela em silêncio.

— Obrigada — murmurou Megan por fim, sentindo-se um pouco mais disposta.

— Não é preciso agradecer. Estamos adiantados três minutos — disse ele, com um sorriso nos lábios.

— Nesse caso, meus parabéns. Você deve ter previsto meu estômago vulnerável em seus planos.

— Acho que não há nada vulnerável em você, Megan.

Vulnerabilidade. Impossível saber onde se revelaria em alguém.

— Você é mais esperta do que todos eles juntos, pequeno pardal. Não se esqueça disso.

— Temo que o intelecto não conte muito nesta situação.

— O intelecto conta sempre. Especialmente nesta situação, onde é uma verdadeira recompensa.

— E se eu esquecer...

— Todos esquecemos alguma coisa. Até mesmo Anna.

— O próprio nome? — perguntou ela.

— Você é a princesa — murmurou ele, inclinando-se para perto de Megan e pegando a mão dela nas suas. — Tudo lhe será desculpado. Damas desmaiam quando a vêem. Homens rascunham poemas à sua passagem. Sua única preocupação é Paqual. Tenha cuidado com ele. Chegou a hora. Está pronta?

— Não.

— Você não me parece o tipo que se subestima — disse ele, e apertando levemente a mão dela, levantou-se e desceu da carruagem. Megan o seguiu, vacilante.

— Se não voltarmos logo, significa que milady está bem, e então, você pode estacionar a carruagem até o final da peça.

— Sim, milorde.

Megan supôs que se tratasse de Ralph, embora não pudesse ver.

Um momento mais tarde, estavam dentro do teatro, em pé diante da porta do toalete. Duas mulheres ricamente vestidas, fofocando atrás dos leques abertos, passaram.

— Tenho certeza de que logo se sentirá melhor — disse Nicol, fingindo que ela estava se sentindo mal e precisando de cuidados. — Mas, por via das dúvidas, esperarei aqui.

Megan queria lhe pedir para que a levasse embora dali, que a deixasse livre. Porém, fez um leve sinal com a cabeça de dentro do seu capuz e abriu a porta.

Foi um momento estranho, pois a primeira coisa de que se deu conta foi que o cheiro de banheiro era mais ou menos o mesmo, onde quer que fosse. Que estava na presença de uma princesa foi somente a segunda constatação. Tatiana Octavia Linnet Rochengau tinha uma postura ereta, e suas mãos estavam cruzadas na sua frente. Uma touca azul-clara amarrada no pescoço cobria seus cabelos. Um véu lhe escondia o rosto. Megan fechou a porta atrás de si. Olharam-se sem dizer uma palavra. Então, Tatiana fez um gesto afirmativo com a cabeça e tirou a touca.

Megan não pôde evitar uma exclamação de espanto, não conseguiu deixar de arregalar os olhos, pois ali, à sua frente, encontrava-se sua irmã gêmea, ou a gêmea da mulher que ela tinha se tornado. Parecia-se com o rei falecido? Pareciam-se ambas com ele?

— Estou em dívida eterna com você.

Megan levou alguns segundos para se dar conta de que a princesa tinha falado, pois não se parecia com um ser vivo, mas sim com a boneca de cristal sem preço que vira uma vez em um mercado de Skilan. Fria, linda e intocável.

— Eu... como? — Megan finalmente respirou.

— Nicol disse que você seria perfeita, que era a única mulher capaz de realizar esta tarefa. Não me esquecerei desse favor.

E, assim, a futura rainha de Sedonia estava lhe entregando a touca e ela a estava pegando com dedos trêmulos. Então, sem hesitação, a princesa soltou o manto do pescoço de Megan e o colocou sobre os próprios ombros. Megan colocou a touca na cabeça, mas suas mãos pareciam ter se esquecido de como fazer.

Com um movimento decidido, Tatiana deslizou a larga fita azul em volta do pescoço dela e a amarrou. Megan piscava através da rede fina do véu. Era como ver uma deusa envolvida pela névoa. Em um momento, estava ali; no momento seguinte, tinha desaparecido, deixando uma ladra esfarrapada sozinha no toalete, piscando os olhos como uma coruja através da neblina do véu.

— Ainda está se sentindo mal?

Do lado de fora, a voz de Nicol era clara e a de Tatiana era apenas um sussurro, enquanto os dois se afastavam.

Por alguns segundos, Megan não conseguiu refletir, mas, de alguma forma, lembrou-se de contar, embora o fizesse aos tropeções e rápido demais. Tentou fazê-lo mais devagar, ao mesmo tempo que procurava diminuir o ritmo de seu coração, mas os pensamentos zumbiam como um enxame de abelhas em sua cabeça. Nesse momento, ouviu vozes do lado de fora novamente.

— Claro que não. — Ela podia reconhecer a voz de Nicol. — Nunca perderia uma atuação de Kern.

— Pelo menos, não a parte em que a Sra. Ballum despedaça o corpete.

— Isso mesmo — concordou Nicol.

E, a essa altura, Megan se obrigou a sair do banheiro. Nicol parou, então, onde se encontrava.

— Alteza — disse, enquanto fazia uma reverência.

— Nicol. — Ela inclinou levemente a cabeça, enquanto o visconde se endireitava. O mundo pareceu estranhamente indistinto. — Está chegando agora?

— Neste exato momento. Mas venci Will por ao menos três segundos.

Megan virou-se devagar, com a mente trabalhando a uma velocidade não superior à de uma carroça carregada de madeira subindo uma ladeira. O homem encontrado à beira da estrada estava ao lado do visconde. Era magro como ela recordava, com a mesma expressão cansada da vida, a mesma atitude de quando se viram pela primeira vez. Seu nome era Will. Lorde...

— Vossa Alteza — disse ele, abaixando-se muito ao fazer uma reverência.

— Lorde Landow — murmurou Megan, lembrando-se milagrosamente do nome. — O senhor e o visconde devem ter a mesma falta de rigor em respeitar horários.

— Ele tem tido uma má influência sobre mim, Alteza.

— Acredito.

Nicol fez outra reverência. Seus olhos revelavam uma emoção indefinível. Se não o conhecesse melhor, diria que estava orgulhoso.

— Posso acompanhá-la até o camarote, Vossa Alteza?

Ela lhe fez um leve gesto afirmativo e aceitou o braço dele.

Três guardas reais que estavam nas proximidades puseram-se imediatamente atrás deles, seguidos por duas mulheres. Uma era morena e a outra, loira.

— Mary e Evelyn? — sussurrou ela, sem olhar para o visconde. — E os guardas... Allard, Combs e... Roger?

— Excelente — disse ele, fitando-a. — Vossa Alteza tem uma memória surpreendente. A peça está lhe agradando?

Ela não tinha idéia do que responder, de como fazer de conta que estava tudo bem. Mas conseguiu.

— O Sr. Kern é um dos meus favoritos.

A certa distância, um grupo de damas fazia reverências e sussurrava saudações. Ela respondia com um movimento da cabeça.

— Mais do que Lowry?

Megan entrou em pânico. Através do véu, pôde ver que Nicol ainda estava sorrindo.

— Lowry? — murmurou, aterrorizada, mas ele riu e apertou seu braço.

— Talvez nunca tenha ouvido falar dele. Como lhe disse antes, Vossa Alteza deveria se conceder mais tempo de lazer.

Megan quase desmaiou. Ele estava brincando? Queria matá-lo. Mas não agora, pois a estava amparando e cumprimentando um grupo de fidalgos, os quais tinham acabado de se levantar e faziam uma reverência enquanto ela entrava.

— Lord Glenco. Lord Paqual — disse Nicol.

Megan tentou não ficar boquiaberta com o que via à sua volta, mas tudo ali era novo e brilhante, incluindo sua própria situação, e isso fazia com que seu coração galopasse como um cavalo em fuga. O público parecia não hesitar em conversar ininterruptamente, apesar de os atores ainda estarem representando. Alguém gritou no palco. Ela teve um sobressalto e Nicol apertou seu braço de forma imperceptível.

— Espero que seus negócios tenham dado bons resultados — disse Paqual.

O homem era só alguns centímetros mais alto que Megan. Ossudo e calvo, sentou-se um momento depois que Nicol a colocou numa cadeira perto do parapeito. Os olhos do homem se detiveram sobre ela. Eram brilhantes e famintos como os de um cão de caça.

— A que negócios se refere? — perguntou Nicol.

— Ouvi dizer que estive em Teleere.

— Fui visitar alguns parentes.

— Tem parentes na ilha?

— Familiares de minha mãe.

— Ah... Que bom ter tempo para essas coisas.

O olhar de Nicol demorou-se sobre o homem e, naquele momento, Megan sentiu a animosidade do velho chanceler.

— Sinto muito — disse ela.

Eles se voltaram para ela ao mesmo tempo.

— Como disse, Alteza? — perguntou Paqual.

— Sinto muito — repetiu ela. — Eu dependo tanto de seus conselhos, milorde, por isso não pode passar muito tempo com seus parentes.

O homem se inchou de vaidade enquanto fazia uma reverência de seu assento.

— Vivo para servi-la, Vossa Alteza.

Megan inclinou levemente a cabeça. Nicol fez uma reverência.

— Vou deixá-los, então...

— Não. — Tinha dito isso rápido demais? — Há um assento vazio — disse ela, mostrando-lhe uma cadeira com a luva ainda na mão. — Faça-nos companhia.

— Obrigado — disse o visconde. — Temo que a pessoa que eu esperava encontrar não tenha vindo, por isso estou sozinho.

— E quem era a felizarda hoje à noite? — perguntou Paqual.

Nesse momento, levantaram-se vozes enraivecidas no palco. Megan as ignorou, como todos pareciam fazer.

— Minha prima de Portshaven — respondeu Nicol.

— Que agradável — rosnou Paqual, dando a impressão de que desaprovava o estilo de vida do visconde.

— Sim — concordou Nicol, enquanto puxava a cadeira para perto de Megan.

O coração dela tinha se acalmado um pouco. Ouviu-se um choro contundente no palco e, finalmente, todos os olhares se voltaram para os atores. Megan também se voltou. Nunca tinha assistido a uma peça de teatro, nem para bater carteiras, mas agora que estava ali, achava impossível se concentrar.

— Acalme-se — sussurrou Nicol, curvando-se para o lado dela e apontando para o palco como se estivesse comentando a atuação. — O pior já passou.

— Mesmo? E se eu vomitar de novo?

Ele deu de ombros, ainda olhando para o palco.

— Nesse caso, mire em Paqual.

E, contrariando toda e qualquer previsão, ela riu.

Capítulo XV

Megan acordou com um estalido. Confusa, tentou distinguir entre sonho e realidade. O colchão sobre o qual estava era macio, e os lençóis, perfumados de pétalas

de rosa. Com certeza, não estava em uma prisão.

Abriu um olho e viu que uma mulher tinha entrado no aposento. Levantando a cabeça com certo esforço, Megan observou a moça agachar-se diante da lareira. Uma longa extensão de mármore polido separava a cama do fogo. Então, nada tinha sido um sonho: a troca silenciosa no toalete, a conversa com lorde Paqual, o cochilo durante a peça teatral e Nicol brincando sobre sua incapacidade de ficar acordada para salvar a própria vida.

Megan temia ter comprometido tudo, mas as pessoas eram extremamente indulgentes com princesas, pois ninguém dissera nada sobre seu passo falso.

A criada curvou-se para a frente, soprando e acrescentando lenha no fogo. Qual era seu nome? Ajudara Megan a tirar o vestido e a soltar os cabelos na noite anterior, desaparecendo discretamente em seguida.

— Obrigada.

A jovem deu um pequeno pulo e Megan se perguntou se era a sua voz rouca ou o agradecimento que a tinha assustado. Seus olhos eram grandes e negros, e seus cabelos estavam escondidos dentro de uma touca branca. Seu rosto era recoberto de sardas.

— Por nada... Vossa Alteza.

Megan duvidava que se acostumaria com aquele título emprestado, que conseguiria associá-lo a si mesma. Mas, claro, ficaria ali somente alguns dias. Uma semana no máximo.

— Sabe que horas são?

— Ainda é cedo — respondeu a criada. — Não são nove horas ainda. Sinto tê-la acordado.

Nove? Megan quase sorriu. Em Teleere, já teria lavado toda a louça e roubado uns cinco relógios.

— Sabe se o visconde já chegou?

— Lorde Newburn?

— Sim.

— Acredito que tenha passado a noite em seus aposentos aqui no palácio, Alteza.

Ele tinha um quarto no palácio? Deveria tê-la avisado disso, pensou Megan, irritada, embora se desse conta de que não tivera quase tempo de aprender onde ficavam seus próprios aposentos.

— Claro — disse. — Devo encontrá-lo na sala azul para o desjejum.

A jovem criada fez uma nova reverência.

— Com certeza, Alteza. Devo lhe preparar um banho ou cuidar de seus cabelos?

Banho ou cabelos? Pareciam alternativas melhores do que remendar uma blusa rasgada à luz de velas de sebo ou escapar dos beliscões de um moleiro bêbado. Mesmo assim, sentia-se tensa.

Quando chegou à sala azul, Nicol estava sozinho, sentado a uma mesa pequena, tomando chá. Quando a viu, levantou-se e fez uma mesura.

— Bom dia — saudou. — Acredito que tenha dormido bem, a julgar pelo seu cochilo durante a peça ontem à noite.

Megan lhe lançou um olhar cortante com a esperança de colocá-lo no seu lugar,

mas não podia competir com a sua elegante indiferença. Ele só sorriu e acentuou a reverência. Atrás dela, três damas de companhia foram se sentar sobre divas azuis ao longo da parede.

— Deseja falar comigo sobre algo em especial, Nicol?

Os olhos dele brilharam ao som de seu nome. Ela se sentou diante dele, do outro lado da mesa redonda.

— Normalmente, Anna põe um pouco de calor na voz quando fala comigo — disse Nicol, inclinando-se sobre a superfície lisa da mesa.

— Mesmo? — entou Megan, levantando sutilmente uma sobrancelha.

O sorriso do visconde tornou-se algo mais demoníaco, mas ele sorveu o chá como se estivesse falando sobre o tempo.

— Ela está a salvo, a bordo do *Melody*, com sua guarda — disse ele.

Lembrando-se do encontro no toalete, Megan sentiu um nó no estômago. Jamais conseguiria imitar a polida elegância da princesa.

— Não posso fazer isso — murmurou, tentando não olhar ao redor como um criminoso foragido no bar predileto de um policial.

— Você já fez — contestou Nicol.

— Cochilei durante a peça — sibilou ela.

Carregando uma bandeja, a camareira que fora ao seu quarto pouco antes atravessou a sala.

— Como se chama essa moça? — perguntou Megan, num sussurro desesperado.

Mas Nicol deu de ombros. A jovem apoiou a bandeja no centro na mesa e deu um passo para trás.

— Vossa Alteza deseja que lhe traga algo mais?

Pãezinhos quentes, cerveja fermentada, aveia fumegante com mel em favos e manteiga. Tudo parecia delicioso. Ela sentiu o estômago revirar.

— Isso é o bastante — respondeu.

A criada fez uma reverência, mas Nicol levantou a xícara.

— Eu gostaria de mais chá... — disse, fazendo uma pausa. — Como é mesmo seu nome, moça?

— Bryna, milorde.

— Bryna — repetiu ele. — Poderia trazer um bule com chá e geléia para os pãezinhos?

— Claro, milorde — disse ela, e com mais uma reverência, deixou a sala.

— Como pode comer? — perguntou Megan.

— Quem está falando é a pessoa que comeu cinco bois antes de chegar em Sedonia? Acalme-se — disse ele. — As únicas responsabilidades que Paqual deixa nas mãos da princesa é encomendar roupas e planejar festas.

— Não sou capaz de arcar com nenhuma das duas.

O sorriso de Nicol cresceu.

— Alteza.

Ela se virou ao som da voz de Paqual.

— Ouvi que já estava por aqui. Deveria estar deitada. Afinal, uma princesa deve dormir bastante. Como vão os preparativos para a chegada do duque daqui a algumas semanas?

— E o seu sono, milorde? Não requer mais horas de sono?

Paqual fez uma medida, curvando-se rigidamente a partir da cintura.

— Estou sempre ocupado a seu serviço, com muita honra, Vossa Alteza.

— E eu sou abençoada por tê-lo comigo.

— Vossa Alteza é muito gentil — disse o homem, inclinando-se novamente antes de sair da sala.

Megan acrescentou mel à sua aveia e mexeu distraidamente, mas podia sentir o olhar de Nicol fixo nela.

— Se tem algo a dizer, é melhor dizer agora — murmurou.

— Uma ladra e uma política — disse ele, olhando-a com um sorriso malicioso e brindando com a xícara de chá. — Quem imaginaria?

— Na verdade — refutou ela, sorvendo o chá — não sou nada do que...

Nesse instante, um servente se aproximou, interrompendo sua defesa. Megan retomou o ar soberano.

— Alteza — disse ele, fazendo uma reverência. — Edmund Danzig a espera no salão leste.

Danzig? O pânico tomou conta dela novamente. Nunca tinha ouvido aquele nome.

— Deve achar que o quarto de hóspedes do duque precisa ser redecorado urgentemente — disse Nicol, dando-lhe as respostas cuidadosamente. — Não podem esperar nem um minuto...

Megan praguejou em pensamento como um estivador, mas voltou-se para o criado com uma postura real.

— Diga ao Sr. Danzig que o encontrarei dentro de alguns instantes.

O criado se retirou, depois de fazer outra reverência. Megan tomou outro gole de chá e teve de se controlar para não quebrar a xícara na cabeça de Nicol.

— Então, eu estou redecorando?

— Pelo que ouvi dizer, Danzig toma todas as decisões. Anna simplesmente concorda. Está tudo certo — disse ele, levantando-se.

— Aonde vai?

— Tenho de ficar de olho em Paqual, senão é capaz de vender Sedonia para os turcos e nos enviar para a Ásia.

— Não me deixe sozinha.

— Não estará só — afirmou ele. — Estará com o Sr. Danzig.

— Nem sei quem é esse Sr. Danzig! — sibilou ela.

— Não se preocupe, você vai descobrir. — A expressão de Nicol escureceu enquanto pegava uma só luva da mesa. — Alteza? — Executou, então, uma rápida reverência. — Sabe, por acaso, onde foi parar minha outra luva?

Megan tomou mais um pouco de chá. Parecia mais suave, agora, mais satisfatório.

— Não — respondeu. — Mas não se preocupe, você vai descobrir.

O visconde tinha razão. Megan não precisava saber muito. A única qualidade dos aposentos que o duque ocuparia era o tamanho. As janelas eram altas e largas, e as paredes estavam revestidas de damasco claro. Mas o duque, irmão do rei da Dinamarca e capitão condecorado do Exército dinamarquês, gostava de se rodear das próprias cores, ou seja, carmesim e ouro. O tecido das paredes deveriam ser substituídos, as molduras tinham de ser pintadas e as cortinas das janelas e do leito com baldaquino, trocadas. Para Megan, o quarto estava mais do que bom assim como era. Porém, ela era a verdadeira hóspede ali. Então murmurava, fazia olhares pensativos e gestos afirmativos com a cabeça, enquanto Danzig flutuava no quarto, magro e volátil como uma galinha faminta. Mas, apesar da aparência esquisita, tinha o dom misterioso de fazer tudo funcionar à sua volta. Trabalhadores moviam-se freneticamente como abelhas na primavera. Em comparação, Megan era um exemplo de calma.

O almoço foi servido em uma sala gigantesca chamada de "salão nobre" e, como seu estômago tinha se acalmado, ela podia provar as guloseimas que o cozinheiro real estava experimentando para as próximas festividades. Quando Nicol a encontrou, estava rodeada por uma infinidade de pratos e imaginava se havia um modo de esconder um pouco do delicioso molho de vinho para consumir mais tarde ou de surrupiar uma ou duas vasilhas.

O visconde fez uma reverência e logo se endireitou. Como parecia ser a regra, não havia ninguém perto dela. Megan se perguntou se a princesa tinha se isolado por escolha própria ou por acaso.

— Então, escolheu o seu preferido? — perguntou Nicol em voz baixa.

Ela levantou uma colher com a última amostra e fez um sinal afirmativo para o cozinheiro, que se mantinha a cerca de três metros de distância, mas que, mesmo assim, conseguia cerceá-la.

— Isto, Sr. Hunt, é ambrosia.

Como se estivesse confuso, o homem piscou, torceu as mãos e sacudiu a cabeça.

— Vossa Alteza aprova?

— Definitivamente, sim.

— Não deveria pôr mais uma gota de limão?

— Não.

— E a textura? Não deveria ser um pouco mais consistente? Meu auxiliar anda com a cabeça nas nuvens. Algo a ver com a filha do pedreiro. O rapaz acha que quer levantar tijolos com o pai dela em vez de preparar os pratos. Os jovens de hoje nunca...

— Está perfeita — interrompeu ela.

— Mas não está...

— Sr. Hunt — disse Megan, cerrando os lábios. — Se alterar a receita, mesmo que só um pouco, temo ter de mandar decapitá-lo.

O homem arregalou os olhos, que se pareciam agora com duas cebolas brancas, e sua boca se abriu.

— Sim, Vossa...

Megan se arrependeu imediatamente de ter dito aquilo. Com certeza, a verdadeira

princesa não tinha saídas daquele tipo.

— Sr. Hunt — disse então, e levantou-se para pegar sua mão. — Eu estava brincando. Sua comida é divina. O senhor é, sem dúvida, um gênio culinário e eu seria uma tola se interferisse no trabalho de um gênio.

O Sr. Hunt tinha sessenta anos e era um homem experiente, mas ficou vermelho até as orelhas. Foi a coisa mais encantadora, talvez, que Meg tinha presenciado até então.

— Mu... muito obrigado, Alteza. — O cozinheiro suspirou fundo e, curvando-se quase até o chão, para fazer a sua reverência, escapou como uma lebre rechonchuda para o reino das panelas.

Megan também suspirou e se sentou novamente em frente a Nicol. Os olhos negros dele a seguiam com cínico conhecimento.

— Você deveria tomar cuidado, ou logo, logo, todos os homens, dos cozinheiros aos príncipes, vão disputar sua mão em casamento. Vai fazer com que o bom duque de Venge fique enciumado ainda antes de chegar para cortejá-la com seu humorismo real.

— Diga, milorde, não há uma camareira em algum lugar implorando para ser ameaçada e oprimida?

Dando uma risada, Nicol se levantou.

— De fato, também tenho tarefas importantes à minha espera. Pelo visto, como Vossa Alteza — disse ele, virando-se e deixando-a só.

Talvez desejasse feri-la com aquelas palavras. Mas, se era esse o seu intento, estava enganado. Melhorar Sedonia não era a tarefa dela. Iria anuir, murmurar e aproveitar a primeira oportunidade para correr de volta para Teleere, com dinheiro no bolso. Compraria, então, sua própria taverna, em algum lugar tranquilo, onde os trabalhadores poderiam se descontraírem depois de um dia duro de labuta e ela não teria de olhar para um nobre nunca mais. Essa idéia a consolou enquanto atravessava a tarde e a noite aos tropeções.

O dia seguinte não foi muito diferente. Megan foi super alimentada e cuidada nos mínimos detalhes. Seus cabelos foram escovados e arranjados; enchimentos foram colocados em seu vestido. Uma multidão de lordes e damas perambulavam pelo palácio. Pareciam querer e, ao mesmo tempo, recear chegar perto dela. Porém, com poucas palavras bem escolhidas, ela conseguia atraí-los para seu círculo. Megan não conseguia imaginar o que faziam ali, pois só bebiam muito e contavam piadas bobas. As suas, em comparação, pareciam brilhantes.

Nicol apareceu no hall no momento em que o grupo com o qual Megan se encontrava explodia em uma gargalhada turbulenta.

— Alteza — disse lorde Kendall. Era um marquês gorducho, com nariz redondo e olhos cintilantes. — Não pensei que sua espíritosidade pudesse superar sua beleza.

Ela olhou de esguelha para o homem e sorveu uma ínfima gota de vinho.

— E eu não tinha percebido que o senhor era tão astuto — retrucou ela.

Os risos silenciaram aos poucos.

— Nicol — disse Megan, então, voltando-se lentamente na direção dele. — Terminou sua reunião a portas fechadas com os outros conselheiros?

— Por hoje, terminamos, Alteza — respondeu ele, fazendo uma reverência.

— Temo que nosso lorde Newburn tenha se esquecido da glória que é a ociosidade — disse lorde Riven, um homem jovem e bonito, plenamente consciente de ser as duas coisas, mesmo quando estava embriagado, o que, aliás, parecia ser seu estado habitual.

— De jeito nenhum — retrucou Nicol, levando sua taça de vinho à boca. — Gosto da ociosidade como qualquer nobre do reino, que é, a julgar pelos presentes, muito apreciada.

Os nobres ao redor de Megan riram, acrescentando observações espirituosas e brincadeiras e achando-se muito mais divertidos do que realmente eram. Certamente, era o estilo da classe alta, pensou ela. Mesmo assim, pareciam inofensivos, quase tristes na sua ineficácia, na sua necessidade de ofuscar o próximo.

— Alteza... — Nicol inclinou a cabeça. — Não gostaria de me acompanhar até a sala de armas para uma partida de xadrez?

— Ah, então a rivalidade entre o músculo e a beleza continua — declarou Kendall. — Não havia ninguém aqui para desafiar nossa formosa princesa na sua ausência, Newburn.

— Então, chegou a hora — respondeu Nicol, oferecendo o braço. — Me dá a honra, Vossa Alteza?

— Com prazer, milorde.

Para sua surpresa, somente as damas de companhia a seguiram até a sala onde armas estavam penduradas nas paredes como troféus. Megan sentou-se em frente ao visconde. No centro da mesa que os separava, peças de ônix e marfim se erguiam com realza sobre um tabuleiro feito dos mesmos materiais.

Nicol moveu um peão e fez um sinal para ela fazer o mesmo.

— Espero que os aposentos do duque tenham sido decorados sem contratempos — disse Nicol.

— Houve um ou dois momentos de incerteza, mas acho que ganhamos o dia — retrucou ela, deslizando um peão para a frente. — Diga, milorde, são estas as ocupações de sua Anna?

Ele a fulminou com os olhos.

— Lembre-se que se tornou princesa somente há alguns meses, desde que seu tio morreu.

Megan se concentrou por algum tempo no tabuleiro antes de mover um bispo sisudo.

— Paqual deve ter certo poder, já que conseguiu pôr uma mulher no trono.

— E terá ainda mais poder quando escolher seu marido.

Peças foram arrastadas com cuidado sobre o tabuleiro.

— Então, você é quem gostaria de poder escolher o marido.

Ele deteve os dedos sobre um cavalo preto.

— Acha que tenho sede de poder, Alteza?

Megan evitou dar de ombros, mesmo estando certa de que as damas de companhia não a estavam olhando.

— Não sou obrigada a saber quais são suas ambições, milorde.

— Mesmo? — perguntou ele, e pegou o peão dela.

— A princesa é inexperiente, totalmente despreparada para governar o país.

— Já aprendeu tanto assim?

Ela deu de ombros e, ao mesmo tempo, pegou o peão dele.

— Lorde Riven sabe muito bem — disse.

— Pode ser que lorde Riven não conheça Vossa Alteza tão bem quanto deveria — disse ele, colhendo o olhar de Megan.

— E você? — perguntou ela.

As peças conquistadas estavam espalhadas na mesa e os dedos dele, agora, estavam sobre a rainha. Nicol inclinou-se para a frente.

— Você está perguntando se Anna e eu tivemos relações íntimas?

Megan sentiu o rubor esquentar-lhe as faces e olhou para o tabuleiro.

— Isso não me diz respeito e não tenho interesse algum em querer saber — garantiu.

— Xeque-mate — disse ele, então. — Anna não fica vermelha.

Megan continuou a fitar o tabuleiro, para evitar que ele pudesse ver a emoção em seus olhos.

— Talvez ela tenha esquecido como se faz. — Não queria dizer isso, não queria ser ofensiva, e estava para retirar as palavras quando ele riu.

— Pode ser...

Nicol fez uma pausa, mas ela se recusou a levantar o olhar. Em vez disso, empurrou seu cavalo para o lugar e deteve a atenção na rainha.

— Diga, Megan, está com ciúmes dela?

Megan não respondeu, e o calor do olhar dele parecia penetrar profundamente na sua alma.

— É sua vez — avisou, por fim.

Nicol não se moveu.

— Quer que elas suspeitem?

Olhando com rapidez para as peças, o visconde moveu o cavalo e a fitou novamente.

— Está com ciúmes?

— Ela é a princesa. Quem não a invejaria?

— A moça que conheci em Portshaven.

— Que sorte a dela.

Megan moveu uma peça. Nicol moveu outra. Ela moveu a rainha e chamou a atenção dele para o tabuleiro. Ele olhou, fez uma jogada e voltou a fitá-la.

— Aquela moça não tinha ciúmes de ninguém. Construiu o próprio mundo, o próprio destino.

— Ao contrário de sua Anna, que é governada por pessoas de quem não gosta e não respeita?

— Ela tem uma mente rápida e um bom coração. Precisa de espaço para governar seu próprio país.

— E você a ajudaria a encontrar um marido que a apoiasse.

— Sim.

— E arruinaria sua própria possibilidade de ser feliz?

Surpresa, ou algo parecido, se manifestou nas feições do visconde.

— Você ainda acha que estou apaixonado por ela?

Megan se reclinou e cruzou os dedos cuidadosamente. Não que estivessem tremendo muito.

— Não pensei que você fosse do tipo que mentiria sobre algo tão mundano como o amor — disse ela.

— Talvez eu a ame — concordou Nicol e, embora seu tom fosse descontraído, seu olhar era intenso. — Ou, talvez, ame somente o que ela poderia ser.

Megan desviou o olhar e fez sua jogada final.

— Como quer que seja, a princesa se casará e você ficará sozinho.

Megan se levantou e atravessou a sala. Nicol a seguiu com o olhar, franzindo a testa, até vê-la desaparecer. Então, olhou para o tabuleiro.

Que danada, pensou. Apoiando os cotovelos na mesa, estalou os dedos e quase soltou uma gargalhada. Ela tinha vencido a partida e pegado a rainha. Mais uma vez.

Capítulo XVI

Havia silêncio no palácio. Nicol podia ouvir a conversa das sentinelas subir os degraus. Mas era o único som perceptível na noite.

Os aposentos da princesa ficavam ao fundo do hall. Anna sempre dormia só. Não permitiria que ninguém lhe fizesse companhia durante a noite. Nem queria sentinelas à sua porta. Dizia que havia sentinelas em volta do palácio, ao pé da escada e ao seu redor a cada minuto durante o dia. Com certeza, era o suficiente. E ninguém a contrariava. Era, também, fria demais para entregar-se à paixão — contrariamente à sua substituta, que transbordava vida. Nicol se lembrava de como a tinha sentido nos braços: como um raio de luz sobre sua pele. Como...

Mas franziu a testa, procurando evitar esse tipo de devaneio. Foi quando ouviu um ruído. Olhando para o fundo do hall, teve a impressão de ver uma sombra fugidia. Talvez fosse sua imaginação, contudo foi invadido pela preocupação. Correndo para a porta da moça, agarrou a maçaneta e entrou. Examinou o quarto escuro e não viu nada. Por certo havia imaginado o ruído. Sobre a cama, pôde ver o pequeno corpo da falsa princesa, que quase não se sobressaía sob as cobertas. Porém, com ânsia, lembrou-se de que já tinha

visto aquela cena e que tinha sido enganado.

Fechando a porta com cuidado atrás de si, dirigiu-se para a cama. Sobre os travesseiros, viu uma cascata de cabelos. Mas eram os dela? De repente, um clarão produzido pelo fogo da lareira, revelou a verdade: ela não tinha desaparecido.

Não tinha mentido. Constatando isso — e não podendo deixar de notar mais uma vez a beleza da moça — o visconde sabia que deveria voltar para seus próprios aposentos, mas demorou-se sobre o colchão e a observou enquanto dormia profundamente.

Era estranho, pensou. Era um visconde, rico e amparado. Mesmo assim, não conseguia ter uma noite inteira de descanso. Ela era uma ladra, lutando pela sobrevivência, mas dormia como um bebe.

Ou como um anjo. Nicol quase riu, pensando no próprio sentimentalismo. A verdade era que a moça estava ali porque o tinha roubado e agredido. Estava ali porque não tinha escolha. Mas parecia tão adequada entre os lençóis intactos, tão perfeita... Esticando o braço, encostou a mão no rosto dela. Megan suspirou, aconchegou-se mais profundamente no travesseiro e pôs sua mão sobre a dele. Passaram-se alguns segundos antes que abrisse os olhos. Quando o fez, eles brilharam na luz trêmula do fogo.

Nicol recuou, lentamente.

— Sinto muito. Não queria assustá-la.

— Então, não deveria deslizar para dentro do quarto *de eu* no meio da noite.

O retorno inesperado do antigo modo de falar da moça fez com que ele sorrisse. O que parecia ilógico, já que tinham trabalhado tanto para se livrar dele.

— Espero que serei o único a fazer isso — disse ele, e sentiu um nó no estômago quando pensou que outro homem poderia fazê-lo, poderia observá-la enquanto dormia e tocar a sua pele.

Megan franzia a testa e o visconde se controlou.

— A sua frase — disse — está errada.

— Oh. — Ela suspirou e afastou uma mecha de cabelo dos olhos. — Sinto muito, meu... — começou e se interrompeu de repente. — Que diabos está fazendo aqui?

O visconde sorriu. O medo e as desculpas já tinham-se esgotado, caso ela os tivesse aprendido algum dia, e ele se deu conta de que tinha sentido a falta dela, da moça verdadeira.

— Ouvi um barulho.

— Barulho?

— No corredor, perto da sua porta,

— Que horas...? O que estava fazendo perto da minha porta?

Boa pergunta, à qual ele não queria responder ou levar em consideração.

— Você pegou a minha rainha de novo.

— Por que não dorme? — perguntou ela.

Nicol a observou em silêncio. Havia bebido duas taças de vinho do Porto, numa tentativa de se descontraí. Mas não conseguiu relaxar, nem dormir. E, agora, também não estava completamente sóbrio.

— Diga-me, você acha que ser rico é um pecado?

— Um pecado? — Megan apoiou o queixo sobre os joelhos e o fitou. — Espero que não, pois não desejo pecar. Tornar-se rico, por outro lado... — Ela deu de ombros. Sua camisola escorregou um pouco, mostrando uma parte do ombro claro e liso. Ele olhou para aquela pele nua, macia e pálida, e imaginou-se beijando-a exatamente ali.

— O que você pensa sobre a prática do coito? — murmurou o visconde.

— Como? — reagiu ela, com um tom agudo de surpresa; e ele quase amaldiçoou em voz alta a própria tolice. Porém, limitou-se a morder a língua e desviar o olhar do ombro dela.

— A vida da corte — disse ele — é muito dissoluta. Como está se virando no meio da pequena nobreza?

Os olhos dela estavam semicerrados e seus lábios pareciam ainda mais carnudos na luz vibrante das chamas.

— A princesa parece ter conseguido se manter longe da promiscuidade. Ninguém se dirige a mim com propostas impróprias.

— Não, não o fariam. E isso é bom, claro, mas receio que... — Respirando profundamente, resolveu ser sincero. Afinal, ela estava correndo um grande risco. Merecia saber o máximo sobre a princesa. — Os súditos de Anna não a acham especialmente calorosa. Mas também não pensam que seja imoral.

— Talvez seja impossível possuir as duas características ao mesmo tempo.

— Qual das duas você tem?

Ela se parecia muito com Tatiana, e ainda assim... parecia bastante diferente. Estranhamente acessível na luz suave do quarto.

— Nenhuma das duas — disse ele. — Enquanto você... — Nicol reprimiu as palavras, deu um suspiro e se levantou. — Amanhã será um dia longo. É melhor você dormir. — Encaminhou-se para a porta, mas, em um segundo, Megan estava de pé, em frente dele, a apenas um metro.

— O que ia dizer?

— Vá dormir.

— Enquanto eu sou o quê?

— Você está cansada.

— Você dormiu com ela? — Megan quis saber, com os olhos bem abertos agora. Tinha-se feito essa pergunta centenas de vezes e evitado perguntar a ele, mas não pôde mais resistir. E ele se sentiu imensamente lisonjeado. Não pôde evitar esticar os braços e tocá-la. Sob seus dedos, o rosto delicado parecia suave como um sonho.

— Você se incomodaria? Os lábios dela tremiam.

— Eu saberia... — disse ela, e, contrariamente a qualquer previsão, Nicol passou o polegar sobre seus lábios e foi tomado de emoção.

— Você tem... — disse, então, tentando reprimir as palavras, mas o contato com a pele dela fez com que seu mundo vacilasse. — A boca mais sedutora que eu já vi.

Os lábios de Megan se abriram sob a pressão do polegar dele. A língua se projetou para fora, tocando-o. Ele sentiu algo nas entranhas.

— Minha boca — sussurrou ela — é como a dela.

O visconde fez um sinal negativo com a cabeça.

— Foi o que eu pensei no começo, mas seus lábios são...

— Não era tarde demais para fugir. Afinal, não era louco. Era conhecido pela sua inteligência, pela sua habilidade em sobreviver. Mas ela estava tão perto, era tão esperta e tão amaldiçoadamente bela que ele esqueceu os motivos pelos quais deveria se retrair. — Os seus — continuou — são extremamente beijáveis. Isso poderia gerar alguma dificuldade.

— Dificuldade? — A palavra não era mais do que um sopro delicado sobre sua mão. Ele estava derretendo.

— Anna nunca teve problemas para dissuadir seus pretendentes. Mas você... deverá ter muita cautela.

— Cautela?

— Para não deixá-los fazer isso — disse ele, e, dobrando os dedos, resvalou a parte de cima das unhas sobre o pescoço esguio. — Ou isso. — Agora, escorregando a mão mais para baixo, contornou a clavícula e acariciou-lhe a curva superior do seio. Os olhos dela estavam arregalados.

— O que mais? — disse, sussurrando novamente.

Nicol a beijou. Os lábios dela tinham o sabor do paraíso, eram como uma succulenta fruta exótica, à qual não podia resistir. Megan aceitou o beijo, não com a delicada inocência da juventude, mas com um desejo selvagem. Agarrou-se à camisa dele e deixou-se abraçar.

Ainda assim, o visconde não tinha perdido completamente a cabeça e conseguiu recuar. Os lábios dela permaneciam abertos e seus dentes brilhavam na luz da lareira, enquanto os seios arfavam dramaticamente sob a camisola delicada. Nicol pigarreou e tentou clarear a própria mente.

— Eu... — começou, mas se perdeu assim que a viu passar a língua pelos lábios e não conseguiu desprender-se.

— Você não respondeu à minha pergunta.

Sentia as pernas dela apertadas contra as suas, assim como a pressão dos seus seios. E os cabelos selvagens? E a curva erótica das nádegas? Maldição! Curvou-se para a frente, porém Megan deu um passo para trás e pôs os dedos sobre os lábios dele. Ele os beijou.

— Você foi para a cama com ela?

Meu Deus, ela era surpreendente!

— Com quem? — perguntou ele.

Megan fez uma careta enquanto recolhia a mão. Então, ele se lembrou de Tatiana com um pouco de remorso. Essa era a razão pela qual a moça estava ali. A razão pela qual estava arriscando a vida.

— Peço desculpas — disse ele, fazendo uma reverência com decisão. — Não acontecerá mais. — Rangendo os dentes, preparou-se para deixar o quarto, mas Megan o agarrou pela camisa.

— Você me perseguiu, ameaçou e interrogou — disse ela. — Mas agora vai responder à minha pergunta. — Os olhos dela faiscavam como esmeraldas, contudo seus lábios ainda estavam irresistivelmente suaves. — Vocês foram amantes?

Nicol era um campeão de concentração. Mesmo assim, estava difícil concentrar-se nas palavras dela, pois seus lábios continuavam a se mover, provocar... a implorar um beijo.

— Nicol! — Megan o sacudiu e, com isso, ele, gentilmente, tirou as mãos dela da sua camisa.

— Tatiana não pertence a essa categoria.

— E que categoria é essa, meu lorde?

A categoria das mulheres beijáveis, que se podem tocar, que o fizera esquecer todo e qualquer bom-senso e o precipitara nesse sentimento de desejo agudo.

— Ela é uma lady — disse ele. — Criada com educação e refinada.

— E por isso, claro, é inocente.

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— E eu? — perguntou Megan. — Não fui criada com educação ou refinamento. Quem sou eu, então?

Bela, forte e dolorosamente desejável. Procurou ficar de boca fechada e a observou enquanto andava pelo quarto. Com a luz dourada atrás dela, pôde ver o contorno do seu corpo através da combinação. Outra vez! Por todos os Santos, será que não podia se expor à luz intensa do dia, quando ele poderia ver os seus defeitos, enumerar suas imperfeições?

— Você é o outro lado da moeda — murmurou. — A mulher perfeita para tomar o lugar da princesa por um período.

— Perfeita — disse ela, com um tom de voz afiado, e parou em frente dele, para enfrentá-lo. — Para ameaçar, usar e descartar.

Ela estava reluzente, o corpo curvilíneo sob a fina transparência da camisola.

— É isso? — perguntou ela, aproximando-se ainda mais. Seus olhos faiscavam de raiva.

— Posso tê-la ameaçado — disse ele —, mas você é a única a ter agredido realmente. E, falando sobre usar... — Nicol deu de ombros, tentando se acalmar e lembrar-se da sua missão. Não iria decepcionar a princesa. Contudo, sua nova tentativa não produziu muito efeito, pois seus músculos estavam muito contraídos, esperando por uma recompensa. — Você é quem vai ganhar uma pequena fortuna com esse encontro. Para não falar de uma montanha de meias e botões avulsos.

— Não sou uma meretriz — disse Megan, endireitando-se.

— Nunca disse que era.

— Mas não foi para a cama com ela.

— Como?

— Não foi para a cama com a princesa — sibilou Megan. — E não é por falta de desejo. Admita.

— Eu...

— Não foi para a cama com ela porque ela é pura. E a nobreza. É tudo o que representa o bem.

— Eu nunca...

Megan fez um gesto de mão para o interromper.

— Mas eu... — Voltou a andar pelo quarto, não tirando os olhos dele. — Eu sou somente uma ladra. Ou, pelo menos, é isso o que você acha. Portanto, posso ser usada.

Um misto de raiva, remorso e frustração tomou conta de Nicol.

— Moça, eu, por acaso, me aproveitei de você?

— Não. — Ela parou novamente. — E por que, meu lorde? Porque me respeita? Porque sou uma lady? Porque sou inocente?

De repente, ele quis saber a verdade, precisava da verdade.

— Você é? — perguntou.

Megan riu.

— Sim, chefe — ela respondeu e jogou os cabelos soltos para trás. — Sou tão imaculada quanto um bebê. É por isso que me quer, não é?

Ele quase a apanhou, a jogou na cama e fez tudo o que seu corpo pedia. Mas era um visconde.

— Você deveria guardar essa encenação para o palco, moça.

— Isso mesmo! Vou fazer isso. Atrizes e ladras... ocupam o mesmo lugar na sua mente, não é verdade?

— Não lhe fiz mal algum. Ao contrário, dei-lhe muito.

— Sim — concordou ela, cerrando os lábios. — E tenho mantido o acordo. Mas não irei além disso, mesmo que queira fazer de mim uma pobre substituta para ela.

Nicol negou com a cabeça. Ela estava a quilômetros de distância da verdade. Léguas. Deu um passo para a frente, com a intenção de segurá-la, sacudi-la ou fazer um milhão de coisas que nem ele podia definir ou admitir. No entanto, ela pulou para trás.

— Saia do meu quarto — ordenou. — Não sou sua amada Tatiana!

— Não, não é — disse ele, dando outro passo para a frente; mas, naquele momento, Megan pegou uma vela do candelabro e a apontou para ele como se fosse uma lança.

— Fora daqui!

— Ouça, eu não tinha a intenção de...

— Fora daqui ou começarei a gritar!

Como um veneno, a raiva e a frustração tomaram conta de Nicol.

— Você deveria se lembrar que se tornou o que é graças a mim.

— Não — disse ela, com um sorriso sarcástico nos lábios. — Deus e as circunstâncias fizeram de mim o que sou. E você, *Nicol*, fez de mim o que você gostaria que eu fosse.

Meu Deus! Ela era bela! Como uma gata selvagem protegendo a sua ninhada. Como uma camareira inocente defendendo a própria honra.

— Você está errada — disse ele, dando outro passo na direção dela.

Megan brandiu a vela, esquecendo-se da cera derretida que pingava no tapete.

— O que pensariam de um visconde que se introduziu com a força no quarto de dormir real de uma princesa?

— Você não é a princesa.

— Mas ninguém sabe disso, sabe?

Nicol olhou para a luz que havia nos olhos dela e viu a paixão na sua alma. Nunca tinha visto nada tão irresistível em toda a sua vida.

— Eles devem ser cegos — murmurou ele.

— Como? — Ela abaixou a vela com a chama virada para cima, criando, assim, um delicado jogo de luz e sombra em volta dos olhos e na concavidade de suas bochechas.

— Boa noite, milady — disse ele, e, fazendo uma reverência extravagante, deixou o quarto.

Capítulo XVII

Megan fez o possível para evitá-lo no dia seguinte. E foi malditamente fácil. Nicol não foi encontrá-la para o café da manhã, nem a procurou durante toda a tarde. Foi deixada só a tratar com decoradores, costureiros, lordes vaidosos e ladies que lhe rondavam em torno. Era muito mais fácil do que evitar marinheiros bêbados e patrões libidinosos. Mesmo assim, sentiu-se insatisfeita, agitada e irritadiça. Assim, finalmente, procurou a intimidade dos seus aposentos temporários. Suas damas de companhia a deixaram ali, exceto Mary, que não saiu imediatamente.

— Que vestido vai pôr para a festa de hoje à noite, Vossa Alteza? — perguntou ela.

— Festa? — repetiu Megan. Normalmente, engenhava-se mais para parecer informada, porém estava cansada e era fácil conversar com Mary.

— A festa de aniversário de lorde Melville, lembra-se?

— Ah, claro! — Megan tinha ouvido alguma coisa sobre a comemoração. — Alugou um barco, se me lembro bem.

— Um iate, Vossa Alteza. Todo mundo vai estar lá.

— Então, espero que seja um grande iate.

Mary riu, mas era impossível dizer se sua risada era verdadeira ou falsa. Ser uma princesa era uma verdadeira armadilha. Todo mundo desejava aproximar-se, mas quantas pessoas queriam ser realmente suas amigas?

— Lorde Melville é muito rico — continuou Mary. — Vossa Alteza desejará aparecer em todo seu esplendor.

— É, ao contrário de que se ele fosse pobre.

Mary a fitou de soslaio, com a testa franzida.

— Há algo errado, Vossa Alteza?

— Não — disse Megan, suspirando. — Só que... Você nunca se sentiu como se fosse um carneirinho de estimação?

— Um carneiro, Vossa Alteza? — Ela já estava tirando um vestido do baú e se voltou para olhar por cima dos ombros.

— Sim, mimado e acariciado até o dia anterior ao banquete.

Uma expressão de choque emergiu no rosto redondo de Mary.

— Vossa Alteza, o reino todo a adora.

— O reino todo não me conhece, Mary.

— Mas a adoram mesmo assim.

— Não — corrigiu Megan. — Talvez adorem uma imagem de mim.

— Vossa Alteza é o auge da feminilidade e da beleza, um modelo de educação e bom gosto.

— Sim. — Ela colheu sua imagem em um espelho dourado e parou para admirá-la. — Isso eu sou. — Mas uma princesa não deveria ser mais do que isso? Tatiana lhes dava mais do que isso?

— Venha, Vossa Alteza. Sente-se. Vou arrumar seus cabelos. Isso a fará sentir-se melhor.

Megan se sentou e isso a fez sentir-se melhor. Então, era o que os nobres faziam? Matavam o tempo, mesmo sabendo que poderiam fazer algum bem, mudar as coisas? Embriagavam a mente até que a necessidade de fazer algo importante passasse?

Ao cair da tarde, acompanhada por suas damas de companhia, Megan foi levada à festa por lorde Riven. O ar da tarde era suave e agradável, até um pouco quente demais para o seu vestido de mangas compridas. A corrida até o cais foi calma mas lenta, pois ao menos uma dúzia de carruagens seguiam a sua e numerosos cavalos montados juntaram-se ao grupo. Por um momento, ela observou os veículos e corcéis através da janela estreita, até se dar conta de que estava procurando um certo visconde. Então, encostou-se no assento, lamentou não ter um livro consigo e, finalmente, entreteve-se a calcular o valor das jóias que a adornavam. As ladies atrás de si davam risadinhas e, quando a carruagem parou, exclamaram suavemente.

Do lado de fora, duas filas paralelas de lojas e pavilhões desenhavam a rua principal. Megan a examinou e, em seguida, desviou o olhar para o lado do mar. Faltava ainda um quilômetro para chegar lá, mas, quando o disse em voz alta, lembraram-lhe de que ela sempre parava em Hollyfaire no caminho para o cais.

Um criado uniformizado abriu a porta e fez uma reverência rebuscada. Lorde Riven correu na frente para ter a honra de ajudá-la a descer, e a tarde teve início. Megan não podia se queixar. Afinal, era a princesa, bela, rica e adorada. Era rodeada de pessoas que a entretinham com espirituosidade e que elogiavam seu bom gosto. Não podia fazer nada de errado, mas viu Nicol com o canto dos olhos, ainda montado em seu cavalo baio escovado. Ele a estava observando do outro lado da rua. Ela se enrijeceu e voltou-se para ele. O visconde inclinou a cabeça, porém ela virou para o outro lado, esforçando-se para recuperar a expressão de prazer.

Os comerciantes, por outro lado, estavam tontos de felicidade. Afinal, não era todos os dias que dúzias de nobres apareciam para gastar um pouco de suas fortunas. Até mesmo lorde Paqual havia acompanhado o grupo. Mas talvez isso não fosse tão surpreendente, pois lorde Melville tinha a reputação de ser muito rico e Paqual queria, com certeza, encontrar um bom partido para a princesa solteira de Sedonia. Entretanto, o

que a fazia suspeitar de que as intenções do homem não fossem honoráveis eram somente as palavras de Nicol. Não era exatamente um crime tentar melhorar as perspectivas do país por meio de um bom casamento. Não havia, provavelmente, uma só família em toda a Europa que não tivesse feito o mesmo. E se fosse Nicol quem tinha más intenções? Talvez tivesse enviado Tatiana para Teleere com a esperança que se desse conta de ter deixado para trás o homem que a amava. Ou com a esperança de que nunca mais voltasse. Megan não tinha como descobri-lo. Virando-se lentamente, examinou a multidão.

Percebeu que seu grupo tinha se dispersado, pechinchando, flertando, rindo. E, exatamente ali, a pouca distância, o viu novamente. Nicol conversava com uma jovem formosa, que estava em pé atrás do balcão de um estande de roupas. A moça estava corada e seus olhos brilhavam enquanto o fitava com deslumbramento.

Foi um grito agudo que desviou a atenção de Megan do casal.

— Não! Ladrão! Peguem-no!

Megan procurou freneticamente com os olhos a origem do grito. Lá estava. Uma senhora idosa com a mão no pescoço e com os olhos arregalados como dois pires. E, com grande agilidade, fazendo um ziguezague no meio da multidão, um menino maltrapilho tentava fugir. Viu-o por um instante. No segundo seguinte, já tinha desaparecido atrás de uma loja de porcelanas.

A falsa princesa respirou fundo. Estava rodeada por suas sentinelas e nenhum de seus penduricalhos corria o risco de serem furtados. E o menino estava salvo. Pelo menos assim ela pensava. Porém, de repente, ouviu-se um berro de agonia. Sem pensar, Megan pulou para a frente. Abrindo caminho na multidão com os cotovelos, foi para trás da loja de porcelanas e encontrou o menino de bruços, sendo esmagado contra o chão. Um guarda da cidade premia as costas do menino com um pé e mantinha um dos seus braços esticados. Um segundo guarda sacou sua espada brilhante e a levantou para desferir o golpe.

— Não! — Megan gritou, mas, na confusão, ninguém a tinha notado. O menino se contorcia e o carrasco calculava o ângulo do golpe segurando o cabo da espada com força. Ela pulou em frente deles.

— Que diabo pensa que está fazendo?

Fez-se um silêncio absoluto na multidão. Nem uma alma ousou se mexer e, naquele momento, Megan, horrorizada, deu-se conta de que estava pendurada como uma ameixa madura no braço levantado do guarda.

— Vossa Alteza! — O semblante do guarda estava branco como o do menino. Deixou cair sua arma para o lado e, confuso, fez uma reverência.

— Princesa! — Lorde Paqual se apressou no meio da multidão, com os lábios esticados para trás numa expressão indefinível. — Está bem?

— Ele estava... — O que tinha dito exatamente? E como o tinha dito? Ela comprimiu os lábios e olhou para a multidão. Os olhares estavam surpresos e ansiosos, mas não conseguiu ver se havia empatia neles. — É somente uma criança — murmurou.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Paqual, observando a cena até seus olhos depararem com o garoto.

— Meu colar! Ele o roubou! Arrancou-o do meu pescoço.

A voz da velha senhora oscilava, enquanto tentava abrir caminho na multidão. Seu rosto estava tão verde quanto o vestido que usava. Atrás dela, uma jovem a segurava

pelo cotovelo para evitar que caísse na lama.

— Procure-o. — A voz de Paqual soou áspera.

Um guarda curvou-se para agarrar a mão esquerda do menino, mas esta estava vazia. Segurando-o pelas costas, vasculhou os bolsos esfarrapados e, então, endireitou-se.

— Parece que não está com ele, meu lorde.

— Foi ele! — trinou a vítima, insatisfeita.

— Talvez tenha sido outro — sugeriu Megan. A multidão a fitou como se fosse uma intrusa. — Vagabundos maltrapilhos não é o que falta no cais. É impossível distinguir um do outro — disse, fazendo de tudo para parecer indiferente.

— Não... Vossa Alteza — disse a senhora, e fez uma reverência. Seu nome era Catherine. — Eu o vi bem. É ele.

— Procurem no forro do casaco — ordenou Paqual.

O guarda apalpou o garoto, deteve-se e apertou-o. Um rubi quadrado apareceu, pendurado a uma corrente de ouro. Megan sentiu um aperto no estômago e, por um instante, pensou que vomitaria. Seus joelhos quase não a sustentavam e suas mãos ficaram úmidas, mas endireitou as costas e levantou o queixo.

— É somente um menino.

— Pode até ser, Vossa Alteza — concordou Paqual. — Mas é um ladrão, e ousado. — Com um amplo gesto de mão, apontou para o séquito com o qual estavam. — Não tem medo de roubar a nata da sociedade, nem mesmo da sua estimada pessoa — disse, inclinando a cabeça por mera formalidade. — E se lhe tivesse feito algum mal, Vossa Alteza?

Houve um murmurinho de consenso. O velho chanceler deu um passo na direção do menino, que tentava desesperadamente se desvencilhar.

— Essa possibilidade me fere o coração — continuou Paqual, pondo uma mão sobre o peito.

— Ele não me fez mal algum — contrapôs Megan, esperando que não pudessem ver, através do tecido fino do vestido, seus joelhos tremerem. — Como pode ver, estou sã e salva.

— Podemos não ter a mesma sorte da próxima vez, Vossa Alteza. Se não for punido, ele ficará ainda mais ousado. Porém, se a punição for severa e imediata, será um exemplo para os outros.

— Na verdade, acabará morrendo com essa punição.

— A vida, às vezes, é severa, minha princesa — filosofou Paqual, dando de ombros. — Como sabe, a justiça em Sedonia é rápida e verdadeira. Se o menino pagar com a perda de uma mão, é muito provável que não roube mais.

— Se perder uma mão, é mais provável ainda que não sobreviva.

O velho homem sorriu.

— Ficaria surpresa em ver como esses jovens briguentos são resistentes,

Ela olhou para o menino novamente. Seu rosto era magro e só um pouco mais escuro do que o branco dos olhos.

— Temos que manter os padrões do nosso país. Não fui eu quem fez as leis. Nem

mesmo seu tio, o rei. Mas ele também não julgou necessário mudá-las — insistiu Paqual.

Megan olhou para a multidão. Ninguém havia dito nada para a apoiar. E quem era ela afinal? Uma impostora. Se descobrissem, seu destino seria ainda pior do que o do menino.

Talvez ele conseguisse sobreviver... Olhou para ele e viu que a fitava com a respiração suspensa e horror nos olhos.

— Então, eu as mudarei! — declarou ela.

Ouviu-se outro murmurinho na multidão.

— Como, Vossa Alteza?

— Soltem o menino! — Ela se surpreendeu com as próprias palavras.

— Soltá-lo? — Paqual riu e, com aquele som desagradável, ela sentiu as costas ficarem ainda mais eretas.

— Está me desafiando, meu lorde?

— Não. — Ele se inclinou levemente. — Com certeza, não, Vossa Alteza. Mas não cabe a Vossa Alteza tomar essa decisão. O Conselho do Reino fez a lei muitos anos atrás e...

— E a soberana governante tem todo o direito de soltar o menino. — Abriu-se um caminho na multidão quando Nicol se aproximou. Megan sentiu um grande alívio. Quando se voltou para o visconde, viu que o barão de Landow o acompanhava, ainda que um pouco a contragosto.

— Pode ser — disse Paqual. — Mas nossa princesa, por mais amada que seja, ainda não é a soberana governante. Não até se casar.

— O que acontecerá logo, visto como você tem jogado pretendentes afetados... — começou Nicol, mas lorde Landow deu um passo à sua frente, interrompendo-o.

— Por que não manter o menino em um lugar seguro até ela se casar, meu lorde, assim poderá decidir se lhe dá ou não imunidade?

— Pô-lo num lugar seguro. — Paqual observou os olhares ao redor de si. — Onde, por exemplo, na Prisão do Diabo? Seria melhor para ele enforcá-lo imediatamente. Ou quer levá-lo consigo para Landow, meu lorde?

— Isso mesmo. — A essa altura, a multidão se agitou, mas ninguém estava mais surpreso do que Megan com as palavras de Nicol. — Lorde Landow pode tomar conta do menino. A propriedade de Landow é, com certeza, grande o bastante para hospedar um pequeno rapaz e próxima o suficiente do palácio para que a princesa possa verificar, se quiser, os progressos do garoto.

— Vossa Alteza — a sentinela de nome Allard fez uma reverência. — Não deve confiar nesse menino — disse, com certa dor no tom de voz.

— E não confio — disse ela com solenidade. — Confio em você para me proteger dele.

Allard fez outra reverência.

— A princesa decidiu — declarou Paqual, voltando-se bruscamente para o barão. — Lorde Landow, parece que terá um hóspede para entreter.

— Levarei, então, o meu tutelado — anuiu o barão e voltou-se para a multidão.

— Eu os acompanharei — disse Megan. Ouviu-se uma exclamação de surpresa na

multidão

— Vossa Alteza! — contestou Paqual. — Com certeza, não pretende...

— Irei na minha própria carruagem, claro. Não estou mais com disposição para comemorar. Realmente... Estou bastante agitada.

— Então, eu a acompanharei — propôs Paqual.

— Não, por favor. — Dando um passo à frente, Megan pôs a mão sobre o braço do homem e sorriu. — Preciso que me represente na festa, como tem feito tantas vezes.

— Mas, Vossa Alteza...

— Sei que lhe peço muito, mas não podemos ofender lorde... — Por um segundo, não conseguiu lembrar o nome. — Está vendo? — disse, sorrindo agora. — Depois dessa prova difícil, nem consigo lembrar o nome de lorde Melville. Eu não seria uma grande atração na festa.

O olhar de Paqual tornou-se condescendente.

— Muito bem, Vossa Alteza — disse ele, fazendo uma reverência.

— Eis porque meu tio o estimava tanto — Megan murmurou; e, virando-se, correu para a carruagem.

Capítulo XVIII

Will montou seu corcel em silêncio absoluto.

— Fizemos a coisa certa — garantiu Nicol. — Eu não podia levar o menino para Newburn. Já imaginou a sra. Melrose educando uma criança?

Will continuava calado e Nicol, insatisfeito, quebrou o silêncio.

— Estavam quase cortando a mão dele. Pode imagi...

— Quem é ela? — A voz do barão era grave e baixa, quase inaudível na luz pálida.

— Como? — perguntou Nicol.

— Quem é ela, Cole?

— A quem se refere?

— Quando a vi pela primeira vez, acreditei que fosse a princesa. Pensei que você, finalmente, tinha perdido a cabeça e a tomado como amante. Mas parece que você não é louco a esse ponto.

— Você está bêbado, Will — disse Nicol, e o barão suspirou.

— Habitualmente, sim — concordou ele. — Quem é ela?

— Depois que dormir um pouco, perceberá que...

— Eu o apoiei quando me pediu — disse Will com frieza. — Estou, assim parece, levando o diabrete para minha casa. O mínimo que pode fazer é me dizer a verdade.

Os olhares dos dois se encontraram.

— Esqueça o que pensa saber, Will. É menos arriscado.

— Menos arriscado? — Will riu com amargor. — Pensa que eu me incomodo com o risco?

— Faz tanto tempo, Will — disse Nicol. — Dois anos.

— Chegou a hora de esquecer a morte deles...

— Não me aconselhe a esquecer — esbravejou o barão, quase gritando e agarrando a lapela de Nicol. O visconde viu, então, a dor e o remorso nos olhos do outro, mas Will, enfim, tirou as mãos e baixou o olhar.

— A princesa está num lugar seguro. É tudo o que posso lhe dizer.

Will se manteve calado enquanto parava o cavalo. Em frente deles, o Solar Landow se erguia entre jardins em mau estado. Logo atrás, a sentinela desmontou, arrastando o menino maltrapilho consigo, e a carruagem da princesa se posicionou no final do cortejo.

— Espero que você saiba o que está fazendo.

— Também eu.

Andando na direção da carruagem, Nicol fez uma reverência enquanto Megan descia, mas ela olhava para Will.

— Lorde Landow — disse ela — onde pretende pôr a criança?

Ela segurava a barra do vestido, ignorando completamente o visconde, agindo como se ele não estivesse ali. Ele é quem tinha lhe ensinado aquele desprezo frio, como caminhar, como falar.

— Na verdade, Vossa Alteza — disse Will, fazendo uma reverência — receio ter tido pouco tempo para planejar tudo, mas acharei o quarto adequado para ele.

Megan fez um sinal de aprovação com a cabeça e se dirigiu à sentinela.

— Traga o menino para a casa — disse, passando por Nicol, enquanto se encaminhava para a porta.

— Que diabo está fazendo? — perguntou ele.

— Não tenho certeza, meu lorde, mas algumas pessoas diriam que estou salvando uma vida.

— Arriscando a própria?

— Está preocupado com a minha vida, meu lorde, ou com a dela?

— Você seria a primeira a pagar — murmurou ele.

— Ou você — retrucou ela.

— Espero que esta não seja uma razão para que sacrifique sua própria vida.

— Jam cortar a mão dele — sibilou Megan.

— É um ladrão.

— E, por causa disso, você justifica o comportamento deles?

— Não — disse Nicol, e, ousando pegar no cotovelo de Megan, virou-a de costas para a casa. — Não os justifico e você deveria saber isso! Maldição! — Finalmente, ele

exteriorizou a sua raiva. — Isso não é uma brincadeira para o seu divertimento! Isso...

— Pensa que estou brincando? — Megan inclinou a cabeça para trás, com fogo no olhar. — Você acha que *ele* pensa ser isso uma brincadeira? O menino não tem o que comer. Você sabe o que é passar fome, *visconde*? — Ela disse o título com um desprezo agudo, deixando-o sem palavras. — Já sentiu a corrosão da fome? Sabe o que faria para se ver livre da dor que provoca?

A raiva de Nicol foi substituída por um sentimento de remorso, de tristeza. Fez um movimento para pegar no braço dela novamente. Por um instante, pensou que ela rejeitaria, mas Megan permitiu que a acompanhasse em silêncio. Will os ultrapassou, abriu a porta e os introduziu na casa com uma reverência.

— Meu... — uma senhora de idade interrompeu os próprios passos, arregalando os olhos. — Vossa Alteza — disse Will. — Posso lhe apresentar a sra. Angler, minha governanta?

A mulher pequena e rechonchuda quase tombou de costas. Em seguida, curvou-se tanto para fazer uma reverência que teve dificuldade para se endireitar. Atrás dela, meia dúzia de criadas se apertavam umas contra as outras, curvando-se como folhas de alface.

— Teremos um hóspede, sra. Angler.

Os olhos da mulher não podiam se arregalar mais do que já estavam.

— Não ela... Não... — gaguejou a mulher.

— Não. Não Vossa Alteza — disse Will, e, fazendo uma reverência para Megan, a acompanhou até uma cadeira na sala de estar. Ela passou pelo grupo exalando odor de lavanda e um ar de quem tinha sido exonerada, mas não se sentou na cadeira oferecida.

— Sra. Angler — murmurou ela, inclinando levemente a cabeça —, uma criança vai ficar aqui no Solar Landow.

— U-uma...

— Um menino. Pode cuidar de um menino?

— Sim, Vossa Alteza. Será um prazer, Vossa Alteza.

— Precisa de um lugar para dormir, roupas novas e... — Ela lançou um olhar para Nicol. O visconde a tinha visto com raiva pouco antes, mas, agora, seus olhos estavam em chamas. — E um preceptor, imagino. Lorde Newburn pagará tudo.

— Sim, Vossa...

— Vossa Alteza — interrompeu Will, fazendo uma reverência. — Já que sou eu o tutor do menino, serei eu a pagar as despesas.

— É muito gentil da sua parte, meu lorde, mas não será necessário. Lorde Newburn ficará feliz em fazê-lo. — Voltando-se para a governanta, Megan acrescentou: — O menino precisa de uma refeição imediatamente.

— Sim, sim, Vossa Alteza — gaguejou a sra. Angler e, virando-se para as criadas atrás dela, mandou-as correndo para uma dúzia de lugares diferentes.

— Lorde Landow. — Ela se dirigiu ao barão com a frieza de um cristal. Nicol assistia, fascinado. Tinha criado um monstro, mas que monstro! — Tem um lugar apropriado onde possamos falar com o menino?

— Minha mulher tinha uma sala para o chá.

— Minhas ladies — disse Megan para a dupla que estava atrás dela com os olhos esbugalhados. — Esperem-me aqui. Voltarei logo. Allard, leve o menino para a sala de

chá.

Calado e com uma expressão séria, o sentinela arrebanhou o menino relutante, atrás de Will. Megan e Nicol os seguiram. O visconde notou que as calças do menino eram curtas demais e deixavam ver pálidos tornozelos ossudos e pés surpreendentemente encardidos. Seu casaco fora do lugar revelava clavículas afiadas o suficiente para cortar vidro.

O menino parou de se contorcer quando Brigitte entrou na sala. A jovem, indo para o outro lado, virou-se e o fitou. Ele se contorceu sob o seu olhar.

— Qual é o seu nome? — perguntou ela.

Uma miríade de sentimentos passaram pelo rosto encardido do menino, sentimentos que Nicol não podia identificar. Mas, logo em seguida, o menino deixou pender a cabeça para a frente e apertou os olhos.

— Sinto muito — tinha sido um sussurro. Ele se afrouxou e, de repente, ficou pendurado no punho de Allard como uma pêra murcha. Colhida de surpresa, a sentinela tentou mantê-lo equilibrado, mas o menino se contorceu, cobrindo o rosto com as mãos encardidas.

— Não. Por favor, não me bata!

— Solte-o, Allard.

— Mas...

— Solte-o — repetiu Megan, e a sentinela obedeceu, deixando o menino se esparramar no chão. — Vá para o hall e feche a porta, mas fique alerta até eu ir encontrá-lo.

— Vossa Alteza, por favor, não acho...

Então, Megan sorriu. Talvez Allard nunca tivesse visto a princesa sorrir, pois parecia aturdido pelo seu brilho.

— Aprecio muito sua lealdade — disse ela. — Realmente, significa para mim mais do que simples palavras podem dizer, mas tenho certeza de que estarei fora de perigo, desde que você vigie o lado de fora.

O pobre sentinela levou um pouco de tempo para se recuperar e demorou ainda mais para fazer uma reverência e se retirar. Somente o quarteto de celerados ficou na sala: um ladrão chorão, um barão embriagado, uma princesa que não era princesa e Nicol — talvez o maior tapeador dentre eles.

Megan voltou a sua atenção para Will e, em seguida, para Nicol. O visconde sabia o que ela estava pensando.

— Você pode confiar — disse ele, simplesmente.

Então, Megan se dirigiu ao ladrúnculo, que ainda estava esparramado no chão.

— Levante-se, menino.

— Por favor, Vossa Alteza... — suplicou ele, ficando ainda mais baixo no chão. Contudo ela o cortou antes que ele pudesse continuar.

— Para quem você trabalha?

Ele levantou a cabeça num relâmpago.

— Para quem?

— Sim. — Ela ainda era a princesa, com um comportamento e um tom de voz real,

mas havia algo um pouco diferente nela, uma elegância com limites.

— Não trabalho para ninguém não, milady. Nunca roubaria se pudesse ganhar dinheiro limpo.

— Então, rouba colares de rubi por conta própria? Quem vende sua mercadoria?

Ele ficou boquiaberto.

— Não sei do que está falando, milady.

— Pretende ficar com uma jóia que vale mil sentrões?

— Mil? — O tom do menino era de espanto — Pelas barbas do profeta! Eu não tinha como saber que valia toda essa fortuna. Mil sentrões? Poderia comprar para o velho e eu uma casinha decente. Poderia... — Uma lágrima escorreu sobre sua face, deixando um rastro sobre a sujeira. — Poderia comprar os remédios dele e conseguir o trabalho dele de volta no...

— Pare já com essa ladainha! — ordenou Megan, levantando-se bruscamente. O queixo do menino caiu outra vez. — Levante-se!

Ele obedeceu e, embora ainda estivesse com uma expressão miserável, havia um certa cautela em seus olhos.

— Qual é o seu nome? — perguntou ela, novamente.

— Todos me chamam de Jack.

— Como o seu mestre o chama?

— Meu mestre? Não tenho...

— Allard! — chamou ela.

A porta se abriu rapidamente.

— Sim, Vossa Alteza.

— Leve o ladrão para lorde Paqual. Diga-lhe...

— Nim! — gritou o menino.

Megan voltou o olhar para ele com uma atitude fria.

— Como disse?

O olhar do menino passou de um para outro. Suas costas estavam eretas agora e sua expressão, dura.

— Todos me chamam de Nim.

— Desculpe, Allard. Pode ir novamente.

Houve um momento de silêncio.

— Sente-se — ordenou Megan.

O menino permaneceu onde estava. O rastro da lágrima sobre a face suja era uma visão estranha.

— Por que Nim? — perguntou ela.

— O que pretende fazer comigo? — retrucou ele.

— Onde estão seus pais?

Antes de responder, o garoto olhou para a janela, parecendo calcular suas possibilidades de fugir.

— Não tenho pais.

— Onde dorme?

— Onde eu quero.

— Qual percentual seu mestre lhe dá?

Os olhos do menino dardejaram.

— Não sei do que está falando.

— Deveria lhe dar metade. Quando o vir, peça cinqüenta por cento.

— Cinqüenta? — escarneceu ele. — Poke me mataria se... — disse o garoto, mas deteve-se imediatamente. Houve um novo silêncio na sala. O menino empalideceu ainda mais.

— Que diferença faz? — A voz de Megan estava suave agora e seu rosto também. — Se Poke não o matar, outro o fará, mocinho.

— Não me chamo Jack o Ligeiro à toa.

— E se tiverem que chamá-lo de Jack Sem Mão?

Ele engoliu seco, desviou os olhos de Megan e apertou o braço inconscientemente contra o peito estreito.

— Eles ainda não me pegaram — seu tom era de desafio, mas também de medo.

— Um ladrão com uma só mão não seria muito útil para alguém como Poke.

— Sou melhor eu com uma mão só do que muitos com as duas. Ele sabe disso.

— Você acabaria tendo que se prostituir.

O menino franziu muito os olhos, enquanto dirigia o olhar para os homens.

— Que tipo de rainha é essa?

Nicol fez um sinal de reprovação com a cabeça.

— Princesa — corrigiu o visconde. — Talvez seja melhor você escutá-la.

Os olhos do garoto voltaram para Megan. Ele estava com os lábios cerrados, mas logo fez uma reverência solene.

— O que você quer de mim?

Ela olhou para o menino, demoradamente.

— Gostaria que você pudesse atingir a idade adulta.

Ele franziu os olhos ainda mais.

— Não sou o tipo. Nem para uma princesa.

A postura dela era solene. Mas o olhar, triste.

— Há quanto tempo vive na rua?

— O suficiente para saber viver por conta própria — disse ele, dando um passo na direção da janela.

Nicol fez um sinal de reprovação com a cabeça.

— Não tente, rapazinho. Ou ela o joga do outro lado da sala antes mesmo que você abra a janela.

— Não vou me prostituir para ninguém! — gritou o menino.

— Pensei que você fosse vivo, Nim. — A voz de Megan era suave, mas não sua expressão.

— Eu sou.

— Então deveria saber julgar melhor as pessoas.

— O que quer dizer?

— Não vou lhe fazer mal algum.

— Por que não?

Era a pergunta mais estranha que Nicol já tinha ouvido, o oposto da normalidade.

— Já ouviu falar em misericórdia?

— Já — disse ele. — Mas também ouvi falar em Papai Noel e ele nunca apareceu para mim.

Ela quase sorriu.

— Talvez estivesse ocupado em outro lugar.

— É... com os meninos ricos que vivem em Oakland Square.

— Você acha que conseguiria aprender a ler?

— Por que deveria?

— Assim, poderia aprender. Poderia viver para alcançar... — Os olhos de Megan se iluminaram de emoção. Talvez se lembrasse da própria aversão à palavra "maioridade" ou percebesse a ironia da situação. Afinal, estivera na mesma situação não muito tempo atrás. — ...a maturidade. Poderia ter um emprego remunerado, adquirir uma profissão. Talvez, tornar-se um moleiro ou um ourives.

— E fazer jóias — disse ele, rindo. — Eu?

— Coisas inesperadas acontecem, não é, lorde Nicol?

— É verdade — concordou ele.

Ela olhou para o visconde. O anúncio de um sorriso iluminou os olhos verdes.

— Deveríamos chamar isso de justiça poética — continuou ela. E Nicol, naquele momento, percebeu que caminharia sobre as águas se ela lhe pedisse.

— O que lhe faz pensar que o menino não tentará fugir? — Will perguntou em voz baixa.

— Allard?

A sentinela compareceu imediatamente.

— Permanecerá aqui em Landow com o menino. Parecia que o homem iria fazer uma objeção, mas anuiu.

— Posso lhe perguntar por quê, Vossa Alteza?

Megan se levantou com a graciosidade de uma fada.

— Porque o menino vai se tornar algo importante um dia. Só precisa que você o ajude a encontrar o caminho.

Nicol a conduziu até a porta e quando saíram, a noite estava fria e gotas de chuva caíam no estreito caminho em frente ao solar.

— Vai me acompanhar no caminho de volta para o palácio, Nicol?

As damas de companhia os seguiam e as sentinelas da princesa vinham logo atrás.

— Talvez seja melhor eu ficar e ter uma conversa com Will — disse ele.

— Will deve ter uma grande dívida com você — refletiu ela — para aceitar tomar conta de Jack o Ligeiro.

Havia muita emoção na voz dela e, naquele momento de loucura, Nicol desejou ardentemente pegá-la nos seus braços e beijá-la.

— Não tão grande assim.

Ela o fitou nos olhos.

— A esposa e filho de Will foram mortos por assaltantes de rua.

A expressão de Megan tornou-se triste.

— Oh, eu sinto muito.

— Eu lhe direi.

— E sinto muito, também, se comprometi seus planos. Não era a minha intenção.

— Mesmo?

Ela o fitou. Nesse momento, a tristeza no rosto dela tinha se dissipado e dava lugar a uma faísca de raiva, que o fez sentir um pouco melhor.

— Eu não pedi para ser uma princesa — lembrou Megan.

— Não.

E, assim, chegaram à carruagem real. Nicol fez uma reverência, levando as mãos dela aos seus lábios. Foi imensamente difícil soltá-la.

— Você não pediu para ser uma princesa — concordou ele e, cruzando as mãos atrás das costas, deu um passo para trás —, mas não se pode evitar ser aquilo que se é.

Megan franziu as sobrancelhas, porém ele se virou para as sentinelas, que a ajudaram a subir na carruagem. Em um instante, a porta se fechou e ela se foi — princesa e ladra — e, com ela, o coração de Nicol.

Capítulo XIX

— Vossa Alteza. — O visconde fez uma reverência. — Espero que tenha dormido bem.

Megan fez um sinal afirmativo, ignorando o café da manhã por um momento. Parecia não conseguir se adaptar fosse à refeição succulenta, fosse ao horário tão tardio em que era servida. Já passava do meio-dia.

— Bastante bem — disse ela, e sentou-se. — Fale-me sobre Jack.

— Está bem, Vossa Alteza.

— E a casa de lorde Landow?

— Ainda está inteira.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Parece que o menino tem uma aversão a tomar banho.

— Mesmo? — Ela quase riu.

Megan colocou a xícara de volta sobre o pires. A beirada de ambos era dourada e a porcelana, delicada como uma renda. Perguntou-se vagamente se caberiam no bolso.

— Mas não fugiu?

— Não foi por falta de tentar.

Megan olhou para a grande sala. Nobres ociosos e elegantes sorviam chá e flertavam. A maioria ainda estava inebriada da noite anterior. Pelo visto, a festa de Melville tinha sido um sucesso clamoroso, com brindes intermináveis, caviar sobre pequenas fatias de pão e até mesmo um pele vermelha americano. E, enquanto isso, do outro lado da cidade, um rapazinho tentava desesperadamente voltar para uma vida que o acabaria matando.

— Por quê?

Ela se voltou para o visconde.

— Como disse?

— Por que ele quer ir embora? — perguntou Nicol novamente, e ela suspirou.

— Os chefes de proxenetas e ladrões não são conhecidos como pessoas de natureza compreensível. Se o menino não voltar logo, Poke pensará que o ladrão sob seu comando levou o fruto do roubo para outro lugar.

— Então, não seria melhor para o menino ficar em Landow, que é um lugar seguro?

— Ele tem algum motivo para acreditar que estará são e salvo com um nobre que detesta gente do seu tipo?

Os dois se olharam. Havia algo no tom de voz de Nicol, quase um apelo. Megan limpou a garganta, enquanto brincava com a colher. Não pôde deixar de notar que se tratava de prata maciça.

— Talvez lorde Landow não tenha sido a melhor escolha para tomar conta do menino.

— Eu teria me incumbido disso, mas já tenho o problema de Paqual, que não vê com bons olhos sua aliança comigo. Não queria que parecesse que eu arriscaria minha casa para satisfazer um desejo seu. Ele não confia em mim. E você? — Nicol falava em voz baixa. — Confia em mim?

Megan não olhou para o visconde, pois os sentimentos despertados por sua presença eram loucos e fortes demais.

— Tenho certeza de que fará o que for melhor para Anna.

— Diga, ficará feliz quando deixar de ser a princesa?

— Não sou a princesa — murmurou, ela. — Fingir ser não equivale a ser.

— Não?

— Daqui a dois dias, voltarei para minha antiga vida. E você verá sua princesa novamente.

— E o que fará? — perguntou Nicol, com melancolia nos olhos.

Megan inclinou levemente a cabeça, um movimento que tinha substituído seu costume de dar de ombros.

— A pobre miserável? Bem, serei muito mais rica.

— Moça...

Ouviram-se vozes na porta da sala.

— Não podemos deixar que Paqual suspeite de nada agora.

— Há momentos — sussurrou ele — em que você parece ser a cópia exata de Anna, mas há outros momentos... — a voz dele quase desapareceu — ...em que acredito que não há ninguém no mundo igual a você.

Os olhares dos dois se encontraram mais uma vez, ambos melancólicos. Os passos de Paqual se aproximaram e ela sorriu imperceptivelmente.

— Nicol, você está brincando. Dois homens vividos como você e o barão não terão dificuldade alguma em controlar um menino.

— Vossa Alteza — disse Paqual, fazendo uma reverência.

— Não concorda, meu lorde? — perguntou ela, virando-se para o velho homem.

— Temo ter que expressar minha preocupação mais uma vez, Vossa Alteza, pois, ainda que aprecie sua misericórdia sem limites, devo pensar na sua segurança.

— Não acredito que um menino possa ser uma ameaça para mim aqui no esplendor de Malkan Palace. Não estou lutando pela sobrevivência nas ruas de Skilan.

— Por favor, minha princesa, não fale com tanta desenvoltura, pois a vida pode ser imprevisível e revoltantemente curta, mesmo para o escolhido de Deus — disse Paqual, com um olhar enigmático.

— O escolhido de Deus — repetiu ela.

— Sim, com certeza, Vossa Alteza sabe que é verdade.

Por um instante, Megan teve uma vontade quase incontrolável de rebater, mas sentiu o olhar de Nicol sobre ela e baixou os olhos para o prato.

— Sim, meu lorde — concordou, então. — Você e Deus têm sido muito bons.

Os pratos do jantar estavam sendo retirados, enquanto tigelas com pudim de Cumberland eram distribuídas. Nicol olhou para Megan. Ela estava radiante, refinada, feminina e bela demais para ser descrita. Às vezes, quando estava distraído, quase se esquecia de quem ela era. Parecia que tinha nascido naquele lugar e sido educada para ocupar o trono das rainhas. Mas então, de repente, sua mente voltava para o momento em que não era Tatiana Octavia Linnet Rocheneau, em que era tão somente uma moça delgada com uma inteligência aguda e mãos rápidas como um relâmpago. Mesmo que Paqual suspeitasse de alguma coisa, como seus olhares davam a entender, era tarde demais. Em dois dias, a troca seria feita. Anna retornaria de Teleere e Megan voltaria para o próprio mundo.

Enquanto a nobreza se divertia sem respeito algum pela moral, Paqual observava a moça à extremidade da mesa. Desconfiava de algo depois do episódio do mercado? Estava surpreso que a princesa pudesse salvar um ladrão comum da mutilação? E Anna?, perguntou-se Nicol. Teria feito o mesmo no lugar de Megan? Teria enfrentado a

indignação de Paqual para salvar o menino? *Ele* próprio o faria?

De repente, os pensamentos de Nicol foram interrompidos. Alguém gritou. Lorde Riven jogou-se aos pés de Megan.

— Meu Deus, ela está sufocando!

— Foi envenenada! — gritou alguém. — A princesa foi envenenada!

Nicol correu para a poltrona estofada onde estava a falsa princesa. Megan estava com a face afundada na sobremesa, arfando, e com a mão na garganta.

— Chamem o médico! — ordenou ele. — Abram espaço! Para trás, para trás!

Puxando a cadeira para fora da mesa, ele a pegou nos braços. Ela respirava com dificuldade e seu rosto estava pálido.

Apertando-a contra o peito, Nicol atravessou a multidão.

— Mandem o doutor para seus aposentos. Mary, venha conosco. Saiam todos do caminho!

Quando chegaram ao quarto, o visconde a colocou com cuidado sobre a cama e mandou Mary abrir a gola do seu vestido.

— Princesa! Vossa Alteza! — arranhou Paqual, sem fôlego e pálido como a morte, enquanto entrava no cômodo. — Princesa, o que aconteceu?

O rosto dela estava recuperando um pouco de cor e sua respiração parecia melhorar.

— Amêndoas! — disse com certa dificuldade. — No pudim.

— Mandem o cozinheiro subir! — gritou Paqual.

O médico irrompeu no quarto com a preocupação desenhada no rosto.

— Vossa Alteza, pode respirar? Está com dor no peito? Como os sintomas começaram? — tagarelava ele, mas ela fazia um sinal para que se afastasse.

— Estou bem. Foi só... — Ela abriu a boca, tentando respirar. — Foi só um pequeno ataque.

— Vossa Alteza — disse Paqual —, por favor, deixe-o examiná-la, assim podemos ter certeza que...

— Deixem-me respirar — ordenou ela, fracamente, e os presentes obedeceram, exceto Mary, que a ajudou a sentar-se e levou um copo d'água aos seus lábios. As outras damas de companhia flutuavam inutilmente pelo quarto. As sentinelas estavam alertas à porta, rijos como lanças. Então, um homem curvo com uma expressão enevoadada entrou nos aposentos.

— Sr. Hunt — disse Paqual, com a graça venenosa de uma serpente —, colocou nozes no pudim?

O homem ficou de queixo caído.

— Não! Nunca o faria. Não, Vossa Alteza — disse o cozinheiro, virando-se freneticamente para Megan. — Eu sei da sua aversão a elas, eu nunca iria...

— Então, a princesa foi envenenada — concluiu Paqual.

Hunt se ajoelhou, pegando na mão de Megan.

— Não, minha princesa. Eu nunca a trairia. Juro pela minha alma.

— Solte-a — ordenou Paqual, dando um passo à frente, mas Megan o mandou para trás com um sinal da mão.

— Se não foi você, quem então? — perguntou ela, parecendo mais forte agora.

— Ninguém, Vossa Alteza. Eu mesmo selecionei os ingredientes. O trigo tinha acabado de ser moído, os ovos eram desta...

Mas, nesse mesmo instante, um rapaz foi introduzido no quarto. Tinha um saco de pano nas mãos, que tremiam como folhas secas. Paqual lançou-lhe um olhar ameaçador.

— O que tem nas mãos, rapaz?

— Eu... — gaguejou o menino. — Eu a-acredito... que... que seja... somente farinha.

— O que está dizendo?

O rapaz mostrou o saco para o chanceler.

— O gosto... — disse com voz trêmula — ...o gosto está certo, mas tem cheiro de amêndoa.

— Que disparate é esse? — perguntou Paqual.

— Talvez... algumas nozes tenham sido moídas com o trigo — disse o cozinheiro, levantando-se.

— Seria o suficiente para causar essa reação?

O doutor franziu a testa.

— Parece que os sintomas estão diminuindo. Mas, se tivesse ingerido uma grande quantidade de uma vez só... — disse o médico, sacudindo a cabeça.

— Como pode ter acontecido? — perguntou Paqual, voltando-se para o chefe, com um olhar fulminante.

— Não sei, meu lorde. Tenho servido minha princesa com o maior cuidado, assim como servia seu tio, o rei. Juro pela minha vida, eu...

— Onde comprou a farinha — perguntou Paqual.

— Não fui eu quem a comprou. Estava tão atarefado hoje de manhã. Café da manhã, a chegada do duque, o...

— De onde vem a farinha? — insistiu Paqual.

— É culpa minha — disse o aprendiz, com o rosto pálido.

— Eu trouxe a farinha.

— E não a experimentou? — perguntou Hunt, asperamente.

— Parecia... Eu pensei... — tentou dizer o rapaz, mas Hunt o interrompeu.

— Deixarei o palácio hoje mesmo — anunciou o cozinheiro.

Megan olhou para ele em silêncio. Uma lágrima despontou no canto dos olhos do homem. Fez-se um grande silêncio no quarto.

— Não — disse ela, finalmente. — Não posso perdê-lo, senhor Hunt, não com a chegada iminente do duque. Ficaré em Malkan Palace.

— Sim, Vossa Alteza — Agora, lágrimas sinceras de reconhecimento rolavam no seu rosto. — Obrigado, Vossa...

— Vossa Alteza! — exclamou Paqual. — Não tem como saber se foi um complô

contra a sua vida. Deveríamos, pelo menos...

— Um complô? — disse ela, e esboçou um sorriso. — Espero que, se meus súditos estiverem planejando minha morte, tenham uma ideia mais inteligente do que me fazer ingerir uma substância que provoca em mim nada mais do que um mal-estar momentâneo.

— Sua saúde não é uma brincadeira, Vossa...

— Não, não é — concordou ela. — E, se isso o faz sentir-se melhor, encontre alguém para experimentar minhas refeições.

— É o que farei imediatamente, Vossa Alteza, mas insisto para que o aprendiz seja banido de Skilan.

Megan franziu as sobrancelhas, como se estivesse pensando. O rapaz baixou a cabeça.

— Do palácio sim, mas não de Skilan — decidiu ela. — Há um homem na aldeia que está procurando um aprendiz. Irá encontrá-lo amanhã e dirá que eu o mandei.

— Um homem... Vossa Alteza.

— Sim. Acredito que seja um pedreiro.

— Vossa Alteza, devo insistir... — recomeçou Paqual.

— Se queria me envenenar, será difícil fazê-lo com tijolos e argamassa — disse ela.

As damas de companhia riram mansinho e o rapaz bateu os cílios.

— Obrigado — murmurou. — Muito obrigado.

Megan só inclinou a cabeça levemente.

— Muito bem. Podem ir. E não esqueçam a misericórdia de Vossa Alteza — ordenou Paqual, dirigindo-se aos cozinheiros. — Vossa Alteza aterrorizou meu coração, mas sua magnanimidade eleva meu espírito — disse, enfim, depois que os homens se retiraram.

— E sua lealdade eleva o meu, lorde Paqual.

— Vossa Alteza é muito gentil.

— Tenho sorte de tê-lo como meu conselheiro.

— Seu tio ficaria muito orgulhoso de Vossa Alteza.

— Espero que sim.

— E, agora, devo procurar o provador para Vossa Alteza.

— Com certeza, isso pode esperar até amanhã — observou ela, mas Paqual já estava fazendo um sinal negativo.

— Não, Vossa Alteza. Não. Não podemos correr esse risco novamente. — Ele fez uma reverência e se retirou.

Nicol a observava em silêncio. Sua mente estava girando. O que havia lhe provocado aqueles sintomas? Não podia ter o mesmo tipo alergia de Anna. Ele a tinha visto comer uma grande quantidade de amêndoas em Woodlea. Então, o que... Naquele instante, Megan inclinou a cabeça e encontrou o olhar dele. Era isso! A verdade lhe pareceu clara como um cristal. Ela havia fingido o tempo todo! Lembrava-se de quando ele lhe falara sobre a aversão de Anna às amêndoas e, sentindo o seu sabor, fingiu a

reação que, na princesa, teria sido real. Céus! Estava na presença de uma inteligência maior do que a própria e não sabia se ficava grato ou assustado.

Sim, ela havia ganhado mais uma partida.

Capítulo XX

No dia seguinte fizeram uma cavalgada e, felizmente, Paqual implorou a princesa "convalescente" para montar um dos animais mais dóceis, um plácido cavalo baio. Megan aquiesceu com graciosidade real, agradecendo aos céus por não ter que enfrentar o endiabrado garanhão cinza, favorito da verdadeira princesa. Lordes e ladies passavam correndo, precariamente montados nos próprios animais, mas o baio trotava sem pressa.

Nicol, um dos poucos a se manter atrás dela, aproximou-se à sua direita.

— É um belo dia — disse, observando a paisagem. Os sinais da primavera eram visíveis por todos os lados, nas folhagens rendadas das árvores, nos ramos novos, verdes e tenros. As folhas dos arbustos começavam a brotar e os rouxinóis cantavam com grande efusividade. — Diga-me, o que fará quando deixar Sedonia?

A imagem da estalagem com que tanto havia sonhado surgiu em sua mente, mas Megan as guardou para si. Algo, porém, tinha acontecido: aquele sonho, agora, parecia vago, desbotado.

— Espero que não sinta muita falta de mim, meu lorde — murmurou, afugentando aquele sonho inquietante.

— A vida na corte não será a mesma sem você — disse ele.

Ela se virou, surpresa com a sinceridade na voz do visconde.

— Que outra lady irresistível me golpearia na cabeça com uma garrafa de vinho?

Irresistível. A essa palavra, a mente de Megan flutuou, mas ela manteve a própria expressão cuidadosamente fria.

— Suponho que haverá muitas pretendentes, meu lorde.

— Então, admite que roubou meu relógio?

— Claro que não. — O tom de voz dela era indiferente, embora, na verdade, ele a tivesse colhido de surpresa. Isso a fez sentir-se levemente hesitante, nervosa. Nunca estava despreparada. Por isso tinha sobrevivido por tanto tempo. — Só que gostaria de golpeá-lo, isso sim.

— Outra vez? — perguntou ele; e havia seriedade no seu tom de voz, quase um desejo.

No entanto, Megan não podia lhe conceder nenhuma das duas coisas.

— Frequentemente.

— Então, imagino que seja uma boa coisa o fato de que Anna voltará amanhã.

— Amanhã? — Megan tinha perdido a noção do tempo. Havia pensado com frequência na volta da princesa, tinha até esperado com ansiedade por esse momento. Mas, agora que estava prestes a acontecer, sentia-se estranhamente despreparada.

— Sim — confirmou o visconde. — Teria mandado uma mensagem se houvesse algum atraso. Não recebi nada.

— Muito bem, então — decidiu ela. — Nosso acordo está chegando ao fim.

Nicol manteve o olhar fixo nela.

— Você será uma mulher rica quando deixar Sedonia.

— Sim — Megan limitou-se a dizer.

— Talvez me deva a cortesia de me contar o que planeja fazer quando,deixar o palácio.

— Quem sabe eu me torne uma princesa de verdade — disse Megan, dando de ombros.

Esperava que ele risse, mas seu tom de voz era sério quando falou.

— O título combina com você.

Ela tentou ser superficial, tentou prestar atenção nas colinas à sua frente, na crina volumosa do seu cavalo ou nas próprias mãos incertas; mas, finalmente, levou o olhar de volta para ele.

— Outro elogio, meu lorde?

— Com certeza, deve ter se acostumado com elogios agora — disse Nicol, com um atraente sorriso de sátiro.

— Não da sua parte.

— Gostaria que lhe fizesse mais elogios? — A atenção dele estava concentrada nela.

Megan desviou o olhar, pois parecia muito próximo, como um objeto ao seu alcance, uma força da natureza indomável. Tentou dizer algo, mas lhe faltaram as palavras, uma frase espirituosa ou mesmo uma descompostura. Um fracasso para uma lady da nobreza.

— Você é inacreditavelmente bela — Nicol elogiou-a.

Megan voltou-se absolutamente surpresa. Sua expressão facial deve ter revelado o choque, pois ele riu. E a risada soou como um relâmpago dentro dela;

— Isso não pode surpreendê-la.

— Não. — Megan sentiu faltar-lhe o fôlego e se concentrou por um instante na própria postura, mantendo-se perfeitamente ereta e dobrando as pernas só um pouco. — Suponho que não deveria, já que teve tanto trabalho para me fazer parecer com outra.

Houve um momento de silêncio.

— É verdade — concordou, então, Nicol. — Eu fiz isso. Só me pergunto por que fracassei completamente.

— Fracassou?

— Às vezes... agora, por exemplo, você não se parece nem um pouco com Anna.

Ela não sabia bem por que estava enraivecida, mas sentia que a raiva estava crescendo dentro de si como uma fermentação maléfica.

— Enganei a todos.

— Está claro que Paqual desconfia de...

— Se dissesse a Paqual que sou um nabo, ele me plantaria na horta — disse ela, rangendo os dentes, e ele sorriu novamente, com aquela expressão sedutora que tinha feito a cabeça dela girar.

— É verdade — admitiu ele, finalmente. — Sua beleza só é superada pela sua inteligência. Eu deveria ter dito que *eu vejo* as diferenças com clareza.

Megan fez uma careta para ele, sentindo o coração bater freneticamente, e, então, desviou o olhar e se concentrou na postura nobre.

— Tome cuidado, meu lorde. Sou uma criatura muito frágil e posso cair deste cavalo se me fizer mais um elogio como esse.

— Sim. Houve muitas surpresas. Uma delas é que sentirei sua falta quando for embora.

Ela nunca soube como responderia, pois, naquele momento, um trio de cavaleiros galopou até eles, envolvendo-os no grupo, sem permitir que Megan tivesse ainda um momento a sós com o visconde.

Nicol esperou até as duas horas da madrugada para entrar no quarto da princesa. Quando Anna voltasse, insistiria para que mantivesse sentinelas em frente à porta. Megan estava dormindo de lado, virada para ele e, embora ele tivesse se sentado sobre o colchão, observando a expressão serena dela por algum tempo, ela não acordou. Enfim, ele aproximou a mão. A face de Megan parecia irresistivelmente macia, mas ele desviou o gesto e a tocou no ombro.

— Moça.

Ela suspirou no sono.

— Megan — disse ele, e ela acordou com um sobressalto.

— Não! — gritou ela, mas Nicol tapou sua boca e a tranqüilizou. Quando viu que ela estava calma, ele tirou a mão.

— Você nunca dorme? — perguntou ela, e se sentou na cama. Seus cabelos estavam soltos e seus olhos, semiabertos.

— Vai ser a última vez que a acordo.

— Promete? — Ela parecia bastante irritada.

— Anna volta hoje.

— Eu sei.

— Teremos que ter muito cuidado no momento da troca, para que Paqual não suspeite de nada.

— Pensei que já tivesse resolvido esse problema.

— Ele parece tranqüilo agora, mas sabemos que é um homem desconfiado por natureza. Eu deveria ter previsto que planejaria um teste para você. Tenho certeza de que não foi difícil colocar as amêndoas na farinha.

Megan franziu as sobrancelhas e brincou com o lençol. Nicol observou aquele modo atípico de ela se remexer.

— O que foi? — perguntou ele.

— Há uma coisa que eu deveria lhe contar.

O nervosismo cresceu dentro de Nicol.

— O quê?

Megan pigarreou.

— Fui eu quem colocou as nozes na farinha.

— Você? Por quê?

— Paqual estava me olhando.

— Olhando... Você é a princesa. Todo mundo olha para você.

— De uma forma diferente — sustentou ela. — Desde o episódio com Jack, não tirou mais os olhos de mim.

— Então, você trouxe amêndoas para o palácio? Que tipo de acrobacia estúpida foi essa? E se alguém descobrisse? Como pôde...

— Eu sou a princesa — disse ela, apontando para o nariz dele com o indicador. — Não há nada que eu não possa fazer. — E, naquele momento, mesmo com o cabelo desarrumado e com a camisola torta, ninguém poderia discordar. Então, ele se acalmou. Tudo parecia estar bem, embora ele tivesse decidido a ficar de olho em Paqual.

— Além disso — sussurrou ela —, tinha trazido algumas de Woodlea.

— Então, ele pensa que você é Anna, já que tem a mesma alergia que ela.

Ela deu de ombros.

— E isso foi um erro do moleiro.

— Ou de alguém que me detesta o bastante para me provocar um problema.

— Não é à toa que você foi capaz de sobreviver sozinha nas ruas de Teleere.

— A ilha não é assim tão perigosa. Na verdade, achei que era menos perigosa do que Sedonia quando... — Megan calou-se, parecendo hesitar.

— Você viveu aqui? Em Sedonia?

Ela olhou para ele por sobre os ombros. Futuramente, depois que ela fosse embora, era assim que se lembraria dela: imersa na penumbra com a luz da lareira dançando nos seus cabelos e a curva do traseiro extremamente atraente.

— Vivi aqui por um período.

— Quando?

Megan suspirou.

— Nasci aqui.

— Seus pais eram sedonianos? — Nicol ficou perplexo em ver que ainda, depois de tudo o que tinham passado juntos, sabia muito pouco sobre ela.

— Acredito que meu pai era daqui.

— Você disse que não o conheceu.

— Eu menti.

— Sua mãe não lhe ensinou que mentir é pecado?

— Disse que era pecado tirar a vida de alguém. E, com certeza, pôr o meu bem-estar nas mãos de outrém seria o equivalente a um suicídio.

— É uma teoria interessante, que revela pouca confiança, moça.

— Confiança. Acho que você concorda que há quem não teria escrúpulos em me usar e, depois, me descartar.

— Você me considera um deles?

— Peço que me perdoe por não achar que você tinha o meu bem-estar em mente quando foi à estalagem pela primeira vez.

Nicol sentia-se culpado? Culpa? Que sentimento inútil. Achava que tinha se libertado desse tipo de coisa havia muitos anos.

— Estou lhe pagando bem pelo seu tempo, moça.

— Senão eu não estaria aqui.

— É assim simples?

Ela deu de ombros.

— Como estava dizendo, minha mãe me ensinou a cuidar de mim mesma, assim como, tenho certeza, a mãe da princesa também tenha lhe ensinado. Mas quem sabe tenhamos métodos diferentes.

— Na verdade, vocês se parecem muito.

— Meu lorde — disse ela, olhando para o visconde por entre os cílios. — Fico imensamente lisonjeada.

Era um pouco desconcertante que ela pudesse ser tão sincera e, logo depois, tão fingida.

— Sim, vocês são muito parecidas. A única diferença é que Anna não é do tipo que flerta.

— Está me acusando de flertar? — O tom de Megan parecia sinceramente surpreso. Mas quem poderia saber ao certo?

Ele sorriu enquanto a observava na escuridão do quarto iluminado somente pela luz trêmula do fogo.

— Diga-me, você se parece com sua mãe? Ele era pequena como você?

— Mamãe? — Uma sombra de nostalgia tomou conta do rosto de Megan, mas ela deu de ombros. — Para mim, parecia alta, mas, provavelmente, é porque eu era apenas uma criança. Porém, lembro-me de seus cabelos. Tinham uma cor surpreendente. Eram vermelhos como o vinho quando ela os escovava perto da lareira.

A imaginação de Nicol se encheu de imagens: gentileza, calor, uma voz calma de mãe. Quase desejou ter vivido com essas qualidades por mais tempo.

— Onde vocês viviam?

— Tínhamos um chalé em Glenhollow.

— E seu pai? Deve ter sido um homem baixo, então, se sua mãe era alta.

— Como já disse, nunca o encontrei.

— Nesse caso, talvez você se pareça com ele.

— Não! — O tom de voz de Megan ficou duro de repente, mas ela suspirou e

procurou se acalmar. — Não, de jeito algum.

— Sua mãe deve ter-lhe contado algo sobre ele.

— Não, nunca.

— E nunca descobriu quem ele era? Com certeza, teve curiosidade em saber.

Megan riu de forma afetada, desceu da cama e se dirigiu para a janela.

— Talvez os nobres tenham tempo para dedicar a curiosidades inúteis, mas nós, os subalternos, estamos constantemente ocupados com a sobrevivência.

— Mas, talvez, conhecê-lo teria tornado a sobrevivência muito mais fácil. Talvez fosse rico.

— Ah, sim, e, com certeza, iria querer compartilhar sua riqueza com a filha bastarda de uma lavadeira humilde. Afinal, não é o que fazem todos os nobres?

— Sempre me esqueço da pouca admiração que você tem pela nobreza.

— Tenho alguma razão para a respeitar?

— Em geral, não — admitiu ele, com um aperto no estômago. — Estou dizendo somente que seu pai tinha a obrigação de sustentá-la. Talvez não seja tarde demais para descobrir sua identidade.

— E ele iria me receber de braços abertos, ficaria entusiasmado ao me ver na soleira da sua porta.

Nicol observou-a na luz bruxuleante. Era tudo o que uma mulher deveria ser: inteligente, bela, gentil, embora escondesse, às vezes, essas três qualidades atrás de uma máscara de ferro.

— Sim — disse ele. — Pode ser que ficasse contente em chamá-la filha.

— E você meu lorde? — perguntou ela. — Reconheceu seus próprios descendentes?

— Sempre tive cuidado — garantiu Nicol.

— Pode ser que meu pai diria o mesmo.

— Acha que ele não sabia da sua existência?

— Ao contrário. Tenho certeza de que sabia.

— Quem lhe contou?

— Não sei. Acho que estou cansada demais. Deveria aceitar que era inocente porque ignorava.

— Se ninguém lhe contou, você não pode culpá-lo pela sua ausência.

— Para um homem que não teve filhos bastardos, você o está defendendo demais. É, por acaso, algum remorso que o faz agir assim ou é simplesmente porque você sempre defende seus pares?

— Meus pares? — perguntou ele, surpreso. — Ele era nobre?

Megan permaneceu calada por um instante e, então, riu.

— Meu pai um nobre? Duvido muito disso. Mas desconfio de que fosse um homem.

— Peço desculpas, moça — disse Nicol, andando na direção dela. Mesmo que não quisesse admitir, Megan o atraía. — Mas não considero "meus pares" homens.

O sorriso dela iluminou a noite.

— Você continua evitando a questão.

— Mesmo? Pensei que estava tratando você admiravelmente.

— E seus próprios bastardos? — perguntou ela, abruptamente. De repente, Nicol imaginou uma menininha esperta de olhos cor de esmeralda. Como seria pegá-la no colo, ouvi-la rir de alegria, ver seu rosto se iluminar com um sorriso? Era estranho. Ele não era um sentimental e nunca tinha desejado tornar-se pai, não depois de ter conhecido o seu próprio pai.

— Não tive filhos.

— Não que você saiba.

O visconde estava muito perto dela agora.

— Não tive filhos — repetiu.

— Como pode estar certo?

— Acredite, as mulheres que conheci teriam me informado.

— E suas amantes menos ricas?

Ele levantou uma sobrancelha.

— As camareiras, as camponesas, as...

— Não houve camponesas.

— Devo deduzir que houve um grande número de camareiras então?

— Nem camareiras.

— Humildes demais?

— Honestas demais.

— Como? — Megan o olhou com surpresa e, talvez, com uma expressão de esperança.

— Ricas baronesas, condessas solitárias. Elas entendem as regras do jogo.

— Assim, prefere a nobreza.

— Mas acontece que... — Nicol estendeu o braço na direção de Megan, sabendo que não deveria, que seria melhor recuar, que seria melhor não tocá-la. — Tenho um fraco por ladras — disse, enfim. A pele dela parecia uma nuvem de verão, enquanto lhe acariciava a face com o nó dos dedos e deslizava o polegar sobre a curva carnuda dos lábios.

— Então, posso me sentir segura — sussurrou Megan, mas seus olhos se fecharam, sombreando-lhe a face com os cílios escuros. — Já que não o sou.

O visconde passou-lhe as mãos sobre os ombros.

— O que você é, então?

Ela estremeceu levemente e ele sentiu o arrepio chegar-lhe até a alma.

— Somente uma camareira, meu lorde — Megan murmurou. — Uma que...

Mas ele a interrompeu com um toque dos dedos sobre os lábios dela.

— Não é verdade.

— Então, o que sou?

— Você... — disse ele, tentando controlar-se, parar, pensar, mas já curvando-se — ...é irresistível.

O primeiro toque dos seus lábios foi como uma magia, suave, quente, e ele não pôde evitar agarrá-la pela cintura e puxá-la para si. A massa quente dos seios comprimiu-se contra o seu peito e, de repente, pareceu que não havia mais nada separando-os, roupas, desconfiança, barreiras. Nicol tocou-lhe os lábios com a língua, e eles se entreabriram. As línguas se encontraram e duelaram. As mãos dele desceram sobre as curvas das nádegas de Megan. Os dedos dela se enroscaram na camisa de Nicol, segurando-o com firmeza. A excitação dele se fazia sentir, rija e pronta, contra o ventre macio, pulsante de desejo. Porém, as mãos quentes de Megan estavam, agora, contra o peito dele. Ele levou alguns segundos para perceber que ela estava tentando afastá-lo. Foi horrendamente difícil soltá-la. Mas conseguiu, procurando controlar-se, recuperar o bom-senso.

— Peço desculpas. Não queria forçá-la.

— Forçar-me? — Megan riu como se se tratasse da frase mais cômica já ouvida. Porém a risada saiu trêmula e ela sacudiu a cabeça como se também estivesse lutando contra os desejos. — Já não o fez?

— Não. Apesar do que pensa de mim, não sou do tipo que forçaria uma mulher.

— Mas me forçou — afirmou ela, ofegante — a vir aqui, a fingir que sou uma princesa, a...

— Não a forcei a dormir comigo.

— Não saberia... — continuou ela, rindo agitada — ...a única coisa que eu... — mas suas palavras se interromperam bruscamente e seu olhar tornou-se furioso.

— Como? — perguntou ele, mas ela já tinha se afastado. — O que ia dizer?

Megan não respondeu e ele, quando não pôde mais tolerar o silêncio, agarrou seu braço. Ela voltou-se, falando por entre os dentes:

— Não quero ter o mesmo fim da minha mãe.

— Tem razão. — Concordando com um movimento da cabeça, Nicol a soltou e deu um passo para trás. — Peço desculpas mais uma vez. Façamos os planos para amanhã e eu a deixarei. Não terá mais que aturar minha companhia.

Ela manteve o silêncio por algum tempo. Então, reencontrando a língua, franziu a testa e se afastou.

— Eu a encontrarei no teatro?

— Sim.

— Depois de quanto tempo estarei livre para ir embora?

Livre para ir embora. Ele sentiu um nó no estômago.

— Acha que eu a impedirei?

— Não, não acho.

— Pensa que recusarei a dar-lhe o dinheiro?

— Não. Acredito que respeitará as regras. Afinal, são regras suas. É por isso que dorme só com mulheres da nobreza, não é?

— Há outros motivos.

— Acha que suas condessas não se sentem feridas quando você as deixa?

— Você me atribui muita nobreza.

— Acredite, não era a minha intenção.

Ele quase sorriu, embora seus músculos ainda estivessem tensos de desejo.

— Então, você se dá conta de que eu me abstenho só porque não desejo recompensar a camponesa ou a camareira que mencionou.

— Recompensar?

— Sabe-se de mulheres que concebem um plano, na tentativa de...

A expressão de Megan se alterou imperceptivelmente, mas o suficiente para ele sentir o abatimento no seu rosto, as emoções atravessando-a como uma lâmina.

— Não é o que eu queria dizer — tentou corrigir o visconde.

— Você acha que mamãe preparou uma armadilha para que meu pai se casasse com ela?

Nicol atravessou o quarto num relâmpago e agarrou-a pelos braços.

— Juro, nunca pensei isso. Só teria sentido se ele fosse rico e, visto que sua mãe nem mesmo o avisou sobre você... — disse ele, negando com a cabeça. Estavam muito perto um do outro novamente e ele podia sentir o calor do corpo de Megan.

— Nobreza... — continuou. — É uma palavra que eu e meus pares não merecemos, pois você tem sido muito mais nobre...

Nicol fez outra pausa. Era difícil refletir quando a tocava. Tentou afastar as mãos, mas só conseguiu escorregar os dedos até os dela e levantá-los entre os dois corpos. — Você tem sido mais do que nobre em nossas relações, Megan.

— Assim, não acredita mais que eu seja a mulher que encontrou em Portshaven?

— A que me nocauteou e roubou meu relógio? — perguntou ele, enquanto acariciava os nós dos dedos dela com seus polegares. Suas mãos pareciam frágeis como as asas de um pardal. — Você parece delicada demais para fazer uma coisa dessas.

— Então, acredita que sou inocente?

— Ao contrário, tenho certeza de que foi você. Só que penso ter merecido o castigo. De fato... — Curvando-se levemente, Nicol beijou-lhe as mãos. Um desejo opressivo percorreu seu corpo. — Sou eu, provavelmente, que lhe devo desculpas por aquele dia.

Ele se endireitou e os olhos de ambos se encontraram. Os lábios de Megan, brilhantes à luz da lareira, estavam levemente separados. O desejo dele se transformou numa dor aguda. Ela iria embora em breve e seria substituída por uma miríade de lembranças que o perseguiriam.

— Desculpas? — perguntou ela.

— Pelas minhas intenções.

— Quais eram?

— Pouco honrosas, temo.

— Não me diga que queria quebrar suas próprias regras.

— A idéia me passou pela cabeça.

— Mas não sou nem mesmo uma lady, sozinha ou de qualquer outro tipo.

— Como disse antes, eu a acho... Você tem um encanto estranho, Megan. Estou certo de que sabe disso. — disse ele. E, porque não conseguia evitá-lo, porque ela era amaldiçoadamente tocável e indescritivelmente inebriante, beijou-a de novo. Mas logo se afastou, com cuidado, tentando manter o controle de si.

— Entendo — murmurou ela.

Então, o visconde acariciou um cacho de cabelos caídos atrás de sua orelha.

— Entende o quê, Megan? — perguntou e beijou-lhe o pescoço.

Ela estremeceu.

— As regras.

Nicol a fitou.

— O que está dizendo?

Megan passou a língua cuidadosamente sobre os lábios.

— Pode prometer não me deixar grávida?

— Jesus! — deixou escapar ele.

— Pode...

— Não! Há sempre um risco. Sempre... — Os olhos cor de esmeralda de Megan faiscavam na luz intermitente da lareira. Nicol perdeu o fio do pensamento. Na verdade, quase perdeu a cabeça. — Não quero...

— Não quer? — A voz dela era um sussurro muito baixo quando ela se aproximou. Os seios roçaram contra o peito dele. Ele a sentiu tremer e também tremeu.

— Megan, meu título pode ter chegado até mim por um caminho cheio de manchas, mas me pertence assim mesmo.

— E?...

— Eu e meus ascendentes não somos conhecidos por termos um caráter forte.

— E eu sou a última pessoa que você precisa tentar convencer — disse ela, pondo a mão no peito dele.

Ao contato da mão delicada, todos os nervos de Nicol reagiram. Ele zombou de si próprio. Afinal, não era um rapazinho inexperiente. Tinha estado com uma tropa de formosas debutantes e com um bom número de ladies elegantes. Mas nunca fora como agora, como se fosse morrer caso não pudesse tocá-la.

— Por quê?

— Talvez eu tenha mais coisas em comum com condessas e baronesas de quanto pensava.

— Duvido.

Megan aproximou-se mais um pouco.

— E isso seria uma ofensa ou um elogio, visconde?

— Receio não ter força para insultá-la neste momento.

Ela sorriu. A visão da curva em seus lábios, ele sentiu as pernas enfraquecerem.

— Pois eu poderia mudar o meu comportamento?

— Qual comportamento?

— Pretendo fazer amor com você.

— Por quê?

— Não sou simplesmente uma camareira. Pode me censurar por estar subjugada pelo seu título?

— Por quê? — repetiu ele.

— Porque quero.

Mas não tanto quanto ele. Porém, o visconde ainda fez uma tentativa para se controlar.

— Depois de amanhã, não a verei mais.

— É verdade — concordou ela, e o beijou.

Nesse momento, Nicol a abraçou com força e ela o circundou com seus braços. Ele agarrou seu vestido e o levantou com mãos trepidantes até sentir a pele sedosa sob os dedos. Megan começou a arrancar os botões da camisa do visconde. Ele os ouviu cair no chão e pensou confusamente que não podia perder mais botões. Mas as mãos dela percorreram o seu peito como descargas elétricas. Então, empurrou-a para a cama e ela caiu, levando-o consigo.

Mas estava errado, estava tudo errado. Ela era a "Mágica Meg", não uma debutante mimada. A vida havia sido cruel com ela em várias circunstâncias, e ela havia sobrevivido. Merecia muito mais do que ser amada ali no escuro. Merecia palavras doces e promessas honestas. Merecia... tudo.

— Megan — disse ele, recorrendo a cada grão ainda disponível de seu autocontrole. — Sei que tenho sido pouco nobre nas minhas relações com você, mas não quero desapontá-la nisso.

— Acha que poderia me desapontar? — a voz dela estava rouca e seus olhos, apenas entreabertos.

— Deveríamos nos conter — sugeriu ele. — Deveríamos...

Ela então o beijou e, em seguida, deslizou os lábios por seu pescoço, até chegar ao peito. Alguns protestos lhe vieram à mente, mas nenhum deles chegou aos lábios. Em vez disso, cerrou os dentes, enquanto ela perfazia um caminho de beijos sobre os músculos agitados do seu abdômen. Nicol prendeu a respiração quando ela tocou a sua ereção com os lábios, palpitou enquanto o beijava ali. Então, deitado de costas, ele a puxou-a para cima e a penetrou. Talvez ela planejasse fugir. Talvez planejasse roubá-lo ou, ainda, assassiná-lo com seu sapato. Porém, naquele momento, contavam somente as sensações indescritíveis que o percorriam. Ainda tentou acalmar-se e acalmá-la, mas as mãos dela cobriram os seus lábios e ela o puxou para dentro de si. Ele gemeu quando a penetrou mais fundo e soltou uma imprecisão ao romper seu hímen. Megan o envolveu com as pernas, assim, ele só pôde buscar a saciedade. Por fim, ainda que ela estivesse no auge do próprio prazer, ele a ergueu, saindo de dentro dela, e depositou o seu sêmen no ventre dela.

Nicol deixou a cabeça pender para trás, procurando acalmar seu ritmo cardíaco. Mas quando olhou para Megan, viu que ela franzia as sobrancelhas.

— Algo errado? — perguntou, procurando absolvição. Mas era tarde demais.

A expressão dela se acentuou.

— Sim — disse ela, saindo de cima dele. — Acredito que esta sua atitude foi extremamente exagerada.

Capítulo XXI

O visconde riu.

— O que é tão divertido? — perguntou Megan.

Ele se apoiou sobre os cotovelos e a fitou.

— Você disse que não queria engravidar. Este é o jeito mais seguro que conheço.

— Se isso é o máximo que se pode esperar do ato, conheço uma prevenção melhor.

— Ah, é?

— Sim — disse ela, e, soltando os dedos da camisa dele, fez um movimento para se afastar. Mas ele a puxou pelo braço e a beijou. O desejo ressuscitou como o velho Lázaro. Megan queria afastá-lo, mas seu corpo rejeitava.

— Você não me disse que era virgem.

— Você não perguntou — respondeu ela, agarrando-se novamente à sua camisa.

— Pensei ter sido claro quando disse que não dormia com inocentes.

Ela tentou se desvencilhar, mas ele mordiscou-lhe os lábios.

— O que mais não me contou? — perguntou Nicol, enquanto beijava o lábio inferior dela.

Megan estava arquejando.

— Como? — Ela teve a necessidade de senti-lo dentro de si novamente, para extinguir o fogo que ele tinha acendido. Fitando-o nos olhos, baixou a cabeça e passou-lhe a língua sobre o bico do peito. Ele se contorceu como um fantoche e ela sentiu a sua ereção pulsando de desejo contra as nádegas.

— Meu Deus, milady...

— Não sou uma lady — disse ela, e agarrou-lhe o membro. Nicol sentiu que ia explodir na mão dela, mas ela o guiou para dentro de si. Dali em diante, não houve mais pensamentos ou frases, mas só instinto e prazer. Moveram-se entrelaçados, fundindo-se um no outro, até quando ela se arqueou com o golpe final e desabou com um suspiro sobre o peito dele.

O coração do visconde batia descompassado sob o ouvido de Megan. Os braços dele estavam rijos sob suas mãos. Ela se virou para o lado, saciada e feliz. O tempo estava passando.

— Megan, você é surpreendente.

Ela ainda estava respirando forte.

— Mas não sou uma lady.

— Agora, dou-me conta de como as ladies são superestimadas — disse ele, sorrindo, e, apoiando-se sobre um cotovelo, beijou-a no canto da boca.

— São?

— Sim — respondeu ele, e ficou calado por alguns instantes. — Para onde vai quando sair daqui?

— Por que está me perguntando isso?

Nicol puxou a camisola dela para cima. O ar frio acariciou seus seios, mas logo o indumento foi substituído pelos lábios dele. Ao contato, ela suspirou e se arqueou.

— Por que acha que estou perguntando? — A fluência elegante da sua fala tinha sido substituída por um tom intenso e duro.

— Não sei.

— Então, você não é tão esperta quanto eu achava — concluiu ele, enquanto lhe tirava a camisola pela cabeça. Ao passar pelos braços, o tecido deixou um rastro de pele arrepiada. Megan viu que os olhos dele estavam escuros como o pecado. — Você é a beleza em pessoa, Megan. Educada. Atraente. — Enganchando-lhe o pescoço com a mão, Nicol a beijou com uma paixão crescente. — Há muitas coisas que você poderia fazer para viver — disse, enfim, deslizando as mãos sobre os seios dela. Megan estremeceu, mas conseguiu se dominar.

— O que sugere?

— Não deveria mais roubar.

— Farei o que precisar.

Ele lhe passou os dedos sobre os bicos dos seios.

— O que precisa fazer é ficar viva. Não é o que sua mãe lhe ensinou? Então, não deve roubar — disse ele, beijando-lhe os seios. — Prometa que não o fará mais. — O visconde a puxou para si e ela afastou a camisa dele para os lados. — Prometa.

Então, Megan beijou-lhe o peito e viu que Nicol tinha fechado os olhos.

— Não posso — sussurrou ela.

— Por quê?

— Alguém me ensinou que mentir era errado. — Deslizando a mão sobre o abdômen musculoso, ela encontrou novamente a força do desejo de Nicol e acariciou-lhe a ereção. Ele estremeceu e agarrou os dedos dela.

— Eu posso pagá-la — rangeu o visconde.

— Assim, eu seria a sua meretriz.

— Não.

Agora, escorregando os dedos sobre os braços dele, sentiu os músculos tremerem e saltarem sob seu dedos.

— Houve momentos — sussurrou Megan, quase sufocada pelo próprio desejo — em que a única coisa que me restava era meu orgulho.

— Você está enganada.

— Então, qual capacidade eu teria? Acha que as moças de bom tom me contratariam para cuidar de seus filhos? Ou, talvez...

— Disse que eu a pagaria. Não uma lady afetada... — Cerrando os dentes, ele

respirou fundo. — Eu a pagaria — repetiu.

— Para fazer o quê? — ela quis saber, enquanto escorria o dedo nos músculos bem delineados do abdômen do visconde. — Pagaria-me para não fazer nada?

— Muitos homens têm...

Ela lhe passou os dedos sobre o umbigo. Ele crispou-se, mas terminou a frase.

— ...tutelados.

Megan riu.

— Assim, eu seria uma criança sob sua tutela.

Visto que estavam nus e suados entre os lençóis revirados, admitir que era exatamente isso o que ele queria dizer poderia parecer estranho. Porém, Nicol fez um sinal afirmativo com a cabeça. O absurdo da situação fez Megan rir novamente.

— Não é uma piada, querida — disse ele, por entre os dentes, enquanto ela subia com os dedos.

— Claro que não — concordou ela. — Como poderia recusar uma proposta dessas? — De fato, por que deveria? Tinha sido pobre por tanto tempo, tinha perdido tanto. Com certeza, deveria agarrar essa oportunidade e, ainda por cima, com esse homem... Olhou nos olhos dele mais uma vez e sentiu uma agitação na alma. Por alguma razão, não podia suportar a idéia de aceitar a sua caridade. Preferiria arrastar-se nas ruas. Talvez fosse orgulho, ou algo em que não ousava pensar, aquilo que tinha destruído sua mãe.

— Estou lhe propondo uma forma de melhorar a sua situação — disse ele, com um tom de frustração na voz,.

Megan se esforçou para sorrir.

— É muito amável da sua parte, meu lorde. Mesmo.

— Não me chame de "meu lorde".

— Por que não? — Ela tentou evitar o tom afiado e manter-se descontraída, mas o rosto abatido de sua mãe estava olhando para ela. Amar é perder. Como uma maré subindo com violência, as emoções, agora, estavam crescendo dentro dela. — Ficaria sempre sob seu comando... meu lorde — disse ela e, naquele momento, ele a puxou sobre si.

— Acho que já negamos isso — disse ele, com os dentes cerrados, e a beijou com intenso ardor.

Não havia nada que Megan pudesse fazer, senão retribuir, arrancar-lhe as calças e sentar-se sobre a sua ereção. Então, ele a penetrou novamente e ela suspirou entre sentimentos tempestuosos.

— Ou... — murmurou ele, com voz trêmula — ...você poderia me pagar. Eu não sou muito orgulhoso.

— Eu não... — Megan tremia, enquanto ele aumentava o ritmo das investidas; arfava e também o buscava com um movimento frenético do corpo.

— Não o quê? — perguntou ele, diminuindo o ritmo.

— Eu não tenho muito dinheiro... meu lorde — disse ela, buscando-o, pressionando com força e rapidez. Sua respiração estava áspera e seus lábios, secos. Passou, então, a língua úmida sobre eles e curvou-se para sentir o peito de Nicol contra os bicos dos seios.

— Pode ser que me convença... a prestar os meus serviços de graça. Se você me disser onde poderei encontrá-la depois que for embora. Megan...

Mas antes que continuasse, ela o beijou, acalmando-lhe a inquietação até alcançarem o gozo e a saciedade. Estendeu-se um silêncio entre os dois. Nicol tocou o rosto dela com os dedos. Megan fechou os olhos e o visconde a recolheu num abraço. Então, contrariamente a qualquer previsão, ele adormeceu. Quando ela o acordou, já tinham se passado algumas horas.

— Visconde — ela chamou.

Nicol abriu os olhos assustado, olhou em volta de si e a fitou.

— Megan... — Suspirou, como se estivesse aliviado por vê-la ali. — Sonhei que... Estava pensando... Pensei que deveria comprar uma casa no campo.

— Uma casa? Como Woodlea? — Megan sorriu à lembrança. Tinha dormido muito pouco, mas não se sentia cansada. Ao contrário, sentia-se ansiosamente saudosa, dolorosamente sem esperança.

— Sim — respondeu ele. — Você gostou de lá?

— A sra. Barnes foi gentil. E o jovem Brady...

— Eu poderia... Talvez pudesse empregá-los. Will passa pouco tempo lá. Poderia encontrar quem os substituísse.

As mãos de Megan queriam tocá-lo, mas as manteve fechadas sobre o colchão e baixou os olhos.

— Não posso — disse simplesmente.

— Então... — ele começou a dizer, mas Megan tocou seus lábios com os dedos, interrompendo-o.

— Vai amanhecer. É melhor você voltar para seus aposentos.

Ele a olhou em silêncio e se levantou.

— Então, adeus, princesa — disse o visconde, enfiando os braços na camisa esfarrapada e puxando as calças para cima. Estas também estavam rasgadas.

Nicol andava para baixo e para cima no seu quarto. Não descansou durante o que sobrara da noite e o dia tinha sido horivelmente longo. Porém, agora, estava chegando o momento de ir recuperar a princesa e de mandar embora a plebéia. Rangeu os dentes. Seria bom livrar-se disso, saber que Anna estava salva e... que Sedonia estaria salva de Megan. Afinal, tinha corrido um grande risco.

As regras para a troca eram exatamente as mesmas de antes. Ele deveria estar feliz. Tudo tinha ido bem. A princesa tivera a oportunidade de formar a própria opinião. A ladra tinha aprendido e ganhado muito e teria a possibilidade de melhorar sua condição. Mas havia recusado sua proposta mais generosa, colocando-o de lado. Tinha, de fato, ficado ofendida. Maldita fosse ela! Não conseguia ver que lhe estava dando a oportunidade de melhorar a própria vida? Porém, no fundo, as dúvidas persistiam. Talvez fosse ele quem queria melhorar a própria existência. Talvez não pudesse suportar a idéia de viver sem... A tensão havia tomado conta do visconde. Sem conseguir esperar mais, vestiu-se e deixou seus aposentos.

Nicol foi sozinho para o teatro e assistiu impacientemente a uma má representação de *As Alegres Comadres de Windsor*. Do seu camarote, podia ver Megan apenas

fugazmente. Lorde Riven inclinava-se na direção dela, dizendo algo que a fazia rir. Embora não a pudesse ouvir, parecia que sua voz chegava mesmo assim até ele, fazendo-o vibrar até os ossos. Não a tinha ensinado a flertar. Ela havia aprendido sozinha, e bem. Ao contrário da princesa, não tinha escrúpulos em viver a vida plenamente. Mesmo assim, ele tinha sido o primeiro homem dela. As lembranças pulsavam dentro de sua alma: a pele dela contra a sua, seus beijos incandescentes, o assalto frenético das suas mãos, seu desejo selvagem. Para onde iria? Como faria para encontrá-la de novo? Procurou evitar esses pensamentos e rangeu os dentes durante a meia hora seguinte. Os segundos escorriam como uma marcha fúnebre.

Meu Deus! Deve estar na hora e Megan ainda está sentada e flertando.

Ele evitou franzir as sobrancelhas, olhou mais uma vez para o relógio e se deu conta de que tinham transcorrido somente alguns minutos.

Passou-se uma eternidade antes que ela se levantasse. Então, rindo para um vizinho, dirigiu-se para fora do camarote. Nicol esperou, fingindo assistir à peça e lembrando-se de não se impacientar. Estava tudo terminado, completo. Ela estava deixando Malkan Palace, e isso era bom. Tudo tinha dado certo. A princesa estava voltando. Só tinha que esperar.

Mas a princesa não voltou.

Havia sido estabelecido que ele não acompanharia Megan ao toalete. Que, se ela fosse sozinha, chamaria menos atenção. Mas Anna ainda não tinha voltado e, assim, talvez tivesse tempo de ver Megan uma última vez e tentar convencê-la... Mas já tinha feito isso e ela havia sido clara. Não queria mais vê-lo. Com certeza, era homem o bastante para aceitar. Mas para onde iria ela? E como sobreviveria sem vê-la novamente?

Quis levantar e correr atrás dela, mas se levantou com estudada despreocupação. Iria ver se estava tudo bem. Pelo menos, era essa a desculpa dele para ir até o toalete. Manteve um olhar entediado e se esforçou para não parar ao passar pela porta do banheiro. Porém, nesse instante, ela apareceu no seu campo de visão. Nicol ficou sem fôlego e sentiu o corpo estremecer quando ela se aproximou. Foi muito difícil não puxá-la para si e abraçá-la.

— Você está aqui. — As palavras saíram maravilhosamente estáveis, como se tivessem sido proferidas por outra pessoa.

— Sim — disse ela, ao contrário, com agitação na voz.

— O que quer dizer? — Um pavor o sacudiu. — Você está bem?

Megan franziu as sobrancelhas e desviou a atenção para as suas damas de companhia.

— A princesa não apareceu — sussurrou ela.

Naquele momento, ele enxergou a verdade. A visão de Megan tinha apagado a lembrança de Anna da sua mente. Havia se esquecido por completo da missão. Mas as consequências da ausência da princesa pairavam, agora, como uma tempestade.

— Onde ela está?

Atrás de Megan, as damas de companhia conversavam entre elas e, logo atrás, as sentinelas estavam alertas.

— Não sei. — Megan tentava suavizar o tom de voz, mas a preocupação era palpável.

— Maldição! — praguejou baixinho Nicol. Viu, então, que Mary caminhava na

direção deles e suavizou a voz, falando um pouco mais alto. — Boa tarde, então, Vossa Alteza. Espero que se divirta com o restante da peça.

— E você, Nicol? — perguntou ela. Tinha quase dominado o tremor na voz quando as damas se aproximaram. — Vai embora assim cedo?

— Temo estar um pouco indisposto.

— Bem... — O canto da boca de Megan curvou-se levemente para cima. Seus olhos fizeram uma expressão coquete e seus lábios franziram. Era outra vez a atriz consumada. — Faça minhas saudações à misteriosa lady — disse ela, então, mas ele não conseguia apreciar, pois sua mente estava girando freneticamente, fora de controle.

Nicol fez uma reverência, tentando corresponder ao gracejo e à esmerada indiferença de Megan. Era uma atriz fabulosa ou o que tinha se passado durante a noite não significava nada para ela? E a ausência de Anna?

— Fico lisonjeado com sua confiança na minha palavra — respondeu ele. — Mas, garanto-lhe, irei para a cama sozinho.

— E à meia-noite eu me transformo numa borboleta — concordou ela, e, virando-se devagar para suas damas, tomou o caminho do camarote.

Nicol também virou-se, tentando imitar a despreocupação dela, mas era impossível. O que tinha dado errado? Onde estava Anna? Por que ela não havia aparecido? Uma vez fora do teatro, apressou-se a procurá-la na noite. Não podia contar com ninguém ou sequer formular uma questão do tipo: viu a princesa vestida como se fosse outra pessoa? Sentiu o pânico apertar seu estômago, mas não havia nada que pudesse fazer. Somente procurar na área em volta do teatro até a última carruagem ir embora e, então, voltar para o palácio sozinho.

Esperou até a madrugada antes de ousar entrar no quarto da princesa e, quando o fez, ela o fitou imediatamente, pondo o livro de lado.

— Encontrou-a?

Ele andou pelo quarto, tenso e intratável. O que fizera?

— Apresentou-se no lugar do encontro à hora marcada?

— Você sabe que sim.

— E não viu nem um sinal dela?

— Um sinal?

— Um bilhete. Uma... peça de vestuário?

— Não.

— Tem certeza? Ela deve ter estado lá! Deve...

Megan desceu da cama, reagindo com ímpeto.

— Não é culpa minha se você perdeu sua princesa!

— Onde acha que poderia estar?

— Você acha que a raptei para ficar no lugar dela?

Ele não disse nada.

— Pois bem, não o fiz. — O tom dela era límpido. — De fato, você é que é conhecido por raptar mulheres contra...

— Vocês duas são muito parecidas. Apesar da sua extração social... Apesar da

sua afetação, ambas são espertas, ambas... — Faltaram-lhe as palavras. Não deveria ter se deitado com ela. Nunca! Pois agora não conseguia se concentrar em nada mais. A princesa tinha desaparecido, meu Deus! E a única coisa em que conseguia pensar era o toque da pele de Megan contra a sua. — Onde estará?

— Nicol. — O tom dela, agora, era suave, mas Megan não se aproximou, pois não queria, contrariamente ao seu desejo, que se repetisse o acontecido na noite anterior. — Se é assim esperta, como você diz, ela deve estar em algum lugar seguro.

— Por que não enviou uma mensagem? — perguntou ele, suspirando.

— Não temos como saber. Mas o fato de que não tenhamos recebido não significa que ela não a tenha mandado. Talvez o mensageiro tenha sido interceptado.

— O mensageiro da princesa jamais seria...

— Seu mensageiro não saberia que era um bilhete da princesa e, por isso, não daria grande importância ao sucesso da missão. Talvez tenha pegado a sua moeda, jogado a carta fora e ido embora.

— Talvez. Mas...

— Não. Não procure um problema onde talvez não haja.

Nicol esfregou os olhos.

— Não deveria tê-la deixado ir.

— É sua princesa— lembrou-lhe Megan. — Você tinha escolha?

— Poderia ter tentado dissuadi-la.

— Ela teria escutado?

— Confia em minha opinião.

— Então, provavelmente, há uma razão para que confie.

Ele se aproximou, carente de contato, de pele contra pele.

— E você, Megan? Confia em mim?

Nicol sentiu a respiração suave dela contra a sua face e não pôde evitar a lembrança de como tinha se curvado sobre ele, de como os bicos dos seios dela tinham, roçado em seu peito, enquanto a respiração dela se tornava mais rápida e suas pernas o contornavam.

— Não — respondeu ela. — Mas tenho minhas razões.

— Fui assim tão ruim?

Os olhos de Megan brilharam, mas ela baixou o olhar.

— Você deve procurá-la.

E deixar Megan se defender sozinha? Nicol sentiu uma dor profunda no peito. Não podia abandoná-la. Admitiu isso, apesar de não admitir o motivo.

— Prometi a Anna que ficaria ao seu lado.

— Com medo que eu esconda as jóias da Coroa?

Ele nem tinha pensado nessa possibilidade. Uma noite na cama dela e já tinha esquecido completamente quem ela era, de onde vinha!

— Você terá que ficar — disse ele, com um tom de voz que soava maravilhosamente racional. — Até ela voltar.

Megan permaneceu calada, mas, finalmente, fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Será perigoso — ele advertiu.

— Tudo tem dado certo até aqui.

— Mas passaram-se somente alguns dias e Paqual já está desconfiado.

— Eu posso cuidar dele. — Ela pronunciou essas palavras com fria segurança.

Onde estava a moça a quem tinha ensinado segurar uma colher? Onde estava a mulher que estremecia quando a tocava?

— E o baile programado para o duque? — perguntou Nicol.

— Eu o receberei.

— Terá que saber uma porção de nomes.

— Como você disse, sou a princesa. Eles são os súditos.

— Haverá um baile e jogos. Bebidas. Anna sempre...

— Baile? — disse ela, franzindo as sobrancelhas.

— Você sabe dançar, não sabe?

Megan fez um sinal negativo com a cabeça e percebeu uma expressão de satisfação nele. Era uma razão para se aproximar dela. Um motivo para tocá-la.

— Terá que aprender antes que o duque chegue. Venha — disse ele, pegando-lhe a mão e puxando-a para si.

O seios dela se comprimiram contra o peito dele, faiscando emoções. O braço de Nicol circundou a cintura fina, e ele sentiu que aquela proximidade acendia uma chama em seu estômago.

— Megan... — começou ele, mas ela o empurrou para trás, pondo alguns centímetros entre os dois.

— Ficarei sentada durante o baile — declarou ela.

Ele a queria, desejava a intimidade que tinham compartilhado apenas algumas horas antes.

— A princesa adora dançar — disse ele, esparramando seus dedos sobre as costas delgadas. — Nada a impediria de dançar uma valsa.

— Então, reclamarei de um tornozelo torcido ou de dor no estômago.

— Não sabemos quando ela voltará. Pode ser que haja outros bailes — sussurrou ele, puxando-a novamente para si. Por um momento, ela se descontraíu e sua coxa esbarrou na dele, suspirando intimidade. Mas, logo em seguida, Megan desvencilhou-se.

— Não. Eu... — Ela estava ofegante. Nicol podia ver seus seios subirem e descenderem sob o tecido fino da camisola. — Estou cansada.

Cansada! Como podia estar cansada? Não sentia a emoção do contato? Não tinha desejo? Nicol deu um passo para a frente, mas ela fugiu com rapidez.

— Por favor... não me sinto bem.

Ele sentiu um golpe no estômago. Era essa a sensação de ser rejeitado?

— Megan, a respeito da noite passada...

— Não vou dormir com você novamente. — Suas palavras eram cortantes e sua expressão, tensa sob a luz do fogo.

Nicol respirou profundamente e a fitou.

— Foi tão horrível assim?

Ela cruzou os dedos com afetada precisão e, naquele momento, parecia-se nada mais nada menos com a princesa que ele lhe tinha ensinado a ser.

— Não o farei novamente — repetiu ela.

— Não a engravidarei. Se quiser, encontrarei outro método. Algo para lhe dar a certeza de que...

— Decidi que não o verei nunca mais.

Os olhos dela brilhavam na luz trêmula. Seus cabelos sedosos estavam iluminados. Ele desejou passar os dedos sobre eles, escorrer a mão sobre a curva das costas de Megan.

— Então, essa é sua maneira de dizer adeus?

— Eu não... Eu... — Ela endireitou as costas. — Acho que você não tem motivos para se queixar... meu lorde. Dei-lhe o que me pediu. Aceitei seu acordo. De fato, ainda estou aqui, obedecendo às suas ordens. Mas não vou... Não me deitarei com você novamente. Nunca mais.

Nicol pleiteou, quase implorou como um cão, mas, finalmente, conseguiu manter um fio de dignidade, embora pensasse que fosse impossível.

— Como desejar — disse por fim, fazendo uma reverência —, Vossa Alteza.

Capítulo XXII

Megan não dormiu bem e o dia seguinte foi longo e tedioso. Por volta de meio-dia, Paqual entrou no salão onde ela conversava com Edmund sobre o velho assunto das tapeçarias.

— Vossa Alteza — disse Paqual, fazendo uma dura reverência. — Detesto ter que perturbá-la, mas preciso de sua assinatura em alguns documentos.

— Documentos? — Megan sentiu uma fígada na barriga. Assinar documentos não fazia parte de suas tarefas. Podia se parecer com a princesa e vestir-se como ela. Por algum milagre, podia até mesmo falar como ela, mas havia diferenças abissais entre Tatiana Octavia Linnet Rocheneau e a moça cuja mãe a chamava de Meg. Por exemplo, Tatiana podia, provavelmente, entender tais documentos. Oh, sim, Meg sabia ler agora, mas não era uma erudita, especialmente no campo da política.

Onde estava Nicol quando precisava dele? Não o tinha visto a manhã toda. Por que Paqual havia se aproximado dela neste momento? Era mera coincidência o fato de aparecer com documentos legais bem no momento em que Nicol e o barão de Landow estavam ausentes?

— Estou, realmente, muito ocupada agora — desculpou-se, voltando a atenção para o desenho fútil de um tecido. Porém, Paqual permaneceu parado e, quando ela se virou novamente, viu que ele estava sorrindo.

— Não vai levar muito tempo — disse o homem. — Só alguns minutos, Vossa Alteza.

— Oh? — Ela tentava parecer soberana, mas longe dela tomar decisões sobre a política de Sedonia. — Do que se tratam esses documentos?

— Nada de grande importância. Leis que têm sido aplicadas há anos. Simplesmente, precisam de algumas alterações.

— Se têm sido aplicadas há anos, lorde Paqual... — Megan sorriu para ele, esperando que o sorriso não tremesse. — ...acredito que não haja pressa alguma de mudá-las agora. Lorde Danzig — disse ela, virando-se despreocupadamente e quase estremeando à própria tolice. O decorador não era um nobre. De fato, não era nada mais que o filho de um modista. Mas ela ignorou o erro, como se tivesse sido um simples escorregão da língua. — Precisaremos sem demora de planejamentos.

— Sim, Vossa Alteza.

— Vossa Alteza. — Paqual ainda estava ali. — Se me acompanhar até a sala de representação, poderemos resolver isso em poucos minutos. Não será necessário...

— O que quer resolver? — perguntou Nicol, enquanto entrava na sala.

Paqual virou o sorriso para o visconde, mas sua alegria desbotou quando viu o menino aparecer entre Newburn e o barão de Landow.

— O que ele está fazendo aqui?

Nicol inclinou a cabeça.

— Com certeza, não esqueceu. O jovem Jack está sob a tutela de lorde Landow.

— Não quero esse macaco aqui no palácio. Não...

Ao ouvir tais palavras, Megan se levantou.

— Pedi a lorde Newburn que o trouxesse.

— Vossa Alteza. — Paqual fez uma reverência. — Com todo o respeito que lhe devo, lembro-lhe que esse menino é um ladrão, um miserável...

— Sei perfeitamente quem ele é — ela o interrompeu. Sua voz soou como um alarme na sala, interrompendo os movimentos e a conversa dos presentes. Controlando-se para não tremer, manteve o olhar severo fixo em Paqual. — Ele é meu súdito — continuou, suavizando a voz. — E, como bem sabe, meu lorde, merece toda minha consideração como tal.

Paqual cerrou os lábios e, finalmente, fez mais uma reverência.

— Sim, Vossa Alteza. Claro...

— Então... — continuou ela, esperando não desmaiar. — Que documentos quer que eu assine?

— Como disse, Vossa Alteza... a papelada pode esperar até as preparações para a chegada do duque terminarem. — Com outra reverência, Paqual se virou e deixou a sala.

— Vossa Alteza — disse Nicol, repetindo a reverência do velho homem. — Como pode ver, trouxemos o jovem Jack para lhe fazer uma visita.

Megan desviou o olhar para o menino. A expressão dele era turva. Logo atrás,

William Enton tomou um gole do frasco de prata extraído do bolso do seu colete. Estava mais asperamente belo do que nunca, mas tinha uma contusão amarelada na testa.

— Sr. Danzig — disse ela. — Passarei alguns minutos a sós com estes cavalheiros.

— Claro, Vossa Alteza — respondeu o homem, e, batendo palmas, mandou seus frenéticos colaboradores para fora da sala.

— Então, como está se dando em Landow House?

Jack se manteve calado. Parecia que os anos passados nas ruas não o tinham tornado uma criança efervescente.

— Está comendo bem? — insistiu ela.

O menino olhou para Megan um instante.

— Ouvi falar de lugares assim — disse, então.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Lugares assim?

Jack olhou para a sentinela e para a falsa princesa.

— Lugares onde treinam prostitutas.

Nicol se endireitou bruscamente, e Will abandonou sua habitual posição descontraída. Mas Megan fez um sinal com a mão para que não se preocupassem.

— Você acha que o estamos treinando...

— Ele me obrigou a tirar a roupa — contou o menino, olhando para Will.

— Lorde Landow? — questionou Megan, esperando uma resposta.

— Ele fede — respondeu Enton. — Pensei que seria melhor se tomasse um banho antes de vir ao palácio.

— Ficou me olhando o tempo todo. Conheço o tipo.

— Tem uma tendência a querer fugir.

— Não pode me reter — rosnou o menino.

Em vez da habitual falta de expressão, o rosto de Will comunicava, enquanto olhava para Jack, um misto de raiva, frustração e dor sufocada por muito tempo com o álcool.

— Acredito que seria melhor se Vossa Alteza encontrasse outra pessoa para cuidar da criança.

— Oh! E por que isso, lorde Landow?

— Sou uma pessoa pouco indicada para cuidar de crianças. — Uma chama passou pelos seus olhos. — Pergunte para quem me conhece.

— O menino parece estar com um ótimo aspecto.

— Quase fugiu duas vezes, Vossa Alteza.

— Foi assim que obtive o machucado?

— Não, Vossa Alteza — respondeu ele, e fez uma pausa, como se não quisesse continuar. Porém, quando o silêncio se fez longo demais, falou: — Foi um erro meu.

— Como aconteceu?

— Disseram-me centenas de vezes para parar de beber. — Levantou o frasco para explicar sua fraqueza. Mas havia algo no seu olhar dizendo que mentia.

Megan endireitou as costas.

— Estou cansada e ocupada. Conte-me o episódio.

Ele deu de ombros, mas ela levantou uma das mãos.

— Não admito mentiras, lorde Landow.

— O preceptor do menino me parecia um pouco rápido demais com o chicote.

— O que aconteceu?

— O menino pronunciou mal o seu nome. Não me parecia uma ofensa grave.

— O sr. Friar bateu em você, Jack?

O menino ficou calado e o silêncio invadiu a sala, mas Landow dirigiu-se em voz baixa ao menino:

— Responda à princesa — ordenou Will.

— O velho é fraco como uma criança de peito. Não me machucou.

O barão olhou para fora da janela como se quisesse estar em outro lugar e, finalmente, voltou o olhar para Megan.

— Friar deixou vergões, Vossa Alteza. Entendo pouco de criança, mas...

— Não sou uma criança — insistiu Jack, fitando o barão.

— O fato de ser um ladrão não muda sua idade — intercedeu lorde Landow, com uma paixão na voz que ela nunca tinha ouvido nele antes. — E não significa que você sobreviveria se voltasse...

— Pergunto mais uma vez — interrompeu Megan. — Como se machucou, lorde Landow?

— O sr. Friar não gostou de perder o chicote.

— Tirou-lhe o chicote?

— Antes de o pôr para fora de Landow House.

Megan levantou o queixo e o fitou. Para quem não entendia de criança, parecia estranhamente protetor e decididamente abalado pelo incidente.

— Acredito que era o preceptor que meu tio havia escolhido para os próprios filhos — disse Megan.

— Sim, Vossa Alteza. Acredito que era.

Alguma coisa na voz do barão dizia que o homem estava saindo do entorpecimento contra a própria vontade. Assim como estava sendo forçado a se preocupar.

— Tenho certeza de que encontrará outro — disse ela, com suavidade. — Talvez, a mesma pessoa que escolheria para seus próprios filhos.

— Como disse antes, Vossa Alteza, temo não ser o homem melhor para empreender...

Ela o interrompeu com um gesto de mão e se dirigiu ao menino:

— Sinto muito — disse, simplesmente.

Uma emoção atravessou o olhar do garoto. Ela não conseguiu adivinhar que tipo de sentimento era, mas ele entreabriu a boca e suas sobrancelhas descenderam sobre seus olhos espertos.

— O que Friar Ihe ensinou? — perguntou ela. — Além do fato de que homens velhos são fracos como crianças de peito?

Jack cruzou os pés, ainda com as sobrancelhas franzidas, mas acabou falando quase como se não conseguisse ficar quieto, embora desejasse.

— A ler — disse ele. — É bárbaro. Sabia que cada som tem uma marca que...

— Letra — corrigiu Landow, em voz baixa.

— Isso. Há uma letra para cada som que fazemos.

— É surpreendente — concordou ela. Mas, repentinamente, o menino fez uma expressão de desafio.

— Não que eu precise aprender aquilo. Não vai me ajudar em nada. Afinal não estou na alta sociedade.

— Por isso não consegue aprender?

Ele fez uma careta.

— Se quiser, consigo, como qualquer um.

— Mas não quer.

— Porque tenho minhas coisas para fazer em Hack Street.

Sim, tinha... coisas como uma vida dura e morte prematura. Ela tinha visto isso acontecer, centenas de vezes.

— Você é um jogador, Jack? — perguntou Megan.

Ele piscou, tentando acompanhar a mudança brusca de assunto.

— Sou conhecido por ter apostado um pouco.

— Muito bem, iremos lançar dados então.

— Por quê?

— Para ver se você irá aprender ou se voltará para Hack Street. — Ela pensou que ele iria recusar, mas o menino enfiou a mão no bolso e extraiu um par de dados.

— Está certo, então. Tenho alguns aqui.

Ela sorriu.

— Acho que tenho outro par. Para dar sorte — acrescentou Megan. — Allard! — chamou em voz alta a sentinela.

— Traga um par de dados.

— Dados, Vossa Alteza?

— Por favor. Acredito que os encontrará na sala de armas — instruiu ela, sentando-se a uma mesa e convidando o menino a fazer o mesmo. Ele obedeceu, lentamente. Seu rosto estava limpo e suas bochechas mais cheias.

— Você concorda em respeitar o resultado do jogo?

— Se eu vencer, me deixará ir embora?

— Sim — ela concordou, aceitando os dados trazidos por Allard e pondo-os no

colo.

O rosto de Jack estava pálido e, no íntimo, ela sabia que ele se perguntava se queria perder ou vencer. O medo do desconhecido era somente um pouco menos aterrorizador do que o medo de voltar para as ruas onde tinha lutado pela sobrevivência por tanto tempo.

— E se eu perder? — perguntou ele.

— Nesse caso, voltará para Landow House. Fará o que lorde Landow lhe dirá, aprenderá o mais que puder e o mais rápido possível, e virá ao palácio para me relatar o seu progresso.

Ele piscou.

— Concorda com os termos?

O menino fez uma careta e cerrou os punhos.

— Não sou covarde.

Megan observou os olhos dele por um momento. Então, fez um sinal afirmativo com a cabeça e lançou os dados. Doze pontos apareceram nas peças de marfim. Em seguida, ofereceu-lhe os dados. O menino os lançou. Dois seis também. Então, Jack os lançou novamente e só sete pontos pretos apareceram no marfim amarelecido. Pegando os dados, Megan soprou as mãos e jogou os cubos, que rolaram sobre a mesa. Doze!

Ela fitou o menino nos olhos. Ele piscou, apertou os olhos e se levantou lentamente.

— Ganhou — disse.

— Sim — ela afirmou. — Ganhei.

— Tem muita sorte.

— Talvez não seja sorte.

Jack desviou o olhar para lorde Landow, na dúvida se iria ou não dizer alguma coisa. Finalmente, a curiosidade venceu.

— O que então?

Levantando-se, Megan pegou um volume que jazia sobre a mesa ao lado.

— Está vendo este livro? — perguntou ela.

O menino fez um sinal afirmativo.

— Quando puder ler as três primeiras páginas para mim, eu lhe contarei o meu segredo.

Ele a encarou por ao menos vinte segundos. Depois, virou-se de sua iniciativa e caminhou até o barão. Deixaram juntos o palácio.

Megan podia sentir o olhar de Nicol sobre si e, quando não pôde mais evitá-lo, virou-se com as sobrancelhas franzidas.

— O que é isso? — perguntou.

O olhar dele estava escuro e intenso. Ela sentiu um arrepio percorrer-lhe a espinha.

— Onde estava quando eu freqüentava a escola? — perguntou ele.

Ela franziu os lábios, procurando evitar a emoção. Era somente um instrumento

nas mãos dele.

— Acredito que ainda não tinha nascido, meu lorde.

— Nicol — corrigiu ele.

— Eu sou a princesa. Se desejar, chamo-o de sr. Sapo.

O visconde esboçou um sorriso. E justamente isso fez com que ela sentisse o arrepio percorrer seu corpo com maior intensidade. Não podia esquecer os lábios dele sobre sua pele, e como tinha sussurado doces palavras aos seus ouvidos.

— Claro, Vossa Alteza — ele anuiu, e, fazendo uma reverência, percorreu a distância que os separava. — O que acha de uma dança?

— Dança? — repetiu ela, sentindo-se fraca, perdida, desamparada e assustadoramente só.

— Precisa aprender.

— Já lhe disse... — Ele estava perto demais. Megan pôde sentir o calor do seu corpo. — Inventarei uma doença qualquer.

— Uma lady deve saber dançar — disse ele, e, esticando uma mão, afastou um cacho de cabelo que lhe caía sobre a face. Os nós dos dedos dele roçaram a orelha de Megan. Ela fechou os olhos, mas recusou-se a pressionar a face contra a mão do visconde.

— Você se esquece de que eu não sou uma lady.

— Se você não é — sussurrou ele, deslizando os dedos sobre o pescoço dela — então, ninguém é.

Megan tremeu.

— Meu lorde...

— Nicol — corrigiu ele.

— Nicol. — O nome soou como uma carícia. — Não posso fazê-lo novamente.

— O que não pode fazer?

— O que... — Ela endireitou as costas com um movimento brusco e deu um passo para trás. — Não posso dormir com você outra vez.

— Penso que fui o único, algo que tenho que lhe agradecer ainda.

Megan se lembrou de como os cílios dele eram macios como os de uma criança e de como seu peito, ao contrário, era duro como a madeira de um carvalho. Não tinha se dado conta, até aquele momento, de quão verdadeiramente belo ele era. Mas beleza não significava nada para ela. Sobrevivência era tudo.

— Você agiu muito bem — Nicol passou os dedos sobre o braço dela, pegou sua mão e beijou-lhe os nós dos dedos — com o menino.

Um novo arrepio a percorreu. Megan passou a língua pelos lábios e tentou se concentrar.

— Não posso... não posso... entregar-me a você novamente.

Nicol rangeu os dentes e fez uma reverência distraída.

— Como quiser, Vossa Alteza. Mas precisa aprender a dançar. — Havia algo no olhar dele. Sim, uma intensidade. Uma autoridade. Mas não era só isso. Havia uma incerteza. Quase uma súplica. Ou era só imaginação? — Deixe sua porta aberta para

mim hoje à noite, Megan — sussurrou ele.

Ela tentou objetar, mas ele lhe beijou a palma da mão, virou-se e foi embora.

Capítulo XXIII

Megan estava sentada à escrivaninha, lendo, como Tatiana faria, quando ouviu a música começar. Alguns minutos depois, Nicol entrou no quarto. Megan se virou e viu seus cabelos escuros caídos sobre a testa, a camisa aberta na altura do pescoço. A lembrança da camisa rasgada fez com que ela corasse. Talvez uma lady de qualidade permitisse que as roupas dele ficassem intactas. Pondo o livro de lado de maneira afetada, levantou-se e franziu a sobrancelha.

— Nunca bate à porta, meu lorde?

— Claro.

— Não a minha.

— Sinto como se tivéssemos superado isso — disse ele, atravessando o quarto.

— E se se tratasse da princesa? — perguntou ela. — Bateria?

— Bato à sua porta todas as vezes que venho ao seu quarto de madrugada.

Ela sentiu uma agitação no estômago e deu um passo para trás, caindo sentada na cadeira. O visconde sorriu.

— Algo errado, Megan?

— Não — ela respondeu, pensando na possibilidade de lhe dar um tapa e endireitando-se. Sentiu que os bicos dos seios estavam estranhamente sensíveis ao contato com o tecido macio do vestido. — Claro que não.

— Dancemos, então?

Ela sentiu um pânico. A cama estava tão perto. Não conseguia afastar da memória as sensações da noite passada com ele.

— Estive pensando — começou. — Acho que está errado. Não tenho motivos para aprender a dançar.

— Megan...

— Eu sou a princesa. Se disser que não estou com vontade de dançar, não precisarei dançar.

— Mas Anna nunca diria uma coisa dessas.

— Como sabe?

— Eu a conheço bem.

— Quanto bem? — estourou ela, desejando não ter falado ou, pelo menos, ter

mantido o tom frio.

Nicol se aproximou novamente, com uma expressão maliciosa.

— Diga-me, Megan. Está com ciúmes, por acaso?

— Ciúmes! — disse ela, rindo de forma desajeitada. — Não dançarei com você.

— Deixaria os músicos trabalharem à toa? Depois que lhes disse que a princesa estava tendo dificuldade para dormir e apreciaria ouvir...

— Nunca tive dificuldade para dormir.

— Que estranho — comentou ele. — Também tenho dormido melhor ultimamente. Venha, dance comigo.

Megan tentou recusar mais uma vez, mas Nicol já segurava sua mão, contornava sua cintura com um braço e, de algum modo, já estavam dançando, espontaneamente, sem planejamento. Estavam simplesmente deslizando juntos sobre o chão. Se estava fazendo erros, ela não tinha a menor idéia. Percebeu que dançar era como a vida aplicada à música.

— Megan — a voz dele era suave —, você deve ter feito isso antes. Diga a verdade.

— Nunca dancei antes.

— Trata-se de outra "primeira vez" então — sussurrou o visconde ao seu ouvido. A voz dele atingiu o coração de Megan como um raio. — Por quê?

— Tinha coisas mais importantes para fazer.

— Como roubar o relógio de homens enamorados?

Megan tropeçou. Ele a segurou com firmeza, puxando-a contra o peito e observando o seu rosto.

— E-enamorados?

— Não estou falando de mim, claro — disse ele, estreitando-a ainda mais e fazendo com que os bicos duros dos seios dela roçassem sobre o seu peito. — Sou elegante demais para ter sentimentos tão banais.

Megan queria ignorar as palavras dele, mas não era capaz nem de controlar a respiração.

— O que estava sentindo? — sussurrou ela.

— Quando a vi pela primeira vez no mercado? — Nicol esparramou os dedos sobre as costas esguias. Megan sentiu uma excitação difundir-se em todo o corpo. Sem pensar, fez um sinal afirmativo com a cabeça, mas, naquele momento, percebeu que havia caído na armadilha. Tentou desvencilhar-se, mas ele continuava a dançar, puxando-a para si.

— A única coisa que sabe fazer é armar ciladas para arrancar uma confissão de mim? — perguntou ela.

— Não sinto a falta do relógio. — A voz dele era suave e seu olhos, sinceros.

Ela sentiu que estava se perdendo neles, mas, de repente, subtraiu-se ao transe.

— Ótimo! — exclamou Megan. — Pois o vendi no dia seguinte.

— Por que eu?

Era arrogante, atraente e irresistível e tinha consciência de o ser. Isso a deixava

louca.

— Porque não me deixava em paz — disse ela, cerrando os dentes.

— Então, são os homens mais atraídos por você que perdem os seus pertences.

Talvez se sentisse mesmo atraído por ela. Mas que diferença fazia? Muitos homens se sentiam atraídos por ela. Ele não era diferente dos outros, que iam atrás de qualquer saia que passasse pelo caminho deles — exatamente como seu pai.

— Somente os homens que esperam se aproveitar de mim tendem a perder seus pertences.

— Não tinha intenção de me aproveitar de você, mas somente de conhecê-la.

— Claro.

— Ainda não confia em mim.

— Se não confio, é culpa sua, meu lorde. Afinal, sou o que você me fez.

— Não fiz de você uma sedutora, Megan.

— Eu não sou...

— Claro que não — disse ele, beijando-a.

O desejo tomou conta de Megan. Ela tropeçou novamente e ele a segurou, abraçando-a.

— Vou lhe pedir um favor, Megan.

Ela não conseguia desviar o olhar do dele.

— Quando dançar com o duque, evite apertar os seios contra o peito dele.

Ela deu um pulo para trás e o visconde, fazendo um movimento negativo com a cabeça, olhou-a com sedução.

— Não disse que deveria fazer o mesmo comigo.

Desvencilhando-se dele, Megan o fulminou com os olhos.

— Saia do meu quarto.

— Ainda temos que treinar a quadrilha.

— Se errar um passo, posso sempre recorrer à sedução chamativa — ela resmungou por entre os dentes.

— Você se esquece de que a princesa não é do tipo que se pavoneia.

— E você se esquece — retrucou ela, curvando-se para a frente — de que eu não sou a princesa.

— Não, não me esqueço — disse ele, dando um passo para a frente.

Mas ela recuou com prudência.

— Saia! — repetiu Megan; e, embora desejasse dentro de si, desesperadamente, que ele ficasse, o visconde beijou sua mão e se retirou.

Os dias voaram. Nicol ocupou-se com questões oficiais, fazendo de tudo para não pensar numa certa ladra e, sobretudo, para ficar longe do quarto dela. Tinha enviado três espões de confiança de Teleere para procurar uma mulher chamada Linet Mulgrave. Havia recebido a notícia de que a tal mulher fora encontrada no castelo do senhor feudal

MacTavish. Estava sã e salva. Embora o visconde não soubesse por que ela tinha permanecido em Teleere, tudo parecia correr bem. Por que, então, sentia-se tão rabugento, tão irritadiço? Corria um boato de que o duque de Venge tinha chegado naquela manhã e que a princesa o havia recebido como se fosse o próprio mensageiro de Deus. Diabos! Treinara Megan muito bem. Ela se tornara um gênio da diplomacia. Nem era necessário que ele permanecesse no palácio. Talvez devesse navegar para Teleere e cuidar do bem-estar de Anna. Talvez devesse encontrar-se com os espões. Talvez devesse procurar uma antiga amante. Mas não fez nada disso. Pelo contrário, abotoou o colete de seda cor de vinho, vestiu seu fraque preto e, pelos corredores intermináveis do palácio, dirigiu-se para o salão de baile.

A grande sala estava iluminada por fileiras de velas, que criavam uma atmosfera suavemente romântica. Diáfanas flâmulas vermelhas e douradas pendiam como estandartes reais do teto sustentado por robustas traves de madeira e, no meio de metros e metros de decorações elegantes, uma águia, tão real como se fosse verdadeira, voava.

Nicol agarrou uma taça de champanhe e notou que uma espécie de rio tinha sido criado sobre as mesas e corria por toda a sala, fazendo zigue-zagues entre colinas em miniatura, recobertas por musgo e flores secas. No final do córrego, uma cascata dourada precipitava em um lago, ao lado do qual havia uma reprodução da casa do duque, circundada por árvores. Um grupo de expectadores observavam boquiabertos.

— Beba — disse Will, e, curvando-se, mergulhou sua taça na cascata.

Só então Nicol notou que se tratava de um rio de champanhe.

— Chegou cedo — disse Nicol, e o barão levantou a taça.

— Por que esperar que o rio seque?

— Como está indo com Jack?

O barão tomou um gole de champanhe.

— É teimoso, perverso e difícil.

— Como um filho, então — opinou Nicol, e estremeceu quando se deu conta de ter dito uma tolice. — Sinto muito.

Will deu de ombros, mas seus olhos estavam sombrios quando tomou outro gole.

— Parece que cada pobre-coitado com um título já chegou.

— E nem sentem ofendido pela falta de apresentação.

— Está brincando? — Cask apareceu por entre a multidão.

— Estamos todos, sem exceção, curiosos demais para perder a festa de gala. Dizem que a princesa tem a esperança de se casar com esse duque — disse, voltando-se para Nicol, e riu.

— Ele sempre foi um tipo fechado, não é, Will?

— É — concordou Will. — Nicol nunca deixa escapar nada.

O visconde deu de ombros.

— Não compartilho dos planos da princesa. Ela se casará com quem quiser.

— E suponho que não fará a menor diferença para você — disse Cask com um tom sarcástico. — Hoje em dia, não se espera mais que uma princesa seja fiel ao marido.

— O que quer dizer?

Cask olhou para a multidão. O salão estava cheio de nobreza vestida com exagero.

Havia muitas emoções no ar. Viam-se seios pálidos emergir muito acima dos babados dos corpetes. Os homens se pavoneavam e as mulheres flertavam. Contatos eram feitos com visíveis subterfúgios.

— Ela é pouco mais que uma criança. O duque é idoso e não muito favorecido em todos os sentidos — acrescentou Cask. — A princesa vai precisar de um... amigo.

— Temo que tenha se enganado sobre minhas relações com ela — defendeu-se Nicol com um tom frio, e Cask sorriu.

— Claro — disse ele, e, antes que pudesse levantar o copo para brindar, uma voz se elevou no salão.

— Atenção. — A multidão fez um silêncio de ansiosa expectativa. A maioria dos convidados ainda não tinha visto a nova princesa e esperava por essa oportunidade. — Preparem-se para Vossa Alteza. — O orador fez uma pausa, fazendo com que a expectativa aumentasse. — Tatiana Octavia Linnet Rocheneau, princesa real de Sedonia, a escolhida de Deus.

A orquestra começou a tocar o hino real dos Rocheneau. Os convidados baixaram a cabeça num gesto de obediência.

Então, por uma porta drapeada de veludo escarlate, Megan entrou no salão. Por um momento, houve um silêncio absoluto e, assim que a multidão colheu a sua figura, teve início um burburinho.

— Adorável.

— Um pouco magra.

— Fria.

— Tão jovem.

Nicol, porém, não conseguiu dizer nada. Foi transpassado pela visão de Megan. Ela trajava um vestido de cetim dourado que brilhava como o sol no céu azul. Seus braços pálidos estavam nus, sua expressão, sombria. Estava segurando um cetro e tinha uma coroa com uma dúzia de raras pedras preciosas, contudo as jóias eram obscurecidas pela sua beleza. Por um instante, ele sentiu a ironia da situação — uma ladra com uma coroa —, mas a idéia se dissipou imediatamente. Pois ela parecia tão adequada, tão perfeita quando atravessou a multidão que lhe abria passagem. Manteve a cabeça erguida, fazendo, de vez em quando, um leve aceno aos súditos, até subir as escadas para o trono. Assim que se encontrou lá em cima, voltou-se com um movimento sóbrio e recebeu a adoração da multidão.

Em seguida, o orador introduziu o duque:

— Honrando-nos com sua presença, nosso estimado aliado, sr. George Orwall, duque de Venge, da Dinamarca.

O homem entrou alguns segundos depois. Então, era por isso que o salão estava pouco iluminado, pensou Nicol, enquanto registrava suas primeiras impressões sobre o duque. Pelo que pôde observar, o nobre dinamarquês não tinha pescoço. Parecia que tinha sido engolido por uma série de queixos e pelos ombros arredondados. Talvez não fosse tão velho e não contasse mais de quarenta anos, mas tivesse ficado gordo cedo. Seu rosto estava escondido sob suíças muito espessas e a parte alta das bochechas eram avermelhadas, como se já tivesse bebido muito. Em seguida, o duque subiu as escadas, pegou na mão da princesa e a beijou. Porém, em vez de deixar a mão de Megan, o homem aproximou-se mais e sussurrou-lhe algo no ouvido. Ela riu e o som tiniu na sala lotada como sinos de prata numa manhã de Páscoa.

— Bom — disse Cask, enquanto o duque passou os dedos dela sob seu braço e a escoltou até as poltronas enormes colocadas ao centro do outro lado da mesa. — Ao menos, você a está entregando a alguém divertido. E rico. Dizem que tem mais propriedades do que o próprio rei. De fato...

— Cask — interrompeu devidamente Will.

— Sim?

— Acho melhor você calar essa maldita boca.

Cask olhou para Nicol e, então, inclinou a cabeça para trás e riu. O visconde o observou por um momento, pensou em quebrar a cara do homem com um gancho, mas lembrou-se de que seria decididamente deselegante e resolveu dirigir-se para as mesas. Os lugares estavam assinalados com uma caligrafia rebuscada sobre pergaminho rígido. Quase rosnando para os nomes, Nicol tomou seu assento e olhou para Megan. Ela e o duque estavam com as cabeças inclinadas um para o outro, parecendo compartilhar alguma coisa.

— Meu lorde!

Nicol se virou lentamente, enquanto olhava para cima.

— Lady Delafont — murmurou ele, e levantou-se.

A baronesa apoiou a mão no ombro dele.

— Por favor, não se incomode, meu lorde. Este lugar está lotado — disse ela, sentando-se ao lado do visconde. — Com muito deleite vi que nos sentaríamos juntos. Faz tanto tempo.

— É verdade — concordou ele, e, embora a mulher parecesse bela como a lembrava, desejava fervorosamente voltar-se e observar Megan mais uma vez. Ou, pelo menos, estar negligentemente bêbado.

— Onde se encontra seu marido esta noite, baronesa? — perguntou ele.

— Baronesa? — Ela riu, enquanto levava seu drinque aos lábios pintados de vermelho intenso. — Por favor, Nicol, deixemos de lado essas formalidades. Pode me chamar de Melly. — Ela se inclinou para o lado dele. — Como fazia antigamente.

O visconde levantou uma sobrancelha.

— Antigamente, você não era casada, baronesa — disse ele, e ela riu.

— Casamento, que coisa mais inconveniente.

— Eu não diria isso. Ouvi falar que seu marido é mais rico do que o próprio diabo.

— Oh, não mais rico do que o diabo! Talvez, mais rico do que Deus — disse ela, e sorriu, enquanto escorregava a mão sobre a coxa dele.

Quem, perguntou-se Nicol, havia decidido os lugares? Não encontrava a baronesa fazia mais de um ano. Agora, aparecia assim, sem o marido, e os dois estavam sentados lado a lado bem em frente à grande poltrona da princesa.

— Lorde Newburn. E lady Delafont. — Paqual inclinou levemente a cabeça. — Espero que estejam apreciando a festa.

— Sim — disse Amélia, e sorriu. — É belíssima.

— Excelente. E, com certeza, teremos muito mais festas assim, depois que o duque e a princesa se casarem. Não é? — disse Paqual, e, colhendo o olhar do visconde, deu-lhe as costas e se foi. Então, o velho homem ainda estava tramando, pensou Nicol.

Mas por que se preocuparia em colocar Amélia perto dele?

O primeiro prato foi servido por garçons vestidos como soldados dinamarqueses. Com certeza, essa opulência espalhafatosa não era uma idéia de Anna. Ela nunca tinha mostrado um grande interesse por decoração e, embora seus conselheiros tentassem empurrá-la naquela direção e para longe da política, interessava-se mais pelas questões de estado. O que estaria fazendo agora? Megan seria capaz de resistir até o seu retorno?

— Nicol — disse Amélia, fazendo beicinho. — Você mal experimentou a sopa.

Ele desviou a atenção da mesa principal.

— Temo não ser muito amigo de pepino.

— Não gosta de pepino? — A baronesa parecia horrorizada, enquanto esparramava os dedos revestidos pela luva sobre os seios cuidadosamente exibidos. — É, sem sombra de dúvida, meu vegetal favorito.

— Mesmo? — O visconde se perguntou ociosamente como era possível que a tivesse achado atraente algum dia. Para além dos seios e do rosto adorável, não possuía muito mais. Era vaidosa, superficial e egoísta. Mas isso explicava tudo, incluindo os motivos de Paqual para os pôr um perto do outro. Diziam que a baronesa de Delafont era capaz de distrair até mesmo uma pedra.

— Oh, com certeza — disse ela, sorrindo maliciosamente para ele. — Tem uma forma maravilhosa. E o tamanho? O tamanho de um pepino é uma ótima recomendação.

— Você não mudou nada — murmurou Nicol, e a baronesa riu.

— Vou aceitar isso como um elogio. Deixe-me ajudá-lo com sua sopa. — Pegando uma colherada, levou-a à boca do visconde.

Ele pensou em lhe dizer que tinha se prostituído pela riqueza do marido. Pensou em aconselhá-la a voltar para o barão imediatamente ou, pelo menos, a manter-se calada para que ele pudesse ouvir a conversa de Megan. Mas, simplesmente, aceitou a sopa.

— Então, não está deliciosa? — perguntou a baronesa, apoiando os seios contra seu biceps.

O restante do jantar foi mesmo maravilhoso. Amélia se embriagou. O duque começou a falar muito alto e, apesar de ter desejado muito, Nicol não conseguiu se embriagar nem falar em voz alta. Em vez disso, observou o casal e sentiu um nó no estômago de desgosto.

Megan parecia totalmente cativada por Venge. E, como não podia ser por causa da sua aparência física nem da sua total falta de estilo, Nicol só podia imaginar que era o título do duque que a atraía. Mas o que podia esperar dela? Se uma lady mimada como Amélia podia deixar de lado tudo por um título e uma conta recheada no banco, imagine, então, o que faria uma moça que pechinchava por um retalhinho de veludo.

Depois de um tempo interminável, os convidados foram, finalmente, levados para o salão de baile. Ali, a decoração era ainda mais berrante. A elite de Sedonia se distribuía ao longo das paredes, embriagadamente alegre, enquanto Megan, acompanhada pelo duque, dirigiu-se para o centro da pista de dança. Nicol observava com sombria expectativa. A música teve início. O duque a agarrou pela cintura e a arrastou numa valsa. A graciosidade que ela havia mostrado no quarto tinha desaparecido, mas, se os expectadores percebessem sua falta de habilidade, dariam a culpa, com certeza, à embriaguez cambaleante do duque.

De qualquer forma, a dança parecia não acabar mais. Contudo, Megan se desvencilhou, finalmente, do abraço do hóspede, fez um gesto de cortesia, e dirigiu-se

para o trono, situado na parede ao fundo da sala. Mas, antes que lá chegasse, foi interceptada por lorde Riven e arrastada para outra valsa.

Perfumes misturavam-se com o suor dos corpos superaquecidos. O conjunto de vozes criava um verdadeiro estrondo. Amélia se grudou ao visconde e dava risadinhas. Estava inconvenientemente bêbada. Por sorte, não estava tão bêbada ao ponto de recusar outro drinque. Nicol se esgueirou na multidão até onde se encontrava o champanhe, pegou-lhe uma bebida alcoólica e deteve o olhar em Megan, enquanto ela dançava com um desconhecido. Suas faces estavam vermelhas, como se tivesse bebido muito, mas seus olhos brilhavam de inteligência, aquela sua inteligência especial. Ele sentiu-se tentado a tirá-la para uma dança. Por que não? Afinal, era ele quem a tinha ensinado. Na verdade, era ele quem a tinha encontrado...

— Nicky — disse Amélia, tirando-o do seu devaneio. — Estou muito decepcionada com você. Não está mais atencioso como outrora.

Nicol concordou com um sinal da cabeça.

— E você não está mais descomprometida.

A baronesa riu.

— Não entendo porque está tão preocupado com meu estado civil. Acredite, eu mesma não estou. Desde que me casei, tenho pensado freqüentemente em você.

— Mesmo? — Para além do ombro de Amélia, ele pôde ver o duque andar pesadamente no meio da multidão na direção da princesa.

— E você? Pensou em mim?

— Como poderia não ter pensado? Casou-se com o barão uma semana depois de me dizer que eu era o homem perfeito para você.

— Ah, então eu feri seus sentimentos — concluiu ela, fazendo beicinho. — Temia que isso acontecesse.

O duque tinha alcançado Megan, mas lorde Kendall a roubou com um movimento rápido. Venceu oscilou levemente e esperou. O par passou perto dele e o duque tentou dizer algo, mas o casal se afastou novamente. Foi então que ele avançou e agarrou o braço do parceiro de Megan. Houve uma troca de frases. Em seguida, Kendall fez uma reverência e deixou Megan com o duque, que a puxou para seus braços.

— Nicky, você está me escutando?

— Aceita dançar? — perguntou ele, então.

A expressão de lady Amélia se suavizou.

— Com prazer.

Nicol a conduziu até o centro da pista de dança. Com o canto dos olhos, pôde ver a grande massa corpórea do duque escondendo a graciosa parceira. Amélia se aconchegou ao seu peito e ele a guiava enquanto observava o duque. O homem gordo se virou e, *então*, Nicol pôde ver Megan só por um segundo, pois, no instante seguinte, estava escondida novamente.

— Senti sua falta.

— Com certeza, Paris não pode ser assim tediosa.

— Paris — disse ela, e bufou. — Mas, um punhado de vezes, o mais próximo de Paris que consegui chegar foi a porta de casa. Foi tudo o que pude fazer para convencer meu marido a me deixar vir aqui — completou, enquanto roçava os dedos no pescoço do

visconde. — Se não soubesse ao certo, diria que não confia em mim.

— Não consigo imaginar por quê — disse Nicol.

Ela deu uma gargalhada.

— Nem eu. Talvez alguém esteja espalhando boatos sobre mim.

— Ou a verdade — sugeriu ele.

Ela desaprovou.

— Nicol, que amargor. Devo tê-lo ferido de verdade...

O visconde viu o rosto de Megan, mas ela se virou de repente, mostrando as costas recobertas de ouro reluzente. O braço do duque jazia pesadamente sobre sua cintura e a mão dele estava aberta com íntima indecência sobre o traseiro dela. Nicol praguejou e Amélia o fitou surpresa.

— *Mon ami* — disse ela —, não sabia que nutria sentimentos tão fortes por mim.

Ele tentou se concentrar na dança e na mulher que conduzia, mas, naquele momento, viu o duque mergulhar o rosto nos seios de Megan e a ela interromper a dança bruscamente. Nicol se precipitou na direção dos dois. Talvez tenha ouvido Amélia lamentar-se. Talvez tivesse sido um pouco rude abrindo caminho na multidão, pois pareceu-lhe que alguém borbotoou algo. Não podia ver o rosto de Megan atrás das costas corpulentas de Venge e não podia adivinhar seus pensamentos, mas ouviu fragmentos da fala do duque.

— ...insolente! Só podia ser, uma vez que seu país é do tamanho de um nabo apodrecido e...

— Meu lorde — disse Paqual, aparecendo ao lado do duque não se sabe de onde. — Talvez devesse descansar um pouco. Tenho uma garrafa especial de vinho do Porto para esta ocasião.

O duque voltou-se para o velho chanceler, parecendo ter certa dificuldade para focalizá-lo.

— Disse vinho do Porto?

— Sim, quase tão velho quanto eu.

— Vejam só! Não sabia que tinham inventado o vinho do Porto antes de Cristo! — exclamou o duque, rindo da própria piada. — Mas, provavelmente, já bebi demais. Porém, há uma coisa que ainda não me foi servida desde que cheguei neste lugar esquecido de Deus — disse ele, e levantou a mão na direção dos seios de Megan. Nicol foi tomado pela cólera.

— Venge — disse o visconde, já ao lado do duque. O homem virou a cabeça para olhar por sobre seu ombro, mas, naquele momento, houve um relâmpago dourado. O duque emitiu um som animalesco. Sua cabeça tombou para trás, o corpo ficou rijo como um pinheiro de montanha e ele se espatifou no chão. Estremeceu uma vez, suspirou e ficou absolutamente imóvel.

— Bom Deus! — exclamou Paqual, ofegante.

As mulheres arfaram, a multidão recuou, olhando, e Nicol correu para o lado de Megan.

— Você está bem? — sibilou ele.

Ela levantou o olhar do homem caído ao chão para o rosto de Nicol e respirou profundamente.

— Sim — murmurou. — Estou bem. Obrigada por se preocupar. — Sua expressão estava sombria. A postura, perfeitamente ereta. Mas havia algo em seu olhar. Algo maravilhosamente vivo.

— O que aconteceu? — perguntou Paqual, endireitando-se com dificuldade.

— Não tenho idéia — afirmou Megan, assumindo, agora, uma expressão perplexa. — Estava falando e, de repente, ele desabou.

Paqual fez uma careta.

— Vossa Alteza não... — O velho conselheiro fez uma pausa. Estava com um ar estupefato. — Quase parece que alguém o golpeou.

— Golpeou, meu lorde? — O tom de voz dela era um misto perfeito de inocência e perplexidade. Sua mão enluvada tremia sobre o pescoço onde uma dúzia de rubis reluziam contra sua pele delicada. — Garanto-lhe que não é possível. Eu estava exatamente aqui. Talvez, ele tenha exagerado na bebida e foi colhido pelos efeitos.

— Talvez — disse Cask, com sarcasmo, e os expectadores riram.

Os servidores do duque chegaram e, parecendo surpreendentemente pouco surpresos, já o estavam carregando para fora.

Paqual voltou-se, então, para a princesa:

— Está bem, Vossa Alteza?

— Sim — disse ela com tensão. — Estou bem, mas acho que me retirarei. Foi um dia cansativo.

— Talvez seja a coisa mais sábia. Eu não suportaria se algo lhe acontecesse. — Paqual fez uma reverência e um sinal para as guardas.

— Aprendi uma coisa — disse Megan em voz baixa, para que as palavras alcançassem somente Nicol, enquanto virava-se em direção à porta.

— Eu diria muitas coisas — contradisse o visconde. Ela sorriu levemente, somente uma sombra de alegria, não obscurecida pela faísca de raiva ainda presente em seu olhar. E, naquele momento, brilhou muito mais do que todas as jóias que a adornavam, transbordando inteligência e vida.

— Duques caem tão facilmente quanto camponeses. — Essa frase foi o único estratagema que Nicol achou para não puxá-la para si.

Assim, ele tinha razão. Ela dera uma joelhada na virilha do duque sem desarranjar um fio de cabelo e o próprio visconde obstruíra a vista da multidão.

— Lembre-me de lhe dar um aumento — disse ele.

As damas de companhia a rodearam.

— Eu o farei — disse ela, e, inclinando a cabeça com realeza, desapareceu.

Capítulo XXIV

Nicol obrigou-se a permanecer no próprio quarto, embora seus pés desviassem uma dúzia de vezes para os aposentos de Megan. De manhã, estava com os olhos ardendo e de mau humor. Megan não apareceu para o café da manhã. Estaria bem? Mas, apesar da preocupação, não tinha tempo para essas coisas. O Conselho do Reino, essa única mas turbulenta mistura de lordes com homens comuns, já estava reunido na sala de reuniões. Assim, sentou-se silenciosamente, ouvindo o debate e tentando se concentrar nos problemas de estado.

— Nossos cofres estão vazios — dizia lorde Fairfield.

— Por quê? — perguntou o sr. Gafter.

Era um ourives de profissão e mais rico do que a maioria dos nobres de Sedonia.

— O custo de manutenção do palácio não para de aumentar.

— Manutenção? — disse com escárnio Gafter. — Vocês o redecoraram uma dúzia de vezes nos últimos anos. E, agora, a princesa sobe ao trono e decide refazer tudo para a visita do duque. Talvez seja dinheiro usado bem, se ajudar a estabelecer uma ligação entre a Dinamarca e Sedonia. Mas um desperdício, se nada acontecer. Como está indo o cortejo?

Um silêncio embaraçado invadiu a sala.

— Temo que o duque seja um pouco... rude para a nossa princesa — Paqual disse, vagamente.

— E quem se importa se ele é rude? É mais rico do que o rei da Inglaterra e tem o apoio do irmão.

— Temos que levar em consideração a sensibilidade da princesa. Demos-lhe tempo...

— Ao diabo a sua sensibilidade! Se o homem é capaz de produzir um herdeiro e passar para a frente a herança, não há problema.

— Como rei, terá muito poder — discordou lorde Riven. — E, depois do papel que fez ontem à noite, temo que seu intelecto, assim como suas maneiras, seja um pouco suspeitos.

— O que houve ontem à noite? — perguntou um grupo de lordes idosos com as perucas fora do lugar.

— Ele desmaiou durante o baile — disse um homem ossudo.

— Desmaiou? — Franklin Twyndon era um fabricante de carruagens e tinha ganhado uma fortuna fazendo charretes para os que viviam para ser vistos em Fallcome Gardens. — Está doente?

— Talvez, simplesmente, não esteja acostumado com o nosso champanhe — sugeriu Paqual.

Ou, talvez, não estivesse acostumado a tomar joelhadas nos testículos de uma mulher da metade do seu tamanho, pensou Nicol, sentindo um misto de raiva e

admiração.

— Certo é que Sua Graça está de cama com uma grande dor de cabeça — disse alguém.

— Ouvi dizer que há outros problemas — revelou Riven. A assembléia se calou. — Ouvi dizer que há um problema com suas... partes baixas.

— Sobre o que está falando? — rugiu Grafter, querendo briga.

Riven se contorceu como um escolar diante do olhar severo do professor.

— Os homens do duque chamaram um cirurgião hoje de manhã. Parece que Venge estava se queixando de dores em seus... órgãos masculinos.

— Cristo! — exclamou Grafter.

— Dizem que as nozes dele estão inchadas e roxas como uma berinjela — acrescentou o homem ossudo.

— Ele sustenta que ela o golpeou — disse lorde Fellden.

— A princesa? — indagou Riven, horrorizado. - Não poderia fazer mal a uma mosca.

— É gentil.

— É sofisticada.

— Ele disse que ela o atingiu bem entre as pernas e que voltará para a Dinamarca assim que puder caminhar — insistiu Fellden.

Houve um grande caos, mas, finalmente, Grafter se levantou.

— Não é maravilhoso? Com todo o dinheiro gasto para recebê-lo, a princesa pega e o aleija antes que...

— Garanto-lhe — disse Paqual, levantando-se com dificuldade. — A princesa Tatiana não feriu o bom duque. Essa idéia é grotesca. Não precisam se preocupar. Se Venge voltar para a Dinamarca, com certeza, há outros tão ricos quanto ele que adorariam pedir a princesa em casamento. Por exemplo, o príncipe de Romnia.

— E se ela o ferir também.

— Ela não feriu...

— Bom, que ela tenha ferido ou não, o duque está mancando de volta para a mamãe, deixando-nos, pagadores de impostos, com a conta para pagar.

Paqual esticou seus dedos nodosos.

— Receio que só podemos arcar com as despesas e repassar as contas para...

— Se aumentar o imposto sobre o trigo novamente, metade de Sedonia passará fome ainda antes da primavera.

— Então, como sugere que paguemos as dívidas, sr. Grafter?

— O que acha de um imposto sobre as janelas?

— Está claro que tem somente duas em sua casa.

— Duas são o suficiente.

— E o resto de nós? Quer que a maioria dos nobres de Sedonia tapem as janelas com pranchas de madeira como fizeram na Inglaterra? — perguntou lorde Melville.

— Não dou a mínima se vivem em buracos e comem sementes de mostarda —

gritou Grafter.

— E eu não me incomodo se você não come nada! — bramou Melville.

— Então, descarregaria as despesas igualmente sobre as costas da classe trabalhadora? — acusou Grafter, pondo-se de pé.

Lorde Melville também se levantou.

— A classe trabalhadora é a maior. Claro que deveriam pagar a porção maior das...

— Não está certo! É...

— Não. — Uma voz de mulher ecoou na sala.

Os homens se voltaram para o lugar de onde a voz vinha e, ali, emoldurada pela porta, estava a princesa. Estava com um vestido cinza e cor de marfim. Seus cabelos estavam puxados para cima e nada recobria seu pescoço longo e magro.

— Vossa Alteza.

Arrastaram-se cadeiras e os homens ficaram em pé, para lhe fazer uma reverência. Ela entrou na sala como um arcângelo, com a cabeça erguida.

— Não — repetiu. — Não está certo sobrecarregar nosso povo mais do que já está.

— Mas as dívidas — disse Paqual, apontando para a grandeza do palácio onde se encontravam. — Têm de ser pagas. Se pudesse, através de uma aliança com o duque de...

— Não me casarei com o duque.

— Vossa Alteza, este não é o lugar... — começou Paqual, mas ela o interrompeu.

— Acredito que seja exatamente o lugar. Acredito que meu povo merece saber a verdade e a verdade é que o duque de Venge é egoísta, rude e convencido. Detesta Sedonia e acha que os dinamarqueses são infinitamente superiores ao meu povo. E esse o tipo de homem que querem no trono?

Ninguém abriu a boca. Ela os olhou um por um.

— O que sugere, então, Vossa Alteza? — perguntou Fellden com suavidade.

— Não há respostas simples, mas parece correto que cada um pague em proporção aos próprios ganhos.

— Mas, Vossa Alteza, isso significaria que a nobreza pagaria uma parte desproporcional dos impostos — discordou Melville.

Ela sorriu para ele.

— Ouvi dizer, lorde Melville, que é um homem extremamente rico.

Ele tentou dizer algo, mas a princesa o interrompeu com um gesto.

— Não estou sugerindo que alguém pague impostos injustamente. Mas pensem nisso, cavalheiros: os problemas para a realeza francesa estão crescendo como nuvens temporalescas. A classe trabalhadora está criando tumultos na Inglaterra. Se o mesmo acontecer aqui, quem de nós terá algum benefício? Não seria melhor criar um sistema mais justo, querer bem aos nossos trabalhadores, acalmar nossos súditos?

— Com certeza, suas idéias parecem boas na teoria, Vossa Alteza, mas como efetuaríamos as mudanças? E como convenceríamos meus pares que aumentar seus

impostos é uma boa idéia? Ou seja, vão se sentir injustamente explorados, especialmente no caso do dinheiro que se acabou de gastar com o palácio. E, quando souberem que, depois de tudo isso, não se casará com o duque...

— É verdade — concordou ela, fazendo um solene movimento afirmativo com a cabeça. — Não tenho o direito de gastar quantias exorbitantes de dinheiro.

Muitos homens ficaram boquiabertos na sala.

— Portanto, cortarei as despesas de Malkan de acordo com a quantidade de impostos cobrados dos nossos cidadãos.

— Vossa Alteza — disse Paqual. — Não seja precipitada. Sei que a noite de ontem foi árdua, mas não deve abandonar a idéia de um casamento vantajoso. De fato, há alguns jovens lordes extremamente adequados que agora mesmo...

— Não abandono a idéia de me casar. Estou meramente dizendo que há outras formas de pagar as contas sem prostit... — Ela se calou e franziu os lábios carnudos. Nicol se perguntou quem mais sabia que ela estava ao ponto de chamá-los de proxenetas. — Até eu me casar, há outras maneiras de pagar as contas.

— Desculpe-me, Vossa Alteza — Paqual voltou ao ataque, sorrindo de forma sinistra. — Mas o conselho tem passado horas enfrentando esse problema. Não é tão simples como poderia pensar.

— Por acaso, disse que era simples? — Ela parecia desdenhosa como um monge. — Não, não disse. Mas há meios.

— Perdoe-me novamente — insistiu Paqual. — Qual seria a sua sugestão? Somente a conta da festa de ontem é de dez mil sentrões. Como acha que devemos pagar?

Nicol percebeu um espanto passar rapidamente pelos olhos de Megan. Dez mil sentrões deveriam parecer uma dívida inimaginável para uma mulher que escondia biscoitos e pedaços de vidro colorido nos bolsos.

— Precisarei de ajuda para decidir que tipo de cortes fazer. O que sugerem?

Os conselheiros estavam pasmados e mudos. Nicol quase riu em voz alta.

— Vossa Alteza — disse ele, levantando-se e fazendo uma reverência. — Se posso ousar...

— Fale com liberdade, meu lorde.

— As estrebarias de sua propriedade, na Inglaterra, custam mais de cento e vinte mil sentrões por ano. — Se estava surpresa em descobrir que tinha cavalos na Inglaterra, não o demonstrou. — Talvez pudesse vender o garanhão e...

— Era o passatempo preferido do rei. Com certeza...

— Mas o velho rei morreu — Twyndon intercedeu, com sentido prático. — E sua sobrinha está no trono.

Ela inclinou levemente a cabeça para o homem e esboçou um sorriso quase imperceptível.

— E que outra sugestão pode me dar, sr. Twyndon? — Devia ter ouvido o nome do homem uma só vez, mas se lembrava. Nicol ficou com o peito inchado de orgulho.

Megan interrogou todos os que estavam presentes no salão. Inicialmente, as sugestões foram escassas e cuidadosas, mas a receptividade da princesa venceu a cautela dos homens até o salão se encher de idéias, não só de como enfrentar as

despesas do palácio, mas de como cada um deveria administrar os próprios gastos, de como poderiam se aproximar dos cidadãos comuns e de como poderiam melhorar o próprio país.

Quando Megan se levantou da cadeira onde tinha se sentado entre os presentes, todos se levantaram. Nicol estava emocionado, mas teve cuidado para não demonstrar. O conselho fez uma reverência coletiva. Os rostos dos conselheiros refletiam os seus sentimentos, alguns esperançosos, outros preocupados, mas todos invariavelmente surpresos.

A princesa, assim parecia, era muito mais que uma carinha bonita e um nome real. Era uma mulher com coração.

Capítulo XXV

— Mas, Vossa Alteza, os cavalos de Braeton Stable estão entre os melhores do mundo.

Os olhos do cavaleiro estavam cheios de lágrimas. Tinha vindo de Londres logo após ter ouvido que o garanhão podia ser vendido, somente dois dias depois que a possibilidade fora levantada na reunião do conselho. Aparentemente, Roger Sunderland era um homem que mantinha o ouvido colado ao chão.

— Vossa Alteza entende de cavalos. Com certeza, se dá conta de quão esplêndidos são.

Megan não sabia o que fazer. Desejou não ter aceitado encontrar Roger Sunderland e sua alarmante afeição aos seus, ou melhor, aos cavalos dela.

— Sei que são animais de qualidade — começou ela, mas, naquele momento, Nicol apareceu à porta.

— Vossa Alteza — ele fez uma reverência —, posso entrar?

Megan fez um enérgico sinal afirmativo com a cabeça, esperando encontrar um aliado.

— Lorde Newburn, o que pensa sobre Braeton Stable?

— Há corcéis de qualidade lá. Todo mundo sabe da sua paixão por bons cavalos, mas da sua falta de tempo para visitar o garanhão na Inglaterra.

Oh, pelo amor de Deus! Tatiana possuía quarenta divinos puros-sangues que não via nunca?

— Mas, se Vossa Alteza encontrasse o tempo de fazer uma visita — argumentou Sunderland — se daria conta de que não deveria se desfazer de tanta qualidade equina. E New Mint... — Seus olhos ficaram úmidos novamente. — É o melhor garanhão de toda a Inglaterra. Talvez, de toda a Europa. Eu não agüentaria se... — O homem se ajoelhou, agarrando-se ao vestido da princesa, e começou a chorar.

Megan deu um passo para trás e as sentinelas se precipitaram na direção de Sunderland.

— Por favor, sr. Sunderland — disse ela, enquanto ele soluçava sobre seus sapatos.

— Não o meu Mint — suplicou o homem. — É como o filho que eu nunca tive. Não faça...

— Prometo-lhe que não venderei o garanhão — disse, então, Megan.

— Mas disseram que o estábulo...

— O estábulo terá que ser vendido. E muitos cavalos também... terão que encontrar novas casas. Mas, se New Mint é assim tão especial, encontrarei um lugar para ele aqui no palácio.

— E...eu...Vossa Alteza?

— Ficarão ao lado dele.

Dito isso, o homem foi acompanhado para fora pelas guardas, enquanto agradecia com profusão, e Megan e Nicol ficaram sozinhos na sala.

— Os sedonianos parecem tender ao sentimentalismo — ela concluiu.

— Cavalariços são muito emotivos por natureza — corrigiu ele.

— Fico surpresa que você perca seu tempo em reuniões de conselho.

O visconde franziu o cenho.

— Diga — disse ele, finalmente —, se tivessem se rebelado contra suas decisões, o que teria feito?

— Teria contado que não sou nada mais do que uma camareira de Teleere.

— Não teriam acreditado.

— A verdade é sempre surpreendente.

Ele sorriu.

— Não tão surpreendente assim, Megan.

— Vossa Alteza.

Megan desviou a atenção para além do ombro de Nicol. No meio do caminho, entre ele e a porta, estava um rapazinho. Sua costas estavam eretas como uma lança; os cabelos, esmerados como aos domingos; e o rosto, totalmente limpo.

— Jack — disse ela. — Você está muito bonito.

— E você, apetitosa como uma refeição de cinco pratos.

Megan riu e o menino ruborizou. Então, ela se recompôs e fez sinal para que se aproximasse.

— Diga, Jack — disse ela, percebendo lorde Landow entrar silenciosamente atrás do menino. — Tem algum assunto a tratar aqui no palácio?

— Sim — disse ele, com uma expressão séria. — Vim ler o livro.

Nicol os encontrou algumas horas depois, sentados numa sala privada. Estavam sentados de costas para a porta, debruçados sobre uma pequena mesa de jogo. Dados rolavam sobre a madeira.

— Então — disse Megan, recolhendo os dados de marfim — você me deve setenta

sentrões.

— Você disse que ia me mostrar como trapacear.

— E mostrei.

— Mas você não está trapaceando. — De certa forma, as palavras do menino pareciam uma acusação.

Ela riu.

— Então, acha que tenho muita sorte, não é?

— Você é a princesa.

— E por isso tenho sorte?

Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— O melhor conselho que posso lhe dar, como princesa e como amiga — disse ela, e, pegando a mão do menino, pressionou os dados sobre a palma dele — é de nunca confiar na sorte. Com certeza, ela o abandonará quando você mais precisar dela.

Jack se manteve calado por um instante, fitando os dedos dela; e, então, ergueu os olhos.

— Então, no que posso confiar?

— Em Deus. — Ela fechou os dedos dele, deixando-o com os dados. — E em si próprio. Você é um menino especial. Eu vejo isso.

O rapazinho olhou para a mesa.

— Minha mãe era uma prostituta.

Houve um silêncio na sala depois das palavras abruptas de Jack, mas Megan não deixou de olhá-lo diretamente nos olhos.

— Mesmo?

— Uma noite, há muito tempo, parece até que foi em outra vida, ela caiu na bebedeira. Havia homens e muita risada. Eu me perguntava onde tinha encontrado o dinheiro para todo aquele vinho. Então, no dia seguinte, ela me levou até Monroe Street para ver o sr. Compton. Ele usava rouge no rosto e batom nos lábios. Mas tinha uma casa grande. Pensei que eu ia morrer e ir para o paraíso.

Megan fechou os olhos por um momento e segurou a mão de Jack.

— Minha mãe disse que eu tinha que confiar nele, que ele ia tomar conta de mim.

Ela suspirou.

— Às vezes, a vida é muito má — ela murmurou. O menino a fitou surpreso e ela correspondeu. — Até mesmo uma princesa sabe disso, Jack.

Ficaram assim por um longo momento, olhando uma para o outro.

— Você amava sua mãe, princesa?

— Infinitamente.

O menino apertou os olhos, refletindo solenemente.

— Mais do que seja capaz de dizer — explicou ela. — Mas merecia ser amada.

— E a minha... — As palavras do menino se interromperam, como se a raiva que sentia apenas algumas semanas atrás quisesse retornar. — Ela disse que eu tinha que a amar. Porque era minha mãe.

— Eu não sei muito sobre amor. Mas posso lhe dizer isso: não é algo que se pode exigir. É dado livremente ou não é dado. Sua mãe era fraca e tola, Jack. Mas você não é.

O menino engoliu em seco, fechou os olhos e os reabriu, reencontrando os de Megan novamente.

— Acho que o matei — sussurrou ele.

Megan permaneceu perfeitamente imóvel a pensar.

— O sr. Compton — deduziu ela.

Jack fez um veemente sinal afirmativo com a cabeça.

— Minha mãe disse que ele gostava de meninos. Ela disse... — Ele engoliu em seco novamente e continuou devagar: — Mas estava errada.

Nicol, que havia escutado toda a conversa, cerrou os punhos, mas não disse nada.

— Ele os odiava — disse o menino. — Durante a noite, vinha no meu quarto e... Eu o atingi com uma barra de ferro, um atizador de fogo. Bati o mais forte que pude. Ele caiu. Havia sangue. — Enquanto relatava o fato, suas mãos tremiam. — E, então, saí correndo.

Megan não disse nada e Jack a fitava.

— Vou ser enforcado por isso, princesa?

Ela respirou profundamente.

— Quanto tempo faz?

— Mais de cinco anos.

— Alguém sabe?

Ele olhou de um para o outro e, quando voltou a falar, sua voz soou quase num murmúrio:

— Só contei a Vossa Alteza.

— E eu não direi a ninguém, pequeno Jack. Dou-lhe a minha palavra.

— Por quê?

— Até mesmo uma princesa reconhece a dor quando a vê. Você não merece que o maltratem.

— Minha mãe disse...

— Não tem importância! — Pela primeira vez, a voz de Megan saiu áspera, mas a suavizou imediatamente. — Esqueça o que ela disse, Jack. Por favor. Você é como Deus o fez, não o que sua mãe fez com você. Fez bem em não contar a ninguém sobre Monroe Street. Você fez o que tinha que fazer.

— Nunca mais verei minha mãe.

— Sinto muito.

— Nem tenho vontade. Ela estava sempre nervosa e tudo mais, mas, às vezes, de noite, cantava para mim. Tinha uma voz bonita. Mesmo quando estava bêbada... — A voz dele tremeu. E Megan o impediu que continuasse.

— Então, Poke o aceitou.

— Isso. Ele também bateu em mim. Mas nunca...

— Só porque é melhor do que o pior, não significa que seja bom — disse ela.

Ele não concordou nem discordou.

— Não volte para ele — sussurrou Megan.

— Não posso pagá-la.

Megan olhou para ele com ar interrogativo.

— A aposta. Não posso pagá-la agora.

Ela riu, e o som soou estranho naquele momento de confidências e emoções fortes.

— Lorde Landow pode cuidar disso.

O menino endireitou as costas magras.

— Sou eu que pago as minhas próprias dívidas de jogo.

— Façamos um acordo, Jack — disse ela. — Se me prometer que não fará mais apostas, eu absolvo a sua dívida.

Ele franziu as sombrancelhas.

— Não posso fazer uma promessa dessas, princesa, nem para você.

— Então, posso esperar até que o barão lhe dê tostões o suficiente para me pagar.

— Lorde Landow... — disse o menino, rindo — ...me dar dinheiro?

— Você é protegido dele.

Uma emoção faiscou nos olhos do garoto, algo entre perplexidade e esperança.

— O que isso significa?

— Significa que pagará o que você precisa, sua comida, sua instrução, suas instalações.

— Mas ele não... — Jack fez uma pausa. — Ele nem me conhece. E, às vezes, penso que...

— O quê?

— Às vezes, penso que ele me odeia. E, outras vezes, acho que gosta de mim, só que não quer admitir.

— Dê-lhe uma oportunidade — sugeriu ela. — Assim como ele está dando a você. Agora, você já sabe ler e escrever. Mas há muito mais a aprender, Jack. Você se surpreenderá.

— Eu deveria confiar *nele*, princesa?

Ela baixou o olhar para as mãos do menino.

— Tente — sussurrou. — Lorde Newburn me disse que ele é um homem bom.

— Nunca confiei em nobres antes.

— Não — disse ela, olhando para cima. Seu olhar intenso encontrou o de Nicol, atingindo-o diretamente no coração. — Eu também não. Mas talvez tenha chegado o momento.

Capítulo XXVI

Amanhã seguinte foi dedicada à cavalgada. Apesar de se sentir mais à vontade, agora, entre os cavalos, Megan ficou mais do que feliz em montar o baio castrado, que tinha sido tão paciente alguns dias antes. A tarde, visitou um orfanato, que havia se tornado a menina dos olhos de Anna e, ao anoitecer, estavam vestindo-a para ir à ópera.

O teatro de ópera era, aparentemente, o lugar para se ver e ser visto. O brilho da sala era surpreendente. Os assentos do camarote central não eram entre os mais confortáveis, mas o volume assombroso das vozes, as maquiagens e os trajes dos cantores a deixaram maravilhada. O problema era que ela não podia entender o que cantavam.

O momento do intervalo chegou e a multidão de nobres saindo precipitadamente dos camarotes fez com que ela levasse alguns minutos para deixar o seu, mas, finalmente, achou-se a sorver um ponche e a observar a multidão.

— Vossa Alteza.

Megan olhou para Paqual, o qual fazia uma reverência e lhe indicava um jovem estrangeiro ao seu lado.

— Gostaria de lhe apresentar Giovanni Fantino, marquês de Altura.

O jovem nobre fez uma reverência tão exagerada que seu chapéu preto quase encostou no chão antes que ele se endireitasse e a olhasse nos olhos.

— Vossa Alteza, é *un onore* conhecê-la.

— Lorde Altura — cumprimentou ela, inclinando levemente a cabeça. Finalmente alguém que ela não se lembrava de ter encontrado antes. — Está gostando da ópera?

— Mas *chiaro*. — O homem tinha um sotaque muito forte, que ela não conseguia identificar, e seus olhos brilhavam na luz oscilante dos lampiões. Tinha um sorriso perverso, que tremia sob seus bigodes cuidadosamente aparados.

— Como *sipuò non* apreciar um cantor francês em Sedonia numa pobre execução *di un 'opera italiana*?

— Uma pobre execução?

Ele fez uma nova reverência e tentou parecer humilde, sem conseguir.

— Sem querer ofendê-la ou ofender *il suo paese* fabuloso, princesa, mas deve *visitare la mia* terra natal se desejar ver *una vera esecuzione* de ópera.

— Sua terra natal?

O jovem nobre fez uma expressão de grande surpresa.

— A Itália — disse ele, horrorizado que ela pudesse não saber e, talvez, devesse sabê-lo. Mas ela era a princesa e lhe se desculpava tudo.

— Mas onde na Itália? — perguntou ela, olhando-o alegremente e fazendo a pergunta soar como se tivesse sido um erro dele e não seu.

— Ah, mas *chiaro* — respondeu ele, desculpando-se. — Minha cidade natal é

Florença, *la più bella* cidade do mundo. Esteve lá?

— Não recentemente, temo.

— Então, deve ir logo. É... — o jovem alargou os braços — ...*come un par adis* o no verão.

— Tentarei ir — disse ela, virando-se de costas. Mas ele deu um passo para o lado dela.

— E Vossa Alteza? Está gostando da ópera?

Megan quase tinha adormecido depois do choque inicial. Aliás, havia quase desejado dormir em seguida, porém os agudos de François Dubois eram altos demais. O marquês riu do silêncio dela.

— E difícil *da capire, vero!*

— A princesa fala italiano fluentemente — disse lorde Kendall, que tinha se aproximado.

— Ah, sim, eu *mesmo parlo italiano molto bene* — disse o marquês. — Mesmo assim, às vezes, me perco. Aceitaria, talvez... — O jovem nobre fez outra reverência enquanto caminhavam. — Posso ousar oferecer-me como tradutor? Megan virou-se com frieza.

— É muito gentil, meu lorde... — começou ela, mas o marquês a interrompeu imediatamente.

— No, Vossa Alteza. *Io* ficaria *onorato* para sempre se pudesse ajudar a preciosidade real de Sedonia. E... — disse ele, inclinando-se como para fazer uma conspiração — ...meus irmãos ficarão morrendo de inveja quando *racconterò* que estive no camarote *con una bellezza insuperabile*.

— Preciso falar com lorde Dellaire — disse Paqual. — O marquês pode ficar no meu lugar.

— Neste caso — disse Megan — detestaria causar-lhe a perda de respeito de seus irmãos.

— Vossa Alteza é *davvero amabile*.

A segunda metade da execução começou com um cenário novo e uma mulher formosa com tranças loiras guinchando algo incompreensível. Seu vestido era feito de um veludo azul apertado na frente, fazendo com que seus seios gigantescos subissem até quase as clavículas. Megan olhou para seu tradutor e ele deu um pequeno pulo na cadeira, como se tivesse recebido uma flechada.

— Peço perdão — disse o marquês, aproximando-se. — Ela está dizendo que o marido morreu e que não tem meios para viver.

Os guinchos continuaram. O nobre italiano ergueu as sobrancelhas e escutou embevecido.

— E?... — perguntou ela.

— E... — disse ele, enquanto a cantora começava a arrancar a roupa com exagero dramático — ...parece que tenho um camundongo dentro da saia e isso faz com que eu guinche nas notas agudas.

Megan estava fazendo uma expressão de ceticismo para o tradutor no exato momento em que um homem entrou em cena. Rugindo a plenos pulmões, levantou as mãos para o céu.

— E então? — perguntou ela, finalmente.

— Ele disse... — Fantino estava com um ar divertido — ...que camundongo sortudo!

— Mesmo? — Megan indagou, descrente.

— Si.

— Receio que meus preceptores tenham me enganado — brincou ela, e ele riu.

O restante da noite transcorreu amigavelmente. O marquês era inteligente e atencioso. Implorou-lhe que o chamasse de Giovanni. Embora se sentasse um pouco perto demais e tocasse sua mão com frequência excessiva, Megan achou que sua doidice jovial era, de certa forma, comparada com a seriedade cinzenta de Paqual, reanimadora. Mas, enfim, retirando-se do camarote, viu Nicol. Estava de costas para ela e acompanhado. Era uma mulher bela, alta e elegante, com um olhar calmo e uma perfeita pele morena.

— Vossa Alteza? — repetiu o marquês.

— Sim? — respondeu ela, voltando sua atenção para o italiano.

— Perguntei se poderia acompanhá-la até o *palazzo*.

— É tarde. Com certeza, também que ir descansar.

O italiano sorriu.

— Poderia dormir no palácio esta noite, com sua permissão, claro.

Ela levantou uma sobrancelha e ele insistiu.

— Trouxe uma mensagem para seu chanceler.

— Ah! — Quem era a beldade de cabelos negros em pé ao lado do visconde? Uma antiga amante ou uma nova conquista? Megan sentiu um nó no estômago.

— E, se Vossa Alteza me concedesse a *gentilezza*, eu tomaria um pouco mais do seu tempo na corrida para o *palazzo*.

Tinham acabado de chegar à carruagem real. Quatro garanhões mordiam os freios e sacudiam as cabeças plumadas. Dois escudeiros estavam montados no veículo atrás da cabina, enquanto meia dúzia de sentinelas estavam em volta dela. O esbanjamento era impressionante, a multidão estava alegre e seu companheiro era divertido. Mesmo assim, Megan queria somente ficar sozinha, sentar na penumbra com os próprios pensamentos e desvendar o mistério de como tinha chegado onde estava.

— Temo que minha carruagem já esteja lotada.

— Não espero ter sua exclusiva atenção. Mas não ocuparei muito espaço. — O marquês, que tinha se oferecido para ajudá-la a subir na carruagem, fez uma pressão com o polegar sobre a mão dela. — Afinal, sou pequeno. — Ele estava muito perto agora. — Não em tudo, obviamente — acrescentou com um sorriso matreiro.

Megan estava quase tirando a mão e subindo na carruagem, com a intenção de deixá-lo ali, em pé, como um galetto excitado, mas foi exatamente naquele momento que viu Nicol sair do teatro. Sua acompanhante, com um ar de sedução e os cabelos escuros perfeitamente armados, estava sorrindo para o visconde e pressionando o seio contra o braço dele.

— Está bem — concordou ela, sorrindo para o marquês como a mulher de cabelos escuros sorria para Nicol. — Afinal, os sedonianos são conhecidos por serem generosos.

— Era exatamente o que *aspettava* — admitiu ele, ajudando-a, finalmente, a subir no veículo instável.

Através da janela, Megan viu Nicol e sua companheira desaparecerem na multidão. Giovanni se apresentou para as damas de companhia e, embora, fizesse de tudo para atrair a atenção daquela que acreditava ser a princesa, ela o ignorou. Quando chegaram ao palácio, a cabeça de Megan estava latejando. Com um aceno de mão, deu boa noite e, subindo as monumentais escadas em espiral, foi para seus aposentos. No quarto, lady Mary, como sempre, ajudou-a a se despir, mas foi enxotada ainda antes que pudesse se ocupar dos cabelos da princesa.

— Algo errado, Vossa Alteza?

— Não, é somente uma dor de cabeça — disse ela, enquanto massageava a testa e tentava afastar a imagem de Nicol da sua mente.

Em menos de um segundo, Mary precipitou-se para fora do quarto, à procura de um remédio. Megan sentou-se, então, diante do espelho e tirou a tiara de pequenas pérolas dos cabelos. Viu-se refletida: uma lady elegante em uma camisola imaculada, uma princesa adorada em um palácio opulento, uma jovem beldade com uma fila de pretendentes. Mas era tudo uma farsa. Nada era seu: a identidade, os vestidos, os cortejadores. Na realidade, o único homem que sabia a verdade tinha se metido com outra. Uma beldade de cabelos pretos com um título de nobreza e uma inclinação para um homem do seu nível.

Os pensamentos da falsa princesa foram interrompidos por uma batida na porta e Mary que entrava correndo com uma caneca fumegante.

— Aqui está, Vossa Alteza. Um pouco de vinho quente com uma pitada de valeriana. Atenuará a dor de cabeça e a ajudará a dormir.

Megan sorveu a bebida, mas a melancolia não a abandonou. Desejou desaparecer ha noite e deixar tudo para trás. E por que não deveria? Tinha prometido ficar até o retorno de Tatiana. Mas isso já deveria ter acontecido e ela já deveria ter voltado para o próprio mundo havia muito tempo. Estava tomada por um sentimento indefinível: pesar, medo ou, simplesmente, tristeza.

— Está bem, Vossa Alteza?

— Você acha... Por todo o tempo que tenho estado aqui, Mary, fiz algo de bom?

— Claro, Vossa Alteza, nem é preciso perguntar. Lugares comuns. Mas o que esperava?

Concordou com um sinal da cabeça.

— Desculpe, Mary, deve ser a dor de cabeça.

— Sua mãe tinha dor de cabeça freqüentemente.

— Como?

— Eu conhecia a duquesa bem.

— Oh! — A mente de Megan, embalada por alguma forma de depressão, a estava traindo. Talvez fosse o efeito do vinho, mas, por um instante, pensou que Mary tinha conhecido sua própria mãe, um anjo de cabelos ruivos com um coração de ouro. — Mesmo?

— Sim. Era uma grande beldade. Como Vossa Alteza.

Pelo tom de voz da moça, tratava-se de amabilidade sincera. Mas o que Megan

queria agora era sua verdadeira mãe. Ou, pelo menos, sua lembrança. Alguém além dela que se lembrasse da sua bondade.

— Pensei, quando Vossa Alteza chegou ao palácio, que se parecia com ela de outras formas.

— Como por exemplo?

— Ela era... perdoe-me, Vossa Alteza. Estou falando demais.

— Não, por favor. Diga o que quiser. Lady Fellway e eu nunca fomos próximas. — Finalmente, uma lasca de verdade...

— Não. Ela era... Ela era a duquesa.

— E eu sou a princesa.

— Sim, porém é mais do que isso, se entende o que quero dizer.

— Não estou certa de entender.

Mary ficou calada por um momento.

— Eu ouvi sobre Jack.

— Mesmo?

— Lady Catherine disse que ele roubou seu colar.

— Tentou roubá-lo. Há uma grande diferença.

— Para muitas pessoas, não.

— Ela está ressentida porque impedi que levassem o menino à força?

— Ela e outras pessoas. E não estão felizes que o colocou sob a tutela de lorde Landow. Um barão... tendo sob sua proteção um ladrão de rua.

— E você, Mary, o que acha?

— Penso... — Sua voz era hesitante, mas, finalmente, levantou o rosto e falou com menos cautela. — Allard disse que Vossa Alteza salvou o menino por pura bondade.

— Allard, minha sentinela? Como sabe o que Allard disse?

— Eu e ele... É um homem bom, Vossa Alteza.

— Lady Mary! — Megan, cuja dor de cabeça tinha se dissipado, colocou escândalo no tom de voz. — O que diria seu pai?

A jovem arregalou os olhos.

— Não contará a ele.

— Não, claro que não — prometeu Megan, rindo. — Mas uma lady e uma sentinela?

— As perspectivas dele são boas. Ou... eram boas até que foi afastado dos deveres no palácio.

— Oh, entendo.

— Não, com todo respeito, acho que não entende. Ele queria voltar para o palácio, para consolidar a própria posição. E... eu também queria que voltasse. Mas, agora, diz que o menino precisa dele. Lorde Landow precisa dele.

— Sinto muito.

— Não. Não percebe o que fez? — perguntou Mary, pondo a mão sobre o ombro

da princesa. — Vossa Alteza se importa e, fazendo isso, ensinou os outros a se importarem.

Por um momento, Megan receou chorar. Talvez o vinho não lhe fizesse bem. Ou, pelo menos, não era um amigo no qual confiar.

— Você está certa — disse ela, engolindo aquele sentimento tolo com a última gota de vinho. — Sou uma santa. Santa Megan.

— Como?

Meu Deus! Por um instante, deu um branco na sua mente, mas, então, sorriu e se levantou, tentando recuperar a calma.

— Santa Megan — disse. — Com certeza, ouviu falar nela.

— Não. Sinto muito. Acredito que não.

— Talvez o vinho esteja me fazendo imaginar coisas.

— Mas só tomou uma caneca. Na última festa de Natal, tomou duas garrafas e nem ficou grogue.

— Bem... — Megan hesitou com a mente confusa. — Santos não deveriam beber de forma alguma.

Mary a fitou longamente. Então, sorriu e, enfim, correu para a cama e abriu as cobertas. Megan engatinhou sobre o colchão e deixou que a jovem puxasse as cobertas até seu pescoço.

— Quer que eu fique no quarto com Vossa Alteza durante a noite?

Estava brincando? Obviamente, Megan não podia agüentar mais do que um dedo de vinho. Mais alguns minutos, e estaria choramingando como um bebê e dando com a língua nos dentes, contando toda a verdade, como um dique aberto.

Capítulo XXVII

Megan suspirou ao acordar. A cama estava quente e macia. O colchão, recém-recheado e perfeitamente desenhado, cheirava a érica. Lembrou-se de onde estava e de quem era. Era a princesa Tatiana e residia no Palácio de Malkan. Megan O'Shay, por outro lado, dormia sobre um estrado apodrecido num calabouço frio. E ninguém tocava nela lá. Ninguém lhe preparava a cama, a segurava nos braços ou lhe ensinava a dançar valsas. Imagens de Nicol insinuaram-se de mansinho em sua mente. Seus olhos intensamente escuros, a curva de seus lábios quando sorria. Podia quase senti-lo acariciar-lhe o braço, o rosto, os...

Os cabelos?

Abriu os olhos ainda meio zonza. O fogo da lareira tinha se transformado em brasas, mas pôde vê-lo assim mesmo, sentado à beirada do colchão, observando-a.

Embora não pudesse ver seu rosto, imaginou suas feições irresistíveis. Teve uma dúzia de emoções e o cuidado de ignorá-las.

— Então — disse, mantendo o tom de voz firme — conseguiu se desvencilhar dos braços dela?

— Claro — disse ele, e, nesse momento, ela se deu conta do engano. Aquele homem não era Nicol. Sentando-se na cama com um movimento brusco, Megan fitou o rosto sorridente do marquês de Altura.

— O que está fazendo aqui?

— Estou vendo-a *dormire* — disse ele. — Não há *parole per descrivere* sua beleza.

Megan olhou para a porta, para a janela e para a porta novamente.

— Como foi que entrou?

Ele cacarejou:

— Com certeza, nada pode me separar de *così tanta bellezza*.

Ela podia sentir o cheiro de vinho no seu hálito. Pelo visto, não era a única a ser afetada pelo álcool.

— Você está no lugar errado.

— Uma *semplice* parede não pode me impedir de entrar.

— Você está bêbado.

— E você é irresistível.

— Não farei nada contra você, Fantino, mas, se o encontrarem no meu quarto, teremos um problema.

— Está preocupada *con me* — disse ele, quase chorando. — *Quês to è bello*.

Afastando as cobertas, Megan preparou-se para ficar em pé, mas ele agarrou sua mão.

— Que lindos dedos — disse o marquês, e, levando-os até os lábios, beijou-os.

Ela se desvencilhou.

— Pare com isso.

— *Non posso* — disse ele, capturando seus dedos novamente. — Você é bonita demais. Meu coração está quase explodindo.

— Sua cabeça é que explodirá amanhã de manhã. É melhor o tirarmos daqui. Escute — disse ela, com irritação, enquanto livrava a mão mais uma vez — como já disse, não tenho nada contra você, mas se disser "bonita" mais uma vez, acabarei lhe dando um tapa.

Ele cacarejou novamente:

— Você é ardente. Ardente e bonita, exatamente como eu desconfiava.

Megan rangeu os dentes.

— Como entrou aqui?

— Escalei na direção do seu esplendor.

— Subiu pela parede? Mesmo?

— Sou pequeno, mas resistente, minha beldade. Vamos nos encaixar

perfeitamente, como a mão e a luva.

— Você vai descer aquela parede antes que ambos nos encontremos numa encrenca.

— Você, *bellezza mia*? Numa encrenca?

— Sim — disse ela, levantando-se. — Aqui em Sedonia, princesas encontradas na cama com um marquês bêbado são vistas com maus olhos.

— Sou mais do que um marquês bêbado — disse ele, cambaleando.

Ela o empurrou cuidadosamente para a janela.

— Claro que é.

— Sou um espião.

— Muito bem.

— Tenho informações importantes — disse ele, resistindo aos empurrões.

— Também tem um problema com a bebida.

— O velho rei tinha outra... — procurou as palavras na mente enevoada por um instante. — ...criança. — Dizendo isso, o jovem vacilou para trás e caiu sobre o colchão, arrastando Megan consigo.

— O quê? — perguntou ela com um sobressalto.

— Sim — confirmou ele. — É verdade. Havia uma criança ilegítima.

— O que o faz pensar isso?

O marquês sorriu na penumbra, com o rosto muito próximo ao dela.

— Sou um amante fabuloso, mas também sou fabuloso como espião.

— Meu tio tinha dois filhos — disse ela. — Ambos morreram há vários anos. Não havia outra criança. Foi por isso que ela... *eu* fui colocada no trono.

— Uma camareira em uma aldeia do sul não iria concordar com você.

— Onde obteve essa informação?

— Procurei. Fiz perguntas. Pensei: por que o velho rei viaja para Glenhollow? Então, finalmente, encontrei alguém que conhecia uma camareira lá. Parece que era uma verdadeira beldade. Infelizmente, o *bambino* morreu quando ainda era pequeno.

— Morreu?

Ele lhe tocou a face, puxando-lhe os cabelos para trás.

— Não encontrei nenhuma prova de ele que tivesse sobrevivido.

— Ele?

O marquês cacarejou como se estivesse lisonjeado pela desorientação de Megan.

— O filho do rei.

Megan suspirou profundamente.

— Então, acredita que o velho rei tinha um filho ilegítimo, que morreu.

— Sinto muito, *bellezza mia*. Mas, com certeza, é a melhor coisa para você. Nenhuma disputa pelo trono.

— Nunca quis o trono — murmurou ela.

Ele recuou levemente e ela então percebeu ter dito isso em voz alta.

— Nunca quis o trono? Está brincando? Que mulher não desejaria ser a princesa?

— Uma que não foi designada para o ser.

— Ah! — Ele acariciou o braço dela. — Consciência e beleza juntas de uma forma *adorabile*.

Megan estava confusa, mas procurou se concentrar no momento presente.

— Você tem que ir embora.

— Agora? — O marquês parecia sinceramente surpreso.

— Sim.

— Não — recusou ele, e, pondo uma perna sobre as dela, apertou-a contra o colchão.

Pequeno ou não, ele era consideravelmente mais pesado que Megan. Ela fez uma expressão ameaçadora.

— Saia de cima de mim.

— Não posso. Você me embriagou.

— Você se embriagou sozinho.

Ele balbuciou:

— Deixe-me iniciá-la nos caminhos do amor.

— Não, obrigada.

— Assim, você me fere.

— Eu o farei de verdade.

— Serei delicado.

— Fora daqui antes que eu chame as guardas.

— Não faria isso, com certeza.

— Com certeza, sim.

— Admita. Você sente isso. A fusão de duas almas.

— O que eu sinto é uma dor no joelho. Saia!

— Não posso — disse ele, beijando-a:

Ela rosnou, empurrou-o pelos ombros e, naquele instante, a porta se abriu.

— Megan?

O marquês pulou para o lado, com a perna ainda entrelaçada nas dela. Megan se sentou bruscamente e pôde ver perfeitamente o perfil de Nicol, o qual fechou a porta com cuidadosa precisão e atravessou o quarto vagarosamente.

— Quem é você? — perguntou Fantino. Nicol o ignorou.

Havia frieza em seu olhar.

— Entediada, moça? — perguntou ele. Finalmente, ela desvencilhou as pernas.

— O que está fazendo aqui?

O visconde fez uma reverência.

— Estava passando em frente à sua porta quando...

— No meio da noite?

Nicol tirou o relógio do bolso do colete e verificou a hora.

— Para ser exato, às quinze para as três. Parece que acontecem muitas coisas às quinze para as três. Como disse, estava passando por perto quando ouvi um tumulto. Pensando que estava em perigo, entrei.

— Quem diabos é você? — perguntou Fantino novamente.

— Como ele entrou aqui? — Nicol quis saber, ainda a olhar para Megan.

Ela o encarava. Raiva, frustração, constrangimento, todos esses sentimentos estavam em ebulição dentro dela. Pensou em mil desculpas e réplicas. Mas disse, simplesmente:

— Acho que entrou pela janela.

Voltando-se para o marquês, Nicol perguntou.

— Por quê?

— Por quê? Ela é a personificação da beleza, e você ainda me faz essa pergunta idiota?

— Ela é uma princesa.

— A princesa também precisa de *amore*, não é?

Ela não viu como aconteceu, não viu o visconde fazer o mínimo movimento; mas, de repente, o marquês estava deitado de costas no chão e Nicol com um pé sobre ele. Seus punhos estavam cerrados e seu rosto furioso. Porém, escondeu o ódio quase imediatamente.

— Diga-lhe para ir embora — ordenou, então, controlando a voz.

O coração de Megan estava quase explodindo. %

— Vá embora, Fantino.

O italiano se pôs de pé, mas já estava fazendo um sinal negativo com a cabeça.

— Ela não o convidou para *entrare nel suo* quarto, *signore*.

— Ela o convidou? — perguntou Nicol, com um tom de voz terrível e com os punhos ainda cerrados.

— Compartilhamos nossas almas, ela e eu.

O visconde deu um passo para a frente, mas Megan pulou da cama e se enfiou entre os dois.

— Parem com isso, os dois!

— Não se preocupe por mim, *amata mia*. Sou um pugilista premiado.

— Saia, Fantino — insistiu ela. — Agora!

— Quer que eu vá embora, deixando-a sozinha com ele?

— Ele é meu guarda-costas — disse ela.

— Não, *non* é um guarda-costas, e *non* deveria estar aqui.

— Nem você.

— *Non* posso deixar que fique.

Nicol o pegou pelo colarinho.

— Detesto ter que arruinar as relações entre Sedonia e a Itália jogando-o pela janela.

— Faça-o e será...

Mas Megan já estava à porta, abrindo-a com um ruído.

— Chamarei as sentinelas. Se não saírem enquanto eu contar até cinco, chamarei as sentinelas. Levarão menos de dez segundos para chegar aqui.

— *Bellezza mia...*

— Um.

Nicol soltou o marquês, que cambaleou para trás.

— *Amore mio...*

— Dois.

— *Io rion...*

— Três.

— Nunca me esquecerei da sua *belezza* — prometeu Fantino, deslizando como água para a janela.

Nicol a fitou no silêncio do quarto. Os segundos passavam melancolicamente.

— Poderia ter me dito que desejava companhia — disse ele.

— E decepcionar sua nova relação?

— Ao menos, poderia ter escolhido alguém mais alto, princesa.

Megan andou pelo quarto. De repente, sentiu frio... e raiva.

— Diga, Nicol, o que o trouxe até minha porta a essa hora?

— Estou fielmente ao seu serviço — disse ele, pondo uma mão no peito.

Ela riu forçadamente. Na quietude da noite, a risada soou áspera.

— Estava com medo que eu aprendesse a verdade?

— Como?

— Ele é um espião seu?

O visconde fez uma expressão de surpresa. Era a segunda expressão honesta em uma só noite?

— Do que diabos está falando?

— Saia — mandou ela.

— Ou chamará as sentinelas?

Megan fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— É esse o respeito que tem por ela?

— Ela? — indagou Megan rangendo os dentes. — Quer dizer a sua princesa? O seu modelo de perfeição?

— Sim — respondeu ele, agora bem em frente dela, com um olhar intenso e os dentes cerrados. — Ela não teria convidado um italiano nanico para compartilhar...

— Convidado?!

— Ela é pura.

Megan ficou petrificada.

— Eu também era. Até encontrar você.

— Megan... — Nicol tentou alcançá-la, mas ela evitou suas mãos.

— Quatro.

— Eu não queria dizer...

Ela deu um passo para o corredor, mas ele a agarrou pelo braço.

— Não pensava em vir aqui esta noite.

— Então, não deveria ter vindo.

— O que deveria ter feito? — perguntou ele. A emoção tinha voltado, iluminando-lhe os olhos de frustração. — Deixá-la aqui com aquele débil mental barulhento?

— Acontece, meu lorde, que passei a maior parte da minha vida com débeis mentais barulhentos.

— Ouça, não posso...

— Cinco.

— Escute — insitiu ele, sacudindo o braço dela.

— Guardas!

— Pelo amor de Deus! O que acha que está fazendo?

— Salvando a reputação do seu modelo de perfeição. Ouviram-se passos rápidos nas escadas.

Nicol a fitou por um longo segundo, praguejou em voz baixa e sumiu na escuridão do corredor. As sentinelas apareceram. Megan lhes disse que tinha ouvido algo, que estava nervosa. Assim, colocaram um homem à sua porta e foram inspecionar os corredores. Depois de trancar a janela, ela voltou para a cama e jazeu acordada em silêncio. O momento de partir tinha chegado, pensou. Devia fazê-lo, antes que fosse tarde demais e estivesse perdida para sempre.

Capítulo XXVIII

Nicol a observava do outro lado do salão de refeições. Parecia intocável naquela manhã. Etérea e estranhamente triste. Quase foi até Megan, mas ainda não estava tão fraco assim. Tinha sido difícil ficar longe da sua porta durante a noite, mas quem poderia reprová-lo? Ela estivera com um homem! Um homem! Como uma simples prostituta. Maldição! Isso o feriu. Ele! Lorde Nicol. Sempre frio, sempre elegante. Diabos! Estava

agindo como um ferreiro apaixonado por uma peixeira, em vez de uma princesa na qual a havia transformado. Mas o que podia esperar? Tinha achado a moça nas ruas. Mesmo assim, tinha-lhe ensinado tudo, tinha-lhe dado tudo, tinha...

O visconde quase praguejou em voz alta ao olhar para ela novamente, pois era surpreendente, soberana, irresistível. Ele deveria deixar Malkan Palace. Deveria cavalgar o mais longe possível daquele inferno. Deveria deixá-la só. Não, não sozinha. Pior. Ela ficaria lá com filas de pretendentes ajoelhados aos seus pés. Cerrou os dentes ao se lembrar mais uma vez da noite anterior. Felizmente, o italiano louco tinha ido embora logo depois do amanhecer. Quantos outros arriscariam a própria vida por um minuto junto a ela?

Nicol se levantou e atravessou a sala. Megan estava conversando com lorde Melville e o ignorou enquanto ria de uma piada infeliz. O visconde se manteve silencioso, controlando-se para não arrancar Melville dali. Esperava calmo, mas o outro estava começando outra anedota. Então, ele fez uma reverência, ostentando sua renomada indiferença.

— Vossa Alteza.

Ela levantou soberanamente uma sobrancelha e se voltou para ele com surpresa.

— Lorde Nicol, não o tinha visto chegar.

Ele esboçou um sorriso atrofiado. Megan tinha aprendido com ele aqueles comportamentos, as expressões altivas, os gestos afetados de indiferença. Porém, ele podia fazer isso tão bem quanto qualquer um.

— Tenho um assunto de certa importância, Vossa Alteza.

— Com certeza — disse ela. — Do que se trata?

— É algo confidencial — explicou o visconde.

— Oh. — A falsa princesa fez uma pausa, como se aquilo a incomodasse. — Muito bem, então. Talvez seja melhor nos transferirmos para meu solar. — Atravessando o salão, ela parou várias vezes para falar com uma série de intrusos irritantes. Quando, finalmente, chegaram ao solar, ela se sentou, enquanto a meia dúzia de cidadãos que a seguiam se distribuíram ao longo das paredes.

— Estou muito ocupada, visconde — disse ela, sugerindo que não estava disposta a esperar até que ele se decidisse a falar. Nicol sentiu-se tentado a lhe lembrar quem ela era realmente, mas não estavam a sós, e pensou se conhecia mesmo a verdadeira identidade de Megan. Ela, por outro lado, fez um movimento para se levantar, mas o visconde falou rapidamente:

— Sobre a noite passada...

— Você disse que o assunto era de certa importância. — A expressão dela era como um vidro cortante. Ele queria beijá-la, gritar, arrastá-la daquela cadeira para a cama. Mas em vez disso, fez uma pequena reverência, enquanto cerrava os punhos para evitar estrangulá-la.

— Muito bem. Chegarei ao ponto.

Ela esperou, com um ar calmo e, aparentemente, indiferente.

— Amanhã é o Solstício de Verão.

— Quis falar comigo só para me anunciar a data, lorde Nicol?

— É o dia em que você deve ir a Bartham e escolher o melhor corcéu de Sedonia.

O rei tinha a tradição de ir até lá a cavalo. Era uma espécie de pretexto para permitir que o povo o visse. Vestia os trajes oficiais e a coroa, como um símbolo do poder e da riqueza de Sedonia. Porém, se preferir, posso encontrar uma desculpa para você ir de carruagem.

— Não. Irei a cavalo.

— Paqual pode achar esquisito se montar o baio novamente.

— Então, montarei o cinza.

— A égua é imprevisível. Se...

— Tenho certeza de que não haverá problema algum.

Ele pensou em discutir, mas ela parecia decidida e fria, distante como uma nuvem invernal.

— Muito bem — aquiesceu Nicol.

— Algo mais, lorde Newburn?

Sim. Por que diabos tinha estado com aquele italiano? Por que diabos recusava vê-lo? Por que olhava para ele somente com aquela máscara de gelo?

— Pensei que gostaria de saber que Sunderland estava treinando o cinza, por isso não precisa se preocupar muito com a escolha.

— O Sr. Sunderland, o cavaliário?

— Sim.

Ela inclinou a cabeça levemente e fez um movimento como se quisesse ir embora.

— Talvez eu estivesse errado! —As palavras lhe escaparam.

— Você, lorde Newburn? Errado?

Ele cerrou os dentes.

— Não quis dizer que tinha convidado o italiano para seu quarto. — Ela levantou uma sobrancelha. O visconde sentiu um nó no estômago e não pôde frear as palavras. — Ou o fez?

— Fiz o quê, lorde Newburn?

— Maldição, mulher! Você está me deixando louco!

— Você? O nobre elegante? Não é possível.

— Convidou o homem para seus aposentos ou não?

— Teria chamado você, mas parecia muito ocupado com outra. Creio que alguém disse que era uma baronesa.

— Ouça...

— Ouça o quê? Vai me dizer que eu não deveria ter me divertido com o marquês porque você nunca pôs a mão na adorável baronesa?

— Eu não...

— Nunca?

— Maldição, Megan, você é a princesa! Muito acima...

— Não! — exclamou ela, levantando-se bruscamente. — Não sou.

O dia seguinte foi dedicado às festas e comemorações. Um café da manhã imenso foi servido no grande salão, mas Megan não estava com muito apetite. Sentou-se, contudo, conversando com os hóspedes e sorrindo de vez em quando. Era isso o que fazia uma princesa? Fingir, tocar para a frente, sorrir? Estava cansada disso. Aliás, enojada. O salão estava lotado de pequena nobreza. Gente cuja maior preocupação era se as luvas combinavam com o casaco.

Eis que, então, ela percebeu a presença de Jack do outro lado do salão. O menino estava com uma camisa de colarinho alto engomado sob um fraque. Estava ereto e tinha uma expressão sóbria. Naquele mesmo instante, lorde Landow e Nicol apareceram juntos. Landow apoiou uma mão no ombro de Jack. O menino olhou para eles. Nicol disse algo e o rapazinho sorriu. Não era risada ou alegria descontrolada, mas somente uma insinuação de felicidade. Vendo isso, Megan sentiu partir o coração, porque partiria em breve. Tinha que partir logo. E era isso que deixaria atrás de si. Observava o trio inverossímil, quando o olhar de Jack encontrou o seu. O menino apontou para ela e Nicol olhou. O olhar dos dois se encontraram, e ele fez uma reverência. Jack o imitou. Vendo o gesto do menino, os olhos de Megan se comoveram. Comprimindo os lábios, fez um sinal com a cabeça para eles e foi para o seu assento. Estava mais do que pronta para enfrentar o temperamento irascível da égua cinza.

Parecia que a comitiva real levava uma eternidade para ficar pronta para a cavalgada. Megan se impacientou quando o manto de arminho foi colocado sobre seus ombros. Porém, quando a coroa foi posta sobre sua cabeça, manteve-se imóvel, deixando Mary fixá-la na massa de cabelos, antes de descer solenemente as escadas de mármore e atravessar as portas do palácio. Quando apareceu, um viva ruidoso tomou conta do ar e ela quase deu um passo para trás, a fim de escapar do alegre estrondo que a multidão fazia na praça a seus pés.

— Sorria — instruiu Nicol, atrás dela. E ela o fez. Na verdade, acenou para a multidão antes de descer a escadaria até a brilhante égua cinza, que a esperava no pátio calçado de pedras. A pele do animal, o qual tinha virado o olhar para Megan enquanto mordida o freio, brilhava de saúde. O cavaleiro a segurava com firmeza pelas rédeas.

— O baio está preparado, caso tenha mudado de idéia — disse o visconde.

Megan fez um sinal negativo com a cabeça e deixou que Nicol a ajudasse a montar. A multidão fez uma nova saudação. A égua começou a dançar. Seus músculos se contraíam como cordas sob a pele lustrosa. Por um instante, Megan quase se intimidou, quase implorou para que levassem a égua de volta para o estábulo e trouxessem o cavalo castrado. Mas uma multidão entusiasta de sedonianos a circundava. Fez um sinal para o cavaleiro soltar as rédeas e o animal se empinou.

— Descontraia-se — a voz de Nicol vinha diretamente do seu lado.

A égua sacudiu a cabeça, disputando o controle e espirrando um pouco de baba sobre a multidão por entre os dentes enganchados.

— Dê-lhe um pouco de rédea — disse o visconde, e, embora o instinto dissesse a Megan para apertar mais, ela seguiu o conselho. Sacudindo a cabeça novamente, a égua se descontraíu um pouco e começou a trotar. A carruagem real a seguiu. Estava vazia, mas disponível, provavelmente a pedido de Nicol. Atrás, a nobreza de Sedonia saudava a multidão.

Nicol se manteve silencioso por algum tempo e a tensão cresceu.

— O marquês voltou para seu país — disse ele, finalmente.

Ela não respondeu.

— Mas ouvi dizer que teve um encontro com Paqual antes de partir.

Alguém gritou o nome da princesa na multidão, A plebe fez outra saudação barulhenta e a égua se movimentou com mais animação.

— Sabe sobre o que conversaram? — perguntou Nicol.

— Como poderia saber, meu lorde? Com certeza, não perdemos tempo com conversas frívolas.

Do canto dos olhos, ela viu as mãos dele apertarem as rédeas do alazão.

— Não pretendo brigar com você — disse ele.

— Talvez, então, devesse cavalgar com outra pessoa. Acredito ter visto a sua baronesa... — começou ela. Mas, naquele instante, alguém gritou. Nicol berrou o nome dela e lançou o seu garanhão na frente da égua. Ouviu-se um tiro e ela viu o visconde arremessar-se.

— Nicol! — Megan gritou, chicoteando em volta de si, tentando ver, tentando saber se ele estava salvo. A égua cinza se empinou. Ela procurava controlar o animal, mas a multidão enlouquecida estava correndo para todos os lados. A égua sacudiu a cabeça, bateu com força as patas dianteiras no chão e se empinou novamente. E Megan caiu para trás, batendo no solo com violência. Acima dela, Mist dava coices no ar. Megan cobriu o rosto, mas, de repente, um homem se jogou sobre ela. Aturdida, lutou para se liberar. Nesse mesmo instante, e apesar do terror, ouviu a voz de Nicol.

— Anna. — Ele deixou escapar o nome em um suspiro. Desorientada, Megan pensou que o visconde se dirigisse a ela e tentou alcançá-lo, mas o seu captor a segurou. — Anna — Nicol repetiu. — Está tudo bem.

O raptor de Megan se levantou, arrastando-a consigo e, então, ela o reconheceu: era o Senhor de Teleere, o homem de quem roubara um broche herdado dos seus ancestrais. Finalmente, ela se desvencilhou e o homem não tentou segurá-la, pois suas sentinelas se aproximavam.

— Prendam-no! — ordenou ela com a voz trêmula.

Mas, nesse momento, o visconde apareceu.

— Um momento — disse ele, sem olhar para ela. Megan se voltou e entendeu porquê. Uma mulher estava em pé ali. Seus cabelos estavam desarranjados e seu vestido era indefinível, mas não havia dúvida que seu porte era nobre. A princesa Tatiana tinha voltado.

A verdade desabou sobre Megan. Então, era isso. Era o fim de tudo. Não precisavam mais dela. Na verdade, para Nicol, ela já tinha desaparecido. O olhar dele não tinha desgrudado da princesa por um só segundo.

Alguém berrou, tirando Nicol do seu estado hipnótico.

— Para a carruagem — disse ele. — É melhor desaparecermos.

Foi quando ela viu a coroa. Estava no chão, perto de seus pés, recoberta de lama, mas o sol reluzia em um rubi na luz da tarde. Curvou-se para pegá-la e, como num transe, entrou na carruagem.

Suas sentinelas ainda estavam desorientadas, mas conseguiram protegê-la, circundando o veículo oscilante. Voltando-se imediatamente, levantaram as armas e deram as costas para ela, enquanto controlavam a multidão. Lá fora, Nicol ainda olhava para Anna como um bezerro abestalhado. Então, a princesa tinha voltado para ele, tinha voltado e estava mais extasiante do que nunca. Megan sentiu um aperto no coração, uma

ferida, e, assim, sem mais pensar, tirou o manto real e foi para o outro lado da carruagem. Com as sentinelas ocupadas em controlar a multidão, foi muito simples se esconder embaixo do veículo. Estava petrificada, aguardando o momento em que seria descoberta. Contudo o populacho estava rebelde e barulhento e sentinelas guardas cercavam. Megan sentiu a carruagem balançar quando algumas pessoas subiram, ouviu vozes comentarem seu desaparecimento. Não foi difícil encontrar o modo de agarrar-se ao fundo do transporte real.

De fato, o problema maior foi achar um lugar seguro para colocar a coroa quando os solavancos da carruagem em movimento começaram.

Capítulo XXIX

Nicol serviu-se de uma dose generosa de xerez com a mão esquerda. Seu braço direito ainda estava enfaixado contra o peito. Ela sabia que fora ferido? Tinha entendido que ele lançara o cavalo diante do seu sem uma intenção consciente? Tinha entendido como escapara?

— Você mandou alguém procurar a moça?

Ele se voltou vagarosamente para sua princesa. Não era a primeira conversa que tinham nos últimos dias.

— Estão procurando — respondeu, percebendo que sua voz estava um pouco dura. Talvez ainda estivesse bêbado. Assim esperava. — Mas não a encontrarão.

— Tem certeza de que ela fugiu embaixo da carruagem?

O visconde sorriu impiedosamente, pois podia imaginá-la ali, agarrada como um macaco, com a coroa firme na mão encardida.

— Tenho certeza de pouca coisa a respeito de Megan. — Ele olhou pela janela.

Anna sacudiu a cabeça.

— Mágica Meg, a rainha dos ladrões de Teleere. No meu trono!

— Vocês se parecem muito — disse ele, sorvendo o xerez.

— Pelo visto, o Senhor de Teleere concorda. O suficiente para a confundir comigo e para querer me mandar para a forca. Parece que ela roubou seu broche uma vez. Acredito que o quer de volta.

— Sinto muito, Anna.

— Sim. — Ela olhou para ele. — Posso ver que sente. Mas me pergunto por quê. É por que ela se foi ou por que eu passei muito tempo em... — A voz dela se esgotou quando as recordações a assaltaram.

Nicol se voltou para ela.

— No inferno? — perguntou.

A princesa suspirou e franziu as sobrancelhas. Desde que a conhecia, nunca a tinha visto franzir as sobrancelhas e, naquele momento, ela se parecia tanto com Megan que ele sentiu uma pontada no peito.

— Se o inferno torna alguém confuso, frustrado e... — Tatiana fez uma pausa, fechando os olhos, e ele entendeu.

— Então, você se apaixonou por MacTavish. — O Senhor de Teleere entrara na carruagem com eles quando Nicol fora ferido. Porém, quando descobrira a verdadeira identidade de Anna, descera do veículo em movimento e desaparecera na multidão.

— Seria uma loucura da minha parte me apaixonar por um homem rude e ditatorial como ele.

— O que esperava? É um pirata.

Ela deu de ombros. Outro gesto inesperado.

— Quero que você encontre a ladra.

— Megan? Por quê?

— Ela fugiu com metade de minhas jóias favoritas. Para não falar na coroa.

Nicol sentiu um nó no estômago, algo muito parecido com receio.

— Acho que, você já tem problemas o suficiente aqui no palácio — disse ele.

— Problemas? De jeito nenhum. Já sabemos quem pagou para eu ser assassinada durante a cavalgada para Bartham.

— MacTavish?

— É o que os espiões de Paqual lhe contaram, no final das contas. Com certeza, não posso duvidar de Paqual.

— Claro que não. E acredita, também, que foi o príncipe de Romnia quem apareceu naquele exato momento e atirou no seu suposto assassino.

— Naturalmente — disse ela. — É só uma coincidência se ele é o homem com quem Paqual atualmente gostaria que eu me casasse.

Nicol abaixou a voz.

— Temos que impedi-lo.

A princesa concordou com um movimento austero da cabeça.

— Soube muitas coisas sobre ele quando estava em Teleere. Parece que sabia do meu interesse em MacTavish e que contratou um homem chamado Martinez para executar um plano que desse a impressão que MacTavish estava tentando me matar.

— O lorde pirata não seria fácil de manipular caso se tornasse seu marido. Paqual nunca iria aceitar isso.

— É verdade.

— Então, não se casará com nenhum dos homens sugeridos por Paqual.

— Isso também é verdade.

— Mas como livrar-se de Paqual? Apesar da sua deslealdade, é um homem poderoso.

— Sim, está certo. Temos que esperar o momento, esperar...

— Se tivéssemos o poder do Senhor de Teleere ao nosso lado, poderíamos...

Ela lhe deu as costas abruptamente.

— Não me fale em MacTavish.

— Ele é a verdadeira razão de todo esse desastre, Anna. Você o queria como marido antigamente, lembra-se?

— Isso era antes.

— Antes do quê?

— Antes de o encontrar.

— Assim, ele não é um líder forte como você esperava?

Anna fez uma pausa antes de responder e, então, cruzando os dedos e olhando-o nos olhos, disse:

— Ele é forte.

— Então é cruel?

— Não acredito que isso lhe diga respeito, Nicol.

— Temo que devo discordar — disse o visconde, sentindo emoções inaceitáveis crescerem dentro de si. — Todos arriscamos muito para lhe dar a oportunidade de o encontrar.

A princesa suspirou e, desviando os olhos novamente, disse:

— Não, não é cruel.

— Então, talvez não o tenha achado atraente.

Ela bufou. Bufou de verdade. A princesa. Nicol estava perplexo.

— O que significa isso? — perguntou ele, finalmente.

— Você o viu, não?

— Não me pareceu que fosse horrível.

— Não, não é — concordou ela, e o visconde viu um sorriso extravagante se insinuar no rosto da princesa.

— Então, por que...

— Já lhe disse, não desejo falar sobre ele.

— Você deve se casar, Anna. Por que não...

— Basta! — disse ela, virando-se para ele. — Quero que você encontre a moça.

— Não quero lhe faltar com o respeito, Anna, mas acredito que está em dívida com ela, pelo que fez por você.

— Mesmo? — Tinha-se tornado a princesa novamente, fria como uma brisa invernal, dura como uma estatueta de mármore. — E o que lhe devo, Nicol? Minha coroa? Pois é isso o que ela levou.

— Mantive seu país seguro durante sua ausência. Arriscou a própria vida para...

— Encontre-a — ordenou ela — ou pedirei a outros que o façam.

Na manhã seguinte, Anna desceu cedo para o café da manhã. Nicol a observou do outro lado do salão. Sim, era bela, mas estava faltando algo à princesa que não faltava uma semana antes. Uma vivacidade, uma faísca abrasadora. Embora parecesse que ninguém o notava.

Foi então que ele viu Jack. O garoto atravessava o salão com pressa, rigidamente ereto e com um olhar sombrio.

— Vossa Alteza — disse ele, fazendo uma reverência.

Nicol demorou um pouco para sair de seu estado de autocomiseração e demorou mais ainda para se dar conta de que uma catástrofe estava para acontecer. Não tinha tido a oportunidade ainda de contar a história de Jack a Anna. Assim, levantando-se bruscamente, também correu para a princesa.

— Jack — disse ele, encontrando o olhar da princesa por cima da cabeça do menino. — Como chegou até aqui?

O menino franziu a testa, mas não tirou o olhar da princesa.

— Dizem que sofreu um atentado, Vossa Alteza.

Anna hesitou somente um momento.

— Sim... Jack, é verdade.

— Está ilesa?

— Sim. — Quando ela desviou o olhar para Nicol, suas costas estavam perfeitamente eretas e sua expressão, imperscrutável.

— Não deveria ter vindo até aqui sozinho, menino — repreendeu Nicol, apoiando uma mão no ombro do rapazinho. — Onde está lorde Landow?

— Temi que... — Jack fez uma pausa, apertou os olhos e continuou — ...quem tentou matá-la, milady?

— Ainda não tenho certeza.

Houve um longo silêncio.

— Então, teve sorte ontem? — perguntou o menino.

— Sim. — Anna olhou novamente para Nicol e, em seguida, para o menino, procurando respostas. — Tive sorte.

— Está na hora de ir, Jack — sugeriu o visconde.

O menino obedeceu e deixou Nicol acompanhá-lo para fora do salão. Assim que atravessaram a porta, Jack parou e se virou. Seus olhos estavam tristemente sérios e sua boca cerrada.

— Onde está ela? — entoou o menino.

Uma espécie de pressentimento remexeu dentro de Nicol, mas ele o sufocou.

— Onde está quem, menino?

— A princesa.

— O que quer dizer? Ela está tomando o café da manhã.

O menino fez um sinal negativo com a cabeça.

— Jack! — Allard apareceu com um ar preocupado, mas os olhares de Nicol e do rapazinho não se deixaram.

O visconde sentiu sua própria dor espelhada no menino e se perguntou como poderia ter acontecido.

— Você não deve sair sem a permissão do lorde — insistiu a sentinela.

— Vá para casa, Jack — ordenou Nicol.

— Ela vai voltar? — sussurrou o menino, mas Nicol não sabia o que responder. Só tinha perguntas e um grande vazio onde uma vez estava o seu coração.

Nicol olhava fixo para a chuva no pátio. Malditos espiões! Por que ainda não tinham voltado? Era tão difícil assim achar a sócia da princesa? Ele próprio deveria ter ido, deveria ter procurado imediatamente. Mas a verdadeira princesa tinha voltado e ele não podia deixá-la sozinha.

— Assim, você tem certeza de que o príncipe Edward não matou o assassino como Paqual sustenta — disse Tatiana.

— O príncipe disparou, mas acredito que foi uma das sentinelas quem matou seu suposto assassino. — Pelo menos, seus espiões tinham descoberto isso.

— Por acaso, a sentinela está procurando uma noiva?

— Não perguntei, mas ouvi dizer que lorde Malborg está.

— Lorde Malborg? — Ela olhou para Nicol. — É o pretendente do dia?

— Está esperando numa das salas de estar.

— Bom, é melhor eu exibir o meu sorriso, então — disse ela, recolhendo a saia com uma mão e levantando-se para se retirar. Mas o visconde a deteve.

— Diga-me uma coisa. Se não fosse a princesa de Sedonia, teria permanecido em Teleere?

Por um segundo, ele a viu hesitar, enfraquecer-se. Percebeu que havia nostalgia no seu olhar. Mas, logo, ela se endireitou.

— Não tem importância, pois eu *sou* a princesa.

Suas damas de companhia a seguiram para os seus aposentos. Nicol voltou o olhar para o pátio batido pela chuva. Onde estaria Megan agora? Pensava nele? Sentia a sua falta ou queria vê-lo morto?

Um grito arrancou-o do devaneio. O grito seguinte fez com que se levantasse e corresse para os aposentos de Anna. A porta estava aberta. Não havia nem mesmo uma sentinela. Nicol pulou para dentro do quarto e parou. O cômodo estava lotado — sentinelas, damas de companhia e um homem gigantesco que se parecia com um viking de outros tempos. Mas foi o casal no meio do quarto que chamou sua atenção. Era Anna envolvida nos braços de MacTavish, Senhor de Teleere.

— Vá para trás! Solte-a! — ordenou o capitão das sentinelas, porém MacTavish voltou-se calmamente para eles, sem se afastar nem um centímetro.

— Mate-o! — gritou Paqual, entrando nos aposentos.

MacTavish desviou o olhar vagarosamente para o chanceler.

— Lorde Paqual, como foi seu encontro com Martinez?

Paqual empalideceu.

— Se não o matar, eu o farei! — sibilou o velho homem.

Tatiana pôs-se, então, de braços abertos, na frente de MacTavish.

— Atire no meu noivo e juro por tudo o que é sagrado que será enforcado hoje mesmo, ainda que eu tenha que lhe pôr a corda no pescoço com minhas próprias mãos!

— Seu... — Paqual tropeçou, enquanto dava um passo para trás — ...noivo?

— Sim — afirmou ela. — Você tramou e matou, mas perdeu. Sedonia sai vitoriosa, assim. Vamos nos aliar com uma grande força, com Teleere e seu senhor.

— Não cabe a você decidir — sibilou Paqual, dando um passo para a frente. — Fui eu quem fez de você o que é, e você não vai arruinar os meus planos ligando-se com um pirata bastardo!

— Antes um pirata do que um traidor — retrucou ela. — Estou a par de seus planos, Paqual. Tentou fazer com que eu pensasse que MacTavish tinha contratado o meu assassino. Tramou para que eu caísse nos braços do príncipe de Romnia. Mas você não é tão inteligente quanto pensa e não passa de um assassino. Levem-no para o calabouço — disse, então, para as guardas. — Mantenham-no lá até o julgamento.

Paqual foi levado, enquanto grasnava.

— Vossa Alteza — Lady Mary fez uma reverência agitada. — Se Lorde MacTavish encontrará seus conselheiros, poderiam discutir sobre a festa de casamento.

— Eu os encontrarei em breve — disse MacTavish.

— Com certeza, não é apropriado...

— Não é apropriado. — Tatiana fez um sinal negativo com a cabeça. — Não, não é. Mas é o que eu quero. Ele é o que eu quero.

— Vossa Alteza, não pode...

— Posso e o farei.

— Todos para fora! — ordenou MacTavish, voltando-se para a princesa e beijando-a, como se não houvesse mais ninguém ali.

Houve suspiros e sussurros. Nicol começou a empurrar os intrusos para fora e viu que o viking gigantesco estava fazendo o mesmo. Quando a multidão já estava se dispersando, os dois se olharam.

— O rapaz me chama de Espinhudo — disse o gigante, apontando para o quarto do qual tinham acabado de sair.

— O rapaz seria o lorde de Teleere?

— Isso.

— Como os outros o chamam?

— O que eu disser para eles.

Nicol quase riu.

— Diga-me, Espinhudo, ele a tratará bem?

O gigante olhou para o ar por um momento. Estava com as pernas separadas. Braços do tamanho de troncos de carvalho emergiam das aberturas do seu colete de pele.

— Eu o eduquei desde criança.

— MacTavish?

— Sim.

— E então?

— Ele a tratará bem.

Nicol o estudou cuidadosamente.

— Percebi que o Senhor de Teleere tem alguns arranhões.

O viking deu de ombros.

— Às vezes, o rapaz é um pouco tolo.

— Tolo?

— Pensou que a lady era uma coisa que não era e se recusou a voltar a Sedonia por causa disso.

— Ele a confundiu com uma ladra chamada Mágica Meg, sim, mas... — disse Nicol, fazendo com que Espinhudo ficasse um pouco surpreso.

— Pelo que o rapaz sabe, Meg é somente uma ladra honesta. Ele pensou que sua princesa fosse uma lady.

— Ela é uma lady.

— Não diga isso para o rapaz — sugeriu Espinhudo. — Ele acha que ela é uma mulher com coração.

— Você conhece Meg?

— Nunca encontrei a pequena combatente, mas ouvi falar nela.

— O que sabe?

O viking o olhou de soslaio.

— Muita coisa.

A alma de Nicol se encheu de esperança. Foi difícil respirar e ainda mais difícil refletir.

— Por exemplo?

— Roubou o broche do rapaz. Ele ficou possesso — Espinhudo contou, aparentemente divertido com a idéia da raiva de seu lorde.

— O que mais pode me contar?

O gigante fez uma expressão desconfiada.

— Por que deseja saber?

Mil pensamentos atravessaram a mente de Nicol, mas a vaidade prevaleceu.

— Ela roubou a coroa da princesa.

Os dois se olharam longamente e, então, o viking deu de ombros.

— Não posso ajudá-lo.

— Não pode, ou não quer?

Ele sorriu, com uma expressão beligerante.

— Não o farei.

— Eu o pagarei — Nicol propôs, e Espinhudo deu uma risada, jogando a cabeça para trás.

— A moça lá dentro também me ofereceu dinheiro.

— A moça lá dentro é a princesa de Sedonia.

— É mesmo? — indagou o viking, com um rosto impassível. — E isso faz com que seja mais importante do que a ladra minúscula que você está procurando?

— Para Sedonia, sim.

— E para você, moço?

— Não sou um moço, viking — disse Nicol, mas, repentinamente, lembrou-se de algo dito alguns minutos antes. — Você disse "pelo que ele sabe".

— Como, mocinho?

— Você disse "pelo que o rapaz sabe, Meg é somente uma ladra honesta".

— Disse isso?

— O que queria dizer?

— As coisas são raramente o que parecem ser.

— O que queria dizer? — insistiu Nicol.

O viking o mediu de cima a baixo e de baixo a cima.

— Parece-me que a moça pequenina já tem problemas demais sem ser caçada por um almofadinha rico como você.

— Maldição! — Nicol praguejou e, perdendo o controle, agarrou o colete do gigante. — Diga-me o que sabe!

A porta se abriu e Anna apareceu, seguida por MacTavish. O viking se inclinou, sem se incomodar com Nicol agarrado ao seu colete.

— Mocinha — saudou ele —, disseram-me que é uma princesa.

Anna sorriu plenamente e radiante, não como uma princesa, mas como uma mulher apaixonada.

— E vejo que você conseguiu irritar meu imperturbável conselheiro.

O gigante nem sequer olhou para Nicol.

— Sim, creio que sim.

— Posso lhe perguntar como?

— Quer saber onde encontrar a pequena ladra.

— Diga-me onde ela está, maldição! — rosnou Nicol.

Espinhudo sorriu.

— Ele parece mesmo preocupado.

— Então, talvez você devesse lhe dizer.

— Não consigo entender por que quer localizá-la.

— Por que não lhe pergunta?

— Já perguntei, mas tudo o que consegui foi vê-lo pendurado no meu colete como um cão faminto.

— Nicol — disse Anna — solte Espinhudo.

O visconde o soltou lentamente, recuperando o controle sobre si e sentindo-se um pouco tolo.

— E lhe diga a verdade — acrescentou ela, gentilmente.

— A verdade — disse Nicol — é que recebi ordens de encontrar a moça, já que fugiu não só com a coroa real, mas também com uma grande quantidade de jóias. Para

não falar dos meus botões. — Todos se voltaram para ele. Nicol pigarreou. — É uma ladra — explicou ele, sem convicção.

Anna o fitou por alguns segundos, com um ar sereno, e então, dirigiu-se ao viking.

— Ele quer achá-la porque está apaixonado por ela.

— Não foi o que ele disse.

— Às vezes, os homens demoram para revelar os próprios sentimentos. Vi isso acontecer antes.

Espinhudo respirou profundamente. Seu peito se expandiu como um fole.

— Venha, moço — disse ele. — Vamos conversar sobre o que sabemos da vida e de pequenas ladras.

Capítulo XXX

Megan limpou uma mesa. Um coureiro esticou a mão, mas era tarde e estava lento. Em menos de dez minutos, ela havia enxotado para fora o último freguês e trancado as portas.

Sua própria estalagem. Sua propriedade. Tinha-a adquirido fazia somente um mês. Encontrar aquele lugar, aquela estalagem tranqüila havia sido a parte mais difícil. A procura levava mais de oito meses. Entretanto, pagar fora fácil, pois tinha as jóias da princesa. Porém, não se desfizera da coroa. Estava escondida em um lugar seguro. Não sabia a razão. Um dia, extrairia as pedras e as venderia, claro. Um dia, quando suportasse fazê-lo. Por enquanto, deixaria tudo como estava.

A não ser limpar. Observou a sala. Havia canecas, vazias em todas as mesas e manchas de cerveja no chão. Deveria limpar tudo agora. Mas estava cansada até os ossos.

— Por quê?

Megan soltou um berro. De pé, sobre o degrau mais baixo da entrada, estava o visconde de Newburn.

— Como conseguiu me achar? — O coração estava martelando seu peito, tornando a respiração difícil. Ele parecia cansado e sujo. Suas botas estavam recobertas de lama e sua capa, manchada. A barba tinha crescido e seus olhos... Megan sentiu um aperto no peito, mas se controlou cuidadosamente. — Por que veio?

Ele andou na direção dela.

— Eu a teria pagado, como havia prometido.

Ela deu de ombros, observando-o, tentando acalmar seu coração.

— Digamos que estamos quites.

— Quites! — Ele se precipitou para ela, mas Megan recuou, colocando uma mesa entre os dois. — Acha que estamos quites?

— Sim — disse ela, levantando o queixo, tentando manter a distância e controlar as emoções. — Acho que sim.

— Você roubou meu... Roubou a coroa de Anna.

— E você roubou minha vida. — As palavras emergiram à superfície, sibilando a verdade.

— Ah, sim... — Ele fez um gesto com as mãos, apontando para a sala em que estavam. — Parece que tirou bom proveito.

— Não é um palácio, mas é meu.

— Então, se queria um palácio, por que não ficou? — Havia muita frustração na voz dele.

— Ficar? — Ela soltou uma risada. — Para fazer o quê? Fingir ser a gêmea desaparecida de Anna?

Nicol ficou silencioso.

— Poderia ter dito ao menos adeus — disse ele, finalmente. — Acho que merecia ao menos isso.

— Eu...

— Jack merecia.

Megan estremeceu e entrelaçou as mãos.

— Como está ele?

— Foi-se. Desapareceu pouco tempo depois de você. Ao menos, teve a gentileza de deixar um bilhete.

Ela permaneceu calada, incapaz de proferir a pergunta óbvia.

— Disse que ia procurar a princesa.

— A princesa. — A voz dela tornou-se um sussurro. — Mas ela estava lá, no palácio.

— Não é o que ele achava. Parecia pensar que todos nós o tínhamos enganado. Por outro lado, a escrita dele era excelente.

— Ele se foi — murmurou ela.

— Will o está procurando, mas, com certeza, você não pode censurar o menino por ter ido embora... já que fez o mesmo.

Megan ficou calada.

— Ouvi dizer que os Barnes receberam misteriosamente um belo corcéu novo em Woodlea.

— Mesmo?

— E que Allard recebeu repentinamente uma pequena fortuna.

— Que bom.

— Ele e lady Mary estão planejando se casar.

— Então, está indo tudo bem sem mim.

— Não. — Ele fez um gesto negativo com a cabeça. — Não está. Por que foi embora?

Um sentimento de frustração tomou conta dela.

— Fui embora... — começou ela, mas deteve-se antes que fosse tarde demais. — Deixe-me em paz, visconde. Fiz tudo o que me pediu.

— Não. — Ele deu um passo na direção de Megan. — Não fez.

— Saia — Megan ordenou. — Não quero voltar com os seus semelhantes. Você não pode me obrigar.

Ele se aproximava. Ela recuava.

— Fora! Ou, juro, conto a verdade para quem quer que queira ouvi-la.

— Ah, sim? E qual seria a verdade, Megan? — perguntou ele, contornando a mesa.

Agora, Megan estava com as costas na parede, o queixo altivo. Um relâmpago de nostalgia pulou em frente dos olhos dele e o visconde continuou a se aproximar.

— Não dê nem mais um passo.

Ele deu.

— O que contará, Megan? Que é a própria filha do rei?

Ela ficou pálida, sentiu as pernas dobrarem.

— O quê?

— Encontrei algumas pessoas interessantes desde que você foi embora — disse ele. — Um deles é MacTavish, o Senhor de Teleere. Parece que confundiu Anna com uma batedora de carteira quando ela chegou na ilha. Parece que a confundiu com você.

Megan negou com a cabeça, ainda que não soubesse bem por quê.

— Más, embora ela se parecesse com uma ladra, não falava como uma ladra. Não se comportava como uma ladra. Assim, começou a se perguntar e descobriu tudo o que pôde sobre a Mágica Meg de Teleere.

— Meu Deus.

— Temo que os espiões de MacTavish sejam mais competentes do que os meus.

— O que quer que lhe tenham contado, é mentira.

— Sabia que o velho rei tinha uma criança ilegítima?

— Não saberia dizer.

— A mãe era uma lavadeira. Uma beldade rara, foi o que me disseram.

Ela sentiu um nó na garganta.

— Deu à luz uma menina na primavera de 1797. O rei nunca soube que ele...

— Ele sabia! — disparou ela. Megan se deu conta de que deveria ter-se calado, mas, agora, as palavras já lhe tinham saído da boca e ela não se importava.

Nicol estreitou os olhos, fitando-a de perto.

— Disseram-me...

— O que lhe disseram está errado. — Ela estava ofegante e seu peito doía. — Mamãe já estava doente quando foi até ele. Ela o amava, o adorava, mas ele não tomou

conhecimento. Tinha um filho homem. Aliás, dois. Por que deveria se importar com uma meninota magra de nascimento incerto?

— Pequena, eu...

— Deixe-me em paz — ela pediu. — Não sou nada para você.

— Nada? — A palavra soou oca, vazia, como se fosse desprovida de significado. — Só pensei em você desde o dia em que desapareceu. Passei... nove meses, nove... procurando em cada casebre, de cada vilarejo, de cada lugar que pude imaginar.

— Porque estou com a coroa.

Ele a fitou com um olhar intenso, inflamado.

— Porque você roubou o meu coração — sussurrou Nicol.

— O amor dói, visconde — resmungou ela. — O amor mata. Vi isso acontecer.

— O amor cura, Megan. Eu vi isso. Vi isso nos olhos de Anna. Vi isso...

— Não sou uma herdeira, Nicol. Não tem importância no que acredita, nunca serei uma princesa.

Ele riu, como um homem enlouquecido, como um homem sendo libertado. Sua indiferença fria tinha desaparecido. No lugar dela, brotava a esperança.

— É isso que você pensa? Que eu quero uma princesa?

Houve um novo silêncio. Em seguida, Megan disse:

— O que quer?

— Você. — Aquela palavra caiu suavemente no silêncio.

Ela fez um gesto negativo, tentou condená-lo, mas o olhar dele a tinha capturado.

— Quero a ladra que roubou meu relógio. Quero a princesa que roubou a coroa. — Nicol suavizou a voz até torná-la um sussurro. — Quero a mulher que roubou meu coração.

Megan tentou escapar, correr, mas ele a pegou pelo braço. Então, ela se contorceu desesperadamente, para se desvencilhar, para não acreditar.

— Não sou uma lady, Nicol.

— Você é muito mais lady do que qualquer outra que eu conheci.

Enfim, ela conseguiu se desvencilhar.

— Bom, então saiba que não quero ser. Nobreza! — disse ela, cuspiendo. — Usam, descartam e corrompem.

— Assim, você roubou deles.

A cabeça de Megan estava doendo.

— Sim, roubei. Peguei de volta um pouquinho do que tiraram de mim.

Ele suspirou profundamente.

— Então, agora, deseja ser uma pobre.

— Quero percorrer meu próprio caminho, viver honestamente...

— Muito bem. Então, farei o mesmo.

Ela olhou para ele batendo os cílios.

— Trabalharei para você, Megan. Pode me pagar o que achar correto.

— Isso é ridículo! Você é...

— Um lorde? — Ele riu. — Meu pai era um mulherengo sem um tostão. Um porco bastardo com um pequeno título, desprovido de uma alma para o redimir. Meu irmão era pior ainda. Eu sabia que Ernest estava planejando matar o pai. Eu sabia, mas não fiz nada para impedir. Nada, até que foi tarde demais. O que isso faz de mim?

— Um visconde? — disse ela, rindo.

— Então, você é uma princesa.

— Não sou...

— Para os meus olhos é.

— Nicol...

— Case-se comigo.

Megan gaguejou como uma criança.

— Eu... eu não posso...

— Você deve.

— Eu não...

— Sim.

— O que faria... — Estava comovida, confusa, sem fôlego. — O que aconteceria com a estalagem?

Ele encostou os dedos no rosto dela e se aproximou.

— Não me importa. Venda, viva aqui comigo, dê de presente.

— Dar de presente? — Ela engasgou, horrorizada. — Sabe quanto eu paguei por ela?

— Uma coroa? — tentou adivinhar Nicol.

Seus olhos estavam sorrindo. Ela sentiu os músculos enfraquecerem antes que ele a beijasse no canto da boca.

— Não — sussurrou ela.

— Não?

— Eu fiquei com a coroa.

Um sorriso surgiu nos lábios dele e seus dedos deslizaram para trás do pescoço dela.

— Que tola sentimental você é.

— Senti sua falta um pouquinho.

— Mesmo?

Megan fechou os olhos.

— Mas não serei sua lacaia.

— Lacaia?

— Vou falar *que nem* quiser...

— *Que nem!*

Ele sorriu.

— Seja feita a sua vontade.

— E não diremos a ninguém quem era meu pai.

— Eu nem sabia que você tinha um pai.

Ela fez uma pausa e estremeceu.

— E venderemos esta estalagem horrenda.

Ele deu uma gargalhada e a puxou para si.

— Eu te amo — sussurrou ela.

— Você é a dona da minha alma — murmurou ele, e a beijou.

Megan sorriu com o coração transbordando de felicidade.

— E seus relógios...

— Sim? — Ele atravessou a sala com ela nos braços. — Estava me perguntando se poderia tê-los de volta.

— Não creio.

— Posso recuperar meus botões?

— Acabei me afeiçoando a eles.

— Posso levá-la para a cama?

— Quando quiser — ela murmurou antes de beijá-lo.

O visconde retribuiu o beijo, com os lábios quentes e firmes sobre os dela.

— Então venci — concluiu Nicol, subindo as escadas de dois em dois degraus, com Megan nos braços.

FIM